



INSTITUTO SUPERIOR  
DE CIÊNCIAS SOCIAIS  
E POLÍTICAS  
UNIVERSIDADE DE LISBOA

U LISBOA

UNIVERSIDADE  
DE LISBOA

# A educomunicação sobre saúde mental para o público juvenil: os casos dos *podcasts* 'O Assunto' e 'Esquizofrenóias' no primeiro ano da Covid-19 no Brasil

**Giulie Hellen Oliveira de Carvalho**

Orientadora: Prof. Doutora Carla Isabel Simões dos Santos Cruz

Dissertação para obtenção de grau de Mestre em Ciências da Comunicação, na  
especialização de Jornalismo

*Lisboa*

*2023*



INSTITUTO SUPERIOR  
DE CIÊNCIAS SOCIAIS  
E POLÍTICAS  
UNIVERSIDADE DE LISBOA

U LISBOA

UNIVERSIDADE  
DE LISBOA

# A educomunicação sobre saúde mental para o público juvenil: os casos dos *podcasts* 'O Assunto' e 'Esquizofrenóias' no primeiro ano da Covid-19 no Brasil

***Giulie Hellen Oliveira de Carvalho***

*Orientadora: Prof. Doutora Carla Isabel Simões dos Santos Cruz*

Dissertação para obtenção de grau de Mestre em Ciências da  
Comunicação, na especialização de Jornalismo

Júri:

Presidente:

Doutor Paulo Jorge dos Santos Martins, Professor Auxiliar do Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas da Universidade de Lisboa;

Vogais:

Doutora Maria João Fonseca Leitão Cunha, Professora Associada do Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas da Universidade de Lisboa;

Doutora Carla Isabel Simões dos Santos Cruz, Professora Auxiliar no Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas da Universidade de Lisboa;

Doutora Célia Felícia Belim Rodrigues, Professora Auxiliar do Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas da Universidade de Lisboa.

*Lisboa*

*2023*

## **Agradecimentos**

Esse sonho começou muito antes de 2021, ano em que mudar para o outro lado do Oceano Atlântico virou realidade. Talvez tenha começado em 1994, quando meus pais me deram a vida e, desde então, nem um dia sequer pararam de acreditar em mim. Por isso, meu primeiro “muito obrigada” será a eles, Dione e Rosilda, a quem devo tudo o que sou.

Ao seguirmos o fio da árvore genealógica e da corrente sanguínea, à minha família também preciso agradecer. São dezenas de tios e primos, além dos meus avós e bisavós, que sempre foram a minha base e segurança. Não importa o lugar do mundo onde eu esteja, vocês são o meu lar. Vô Luiz e Vó Elza, essa conquista também é de vocês. Agradeço olhando para o céu.

À minha família do coração, meus amigos e amigas, que passaram pelas mais diferentes fases da vida comigo, e também aos amigos que fiz em terras lusitanas, minha eterna gratidão. Vocês são força, empatia, coragem, amor, resiliência e alegria, e conseguem transmitir tudo isso em poucas frases ou em um abraço apertado. Que sorte a minha conviver com pessoas tão especiais. Devo agradecer também ao destino e a Deus.

Quem antes era amigo e hoje continua sendo, mas também exerce o papel de companheiro, namorado e amor da minha vida é você, Renan, que nem por um segundo desistiu de mim, mesmo nos momentos mais difíceis. Te dizer obrigada um milhão de vezes não seria suficiente, então digo que te amo dois milhões e contando. Amo caminhar ao seu lado e ver nossos sonhos serem realizados.

Por fim, agradeço a professora Carla Cruz pela sua empatia e generosidade a cada orientação. Não foram poucas as vezes em que precisei de seu apoio e, em todas elas, ela não hesitou em ir além. Muito mais do que palavras, pude contar com sua sabedoria, dedicação e verdadeiro prazer por ensinar. Te agradeço por ter me aceito como orientanda, prof, pedido que não me arrependo nem por um minuto de ter feito.

Não há como citar nomes além desses, mas já espalhei meus “muito obrigada” por aí por meio de mensagens, ligações e abraços, e quem me acompanha nesse processo de dois anos, sabe. Portanto, agradeço à vida e ao universo por terem me permitido chegar até aqui. Foi difícil e cansativo, mas, sobretudo, recompensador. E não há nada melhor no mundo do que sentir orgulho de si próprio pelas conquistas alcançadas. Por mim e por cada um de vocês, a cada letra escrita nessas páginas, irei celebrar.

## Índice

Agradecimentos.....	iii
Índice.....	iv
Índice de Quadros.....	x
Índice de Gráficos .....	x
Índice de Tabelas.....	xi
Resumo.....	xii
<i>Abstract</i> .....	xiii
Introdução.....	1
1. <i>Educommunication</i> : comunicando para a educação.....	4
1.1 O construtivismo social na estratégia de <i>educommunication</i> .....	4
1.2 <i>Podcast</i> como produto de comunicação educativa.....	5
1.3 Contribuição da educomunicação para a literacia em saúde .....	6
2. <i>Agenda-Setting</i> e <i>Gatekeeping</i> na construção de conteúdos .....	7
2.1 O <i>Agenda-Setting</i> e o <i>Framing</i> da saúde mental na mídia .....	9
3. Efeitos da pandemia da Covid-19 na saúde mental.....	10
3.1 O <i>Encoding-Decoding</i> das representações midiáticas de saúde mental.....	11
3.2 A aprendizagem social pela mídia: a Teoria Social Cognitiva.....	12
3.3 A saúde mental em <i>podcasts</i> .....	13
3.4 Os <i>podcasts</i> ‘O Assunto’ e ‘Esquizofrenias’ como casos de estudo.....	14
3.4.1 O <i>podcast</i> ‘O Assunto’ .....	14
3.4.2 O <i>podcast</i> ‘Esquizofrenias’ .....	14
4. Opções metodológicas.....	14
4.1 Pergunta de partida e objetivos .....	14

4.2 Tipo de desenho de pesquisa.....	15
4.3 Método e técnicas de investigação .....	15
4.3.1 Análise de conteúdo .....	16
4.3.2 Comparativos educomunicativos.....	21
4.3.3 Entrevista semi-estruturada e em profundidade .....	22
4.3.3.1 Dimensões do guião .....	22
4.3.3.2 Painel de entrevistadas .....	22
4.3.4 <i>Focus Group</i> .....	23
4.3.4.1 Dimensões do guião .....	25
4.3.5 Análise fenomenológica do discurso.....	26
5. Apresentação de resultados .....	27
5.1 Representação midiática da saúde mental nos <i>podcasts</i> ‘O Assunto’ e ‘Esquizofrenias’ .....	28
5.1.1 Temas e localização dos <i>podcasts</i> .....	28
5.1.2 Assuntos principais mais abordados no ‘O Assunto’ e no ‘Esquizofrenias’ .....	30
5.1.3 Assuntos secundários no ‘O Assunto’ e no ‘Esquizofrenias’ .....	31
5.1.4 Abordagem da saúde mental nos <i>podcasts</i> ‘O Assunto’ e ‘Esquizofrenias’ .....	32
5.1.4.1 Doenças/Sintomas mentais debatidos no ‘O Assunto’ e ‘Esquizofrenias’ .....	34
5.1.4.2 Ajuda ou tratamentos mencionados discutidos nos <i>podcasts</i> .....	36
5.1.5 O <i>Framing</i> dos episódios do ‘O Assunto’ e do ‘Esquizofrenias’ .....	37
5.1.6 Informações médicas sobre a Covid-19 no ‘O Assunto’ e no ‘Esquizofrenias’ .....	39
5.1.7 Relatos pessoais das âncoras do ‘O Assunto’ e do ‘Esquizofrenias’ .....	40
5.1.7.1 Demonstração de emoção das âncoras do ‘O Assunto’ e do ‘Esquizofrenias’ .....	41
5.1.8 Linguagens das âncoras e dos entrevistados do ‘O Assunto’ e do ‘Esquizofrenias’ .....	43

5.1.9 Entrevistados mais representados no ‘O Assunto’ e ‘Esquizofrenias’ .....	44
5.1.9.1 Entrevistados secundários mais representados no ‘O Assunto’ e ‘Esquizofrenias’ .....	45
5.2 Comparação educomunicativa dos <i>podcasts</i> ‘O Assunto’ e ‘Esquizofrenias’ .....	46
5.2.1 Análise de conteúdo dos <i>podcasts</i> sob a perspectiva da educomunicação .....	46
5.2.2 Análise fenomenológica do discurso da entrevista de Amanda Ramalho e dos <i>focus group</i> na perspectiva da educomunicação .....	49
5.2.2.1 Pilar de Conhecimento .....	49
5.2.2.2 Pilares de Compreensão e Comunicação .....	50
5.3 Processos de produção e decisão editorial do ‘Esquizofrenias’ .....	52
5.3.1 O <i>spin-off</i> Sozinho Junto .....	52
5.3.2 A Covid-19 como foco nos episódios do ‘Esquizofrenias’ .....	53
5.3.2.1 Os assuntos prioritários relacionados à pandemia e à saúde mental .....	54
5.3.3 A saúde mental como foco nos episódios do ‘Esquizofrenias’ .....	55
5.3.4 Os entrevistados e os cuidados éticos do ‘Esquizofrenias’ .....	56
5.3.5 O público juvenil como ouvinte do ‘Esquizofrenias’ .....	57
5.3.6 A influência de Amanda Ramalho na Amanda jornalista na condução do ‘Esquizofrenias’ .....	58
5.4 Análise fenomenológica do discurso dos <i>focus group</i> sobre os <i>podcasts</i> ‘O Assunto’ e ‘Esquizofrenias’ .....	59
5.4.1 Dimensão Covid-19 .....	59
5.4.2 Dimensão Juventude e Sociedade .....	60
5.4.3 Dimensão Saúde/Doença Mental .....	61
5.4.4 Dimensão Comunicação, Mídia e Jornalismo .....	63
5.4.5 Dimensão <i>Podcast</i> .....	66

6. Discussão de resultados.....	84
6.1 A saúde mental representada pelo ‘O Assunto’ e pelo ‘Esquizofrenias’ e a percepção do público juvenil.....	84
6.2 <i>Podcast</i> como ferramenta educacional.....	88
6.3 A saúde mental como tema educacional.....	90
7. Conclusão.....	92
Referências bibliográficas .....	95
<i>Webgrafia</i> .....	99
Anexos.....	101
Anexo 1 – Protocolo de consentimento assinado: Amanda Ramalho .....	101
Anexo 2 – Protocolo de consentimento assinado: Haydê .....	103
Anexo 3 – Protocolo de consentimento assinado: Francisco .....	104
Anexo 4 – Protocolo de consentimento assinado: Felipe .....	105
Anexo 5 – Protocolo de consentimento assinado: Yasmin .....	106
Anexo 6 – Protocolo de consentimento assinado: Ketelyn .....	107
Anexo 7 – Protocolo de consentimento assinado: Gilmar.....	108
Anexo 8 – Protocolo de consentimento assinado: Lysa .....	109
Anexo 9 – Protocolo de consentimento assinado: Jeniffer.....	110
Anexo 10 – Protocolo de consentimento assinado: Davi .....	111
Anexo 11 – Protocolo de consentimento assinado: Lynd .....	112
Anexo 12 – Protocolo de consentimento assinado: Ana .....	113
Anexo 13 – Protocolo de consentimento assinado: Allana .....	114
Anexo 14 – Protocolo de consentimento assinado: Amanda .....	115
Anexo 15 – Protocolo de consentimento assinado: Victor.....	116
Anexo 16 – Protocolo de consentimento assinado: Mariana.....	117
Anexo 17 – Protocolo de consentimento assinado: João.....	118

Apêndices .....	119
Apêndice 1 – Análise de conteúdo relacionada à distribuição temporal dos <i>podcasts</i> .....	119
Apêndice 2 – Análise de conteúdo relacionada à utilização de fontes terciárias no ‘O Assunto’ e ‘Esquizofrenias’ .....	119
Apêndice 3 – E-mail enviado para Renata Lo Prete em 02 de junho de 2023 .....	119
Apêndice 4 – Mensagem enviada para Renata Lo Prete em 26 de junho de 2023.....	120
Apêndice 5 – Conversa com Renata Lo Prete entre 04 e 11 de agosto de 2023 .....	122
Apêndice 6 – Guião de Entrevistas a Amanda Ramalho, âncora do Esquizofrenias .....	125
Apêndice 7 – Transcrição da entrevista realizada com Amanda Ramalho, âncora do <i>podcast</i> ‘Esquizofrenias’, no dia 15 de junho de 2023, via Google Meet. A duração foi 35 minutos.....	127
Apêndice 8 – Guião de Entrevistas do <i>focus group</i> 1 .....	132
Apêndice 9 – Transcrição do <i>focus group</i> 1 realizado com adolescentes e jovens com idade entre 15 a 24 anos, no dia 5 de julho de 2023, via Google Meet. A duração foi de 1 hora e 8 minutos. ....	134
Apêndice 10 – Guião de Entrevistas do <i>focus group</i> 2 .....	141
Apêndice 11 – Transcrição do <i>focus group</i> 2 realizado com adolescentes e jovens com idade entre 15 a 24 anos, no dia 6 de julho de 2023, via Google Meet. A duração foi de 1 hora e 11 minutos. ....	143
Apêndice 12 – Guião de Entrevistas do <i>focus group</i> 3 .....	150
Apêndice 13 – Transcrição do <i>focus group</i> 3 realizado com adolescentes e jovens com idade entre 15 a 24 anos, no dia 9 de julho de 2023, via Google Meet. A duração foi de 57 minutos.....	152
Apêndice 14 – Dimensão Covid-19 no <i>focus group</i> 1 .....	158
Apêndice 15 - Dimensão Covid-19 no <i>focus group</i> 2.....	159
Apêndice 16 - Dimensão Covid-19 no <i>focus group</i> 3.....	161
Apêndice 17 - Dimensão Juventude e Sociedade no <i>focus group</i> 1 .....	162
Apêndice 18 - Dimensão Juventude e Sociedade no <i>focus group</i> 2.....	163
Apêndice 19 - Dimensão Juventude e Sociedade no <i>focus group</i> 3.....	164
Apêndice 20 - Saúde/doença mental no <i>focus group</i> 1 .....	165
Apêndice 21 - Saúde/doença mental no <i>focus group</i> 2 .....	167
Apêndice 22 - Saúde/doença mental no <i>focus group</i> 3 .....	168

Apêndice 23 - Comunicação, mídia e jornalismo no <i>focus group</i> 1.....	169
Apêndice 24 - Comunicação, mídia e jornalismo no <i>focus group</i> 2.....	171
Apêndice 25 - Comunicação, mídia e jornalismo no <i>focus group</i> 3.....	172
Apêndice 26 - Referente à análise fenomenológica do discurso do <i>focus group</i> 1 com base nos episódios do ‘O Assunto - Vidas separadas pela quarentena’ e do ‘Esquizofrenias - Sozinho junto #1 Ansiedade, grupos no zap e entretenimento leve’ .....	174
Apêndice 27 - Quadro referente à análise fenomenológica do discurso do <i>focus group</i> 2 com base nos episódios do ‘O Assunto - Vidas separadas pela quarentena’ e do ‘Esquizofrenias - Sozinho junto #1 Ansiedade, grupos no zap e entretenimento leve’ .....	176
Apêndice 28 - Quadro referente à análise fenomenológica do discurso do <i>focus group</i> 3 com base nos episódios do ‘O Assunto - Vidas separadas pela quarentena’ e do ‘Esquizofrenias - Sozinho junto #1 Ansiedade, grupos no zap e entretenimento leve’ .....	181
Apêndice 29 - Referente à análise fenomenológica do discurso do <i>focus group</i> 1 com base nos episódios do ‘O Assunto - A reinvenção dos sem-Carnaval’ e do ‘Esquizofrenias - Sozinho Junto #10: Carnaval, Clubhouse, respiração consciente e vizinhos’ .....	183
Apêndice 30 - Referente à análise fenomenológica do discurso do <i>focus group</i> 2 com base nos episódios do ‘O Assunto - A reinvenção dos sem-Carnaval’ e do ‘Esquizofrenias - Sozinho Junto #10: Carnaval, Clubhouse, respiração consciente e vizinhos’ .....	189
Apêndice 31 - Referente à análise fenomenológica do discurso do <i>focus group</i> 3 com base nos episódios do ‘O Assunto - A reinvenção dos sem-Carnaval’ e do ‘Esquizofrenias - Sozinho Junto #10: Carnaval, Clubhouse, respiração consciente e vizinhos’ .....	194

## Índice de Quadros

Quadro 1. Critérios de noticiabilidade segundo Silva (2005) .....	7
Quadro 2. Critérios de noticiabilidade dessa dissertação com base em Silva (2005).....	8
Quadro 3. Manual de codificação utilizado na análise de conteúdo de cada <i>podcast</i> .....	16
Quadro 4. Pilares para o desenvolvimento da educomunicação .....	21
Quadro 5. Participantes dos <i>focus group</i> 1.....	24
Quadro 6. Participantes dos <i>focus group</i> 2.....	24
Quadro 7. Participantes dos <i>focus group</i> 3.....	24
Quadro 8. Fluxograma da análise fenomenológica do discurso:.....	26
Quadro 9. Quadro que une os assuntos secundários aos assuntos senários mais representativos do ‘O	

Assunto' e do 'Esquizofrenias' .....	31
Quadro 10 - Análise fenomenológica do discurso dos <i>focus group</i> com base nos episódios do 'O Assunto - Vidas separadas pela quarentena' e do 'Esquizofrenias - Sozinho junto #1 Ansiedade, grupos no zap e entretenimento leve' .....	66
Quadro 11 - Análise fenomenológica do discurso dos <i>focus group</i> com base nos episódios do 'O Assunto - A reinvenção dos sem-Carnaval' e do 'Esquizofrenias - Sozinho Junto #10: Carnaval, Clubhouse, respiração consciente e vizinhos' .....	72
Quadro 12 - Referente à análise fenomenológica do discurso do <i>focus group</i> 3 com base nos episódios do 'O Assunto - Lições de Paraisópolis na guerra à Covid-19' e do episódio do 'Esquizofrenias - De olho na quebrada: A saúde mental dos moradores de Heliópolis, periferia de São Paulo, durante a pandemia' .....	81

### Índice de Gráficos

Gráfico 1. Temas em função dos Espaços abordados no 'O Assunto' e no 'Esquizofrenias' .....	28
Gráfico 2. Regiões abordadas no 'O Assunto' e no 'Esquizofrenias' .....	29
Gráfico 3. Assuntos primeiramente abordados no 'O Assunto' e no 'Esquizofrenias' .....	31
Gráfico 4. A saúde mental no 'O Assunto' e no 'Esquizofrenias' .....	32
Gráfico 5. Emoções demonstradas pelas âncoras do 'O Assunto' e 'Esquizofrenias' nos episódios que abordavam saúde mental .....	33
Gráfico 6. As doenças/sintomas mentais mencionados em episódios do 'O Assunto' .....	34
Gráfico 7. Doenças/sintomas mentais mencionados em episódios do 'Esquizofrenias' .....	34
Gráfico 8. Ajudas e tratamentos mencionados nos episódios do 'O Assunto' e do 'Esquizofrenias'. .....	36
Gráfico 9. Enquadramento no 'O Assunto' .....	37
Gráfico 10. Enquadramento no 'Esquizofrenias' .....	38
Gráfico 11. Entrevistados primários ao framing do 'O Assunto' e do 'Esquizofrenias' .....	39
Gráfico 12. Informações médicas abordadas no 'O Assunto' e no 'Esquizofrenias' .....	39
Gráfico 13. Relatos pessoais das âncoras no 'O Assunto' e no 'Esquizofrenias' .....	40
Gráfico 14. Demonstrações de emoções das âncoras no 'O Assunto' e no 'Esquizofrenias' .....	41
Gráfico 15. Relatos pessoais e demonstração de emoções das âncoras no 'O Assunto' e no 'Esquizofrenias' .....	42
Gráfico 16. Linguagem das âncoras e dos entrevistados do 'O Assunto' e do 'Esquizofrenias' .....	43
Gráfico 17. Entrevistados primários do 'O Assunto' e do 'Esquizofrenias' .....	44
Gráfico 18. Entrevistados secundários do 'O Assunto' e do 'Esquizofrenias' .....	46
Gráfico 19. Assuntos primários relacionados à saúde mental do 'O Assunto' e do 'Esquizofrenias' .....	47

Gráfico 20. <i>Framing</i> dos assuntos primários associados à saúde mental do ‘O Assunto’ .....	47
Gráfico 21. <i>Framing</i> dos assuntos primários associados à saúde mental do ‘Esquizofrenias’ .....	48

### **Índice de Tabelas**

Tabela 1. Frequência com a qual as doenças/sintomas mentais foram abordados pelo ‘O Assunto’ e ‘Esquizofrenias’ .....	35
---	----

## Resumo

A saúde mental foi amplamente discutida durante a pandemia da Covid-19, estando os jovens entre os mais afetados pela ansiedade e depressão nesse período. Segundo o Spotify, mundialmente, a geração Z é a que mais consome *podcasts* sobre saúde mental, ferramenta essa utilizada por jornais independentes e grandes conglomerados, que têm sido cada vez mais estudada pelo seu potencial educacional. A educação é uma área que relaciona educação e comunicação. A partir desse embasamento, essa dissertação estudou o viés educacional dos *podcasts* ‘O Assunto’ e ‘Esquizofrenias’ ao abordarem saúde mental para o público juvenil brasileiro durante o primeiro ano da pandemia. Para responder a pergunta de partida: como os *podcasts* ‘O Assunto’ e ‘Esquizofrenias’ utilizaram a abordagem educacional para o público juvenil ao representarem a saúde mental durante o primeiro ano da Covid-19 no Brasil?, recorremos ao método misto e analisamos o conteúdo de 126 episódios divulgados entre 1 de março de 2020 e 31 de março de 2021, entrevistamos a âncora do ‘Esquizofrenias’ e realizamos três *focus group*, submetidos, posteriormente, à análise fenomenológica do discurso. Com os resultados da coleta e análise de dados concluímos que os *podcasts* têm ampla gama de contextos para encaixar a saúde mental, o que pode atrair o público juvenil; que o ‘O Assunto’ e o ‘Esquizofrenias’ são educacionais, mas em pilares diferentes; que Amanda tem uma linguagem mais próxima e humanizada para falar com esse público; e que os jovens conhecem *podcasts*, sendo esse um formato valioso e estratégico para que o jornalismo se aproxime desse público de forma fidelizada e representativa. O presente estudo pretende contribuir com as pesquisas interpretativas relacionadas à jornalismo e saúde mental, educação, público juvenil e *podcasts*.

**Palavras-chave:** educação, saúde mental, público juvenil, jornalismo, Covid-19

## **Abstract**

Mental health was widely discussed during the COVID-19 pandemic, placing young people among those most affected by anxiety and depression during this period. According to Spotify, worldwide, generation Z is the one that consumes the most podcasts about mental health, a tool used by independent newspapers and large conglomerates, which have been increasingly studied for their educommunicative potential. Educommunication is an area that relates education and communication. Based on this, the dissertation focused on the educommunicative vision of the podcasts 'O Assunto' and 'Esquizofrenias' when approaching mental health for Brazilian youth audiences during the first year of the pandemic. To answer the starting question: how did the podcasts 'O Assunto' and 'Esquizofrenias' use an educommunicative approach for young audiences when representing mental health during the first year of Covid-19 in Brazil?, we used the mixed method and analyzed the content of 126 episodes released between March 1, 2020 and March 31, 2021, we interviewed the presenter of 'Esquizofrenias' and carried out three focus groups, subsequently subjected to phenomenological discourse analysis. With the results of data collection and analysis, we concluded that podcasts have a wide range of contexts to fit mental health, which can attract young audiences; that 'O Assunto' and 'Esquizofrenias' are educommunicative but on different pillars; that Amanda has a closer and more humanized language to speak to this audience; and that young people likes and hear podcasts, which is a valuable and strategic format for journalism to approach this audience in a faithful and representative way. The present study aims to contribute to interpretative research related to journalism and mental health, educommunication, youth audiences, and podcasts.

**Keywords:** Educommunication, mental health, young audience, journalism, Covid-19

## Introdução

O estudo foi desenvolvido na vertente de Jornalismo do Mestrado em Ciências da Comunicação do Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas (ISCSP) da Universidade de Lisboa e enquadrado na área prioritária de investigação de Jornalismo e Sociedade. Ainda, será desenvolvido dentro do Centro de Investigação de Políticas Públicas (CAPP), no âmbito do grupo Sociedade, Comunicação e Cultura e da linha de investigação da Comunicação e Cidadania (ComCid).

A pandemia originada pelo novo coronavírus esteve amplamente presente na agenda jornalística desde que começou, em 2019, tomando proporções maiores quando se alastrou pelo mundo em 2020 (Cajazeira et al., 2022). O estudo desses autores identificou 1.726 reportagens com a temática Covid-19 no Jornal Nacional (um dos mais importantes telejornais do Brasil) entre 18 de janeiro a 15 de maio de 2020 e o mesmo período de 2021, o que levou à conclusão de que o veículo abordou quase monotematicamente essa pauta, embora por diferentes vieses. Foram, também, os efeitos da pandemia da Covid-19 que fizeram aumentar em 25% a prevalência global de ansiedade e depressão na população geral (Organização Mundial da Saúde [OMS], 2022). Entre os jovens, ou seja, pessoas entre 15 e 24 anos (Organização das Nações Unidas [ONU], 2022; Ministério da Saúde do Brasil [MSB], 2007), as vicissitudes tiveram um impacto especialmente agressivo na saúde mental.

O relatório global de tendências anual do Spotify, o *Culture Next*, apontou que a Geração Z, entre 18 e 24 anos, é a que mais ouve *podcasts* sobre saúde mental no mundo, sendo que os brasileiros dessa faixa etária ouviram 111% mais *podcasts* sobre o tema no 1º trimestre de 2022 do que em 2021 (Capricho, 2022). Em 2020, havia mais de 34 milhões de consumidores de conteúdos em *podcast* no Brasil (Associação Brasileira de Podcasters [ABPod], 2020) e, no mesmo ano, outra pesquisa demonstrou que a faixa etária de 16 a 24 anos é a mais assídua em escutar esse tipo de conteúdo (47% de um total de dois mil entrevistados) (Piauí, 2020).

Valiati et al. (2020) comentam que o *podcast* jornalístico, a princípio, era mais restrito aos veículos independentes. No entanto, conforme foi se popularizando, chamou a atenção de grandes conglomerados de mídia. Essa adaptação pode ser considerada estratégica para capturar o público jovem e universitário, uma vez que esse tem menos interação com portais informativos (Lopes Quintino et al., 2021; & McNamara & Drew, 2019). Bottentuit Junior e Coutinho (2008) afirmam que o *podcast* surge como uma alternativa fácil e acessível para o aprendizado, algo também defendido por Celaya et al. (2020). Estes autores concluíram, após

fazerem um mapeamento sistemático de literatura entre 2014 e 2019, que o *podcast* é um meio versátil para a educação, sendo um objeto educacional para disseminar conhecimento científico e social e estimular atitudes críticas e reflexivas. A educomunicação é a área que une a comunicação e a educação, colocando o comunicador e o educador em papéis similares com o objetivo de educar pessoas por meio da comunicação, assim como construir pensamentos reflexivos, críticos e sociais (Aguaded & Delgado-Ponce, 2019; Soares, 2000).

Por todos os estudos e relatórios citados acima, considera-se que qualquer estudo que cruze os efeitos da pandemia da Covid-19 na saúde mental do público juvenil e toda a comunicação educativa que daí tenha resultado é atual e relevante. Ao mesmo tempo que os meios de comunicação podem ter influenciado na potencialização de doenças mentais por noticiarem a pandemia em grande escala (Felix et al., 2021), também podem ter ajudado a população jovem a compreendê-las de maneira educativa e construtiva, cumprindo o papel social do jornalismo (Celaya et al., 2020). É com base neste pressuposto que foi colocada a pergunta de partida desta dissertação: como os *podcasts* ‘O Assunto’ e ‘Esquizofrenias’ utilizaram a abordagem educacional para o público juvenil (15-24 anos) ao representarem a saúde mental durante o primeiro ano da Covid-19 no Brasil? O objetivo geral é compreender a utilização da abordagem educacional para o público juvenil dos *podcasts* ‘O Assunto’ e ‘Esquizofrenias’ ao representarem saúde mental no primeiro ano da Covid-19 no Brasil. Os objetivos específicos são: 1) caracterizar os conteúdos sobre saúde mental difundidos pelos *podcasts* ‘O Assunto’ e ‘Esquizofrenias’ durante o primeiro ano da pandemia da Covid-19 no Brasil; 2) comparar, na perspectiva da educomunicação, os conteúdos sobre saúde mental difundidos pelos *podcasts* ‘O Assunto’ e ‘Esquizofrenias’, durante o primeiro ano da Covid-19 no Brasil; 3) compreender os processos de decisão e de construção dos episódios do ‘O Assunto’ e do ‘Esquizofrenias’ sobre saúde mental entre março de 2020 e março de 2021; 4) aferir como os jovens brasileiros compreenderam o contributo educacional associado aos conteúdos sobre saúde mental difundidos pelos *podcasts* ‘O Assunto’ e ‘Esquizofrenias’ durante o 1º ano da Covid-19 no Brasil.

Para alcançá-los, utilizamos o método misto (Creswell, 2014) e as seguintes técnicas: análise fenomenológica do discurso (Diniz & Pimentel, 2022), análise de conteúdo, entrevista semi-estruturada e em profundidade e *focus group* (Bryman, 2012). O desenho de pesquisa é o estudo de casos (Yin, 2015) associado ao comparativo (Bryman, 2012), sendo o recorte temporal o primeiro ano da pandemia da Covid-19 no Brasil, ou seja, entre 1 março de 2020, quando ocorreu a primeira morte por Covid-19 no Brasil (SP1, 2020) e 31 março de 2021, o

mês com mais mortes por Covid-19 em 2021 (Madeiro, 2022).

Optou-se pelos *podcasts* ‘O Assunto’ e ‘Esquizofrenias’ para compreender o papel comunicativo do jornalismo ao representar saúde mental para o público jovem, tendo em conta que eles são feitos por jornalistas e têm ampla abrangência. O ‘O Assunto’ integra o conglomerado de mídia (Globo) e o ‘Esquizofrenias’ é um *podcast* independente. Durante o período citado acima, o ‘O Assunto’ publicou 294 episódios, sendo 151 relacionados à Covid-19, enquanto o ‘Esquizofrenias’ publicou 40 episódios, sendo 23 relacionados à mesma pandemia. ‘O Assunto’, embora focado em *hardnews* (Grupo Globo, 2020), abordou e/ou citou a temática de saúde mental por variados contextos, enquanto o ‘Esquizofrenias’ trouxe o tema a todo episódio veiculado, uma vez que essa é a discussão central do programa.

O público de 15 a 24 anos é a terceira faixa etária mais ouvinte (16%) do ‘O Assunto’ (Grupo Globo, 2020) e, embora o perfil majoritário não seja o juvenil, interessa estudá-lo uma vez que esse também consome o conteúdo. O ‘Esquizofrenias’ tem público principal entre 25 e 34 anos, mas, de acordo com a apresentadora e criadora do *podcast*, o público juvenil também é grande consumidor.

Esta investigação integra várias teorias: 1. para ancorar a pesquisa ao nível da criação dos conteúdos aplicamos a *Agenda-setting* (McCombs, Shaw & Weaver, 2014) e o *Framing* (Entman, 1993); 2. para substanciar a parte da codificação dos mesmos pelo emissor e a decodificação da mensagem por parte dos jovens usamos o *Gatekeeping* (Shoemaker & Vos, 2011) e o modelo do *Encoding/Decoding* (Hall, 2003), respectivamente, e; 3. para verificar como a codificação e decodificação dos conteúdos podem influenciar a ação dos jovens, direta e indiretamente, temos a Teoria Social Cognitiva (Bandura, 2002).

Em termos de organização formal, segue a seguinte estrutura: enquadramento teórico-conceitual articulado com a revisão de literatura, seguido pelas opções metodológicas, pela apresentação dos resultados, pela subsequente discussão e culminou com as conclusões.

## **1. *Educommunication*: comunicando para a educação**

Quando surgiu, o conceito de educomunicação foi chamado de comunicação educativa por Kaplún (1996). Esse campo teórico-prático une duas disciplinas convergentes, a educação e a comunicação, que têm ganhado cada vez mais aspectos em comum devido à ideia de “formar cidadãos críticos, responsáveis e participativos, capazes de habitar confortavelmente o ecossistema midiático em constante mudança, usando o conhecimento compartilhado” (Aguaded & Delgado-Ponce, 2019, p.1). Aguaded e Delgado-Ponce (2019, p. 4) elencam os três pilares mais importantes para o desenvolvimento da educomunicação: “conhecimento (políticas e indústria midiática, processos de produção, tecnologia, linguagem e acesso à informação); compreensão (acolhimento e compreensão, ideologia e valores); e comunicação (criação e envolvimento do cidadão).

Pelo fato de defender que a mídia não pode ser apenas um canal em que o emissor fala e o receptor escuta sem codificar ou interpretar o assunto, a comunicação educativa foi associada à educação dialógica, do educador e filósofo brasileiro Paulo Freire (Aguaded & Delgado-Ponce, 2019; & Soares, 2000). Nesse sentido, a comunicação educativa está alinhada à educação libertadora, que constrói um ambiente crítico, um cidadão de consciência e empoderamento social (Aguaded & Delgado-Ponce, 2019). Em outras palavras, os meios de comunicação são parte importante da construção social e, por isso, devem produzir e disseminar conteúdos educativos e de viés crítico, colocando o comunicador na perspectiva de ser também um educador (Kaplún, 1996; & Soares, 2000).

### **1.1 O construtivismo social na estratégia de *educommunication***

O construtivismo social é uma teoria sociológica que entende que o conhecimento, os significados e os entendimentos de mundo são construídos em sociedade e não de forma individual (Larochelle et al., 1998; Oldfather et al., 1999). Nessa perspectiva, a aprendizagem concentra-se na construção de sentido, “construída por meio de interações com os outros, que ocorrem dentro de um contexto sociocultural específico” (Oldfather et al., 1999, p.8).

Alguns autores acreditam que o embasamento dessa teoria vem de Sócrates, que afirmava que professores e alunos deveriam dialogar e trocar informações para construir o conhecimento de maneira conjunta, sendo o construtivismo um modo de aprender a pensar (Amineh & Asl, 2015). Na atualidade, pode dizer-se que Vygotsky é o pioneiro em associar o

construtivismo social à educação, justamente por defender que o desenvolvimento intelectual das crianças vem de suas interações e condições sociais (cf. Amineh & Asl, 2015; & Pritchard & Woolard, 2010). Para esse estudioso, a aprendizagem não é um processo passivo, mas ativo no qual as pessoas se motivam a aprender de maneira independente e ao mesmo tempo conectada (cf. Amineh & Asl, 2015; & Pritchard & Woolard, 2010).

Além das interações sociais e do papel ativo na aprendizagem, o construtivismo social tem a premissa de desenvolver indivíduos com pensamentos críticos, que ouvem e aprendem conhecimentos alheios, mas são capazes de criarem e desenvolverem seus próprios pensamentos e julgamentos com relação a qualquer tópico abordado (Amineh & Asl, 2015). São essas as razões pelas quais a teoria socioconstrutivista alinha-se à educomunicação, uma vez que ambas sugerem o pensamento crítico, o aprendizado conjunto, o compartilhamento de conhecimento de forma horizontal e a participação ativa e cidadã de cada indivíduo.

### **1.2 Podcast como produto de comunicação educativa**

O *podcast* é um conteúdo em formato de áudio que pode ou não possuir lógica temporal (Bonixe, 2021). Desde o início dos anos 2000, essa ferramenta comunicativa passa por grande evolução até assumir o caráter atual “cada vez mais massivo, parte da trilha sonora cotidiana, na esteira da expansão de um novo ecossistema midiático” (Kischinhevsky et al., 2020, p. 9). Lopes Quintino et al. (2021) disponibilizaram uma pesquisa online entre os dias 4 de março e 4 de abril de 2021, entre estudantes de graduação da Universidade de Brasília. O objetivo era compreender os usos dos *podcasts* jornalísticos por jovens universitários e os significados que têm para si. 765 respostas válidas apontaram que mais de 95% dos participantes já tiveram contato com *podcasts* jornalísticos ou de outros gêneros; que 55,4% dos jovens entre 19 a 24 anos escutam *podcast*; e que ‘O Assunto’ é o quinto *podcast* jornalístico mais ouvido. Como ressalva, as pesquisadoras alertaram que a maior parte dos respondentes (585 estudantes) têm entre 19 e 24 anos. Outros dados mostram que 87,9% dos participantes que escutam *podcasts* jornalísticos o fazem para facilitar a compreensão das notícias e 63% afirmam que o consumo aumentou durante a pandemia (Lopes Quintino et al., 2021).

McNamara e Drew (2019) evidenciam a relação entre o aprendizado e *podcasts* ao apresentarem uma pesquisa realizada em 2011 com 51 estudantes de graduação em enfermagem e serviço social. Nessa, os autores do estudo desenvolveram *podcasts* sobre assuntos relacionados às áreas em questão e pediram aos participantes que refletissem sobre suas

próprias experiências enquanto ouviam o material. Com os resultados, foi percebido que 76% dos alunos afirmaram que ouvir o *podcast* melhorou a apreensão do conteúdo, enquanto 75% acreditaram que escutar conteúdo em formato de áudio era um bom uso do tempo para se aprender coisas novas.

Ambos os estudos denotam que *podcasts* são bons meios para ouvir notícias, complementar aprendizados, aprender informações e aprofundar a compreensão e o envolvimento dos jovens com o assunto tratado, diferentemente de outras plataformas ou meios tradicionais (e.g. Lopes Quintino et al. 2021; & McNamara & Drew, 2019). Em um contexto que se percebe a importância do *podcast* para o público juvenil, bem como para a facilitação do entendimento do conteúdo e a acessibilidade de aprendizado, é possível associar a ferramenta aos pilares da educomunicação (Bottentuit Junior & Coutinho, 2008; & McNamara & Drew, 2019). Além disso, outra evidência dessa associação parte do fato de as produções de áudio atreladas ao cenário jornalístico darem oportunidade de o público desenvolver uma visão crítica sobre determinado assunto e aprender com a mídia (Barros & Menta, 2007).

### **1.3 Contribuição da educomunicação para a literacia em saúde**

Sendo a educomunicação uma área que transita entre os campos da comunicação e da educação, colocando o comunicador na posição de educador e vice-versa (Celaya et al., 2020; Soares, 2000), pode relacionar-se a literacia em saúde a essa vertente. O conceito é definido pela OMS como o conjunto de competências cognitivas e sociais que capacitam o indivíduo a procurar e compreender as informações sobre saúde, de forma que suas decisões e responsabilidades individuais e coletivas sobre saúde sejam conscientes e fundamentadas (SNS-PT, n.d.). Barbosa (2021) afirma que esse conceito está diretamente ligado à comunicação de saúde e ao campo midiático, visto que materiais comunicativos didáticos dão mais suporte para que a informação buscada seja compreendida pelo indivíduo.

Pesquisadores entendem que o jornalismo deve ser educador e contribuir para a literacia em saúde, assim como para uma cidadania ativa, com leitura crítica da mídia e maior participação social (e.g. Felix et al., 2021; Mendes et al., 2021; & Lopes et al., 2021). No inquérito por questionário aplicado por Lopes et al. (2021) a 200 jornalistas dos jornais O Público e Jornal de Notícias, os profissionais afirmam que se preocupam em “fornecer informação útil, promover maior proximidade aos cidadãos e orientar as pessoas em termos de saúde pública” (p. 119), o que é interpretado como um aspecto positivo do jornalismo. É diante

disso que os meios assumem “papel fundamental, funcionando como mediadores entre as instituições e os públicos, constituindo-se como fontes de informação credíveis e aliados das autoridades de saúde” (Lopes et al., 2021, p. 112).

## **2. *Agenda-Setting* e *Gatekeeping* na construção de conteúdos**

A constante atualização da mídia sobre determinado assunto e o consequente entendimento dos receptores de que o que está sendo retratado é relevante é teorizado pela hipótese do *Agenda-Setting* (McCombs, Shaw & Weaver, 2014). Isso significa que a cobertura jornalística frequente de uma pauta pode levar a população a compreender a realidade social vivida por meio do que se é noticiado (Manrique-Grisales, 2020). Essa hipótese da comunicação, por sua vez, acaba por envolver diretamente o processo do *Gatekeeping* (Shoemaker & Vos, 2011) e os critérios de noticiabilidade (e.g. Saptorini et al., 2021; Silva, 2005).

O primeiro trata do processo de seleção de fatos que podem virar notícias, do ponto de vista dos emissores, editores e jornalistas (Shoemaker & Vos, 2011). Sa’diyah e Fahmi (2021) fizeram uma pesquisa sobre o processo de *Gatekeeping* na produção de conteúdos de *podcasts* em Yogyakarta, Indonésia. O estudo utilizou o método de pesquisa qualitativa descritiva. Foi percebido que na pré-produção, o *Gatekeeping* é focado, entre outros, na seleção de conteúdos, na tentativa de evitar centrar os temas em Jacarta e na localização de Yogyakarta; a produção inclui a criação da identidade do *podcast*; e a pós-produção envolve a adição ou exclusão de efeitos sonoros ou informações, a retenção de conteúdo e a distribuição para canais específicos (Sa’diyah & Fahmi, 2021). Além disso, percebeu-se, ao estudar seis *podcasts* locais, que personalização, contextualização, informação e customização relacionadas à cultura javanesa são valores dominantes no processo de *Gatekeeping*, embora os *podcasts* se diferenciem em outras características, como *background* educacional, planejamento, produção e distribuição individual (Sa’diyah & Fahmi, 2021).

Relacionados ao *Gatekeeping*, os valores-notícia facilitam o processo de tomada de decisão noticiosa (Saptorini et al., 2021). Com base em vários estudos sobre critérios de noticiabilidade, Silva (2005) propõe uma tabela de valores-notícia para operacionalizar análises de acontecimentos noticiáveis/noticiados, sendo esses:

### **Quadro 1. Critérios de noticiabilidade segundo Silva (2005)**

IMPACTO	PROEMINÊNCIA	CONFLITO	ENTRETENIMENTO /CURIOSIDADE
Número de pessoas envolvidas (no fato); Número de pessoas afetadas (pelo fato); Grandes quantias (dinheiro).	Notoriedade; Celebridade; Posição hierárquica; Elite (indivíduo, instituição, país); Sucesso/herói.	Guerra; Rivalidade; Disputa; Briga; Greve; Reivindicação.	Aventura; Divertimento; Esporte; Comemoração.
POLÊMICA	CONHECIMENTO/CULTURA	RARIDADE	PROXIMIDADE
Controvérsia; Escândalo.	Descobertas; Invenções; Pesquisas; Progresso; Atividades e valores culturais; Religião.	Incomum; Original; Inusitado.	Geográfica; Cultural.
SURPRESA	GOVERNO	TRAGÉDIA/DRAMA	JUSTIÇA
Inesperado.	Interesse nacional; Decisões e medidas; Inaugurações; Eleições; Viagens; Pronunciamentos;	Catástrofe; Acidente; Risco de morte e Morte; Violência/crime; Suspense; Emoção; Interesse humano.	Julgamentos; Denúncias; Investigações; Apreensões; Decisões judiciais; Crimes.

Quadro 2. Critérios de noticiabilidade dessa dissertação com base em Silva (2005)

IMPACTO	RELEVÂNCIA	CONFLITO	ENTRETENIMENTO/CULTURA
Número de pessoas envolvidas (no fato) Número de pessoas afetadas (pelo fato)	Notoriedade Proeminência hierárquica Ênfase midiática	Rivalidade Disputas de poder	Maneiras de se entreter Assuntos leves Religião Atividades culturais
POLÊMICA	CONHECIMENTO	RARIDADE/SURPRESA	PROXIMIDADE
Escândalo Denúncias	Descobertas/pesquisas Invenções Histórico	Original Incomum/inusitado Surpreendente	Regionalização Situações cotidianas relacionadas ao espaço geográfico
GOVERNO	TRAGÉDIA	EMOÇÕES/SITUAÇÕES PESSOAIS	JUSTIÇA
Decisões e medidas Pronunciamentos Interesse local, nacional e internacional	Catástrofe Colapso Risco de morte e morte	Saúde/doença mental Emoções/sentimentos Situações pessoais Interesse humano	Julgamentos/decisões judiciais Crimes Investigações

*Nota.* Formato do quadro adaptado pela autora (2023). Os critérios de noticiabilidade apresentados acima foram adaptados para esse estudo devido às categorias emergentes relacionadas à pandemia.

## 2.1 O *Agenda-Setting* e o *Framing* da saúde mental na mídia

Temas sobre saúde têm se tornado frequentes na cobertura jornalística, fazendo parte da agenda midiática e despertando o interesse público no século XXI (Manrique-Grisales, 2020). Gama et al. (2014) apresentam a definição de saúde mental proposta pela OMS, que é um estado de bem-estar mental que permite que as pessoas lidem com os momentos estressantes da vida,

desenvolvam todas as suas habilidades, aprendam e trabalhem bem para contribuir para a melhoria de própria comunidade.

Cordeiro & Damásio (2021) fizeram análise de conteúdo de seis *podcasts* disponíveis na Apple Podcasts, na subcategoria saúde mental, e concluíram que o tema foi enquadrado por doenças específicas, como depressão, ansiedade e suicídio, ou por áreas correlatas, como psicologia, meditação, entre outros. Uma das bases teóricas das autoras foi o *Framing*, que é o ato de selecionar diferentes aspectos de uma mesma realidade e “fazê-los mais salientes no texto comunicativo de modo a promover uma definição particular de um problema, interpretação causal, avaliação moral e/ou um tratamento recomendado para o item descrito” (Entman, 1993, p. 52). Ou seja, dependendo do enquadramento ou da representação midiática dada pelo veículo de comunicação sobre um assunto, são criados diferentes aspectos de uma mesma realidade, o que influencia diretamente no entendimento dos receptores.

Em uma busca realizada nas plataformas de pesquisa acadêmica Google Acadêmico e EBSCO em português, espanhol e inglês, considerando o período de 2020 a 2022, utilizando os termos ‘jornalismo’, ‘pandemia’ e ‘saúde mental’ foram encontrados cerca de 4.700 resultados, o que demonstra a amplitude que a correlação desses temas tiveram nos últimos anos. Uma das percepções conseguidas é que, devido ao contexto pandêmico, potencializaram-se relatos e cobertura jornalística sobre saúde mental, principalmente ligados à ansiedade e depressão, o que teve impacto direto na absorção do assunto pelo público (e.g. Felix et al., 2021; Mendes et al., 2021; & Serrano, 2021). Serrano (2021) atribui à mídia a criação de medo e ansiedade nas pessoas em casos de crise sanitária porque os discursos que envolvem esses sentimentos são reforçados em diversos contextos.

### **3. Efeitos da pandemia da Covid-19 na saúde mental**

Pain e Lanius (2020) discorrem sobre o desafio de encontrar informações realmente confiáveis na quantidade de notícias, vídeos e abordagens relacionadas à pandemia. A cobertura jornalística durante esse período foi profundamente focada nesse fato, sendo que o volume de informações pode ter influenciado no aparecimento ou aumento de sintomas de depressão e ansiedade, bem como de outras doenças mentais (Felix et al., 2021; Mendes et al., 2021; & Serrano 2021), isso para além de todos os constrangimentos sociais derivados dos estados de emergência declarados pelos vários países.

O *podcast* ‘Desastres, pandemias e saúde mental’ (Pain & Lanius, 2020) abordou, entre outros tópicos, o trauma pós-Covid-19, como a Covid-19 influenciou na saúde mental, como cada país/população se adaptou ou enfrentou a Covid-19 e como a saúde física do corpo condiciona a saúde mental. Para as especialistas, existem sintomas pré-doença mental que funcionam como alertas. Um exemplo é a angústia, que aumentou durante a pandemia causada pelo vírus SARS-CoV-2 devido ao isolamento social e à imprevisibilidade de duração e cura. Além disso, elas ressaltam outros monitoramentos que podem ser feitos para determinar a saudabilidade do corpo e da mente, como humor, interação com outras pessoas, sono e uso de substâncias (Pain & Lanius, 2020).

Os jovens (adolescentes jovens, que têm entre 15 e 19 anos, e adultos jovens, que têm entre 20 e 24 anos) (MSB, 2007) foram um dos grupos mais atingidos pela prevalência global de ansiedade e depressão, que aumentou em 25% por conta da pandemia do novo coronavírus (OMS, 2022). O estudo da OMS também levou em consideração dados da *Global Burden of Disease*, que ressaltou que entre os efeitos da pandemia da Covid-19 na saúde mental dos jovens encontra-se o risco de comportamentos suicidas e automutilação. Essa afirmação pode ser comprovada por Rains et al. (2020) que estudaram 827 pesquisas e constataram que na semana em que as escolas fecharam na Inglaterra, jovens relataram altos níveis de ansiedade e impulso para se automutilar. Outros resultados mostraram que o isolamento social aumentou o sentimento de solidão, a ansiedade e a depressão entre jovens, além da apresentação de outras pautas relacionadas à Covid-19, como transtorno obsessivo-compulsivo (TOC) devido à higienização constante ou medo de infecção e transtornos alimentares (Rains et al., 2020).

### **3.1 O *Encoding-Decoding* das representações midiáticas de saúde mental**

Hall (2003) apresentou, no âmbito comunicativo, o modelo da Codificação e Decodificação, embasado em como a recepção interpreta uma mensagem midiática. Para o estudioso, existem três posições: a) a *dominante*, isto é, exatamente como foi passada pelo emissor; b) a *negociada*, que é relacionada às condições particulares de cada receptor; e c) a de *oposição*, em que o receptor capta a mensagem enviada, mas a interpreta a partir de outra referência.

Com base no modelo do *Encoding-Decoding*, Lacerda e Santos (2020, p.7) fizeram uma revisão de *scoping* nas bases de dados *PubMed*, *Scopus* e *Web of Science* e em estudos em

língua espanhola, inglesa e portuguesa para identificar quais representações de doença mental são reportadas na mídia, mapear as plataformas de mídia associadas e identificar as doenças mentais reportadas. Entre os resultados apresentados, os autores apontam que “a depressão é a doença mais ‘desculpabilizada’ e aquela que tem sido sempre retratada de forma mais humana e positivamente”; a bipolaridade, os distúrbios de personalidade e a esquizofrenia têm surgido como exemplos para doenças mentais com piores retratos midiáticos; e “um dos temas mais recorrentes nas pesquisas sobre as representações midiáticas é acerca do risco do estigma e a discriminação contra pessoas com doença mental”.

Lacerda e Santos (2020) alertam que “uma das questões mais preocupantes relacionadas com a doença mental é a natureza do seu retrato no imaginário coletivo das sociedades tantas vezes mediado pelos media” (p. 73), uma vez que podem ser gerados estigmas e estereótipos que pareçam discriminatórios com pessoas nessa condição. Para Sacramento e Borges (2020), é extremamente válida a reflexão sobre como as representações midiáticas interferem no campo da saúde, seja no entendimento de doenças, prevenção e tratamento, até a identificação e empatia com corpos saudáveis ou não saudáveis. Ainda, representar não é uma ação neutra, mas uma prática que faz parte do processo de construção social, sendo que o estudo da representação deve se preocupar com a produção dos sentidos, uma vez que “há determinadas agendas e enquadramentos em jogo e conjuntos particulares de ideias, valores, atitudes e identidades assumidas e normalizadas” (Sacramento & Borges, 2020, p. 12). Os autores ressaltam que escreveram o livro por dois motivos: o primeiro é a grande gama de assuntos que são trabalhados sob o viés da saúde na mídia, trazido o exemplo da Covid-19 e outras epidemias; o segundo trata das novas formas de representar midiaticamente a saúde, isto é, por meio de novas tecnologias e fontes de informação (Sacramento & Borges, 2020).

### **3.2 A aprendizagem social pela mídia: a Teoria Social Cognitiva**

Bandura (2002) afirma que nem sempre a aprendizagem é processada de maneira direta. Pode advir da comunicação simbólica e do efeito modelador dos *mass media*, que agem psicossocialmente no pensamento e na ação humana, podendo alterar padrões de comportamento e valores. Dessa forma, compreende-se que as pessoas aprendem e se desenvolvem por meio da observação, imitação e interação com seu ambiente social. Pressupõe-se, assim, que “a representação do comportamento suicida reportado pela mídia (...) afeta as

“pessoas de saúde mental e emocional vulnerável, e comportamentos imitativos podem ocorrer” (Ferreira & Reis, 2020, p. 637).

Ferreira e Reis (2020) realizaram uma revisão bibliográfica sobre as evidências que suportam o efeito epidêmico de suicídio na mídia e seus modos de operação por meio da Teoria Social Cognitiva. Para esses autores, o entendimento adequado do público sobre as doenças mentais e a saúde mental depende de como a mídia explora e expõe esses temas. Se for de maneira adequada, os receptores são influenciados a terem discernimento e aprenderem socialmente sobre o assunto. Nesse sentido, a Teoria Social Cognitiva (Bandura, 2002) tem participação direta nessa dissertação, uma vez que estudamos a saúde mental retratada em dois *podcasts* distintos, que podem contribuir para a percepção e educação de valores e comportamentos do público relacionado ao assunto.

### **3.3 A saúde mental em *podcasts***

Durante a pandemia da Covid-19, o consumo de *podcasts* aumentou se firmando como uma opção válida, rápida e interessante para produtores de conteúdo e veículos de comunicação (Amorim & Araújo, 2021). Uma matéria jornalística apontou, com base no relatório global de tendências anual do Spotify - *Culture Next*, que a Geração Z, entre 18 e 24 anos, é a que mais ouve *podcasts* sobre saúde mental no mundo, sendo que os brasileiros dessa faixa etária ouviram 111% mais *podcasts* sobre o tema no 1º trimestre de 2022 do que em 2021 (Capricho, 2022). Além desse dado, 56% dos ouvintes *Gen Z* dizem recorrer aos *podcasts* para encontrar respostas a questões difíceis e pessoais antes de conversar com suas famílias e 83% da Geração Z ouve *podcasts* para usar as informações em conversas com amigos (Capricho, 2022). Como parte da metodologia, o relatório usou dados qualitativos, quantitativos e internos do Spotify, além de dados de uma pesquisa global quantitativa com a Lucid entre março e abril de 2022, com a participação de 12.500 pessoas (Spotify, 2022).

Em uma busca realizada na plataforma Spotify Brasil, em que são hospedados e veiculados os dois objetos de estudo dessa dissertação, no dia 23 de novembro de 2022, com o termo “saúde mental” e “doenças mentais”, foram encontrados mais de 500 resultados em português.

### **3.4 Os *podcasts* ‘O Assunto’ e ‘Esquizofrenias’ como casos de estudo**

O ‘O Assunto’ e o ‘Esquizofrenias’ são dois *podcasts* jornalísticos brasileiros. O primeiro pauta *hardnews* sobre os mais variados assuntos que ocorrem no Brasil e no mundo, enquanto o segundo tem a saúde mental como tema principal.

#### **3.4.1 O *podcast* ‘O Assunto’**

O ‘O Assunto’ foi criado em 2019 e é vinculado ao Grupo Globo, maior grupo de mídia e comunicação do Brasil (Grupo Globo, n.d.), tendo em média dois milhões de downloads por mês e mais de um milhão e novecentos mil ouvintes únicos (Globo, 2020). O público de 15 a 24 anos é a terceira faixa etária mais ouvinte (16%). Embora o perfil majoritário não seja o juvenil, interessa estudá-lo uma vez que esse também consome o conteúdo. Além disso, um dos intuítos dessa dissertação é comparar a construção de cada *podcast* com base na educomunicação, e isso fará entender se a maneira como a saúde mental é representada pelo ‘O Assunto’ é acessível e construtiva para o aprendizado.

#### **3.4.2 O *podcast* ‘Esquizofrenias’**

O *podcast* ‘Esquizofrenias’ é feito de maneira jornalística independente, trata apenas de temas de saúde mental e autodeclara que a abordagem é “leve, natural e sem tabus” (Spotify, n.d). Fundado em 2018, é apresentado pela jornalista Amanda Ramalho, que convive com questões de saúde mental. Desde que foi criado, já foi indicado às premiações APCA (premiação brasileira da área cultural) como Melhor Podcast, em 2019 e ao MTV Míaw, em 2020 (Spotify, n.d). De acordo com a jornalista, entrevistada nessa dissertação, o público principal tem entre 24 e 35 anos, porém, jovens da idade desse estudo (15 a 24) também compõem os ouvintes do ‘Esquizofrenias’ (Resposta 7, Apêndice 4).

## **4. Opções metodológicas**

### **4.1 Pergunta de partida e objetivos**

A pergunta de partida é: como os *podcasts* ‘O Assunto’ e ‘Esquizofrenias’ utilizaram a abordagem educacional para o público juvenil ao representarem a saúde mental durante o primeiro ano da Covid-19 no Brasil? O objetivo geral é compreender a utilização da abordagem educacional para o público juvenil dos *podcasts* ‘O Assunto’ e ‘Esquizofrenias’ ao representarem saúde mental no primeiro ano da Covid-19 no Brasil. Os objetivos específicos são: 1) caracterizar os conteúdos sobre saúde mental difundidos pelos *podcasts* ‘O Assunto’ e ‘Esquizofrenias’ durante o primeiro ano da pandemia da Covid-19 no Brasil (1 de Março de 2020 a 31 de Março de 2021); 2) comparar, na perspectiva da educação, os conteúdos sobre saúde mental difundidos pelos *podcasts* ‘O Assunto’ e ‘Esquizofrenias’, durante o primeiro ano da Covid-19 no Brasil; 3) compreender os processos de decisão e de construção dos episódios do ‘O Assunto’ e do ‘Esquizofrenias’ sobre saúde mental entre março de 2020 e março de 2021; 4) aferir como os jovens brasileiros compreenderam o contributo educacional associado aos conteúdos sobre saúde mental difundidos pelos *podcasts* ‘O Assunto’ e ‘Esquizofrenias’ durante o 1º ano da Covid-19 no Brasil.

#### **4.2 Tipo de desenho de pesquisa**

O desenho de pesquisa é estudo de casos (Yin, 2015) associado ao comparativo (Bryman, 2012), pois pretende-se entender um fenômeno social com dois casos significativamente diferentes. O recorte temporal compreende o primeiro ano da pandemia da Covid-19 no Brasil, entre 1 março de 2020 e 31 março de 2021.

#### **4.3 Método e técnicas de investigação**

Será utilizado o método misto porque as pesquisas quantitativas e qualitativas somam forças para desenvolver um estudo com nível mais complexo e com menos limitações (Creswell, 2014). As técnicas de investigação são: análise de conteúdo, que traz clareza, objetividade e rigor ao processo de análise, influenciando na consequente confiabilidade e credibilidade dos dados (Bryman, 2012); análise fenomenológica do discurso, que analisa o discursante, seus comportamentos não verbais, suas experiências pessoais, entre outros (Diniz & Pimentel, 2022); entrevista semi-estruturada e em profundidade, que consegue extrair informações pertinentes e relevantes por meio de um guião de perguntas previamente

estruturado (Bryman, 2012); e *focus group*, que recolhe dados empíricos a partir de uma conversa com um ou mais grupos de participantes sobre determinado tema (Bryman, 2012). A abordagem epistemológica subjacente à análise dos dados será a interpretativista, definida por Croucher e Cronn-Mills (2015) como a que estuda a construção social por meio de interpretações e percepções subjetivas da realidade.

#### **4.3.1 Análise de conteúdo**

Para cumprir o primeiro objetivo e parcialmente o segundo, recorre-se à técnica de análise de conteúdo. Primeiramente, lemos todos os títulos dos 294 episódios do ‘O Assunto’ e dos 40 do ‘Esquizofrenias’ dentro do recorte temporal que abrange essa dissertação. Essa leitura foi importante para reduzir o tamanho do *corpus* apenas aos episódios que tinham ‘Covid-19’, ‘quarentena’, ‘coronavírus’, entre outras palavras que estavam diretamente relacionadas à pandemia. Após esse recorte, foram ouvidos 126 *podcasts*, sendo 104 do ‘O Assunto’ e 22 do ‘Esquizofrenias’. Vale dizer que o ‘O Assunto’ divulga episódios em todos os dias úteis, enquanto o ‘Esquizofrenias’ não tem periodicidade certa.

Os *podcasts* foram submetidos à análise de conteúdo através de categorias para mensurar os assuntos abordados, tempo despendido para cada conteúdo, convidados entrevistados, linguagem e participação das apresentadoras, entre outras variáveis que se mostraram pertinentes. Todos os dados foram codificados, inseridos numa matriz e analisados no *software* estatístico SPSS, versão 28. As categorias de análise estão apresentadas no Quadro a seguir:

#### **Quadro 3. Manual de codificação utilizado na análise de conteúdo de cada *podcast***

<b>Categoria</b>	<b>Valores</b>
<b>B) Variáveis dos Conteúdos</b>	
B1) Duração do episódio	1. 10:00 a 19:59
	2. 20:00 a 29:59
	3. 30:00 a 39:59
	4. 40:00 a 49:59
	5. 50:00 a 59:59
	6. Mais de 1h.
B2) Temas	1. Política
	2. Economia
	3. Sociedade
	4. Cultura
	5. Esporte
B2.1) Espaço	1. Nacional
	2. Internacional
	3. Misto
B2.2) Regiões do Brasil	1. Norte
	2. Nordeste
	3. Centro-oeste
	4. Sudeste
	5. Sul
	6. Não especificado

B3) Assuntos primários	1. Isolamento/distanciamento/relações interpessoais
	2. Informações sobre a Covid (proteção, vacina, teste, respiradores, máscara, medicamentos, rastreadores)
	3. Estrutura e diferenças sociais (pobreza, falta de acesso, sistema prisional, comunidades indígenas e favelas)
	4. Saúde (SUS, profissionais de saúde, EPIs, telemedicina, internamentos, doentes, mortos, curados, colapso no sistema)
	5. Educação (escolas, aulas suspensas, concursos, tecnologia e aulas remotas)
	6. Efeito psicológico: luto, tristeza, medo, angústia, preocupação, saúde mental, bem/mal-estar, saudade
	7. Política com relação à pandemia/vacina (atuação de Bolsonaro, incentivo a furar a quarentena e à vacinação)
	8. Mídia, quantidade de informação jornalística e fake news
	9. Locais mais atingidos e diferenças entre cidades e/ou estados brasileiros no enfrentamento à pandemia (lockdown, medidas restritivas e campanha para isolamento)
	10. Mercado de trabalho (tecnologia, setores empresariais, trabalhadores afetados e home office)
	11. Solidariedade Social (doações e voluntariado), depoimentos e histórias reais
	12. Novidades científicas relacionadas à Covid e medicamentos como Cloroquina
	13. Outras doenças e epidemias
	14. Religião/fé/espiritualidade
	15. Entretenimento/diversão/fait-divers
	16. Críticas ao poder público
	17. Intervenções governamentais (decisões do Poder Legislativo e do Judiciário)
	18. Relatos pessoais de doença mental relacionados à pandemia (durante quase todo o episódio)

B3.1) Assuntos secundários	1-18 - Os mesmos acima 19. Não se aplica
B3.2) Assuntos terciários	1-19 - Os mesmos acima
B3.3) Assuntos quaternários	1-19 - Os mesmos acima
B3.4) Assuntos quinários	1-19 - Os mesmos acima
B3.5) Assuntos <u>senários</u>	1-19 - Os mesmos acima
B3.6) Assuntos setenários	1-19 - Os mesmos acima
B3.7) Assuntos <u>octonários</u>	1-19 - Os mesmos acima
B3.8) Assuntos <u>nonários</u>	1-19 - Os mesmos acima
B4) Menção direta à saúde mental	1. Sim
	2. Não
B4.1) Doenças ou sintomas mentais mencionados	1. Estresse
	2. Ansiedade
	3. Depressão
	4. Burnout
	5. Saúde física afetada
	6. Transtornos alimentares
	7. Transtorno Obsessivo Compulsivo (TOC)
	8. Transtorno bipolar
	9. Esquizofrenia
	10. Dependência química
	11. Terror noturno/insônia
	12. Suicídio
B5) Ajuda ou tratamento mencionados	1. Acompanhamento médico
	2. Medicamentos fitoterápicos
	3. Terapia
	4. Terapias alternativas
	5. Exercícios físicos em casa
	6. Exercícios ao ar livre
	7. Fármacos
B6) Enquadramento (Entman)	1. Definição do problema
	2. Diagnóstico de causa e relações causais
	3. Julgamentos e interpretações morais
	4. Sugestão de solução
B7) Fornecimento de informações médicas sobre a Covid-19	1. Sim
	2. Não
B8) Relatos pessoais da âncora	1. Sim
	2. Não

B8.1) Demonstração de emoção	1. Tristeza
	2. Angústia/preocupação
	3. Alívio
	4. Felicidade/admiração
	5. Luto
	6. Empatia
	7. Medo
	8. Tédio
	9. Calma
	10. Nojo
	11. Raiva/indignação
	12. Não
B9) Utilização de coloquialismos, gírias e palavras que não costumam ser utilizadas na norma culta (âncoras)	1. Sim
	2. Não
B10) Entrevistados primários	1. Artista/Celebridade
	2. Profissional da saúde (especialidades médicas, fisioterapeuta, enfermeiro)
	3. Professor
	4. Profissional da saúde mental (psicólogo, psiquiatra)
	5. Infectologista/epidemiologista
	6. Especialista/perito (economista, cientista, biólogo, analista político, sociólogo/antropólogo/historiador, biólogo, advogado, especialista em dados)
	7. Não definido (familiares, personagens que moram fora, personagens gerais, etc.)
	8. Jornalista
	9. Líder social/comunitário
	10. Político/figura pública
	11. Operacional de saúde (equipe de limpeza, segurança, cozinha de hospital, ambulância, etc.)
	12. Estudante
	13. Esportista/atleta
	14. Empresário/comerciante
B10.1) Entrevistados secundários	1-14 - Os mesmos acima
	15. Não se aplica
B11) Utilização de coloquialismos, gírias e palavras que não costumam ser utilizadas na norma culta (entrevistados)	1. Sim
	2. Não
B12) Outras mídias	1. Sim
	2. Não

*Nota. Manual de codificação produzido pela autora (2023).*

A teoria do *Framing* (Entman, 1993) suporta esse objetivo dada a intenção de caracterizar a presença dos conteúdos nas mensagens transmitidas e a forma como são enquadrados.

### 4.3.2 Comparativos educomunicativos

Para cumprir o segundo objetivo, além das semelhanças e diferenças que encontramos com a análise de conteúdo, utilizamos a definição de educomunicação (Aguaded & Delgado-Ponce, 2019) para comparar os *podcasts*, apresentada abaixo:

**Quadro 4. Pilares para o desenvolvimento da educomunicação**

CONHECIMENTO	COMPREENSÃO	COMUNICAÇÃO
Políticas e indústria midiática	Acolhimento e compreensão	Criação
Processos de produção	Ideologia	Envolvimento do cidadão
Tecnologia	Valores	
Linguagem		
Acesso à informação		

*Nota. Quadro criado pela autora (2023), com base nos pilares para o desenvolvimento da educomunicação (Aguaded & Delgado-Ponce, 2019).*

As respostas conseguidas nas entrevistas semi-estruturadas e nos *focus groups* sobre educomunicação ajudarão a compor esse objetivo.

### 4.3.3 Entrevista semi-estruturada e em profundidade

Para cumprir o terceiro objetivo, tínhamos a intenção de entrevistar as apresentadoras dos *podcasts*, no entanto, Renata Lo Prete disse, via WhatsApp, que não poderia conceder a entrevista por questões de tempo e trabalho (Apêndice 5). Outras tentativas foram feitas antes de recebermos essa resposta (Apêndice 3 e 4). Dessa forma, entrevistamos apenas Amanda Ramalho.

As bases teóricas que apoiaram a aplicação desta técnica são o *Agenda-Setting* (McCombs et al., 2014), o *Gatekeeping* (Shoemaker & Vos, 2011) e os valores-notícia (Silva, 2005), visto que se busca entender o que foi levado em consideração para a construção de cada episódio. Pelo fato de ser informadora qualificada, a entrevista semi-estruturada seguiu princípios éticos, tendo a utilização de formulário de consentimento assinado (Creswell, 2014) (Anexo 1).

#### 4.3.3.1 Dimensões do guião

A partir de um guião semi-estruturado, questionamos a apresentadora sobre as questões técnicas de gravação, o *spin-off* do *podcast* (Sozinho Junto), os entrevistados, os temas e assuntos abordados, os critérios de noticiabilidade, as questões éticas vinculadas a assuntos sensíveis, a abordagem para o público jovem, as questões intrínsecas à ela relacionadas à saúde mental e o conceito de educomunicação.

A entrevista completa está nos Apêndices 6 e 7, porém, nesse objetivo serão descritos os principais trechos relacionados à construção e ao processo de decisão dos episódios, analisados a partir da análise fenomenológica do discurso com base no fluxograma de Diniz e Pimentel (2022).

#### 4.3.3.2 Painel da entrevistada

Amanda Ramalho (37 anos) é âncora do *podcast* ‘Esquizofrenias’ (Spotify, n.d). A jornalista iniciou carreira no fim dos anos 1990, sendo que no início dos anos 2000 integrou a equipe do programa Pânico, que teve versões na RedeTV! e na Band TV, até 2018 (Ferraz, 2022). Em 2018, ela lançou o ‘Esquizofrenias’ devido ao fato de conviver com questões de

saúde mental e entender que precisava falar sobre o assunto de maneira leve e sem tabus (Spotify, n.d.). Em 2022, descobriu que tem autismo (Ferraz, 2022).

#### **4.3.4 Focus Group**

Para cumprir o quarto objetivo foram realizados três *focus group*, sendo o primeiro com dois jovens entre 15 a 19 anos e três entre 20 a 24, o segundo com três de 15 a 19 e dois entre 20 e 24, e o terceiro com um jovem entre 15 a 19 e cinco jovens entre 20 a 24 anos. Ao todo foram 16 participantes, sendo seis com idade entre 15 e 19 anos e 11 entre 20 e 24. Para conseguirmos a adesão dos participantes, disponibilizamos um Google Forms que explicava o tema da dissertação e o objetivo dessa técnica, bem como solicitava informações de idade, gênero, data e horário que o jovem preferia participar do grupo focal. Também era avisado que a conversa seria totalmente online realizada via Google Meet. Conseguimos 33 respostas de sete homens e seis mulheres com idade entre 15 a 19, e sete homens e oito mulheres com idade entre 20 a 24 anos. No entanto, somente cerca de 50% dos respondentes entraram nas chamadas.

As teorias que suportam estes objetivos são Social Cognitiva (Bandura, 2002) e Codificação e Decodificação (Hall, 2003). A primeira se relaciona com o efeito modelador da mídia sobre a concepção de valores e comportamentos dos jovens, enquanto a segunda se preocupa com todo o processo da mensagem, desde que é emitida até os códigos decodificados pelo receptor.

Foi ressaltado aos participantes, verbalmente e por escrito, que todas as respostas são confidenciais e anônimas destinadas apenas a fins acadêmicos, inclusive, de acordo com a Lei Geral de Proteção de Dados (Lei 13.709, 2018), que estabelece diretrizes importantes referentes à coleta, tratamento e armazenamento de dados individuais. Wimmer e Dominick (2006) relembram que princípios éticos fundamentais devem ser respeitados, como a privacidade e a confidencialidade, o que significa que, em sua totalidade, apenas os pesquisadores terão acesso às informações dos entrevistados. Quanto ao fato de menores de idade serem essenciais para o estudo, nos apoiamos na Resolução CNS No 510/2016 (2016), do Governo Federal do Brasil, em que foi solicitada uma autorização aos responsáveis para que os menores de 18 anos participassem.

Acresce-se, que todos os sujeitos não foram identificados pelo seu nome de registro, porém, para deixar a dissertação humanizada, criamos nomes fictícios para cada participante, conforme quadros abaixo:

**Quadro 5. Participantes dos *focus group 1***

<i>Focus Group 1</i>	
Nome fictício	Idade real
Luara	20-24
Paula	15-19
Bruno	20-24
Verônica	20-24
José	15-19

**Quadro 6. Participantes dos *focus group 2***

<i>Focus Group 2</i>	
Nome fictício	Idade real
Clara	15-19
Juliana	20-24
Mateus	15-19
Otávio	15-19
Roberta	20-24

**Quadro 7. Participantes dos *focus group 3***

<i>Focus Group 3</i>	
Nome fictício	Idade real
Geovana	20-24
Sabrina	20-24
Téo	20-24
Olívia	20-24
Fernanda	15-19
Carlos	20-24

#### 4.3.4.1 Dimensões do guião

O guião continha as seguintes dimensões: Covid-19, juventude e sociedade, saúde mental, comunicação, mídia e jornalismo e *podcasts*, esses do ‘O Assunto’ e ‘Esquizofrenias’ aos quais eles foram expostos. Os episódios foram escolhidos com base no início, na metade e no fim do período de estudo, sendo o mesmo tema para ambos os *podcasts*, e também que continham a variável “menção à saúde mental: sim” percebidos por meio da análise de conteúdo. Os temas foram isolamento/distanciamento, cidadania/dificuldades sociais e Carnaval, e nem todos foram apresentados aos ouvintes devido ao tempo da chamada. Porém, em todos os *focus group*, trechos de ao menos dois episódios de cada *podcast* foram apresentados.

Mais especificamente, os trechos 02’58” a 03’54” e 09’10” a 11’20” do episódio do ‘O Assunto - Vidas separadas pela quarentena’ e 06’10” a 07’30”, 15’39” a 18’09” do episódio do ‘Esquizofrenias - Sozinho junto #1 Ansiedade, grupos no zap e entretenimento leve’, com temática relacionada a isolamento social; trechos 07’53” a 09’00” e 03’05” a 05’20” do episódio do ‘O Assunto - A reinvenção dos sem-Carnaval’ e 11’10” a 11’55” e 24’35” a 25’10” do episódio do ‘Esquizofrenias - Sozinho Junto #10: Carnaval, Clubhouse, respiração consciente e vizinhos’, com temática sobre Carnaval; e trechos . 08’21” a 11’06” e 14’20” a 16’40” do episódio do ‘O Assunto - Lições de Paraisópolis na guerra à Covid-19’ e 12’25” a 13’55” e 19’ a 21’25” do episódio do ‘Esquizofrenias - De olho na quebrada: A saúde mental dos moradores de Heliópolis, periferia de São Paulo, durante a pandemia’.

#### **4.3.5 Análise fenomenológica do discurso**

A fenomenologia desenvolve o pensamento de que a consciência individual e o entendimento de mundo apreendido por cada pessoa vem de experiências adquiridas ao longo da vida, não considerando influências externas, mas recorrendo a valores, vivências, memória e outras percepções internas para se chegar a um significado (Diniz & Pimentel, 2022). Com base na fenomenologia é possível explicar o que se vê ou se sente de maneira mais clara, uma vez que “através do discurso, é possível dar sentido às próprias experiências e, na interação com o outro, proporcionar-lhes uma compreensão possível” (Diniz & Pimentel, 2022, p. 5).

As autoras (2022) estudaram a fenomenologia hermenêutica de Paul Ricoeur e, a partir disso, apresentaram uma proposta metodológica para a análise do discurso. Nela, compreende-se que os discursos orais podem ser analisados a partir de quatro recursos: recortes do texto, marcas linguísticas, sentidos vivenciais e compreensão hermenêutica. O primeiro se refere a trechos transcritos do discurso oral do colaborador, sendo períodos, frases e expressões; o segundo engloba elementos gramaticais, funções da linguagem e outros recursos da língua que permitem a comunicação de pensamentos, sentimentos e significados, como os silêncios; o terceiro é referente aos significados atribuídos pelo participante às suas experiências pessoais, que podem incluir padrões de condutas, estereótipos sociais e crenças do cotidiano; e por fim, o quarto fica a critério do pesquisador, que tem a tarefa de interpretar o que foi dito pelos locutores, confirmando, ampliando e atribuindo significados aos sentidos latentes no discurso e as mensagens subentendidas.

No estudo em que preparam o fluxograma, Diniz e Pimentel (2022) apresentam o seguinte quadro, que serviu como base para essa dissertação e para os objetivos que utilizam a análise fenomenológica do discurso:

#### **Quadro 8. Fluxograma da análise fenomenológica do discurso:**



*Nota.* Fluxograma de Paul Ricoeur utilizado por Diniz e Pimentel (p. 8, 2022) para criarem a proposta metodológica.

## 5. Apresentação de resultados

A organização dos resultados é feita de modo a apresentar os dados em função dos objetivos enunciados. Na informação obtida via análise de conteúdo, as variáveis analisadas são apresentadas em Tabelas e Gráficos por questões estruturais e de prioridade à dissertação. Foram considerados os temas discutidos por espaços e regiões, os assuntos primários e parte dos secundários, a menção à saúde e doenças mentais, o *framing*, as informações médicas sobre a Covid-19, os relatos pessoais e demonstração de emoção, as linguagens e os entrevistados. Os demais resultados estão nos Apêndices 1 e 2.

Para apresentar o objetivo dois, também utilizamos gráficos relacionados à análise de conteúdo e a análise fenomenológica do discurso atrelada ao conceito de educomunicação, com base em algumas respostas da entrevista semi-estruturada e do *focus group*. Assim como essa, as demais apresentações envolvem análises fenomenológicas do discurso destacadas em formato de texto corrido ou de quadros-síntese.

No caso da entrevista semi-estruturada, apresentamos as respostas sobre questões técnicas de gravação, o Sozinho Junto, os entrevistados, os temas e assuntos abordados, os

critérios de noticiabilidade, as questões éticas vinculadas a assuntos sensíveis, a abordagem para o público jovem e questões intrínsecas à Amanda relacionadas à saúde mental.

Quanto aos grupos focais, são apresentadas as respostas das discussões sobre as dimensões enunciadas na metodologia: Covid-19, juventude e sociedade, saúde mental, comunicação, mídia e jornalismo e, também, perguntas específicas relativas a trechos dos *podcasts*, aos quais eles foram expostos durante as sessões. As conversas completas estão nos Apêndices 9, 11 e 13. Nesta análise, serão descritos os principais trechos relacionados aos tópicos acima, analisados pela fenomenologia do discurso com base no fluxograma de Diniz e Pimentel (2022). Ademais, dos Apêndices 14 a 31 estão analisadas cada dimensão de cada *focus group*.

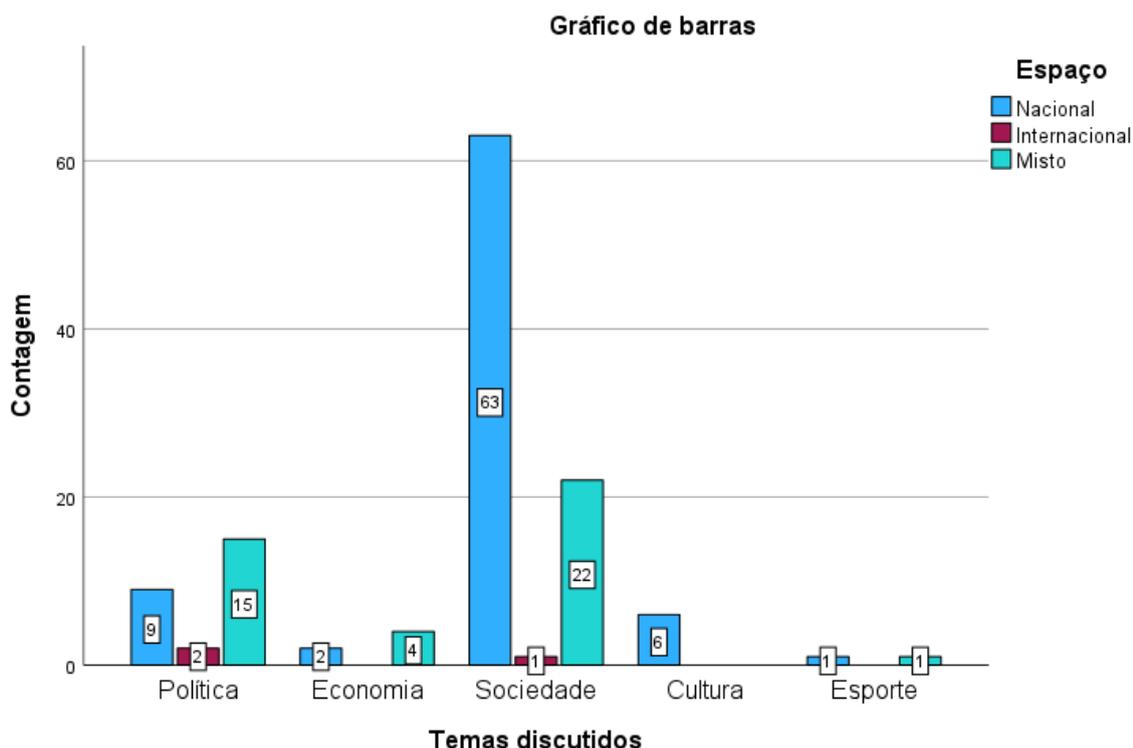
## **5.1 Representação midiática da saúde mental nos *podcasts* ‘O Assunto’ e ‘Esquizofrenias’**

Nos gráficos, tabelas e textos abaixo, apresentamos os resultados da análise de conteúdo dos *podcasts*.

### **5.1.1 Temas e localização dos *podcasts***

Percebemos a diferença temática dos *podcasts*, bem como o interesse local e global de suas abordagens. Enquanto o ‘O Assunto’ tem grande parte dos episódios voltados à política nacional e mescla espaço nacional e internacional, o ‘Esquizofrenias’ aborda praticamente apenas temáticas sociais voltadas ao espaço nacional. Cultura e Sociedade são os únicos temas que se equivalem, sendo o primeiro abordado quatro vezes no ‘O Assunto’ e dois no ‘Esquizofrenias’, e o segundo prioridade em 66 episódios do ‘O Assunto’ e 22 do ‘Esquizofrenias’ (o total).

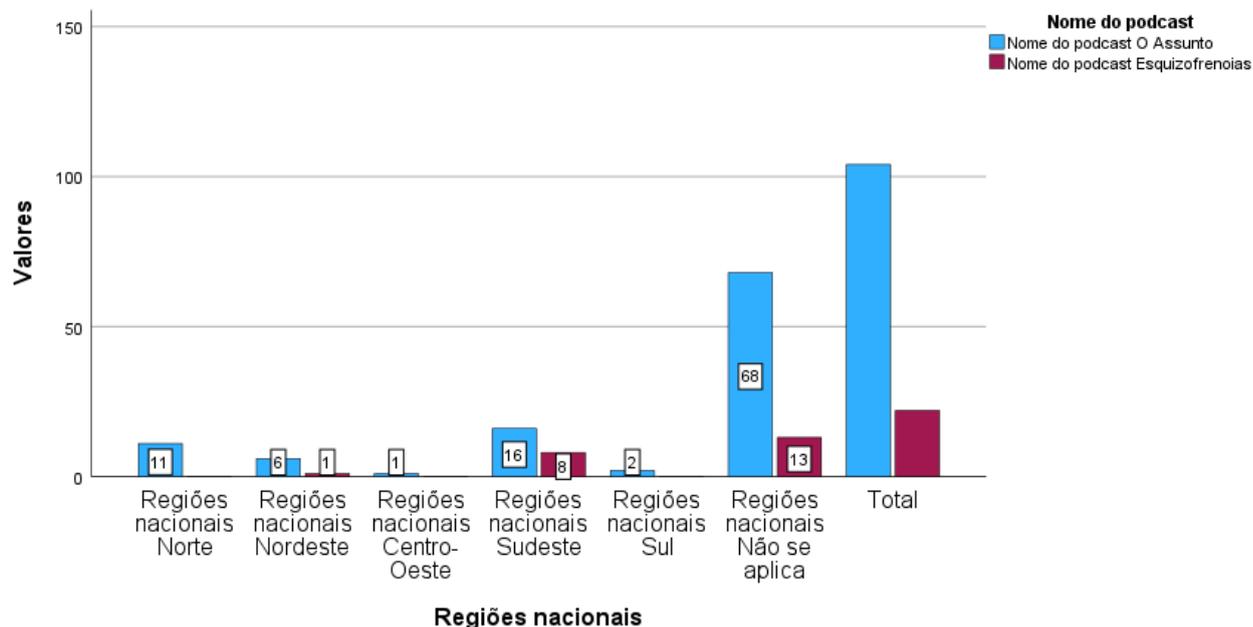
#### **Gráfico 1. Temas em função dos Espaços abordados no ‘O Assunto’ e no ‘Esquizofrenias’**



Sobre as regiões, o ‘Esquizofrenias’, em prevalência, situa a região Sudeste (36%), onde fica o estado que a apresentadora mora (São Paulo). Na porcentagem restante, ela só situa uma vez a região Nordeste e as demais não se aplicam. Já o ‘O Assunto’ tem episódios específicos para todas as regiões, se destacando a região Sudeste (15,3%), com foco em São Paulo e Rio de Janeiro, onde ficam os Estúdios Globo; e a região Norte, com 11 *podcasts* (10,5%), principalmente por conta do estado de calamidade pública no Amazonas, pela falta de respiradores, que afetou as tribos indígenas atingidas, como os Yanomami, e pelo apagão no Amapá. Em 68 episódios, a regionalização não se verificou na oferta desse *podcast*.

**Gráfico 2. Regiões abordadas no ‘O Assunto’ e no ‘Esquizofrenias’**

**Tabulação cruzada Nome do podcast \* Regiões nacionais  
Contagem**



### **5.1.2 Assuntos principais mais abordados no ‘O Assunto’ e no ‘Esquizofrenias’**

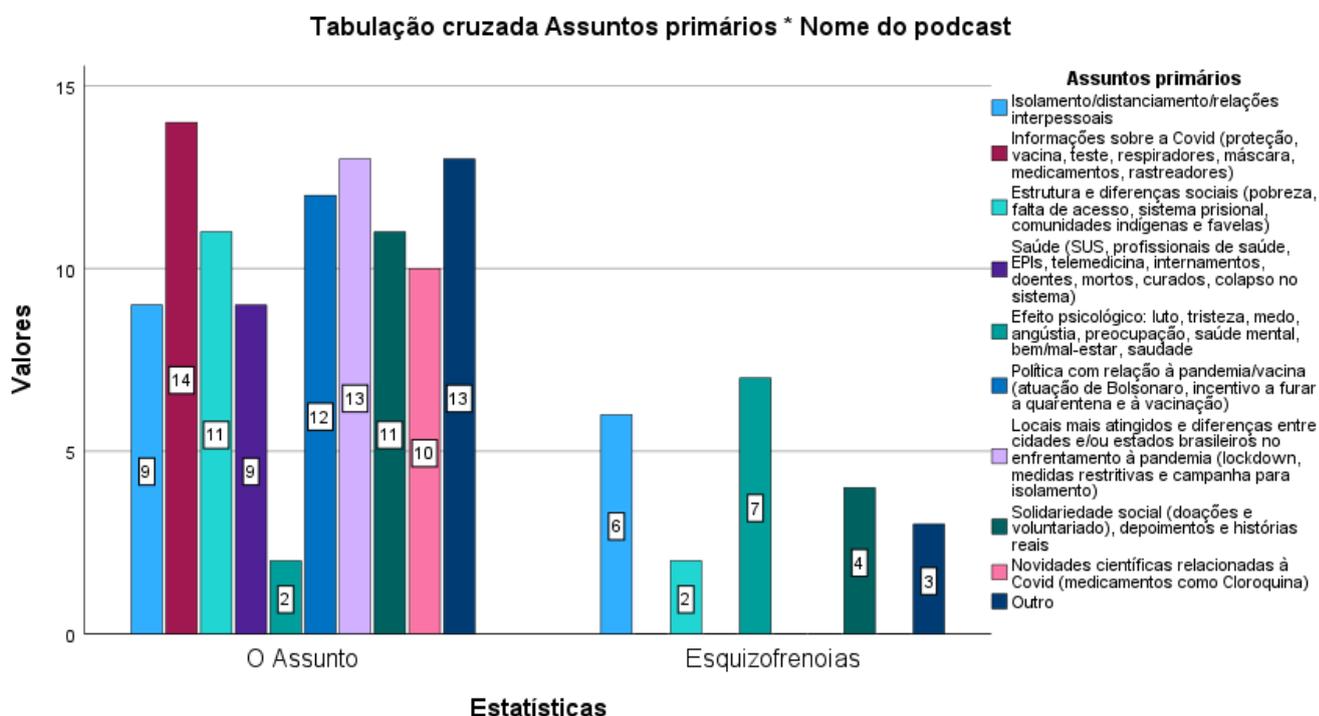
Dos 104 episódios do ‘O Assunto’, 14 (13,5%) abordaram primariamente Informações sobre a Covid-19, seguido por Locais mais atingidos e diferenças entre cidades e/ou estados brasileiros no enfrentamento à pandemia (12,5%) e Política com relação à pandemia/vacina (11,5%). São assuntos totalmente voltados à como o Brasil e o mundo, como Estado e sociedade, estavam reagindo ao coronavírus e o que faziam para enfrentá-lo científica e politicamente.

De modo totalmente diferente, os assuntos primários do ‘Esquizofrenias’ são voltados a questões intrínsecas e pessoais dos efeitos da pandemia, sendo que Efeito psicológico ocupa 31,8% dos assuntos principais, seguido por Isolamento/distanciamento/relações interpessoais com 27,3%.

Outro fato é que Relatos pessoais de doença mental relacionados à pandemia aparece como assunto primário em dois episódios do ‘Esquizofrenias’ (13,6% vs. ‘O Assunto’: 0%).

No gráfico abaixo, estão descritas como ‘Outro’ as categorias que têm soma inferior a 4%.

**Gráfico 3. Assuntos primeiramente abordados no ‘O Assunto’ e no ‘Esquizofrenias’**



Sendo que o Qui-Quadrado de Pearson apresentou significância menor que ,005, entendemos que há associação entre as variáveis.

### 5.1.3 Assuntos secundários no ‘O Assunto’ e no ‘Esquizofrenias’

A mesma discrepância de padrão se repete dos assuntos secundários em diante. Enquanto o ‘O Assunto’ continua a priorizar a Covid-19 e seus efeitos na saúde, com estatística de mortos, doentes e colapso, o ‘Esquizofrenias’ tem uma abordagem mais voltada à como a pandemia está afetando a saúde mental das pessoas que, isoladas, também se preocupam com a quantidade de informações jornalísticas e como podem se entreter neste período.

**Quadro 9. Quadro que une os assuntos secundários aos assuntos senários mais representativos do ‘O Assunto’ e do ‘Esquizofrenias’**

<i>Podcast</i>	O Assunto	<u>Esquizofrenias</u>
Assunto secundário	‘Saúde’ e seus pormenores (20,2%)	‘Efeito psicológico’ e seus pormenores (27,3%)
Assunto terciário	‘Saúde’ e seus pormenores (15,4%)	‘Efeito psicológico’ e seus pormenores (22,7%)
Assunto quaternário	‘Saúde’ e seus pormenores (14,4%)	‘Isolamento’ e seus pormenores (27,3%)
Assunto quinário	‘Informações sobre a Covid’ e seus pormenores (11,5%);	‘Isolamento’, ‘Informações sobre a Covid’, ‘Mídia’, ‘Entretenimento’, ‘Críticas ao poder público’ e seus pormenores (todos com 13,6%)
Assunto <u>senário</u>	‘Críticas ao poder público’ e seus pormenores (8,7%)	‘Entretenimento’ e seus pormenores (22,7%)

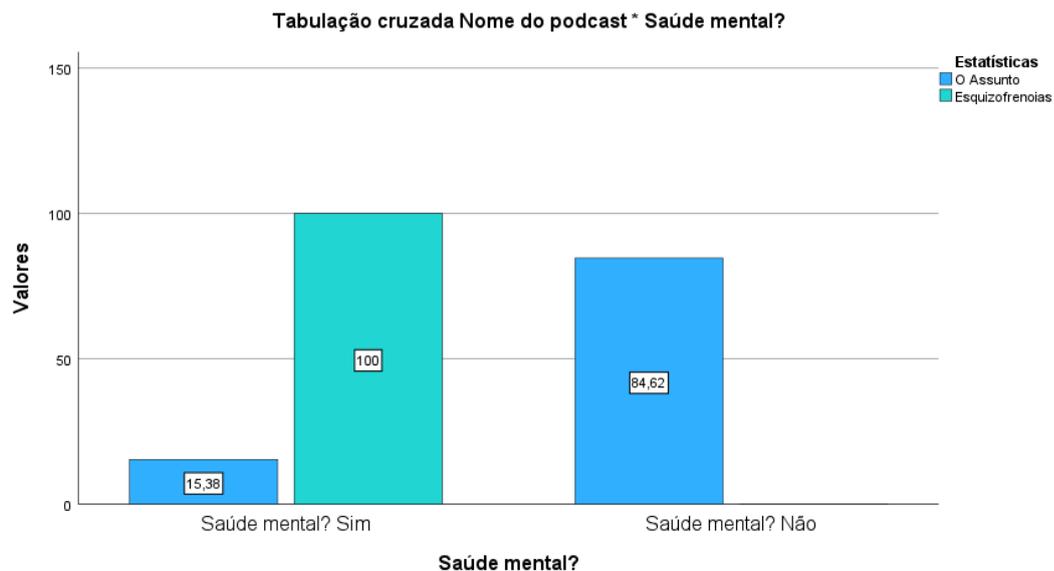
*Nota.* Assuntos setenários, octonários e nonários tiveram maioria ‘Não se aplica’ (mais de 90%) em ambos os *podcasts* e, por isso, não foram considerados na análise, embora tenham sido computados.

A equiparação mais próxima entre o ‘O Assunto’ e o ‘Esquizofrenias’ está nos assuntos secundários de terceiro nível em que a variável ‘Mercado de trabalho’ e seus pormenores representam 4,8% e 4,5%, respectivamente; e a nível quatro de secundariedade os assuntos relativos a ‘Locais mais atingidos’ e seus pormenores representam 9,6% e 9,1%, respectivamente.

#### **5.1.4 Abordagem da saúde mental nos *podcasts* ‘O Assunto’ e ‘Esquizofrenias’**

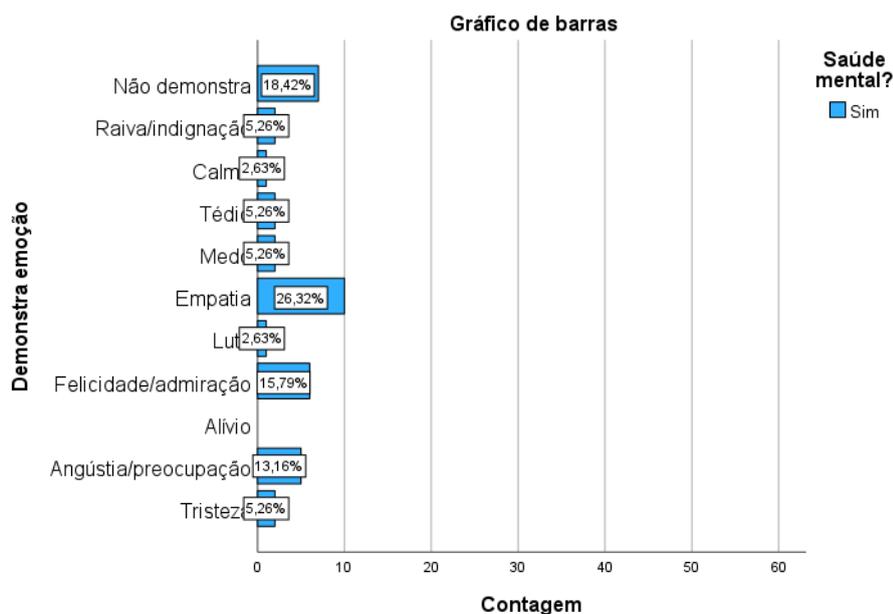
De imediato, foi notada a grande diferença entre a saúde mental abordada nos *podcasts*, sendo que ‘O Assunto’ só utilizou o tema em 16 dos 104 episódios e o ‘Esquizofrenias’ o faz em todos (22). Isso converge com a linha editorial dos dois *podcasts*, pois enquanto o ‘O Assunto’ tem natureza mais generalista em termos temáticos, o ‘Esquizofrenias’ tem perfil editorial vinculado com a saúde mental.

**Gráfico 4. A saúde mental no ‘O Assunto’ e no ‘Esquizofrenias’**



Também analisamos quais emoções as âncoras demonstravam quando o episódio abordava saúde mental. A emoção principal é empatia (26,3%), seguida de felicidade/admiração (15,7%) e de angústia/preocupação (13,1%).

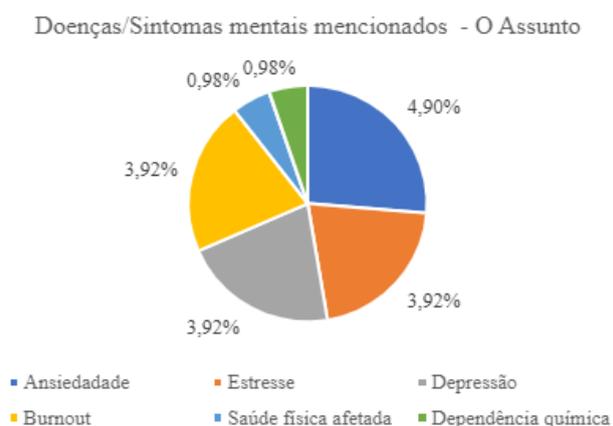
**Gráfico 5. Emoções demonstradas pelas âncoras do ‘O Assunto’ e ‘Esquizofrenioias’ nos episódios que abordavam saúde mental**



#### 5.1.4.1 Doenças/Sintomas mentais debatidos no ‘O Assunto’ e ‘Esquizofrenias’

A ansiedade foi a doença/sintoma mais abordada no ‘O Assunto’, presente em cinco episódios. Em seguida, aparecem estresse, depressão e burnout, todos com a mesma quantidade de vezes (quatro).

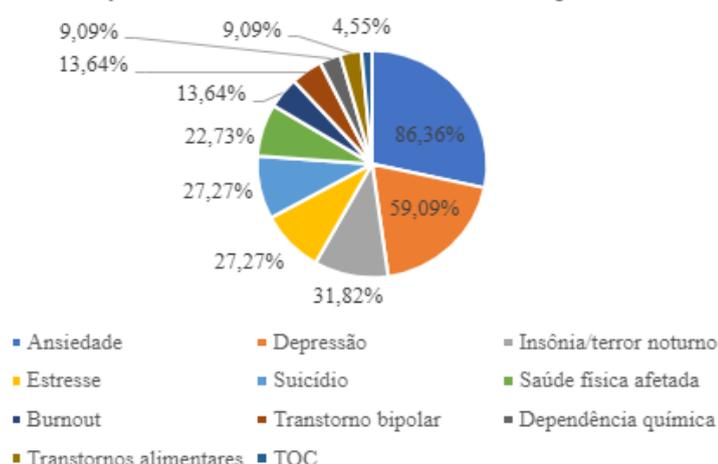
**Gráfico 6. As doenças/sintomas mentais mencionados em episódios do ‘O Assunto’**



No ‘Esquizofrenias’ também é a ansiedade que predomina no debate sobre Doenças ou Sintomas Mentais e aparece em 19 episódios (86%). Na sequência vem depressão (13); insônia/terror noturno (sete); e estresse e suicídio (seis). Das 12 doenças/sintomas colocadas na tabela de codificação, 11 foram mencionadas no ‘Esquizofrenias’, exceto esquizofrenia, que também não aparece no ‘O Assunto’.

**Gráfico 7. Doenças/sintomas mentais mencionados em episódios do ‘Esquizofrenias’**

Doenças/Sintomas mentais mencionados - Esquizofrenias



Essa variedade mostra que embora o ‘Esquizofrenias’ tenha bem menos episódios comparado ao ‘O Assunto’, as doenças/sintomas mentais são muito mais citadas e discutidas no primeiro *podcast*, sendo um diferencial de extrema relevância por mais uma vez reforçar a natureza editorial de ambos os *podcasts*. As doenças/sintomas mentais foram citadas 86 vezes nos episódios dos dois programas:

**Tabela 1. Frequência com a qual as doenças/sintomas mentais foram abordados pelo ‘O Assunto’ e ‘Esquizofrenias’**

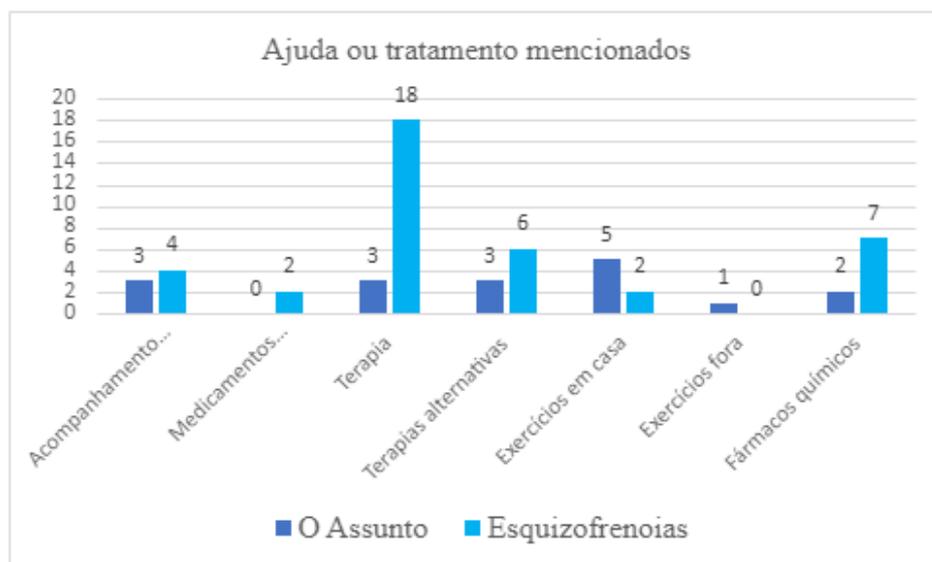
	O Assunto	<u>Esquizofrenias</u>	Total
Estresse	4	6	10
Ansiedade	5	19	24
Depressão	4	13	17
Burnout	4	3	7
Saúde física	1	5	6
Transtornos alimentares	0	2	2
TOC	0	1	1
Transtorno bipolar	0	3	3
Esquizofrenia	0	0	0

Dependência química	1	2	3
Insônia/terror noturno	0	7	7
Suicídio	0	6	6

#### 5.1.4.2 Ajuda ou tratamentos mencionados discutidos nos *podcasts*

O debate sobre ‘Ajuda ou tratamentos’ destacam os vieses de cada *podcast* ao indicar uma cura ou tratamento para as doenças mentais, quando citadas. Enquanto terapia profissional é mencionada em 82% dos episódios do ‘Esquizofrenias’, os exercícios físicos em casa são os mais sugeridos e/ou abordados no ‘O Assunto’ (4,8%). A partir desses números, temos a percepção de que, no ‘Esquizofrenias’, falar sobre tratamento para doenças mentais é de absoluta importância, ainda mais se acompanhada de um profissional de saúde mental. Talvez seja esse o mesmo motivo que faz com que ‘fármacos’ venha logo em seguida nesse *podcast*. Já no ‘O Assunto’ não há equivalência completa entre a quantidade de vezes em que doenças/sintomas mentais são citados (19) com ajuda ou tratamentos mencionados, uma vez que essa variável é citada 17 vezes.

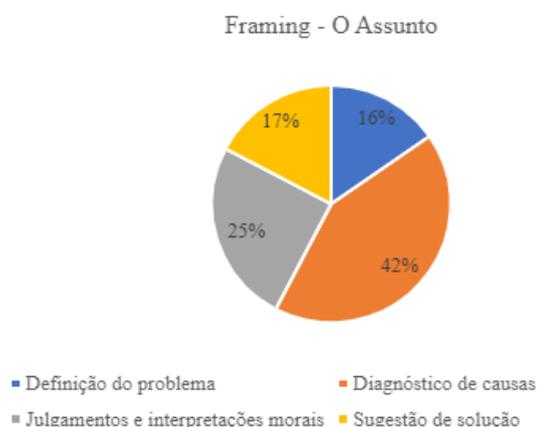
**Gráfico 8. Ajudas e tratamentos mencionados nos episódios do ‘O Assunto’ e do ‘Esquizofrenias’**



### 5.1.5 O *Framing* dos episódios do ‘O Assunto’ e do ‘Esquizofrenias’

Exceto pelo Diagnóstico de Causas, que é o *Framing* de 42% dos episódios do ‘O Assunto’, as demais categorias sugeridas por Entman (1993) são bastante divididas entre os 60 episódios restantes. Esse quadro prioritário, que identifica as forças que criam o problema e os efeitos que surgiram a partir disso, pode ser exemplificado devido aos vários especialistas que ‘O Assunto’ entrevistou. Todos eles eram fonte de informação qualificada e ajudavam a âncora a compreender como o problema foi ocasionado. No episódio ‘Covid-19: vai faltar leito em UTI?’, por exemplo, o entrevistado primário foi um profissional de saúde, alguém referência para responder a pergunta do título: ‘vai faltar leito em UTI?’. Os Profissionais da saúde, inclusive, aparecem como entrevistados primários em 11 dos 44 episódios do ‘O Assunto’ enquadrados em Diagnóstico de causas.

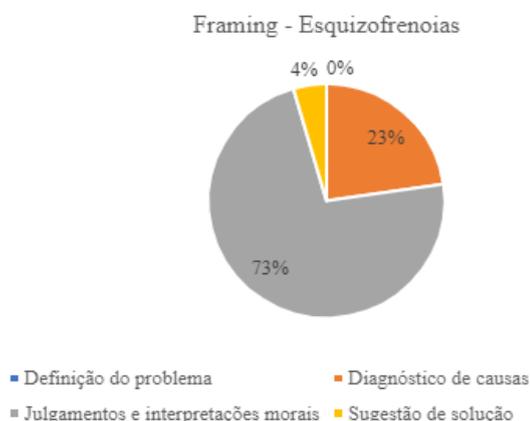
Gráfico 9. Enquadramento no ‘O Assunto’



No ‘Esquizofrenias’, 16 dos 22 episódios são enquadrados como ‘Julgamentos e interpretações morais’ (73%), 48 pontos percentuais a mais nessa categoria que o ‘O Assunto’. No *podcast*, a âncora avalia, a partir de seus valores e moral, os agentes, as causas e os efeitos relacionados à pandemia. Por exemplo, no episódio ‘Sozinho Junto #10: Carnaval, *Clubhouse*, respiração consciente e vizinhos’, Ramalho faz um julgamento sobre as pessoas que, mesmo em meio ao surto de Covid-19 no Brasil, saíam para pular Carnaval.

Definição do problema é maior no ‘O Assunto’ (16% vs. ‘Esquizofrenias’: 0%).

**Gráfico 10. Enquadramento no ‘Esquizofrenias’**

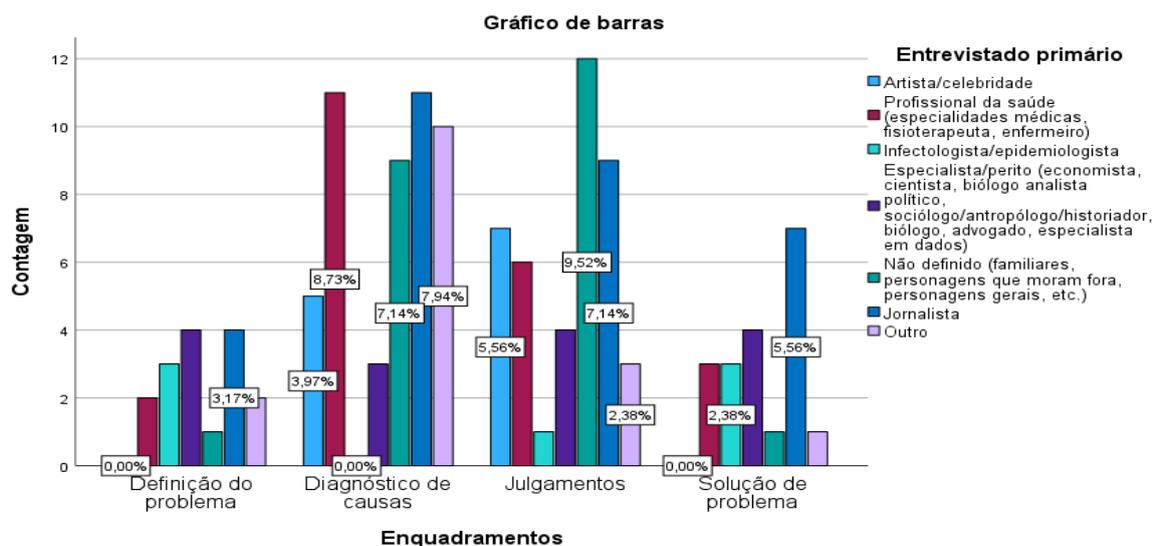


Com essa análise, reparamos que Amanda, juntamente a seus convidados, conduz o *podcast* de modo mais avaliativo e reflexivo com relação ao tema do que Renata e o ‘O Assunto’. Por isso, há tanta opinião em Julgamentos e interpretações morais, enquanto o ‘O Assunto’ aparenta ser muito mais explicativo devido ao Diagnóstico de causa. Em ambos os casos, a Sugestão de solução aparece em terceiro lugar, surgindo, principalmente, em episódios sobre vacina e medidas restritivas.

Ainda sobre o *Framing* dos *podcasts*, percebemos que os entrevistados primários que mais aparecem em Julgamentos e interpretações morais são os Não definidos, ou seja, personagens que moram fora, que não são identificados por uma especialidade, familiares de vítimas ou o marido de Amanda que faz participações especiais no Sozinho Junto. Algo completamente diferente do que se percebe em Definição e Solução do problema, em que esses entrevistados representam apenas 0,79% da soma dos episódios de ambos os programas.

Em Diagnóstico de causas, jornalistas e profissionais de saúde representam, igualmente, 8,73% dos entrevistados primários. Muitas vezes, no ‘O Assunto’, eles eram colocados no mesmo episódio. O jornalista, sempre da Globo, trazia um panorama sobre a editoria que cobria, enquanto o especialista em saúde abordava o tema sob sua perspectiva. Podemos dizer que o jornalista é o profissional mais entrevistado primariamente em todos os *Framings*, já que é o que tem a divisão mais bem igualada entre os quatro enquadramentos.

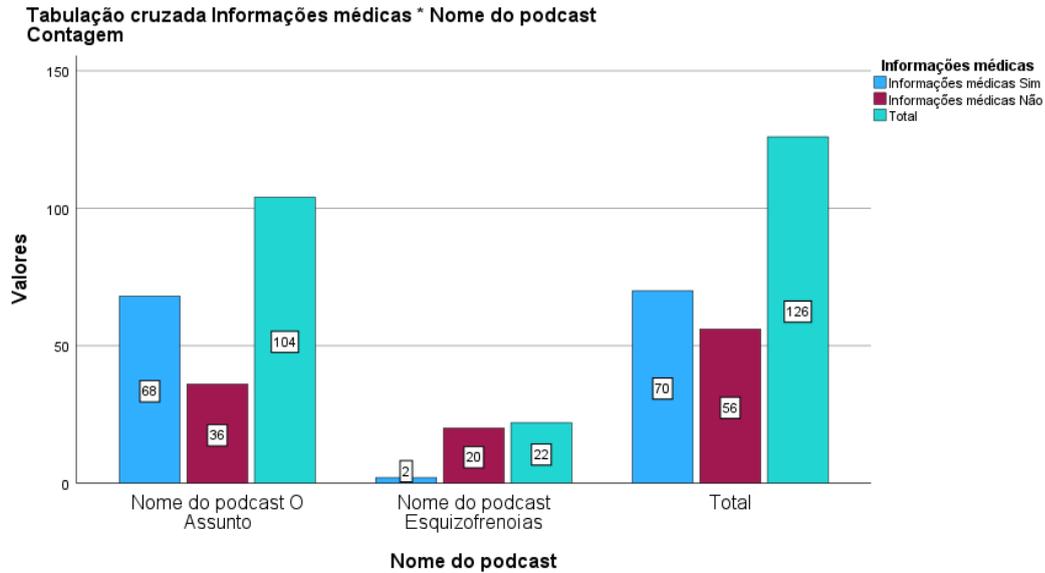
**Gráfico 11. Entrevistados primários ao *framing* do ‘O Assunto’ e do ‘Esquizofrenias’**



### 5.1.6 Informações médicas sobre a Covid-19 no ‘O Assunto’ e no ‘Esquizofrenias’

Em relação a esta variável, temos mais um abismo entre o conteúdo transmitido pelos *podcasts* em análise. Em 65,3% dos episódios do ‘O Assunto’, entrevistados que atuam no âmbito da saúde ou da ciência médica deram informações médicas. Isso aconteceu em apenas 9% dos episódios ‘Esquizofrenias’, sendo um com uma psiquiatra que falava sobre *burnout* relacionada à Covid-19 e outro através de uma pesquisa sobre como a pandemia afetou a saúde mental de moradores de uma comunidade em São Paulo.

**Gráfico 12. Informações médicas abordadas no ‘O Assunto’ e no ‘Esquizofrenias’**



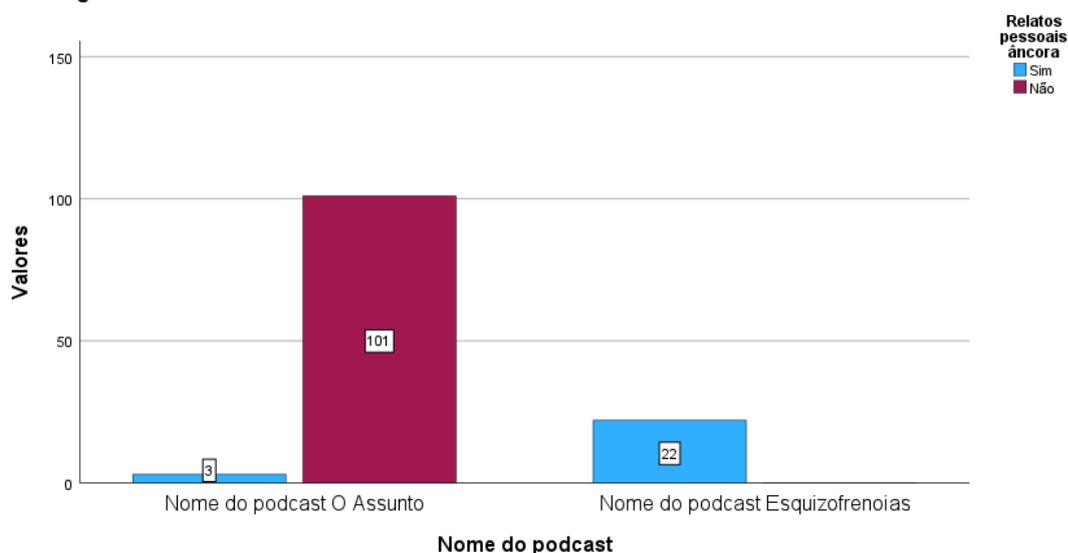
### 5.1.7 Relatos pessoais das âncoras do ‘O Assunto’ e do ‘Esquizofrenias’

Além das diferenças nos conteúdos dos episódios, as âncoras também se posicionam de modo totalmente contrário ao apresentarem os *podcasts*. Renata Lo Prete fez relatos pessoais em apenas três episódios, enquanto Amanda não passou nenhum sem trazer informações sobre ela mesma.

É válido lembrar que o padrão do ‘O Assunto’ é *hardnews*, com informações jornalísticas relevantes sobre pautas diárias gerais, enquanto o ‘Esquizofrenias’ foca em questões de saúde mental, estejam elas no noticiário atual ou não. Para além disso, e sabendo-se que Amanda é acometida por transtornos mentais, o *podcast* toma rumos sobre experiências que são intrínsecas a ela ou aos seus entrevistados.

**Gráfico 13. Relatos pessoais das âncoras no ‘O Assunto’ e no ‘Esquizofrenias’**

Tabulação cruzada Relatos pessoais âncora \* Nome do podcast  
Contagem



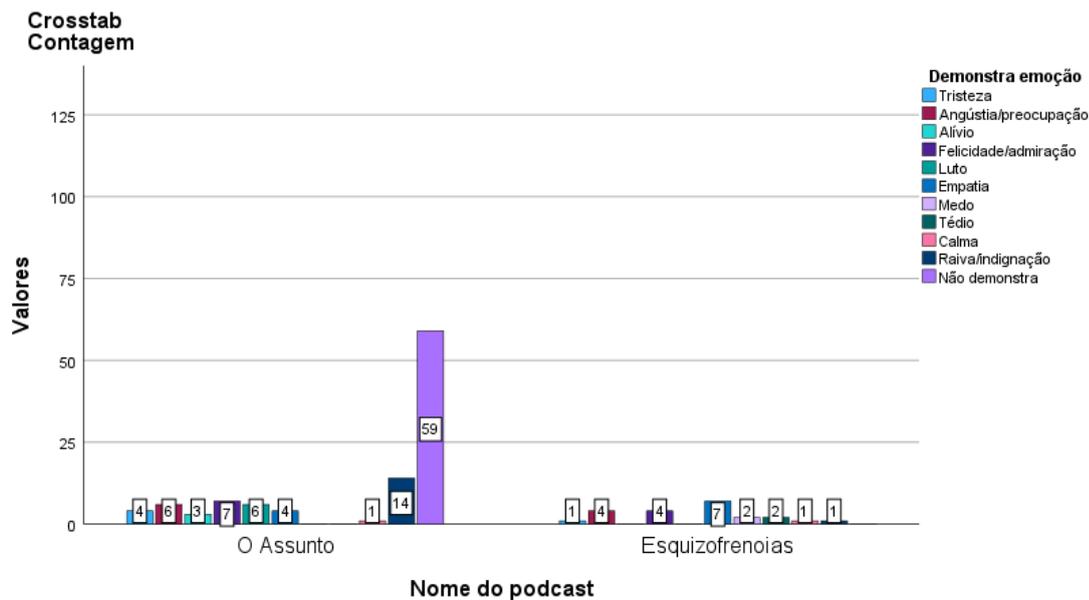
Como o qui-quadrado tem valores abaixo de 0.005 ( $<0.01$ ), percebemos que existe uma associação significativa entre as variáveis.

#### 5.1.7.1 Demonstração de emoção das âncoras do ‘O Assunto’ e do ‘Esquizofrenias’

Nossos dados mostram que há semelhança entre a variância registrada em algumas emoções nos *podcasts* em estudo, sendo angústia/preocupação, felicidade/admiração e calma os principais.

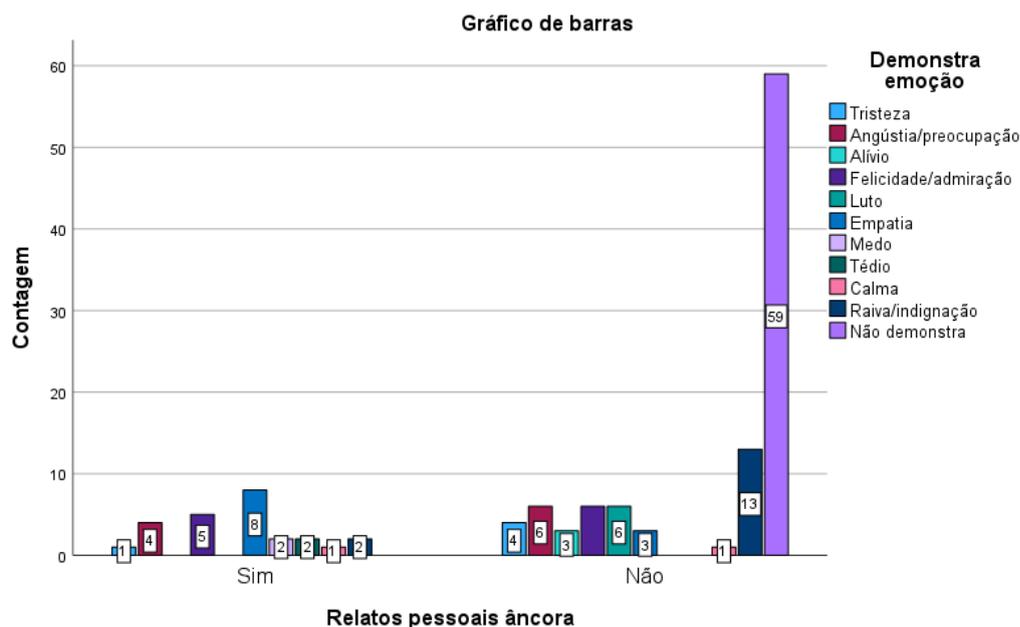
Também verificamos diferenças emocionais nas falas de Renata e Amanda. Enquanto Renata transpareceu raiva/indignação em 14 episódios (a principal demonstrada), Amanda transmitiu empatia em sete (32%), seguido por angústia/preocupação e felicidade/admiração, com quatro episódios cada. Salientamos que em mais da metade dos episódios (57%) Renata não demonstra nenhuma emoção, enquanto Amanda demonstra em todos. Medo e tédio não foram demonstrados nenhuma vez no ‘O Assunto’, enquanto alívio e luto não foram demonstrados nenhuma vez no ‘Esquizofrenias’.

Gráfico 14. Demonstrações de emoções das âncoras no ‘O Assunto’ e no ‘Esquizofrenias’



Quando analisamos cruzadamente as variáveis Relatos pessoais e Demonstração de emoção, percebemos que, quando a âncora demonstra emoção, é o sentimento de empatia que prevalece em oito episódios.

**Gráfico 15. Relatos pessoais e demonstração de emoções das âncoras no ‘O Assunto’ e no ‘Esquizofrenias’**



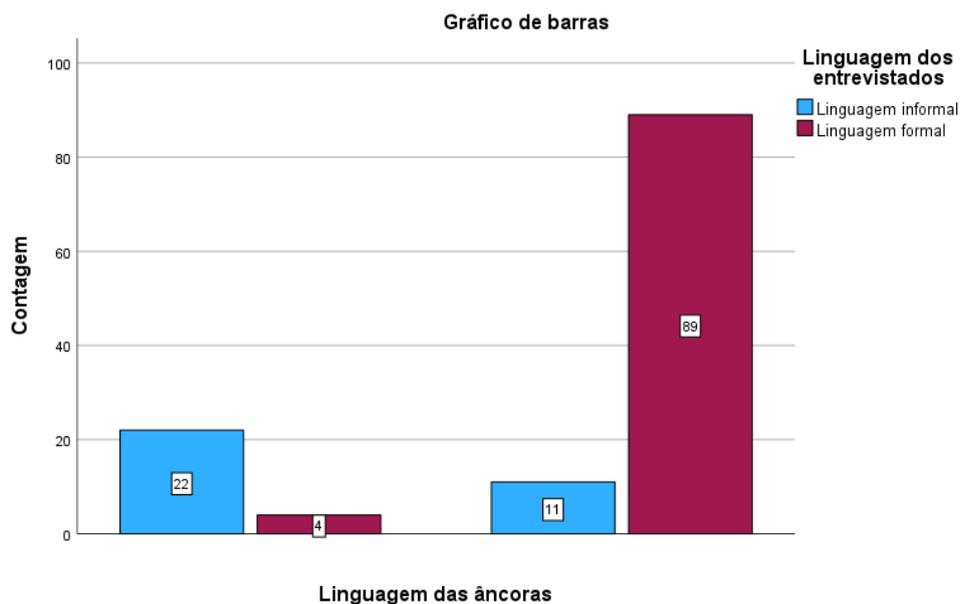
### 5.1.8 Linguagens das âncoras e dos entrevistados do ‘O Assunto’ e do ‘Esquizofrenias’

Nesta variável, foram consideradas expressões, gírias, palavras informais e até palavrões para constatar se a linguagem das âncoras e dos entrevistados eram formais ou não, enquadrados à norma erudita.

Os resultados demonstram que Renata privilegia a linguagem formal (98 vs. Amanda: 2). Esta diferença não é alheia ao tipo de público dos *podcasts*, já que o ‘Esquizofrenias’ tem alvo mais jovem que se identifica com a informalidade. Segundo Amanda, o público-alvo de seu *podcast* tem entre 24 e 35 anos, mas também há muitos ouvintes mais novos. No ‘O Assunto’, o público até 25 anos representa 16% dos espectadores.

Os entrevistados do ‘Esquizofrenias’ seguiram a mesma lógica comunicacional de serem mais informais (20 vs. ‘O Assunto’: 13). Embora seja mais alto que o da apresentadora, ainda seguem um padrão verbal da cultura erudita relacionado à seriedade que o veículo demonstra em seus episódios.

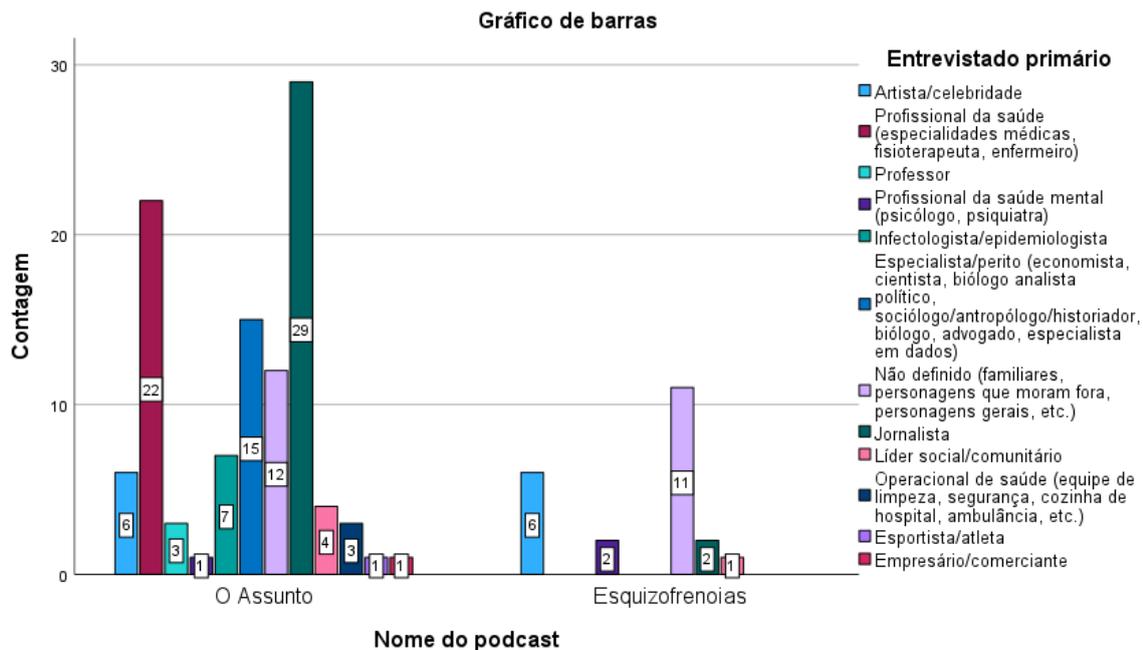
**Gráfico 16. Linguagem das âncoras e dos entrevistados do ‘O Assunto’ e do ‘Esquizofrenias’**



### 5.1.9 Entrevistados mais representados no ‘O Assunto’ e ‘Esquizofrenias’

Os jornalistas foram os entrevistados primários no ‘O Assunto’ (27,8%). Em todos os casos, eles são vinculados ao Grupo Globo e convidados para falarem de suas regiões ou suas especialidades editoriais (ex.: setorista de educação sobre o adiamento do ENEM). Depois, seguiram-se os profissionais de saúde (21%) e especialista/perito (14%).

**Gráfico 17. Entrevistados primários do ‘O Assunto’ e do ‘Esquizofrenias’**



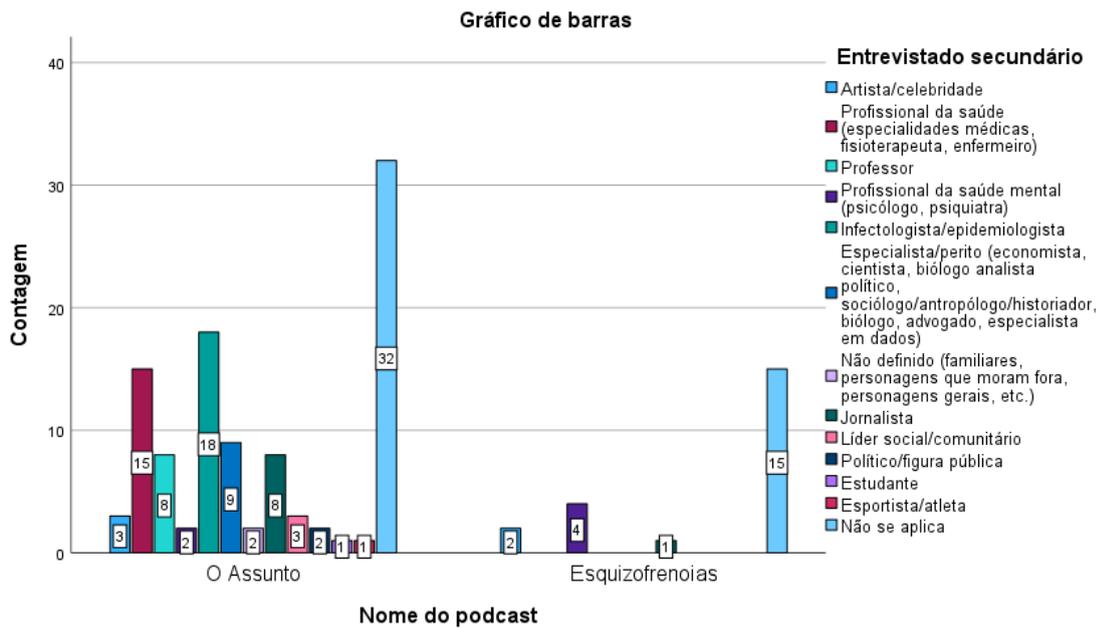
Em 11 vezes, O ‘Esquizofrenias’ privilegiou entrevistados primários dentro do que categorizamos como ‘não definido’ (familiares, personagens gerais). No Sozinho Junto, o marido de Amanda surge como um personagem que acrescenta informações ao *podcast*, mas não desenvolve uma conversa em formato de entrevista propriamente dita. Em seguida, vem os artistas (27%).

O ‘O Assunto’ é mais multifacetado quanto aos entrevistados primários, pois apresenta uma gama bastante versátil de profissionais. O ‘Esquizofrenias’ se limita a cinco.

#### 5.1.9.1 Entrevistados secundários mais representados no ‘O Assunto’ e ‘Esquizofrenias’

Na maioria dos episódios, não há entrevistados secundários no ‘O Assunto’ (31%) e no ‘Esquizofrenias’ (68%). Esse último prioriza conversas individuais, mesmo que a média de duração por episódio seja muito maior em comparação com ‘O Assunto’. Nesse caso, os entrevistados chamados para complementarem a informação do episódio com uma segunda opinião são, majoritariamente, infectologistas ou epidemiologistas (17%).

**Gráfico 18. Entrevistados secundários do ‘O Assunto’ e do ‘Esquizofrenoiás’**



Ao analisarmos o qui-quadrado de ambas as variáveis, percebemos que há equivalência entre elas. Em um paralelo com o Gráfico 17 percebemos que o ‘O Assunto’ usou bastante a combinação jornalistas + profissionais da saúde, inclusive infectologistas e epidemiologistas. Mais especificamente, essa combinação apareceu em 27 episódios (26%), demonstrando que informações factuais e jornalísticas eram atreladas a informações médicas e científicas constantemente.

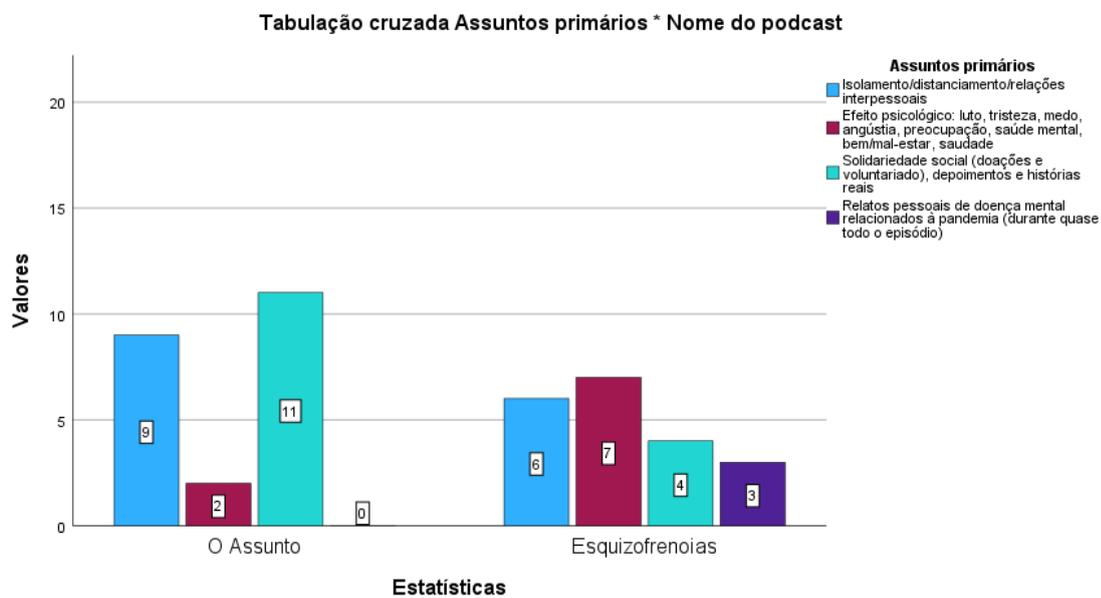
## **5.2 Comparação educucomunicativa dos *podcasts* ‘O Assunto’ e ‘Esquizofrenoiás’**

Tendo em vista a análise de conteúdo quantitativa e qualitativa sobre saúde mental dos *podcasts* apresentada no capítulo anterior, somada ao fluxograma de desenvolvimento da educomunicação (Aguaded & Delgado-Ponce, 2019), chegamos aos seguintes resultados.

### **5.2.1 Análise de conteúdo dos *podcasts* sob a perspectiva da educomunicação**

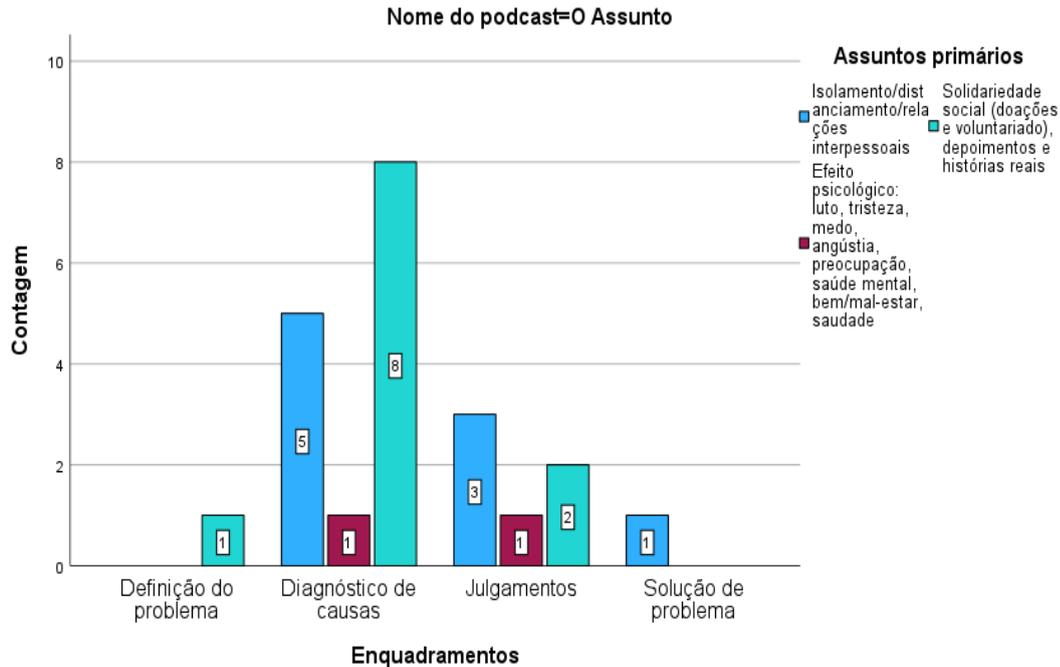
Os assuntos primários dos *podcasts* relacionados à saúde mental apresentam bastante discrepância, como Efeito psicológico no ‘Esquizofrenias’ (31,8% vs. ‘O Assunto’: 1,9%) e Relatos pessoais no mesmo (13,6% vs. ‘O Assunto’: 0%). É no *podcast* do G1 que Solidariedade social tem maior relevância, aparecendo 11 vezes como assunto primário. Isolamento/distanciamento é uma categoria que podemos dizer que se equivalem nos *podcasts*.

**Gráfico 19. Assuntos primários relacionados à saúde mental do ‘O Assunto’ e do ‘Esquizofrenias’**



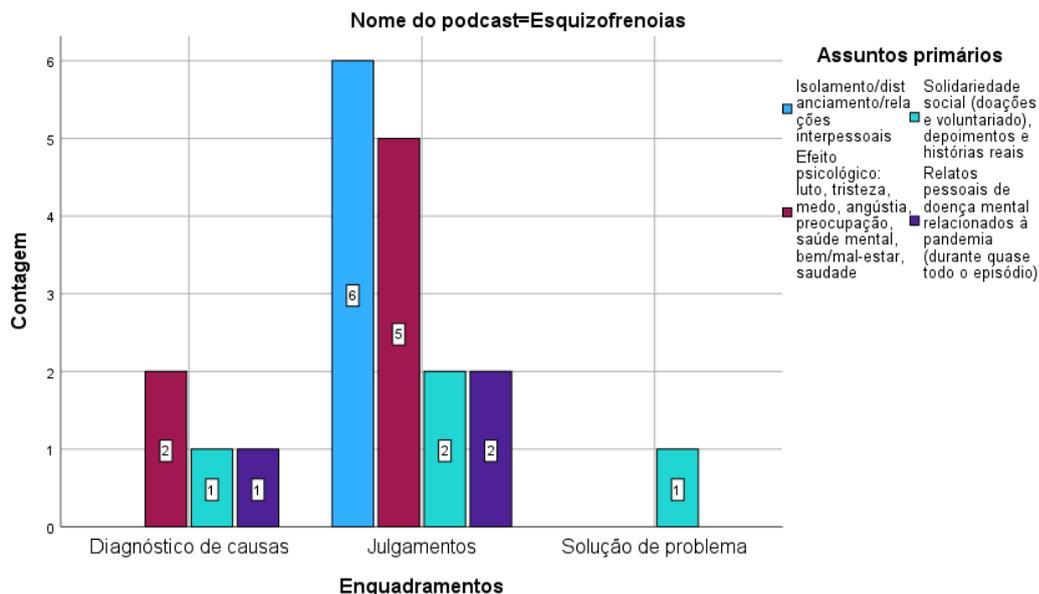
Ao alinharmos os assuntos primários relacionados à saúde mental com o *Framing*, vemos que, no ‘O Assunto’, a abordagem é muito mais relacionada ao Diagnóstico de causa. Ou seja, a entender a pandemia e os efeitos causados por ela, como as doações e apoio à sociedade, estipulados pela designação de Solidariedade social.

**Gráfico 20. Framing dos assuntos primários associados à saúde mental do ‘O Assunto’**



Quando fazemos a mesma relação com o ‘Esquizofrenias’, vemos que Isolamento é o que está mais associado a Julgamentos e interpretações morais. Compreendemos o porquê de o assunto estar nesse quadro tendo em vista que, em vários episódios, a âncora aborda a necessidade de ficar em casa versus o desrespeito de parte da população com as medidas restritivas.

**Gráfico 21. Framing dos assuntos primários associados à saúde mental do ‘Esquizofrenias’**



Ao associarmos todos esses dados à perspectiva educomunicativa, podemos denotar que as três esferas da educomunicação aparecem em ambos os *podcasts*, porém, a Comunicação está mais atrelada ao ‘O Assunto’, enquanto a Compreensão se aproxima do ‘Esquizofrenias’.

No caso do ‘O Assunto’, o Envolvimento do cidadão é um pilar que se apresenta amplamente, principalmente, no que tange a solidariedade social. Compreendemos que há interesse de informar aos espectadores o que acontece na sociedade e como todos são afetados pelo mesmo efeito.

O ‘Esquizofrenias’ já é bastante voltado ao Acolhimento e compreensão, ideologia e valores, que se refletem nos Julgamentos e interpretações morais. Sob esse olhar, Amanda e seus entrevistados parecem querer mais a aproximação do ouvinte. Também dimensionamos que a Compreensão é um pilar bastante presente na linha editorial desse *podcast* pelo fato do ‘Esquizofrenias’ abordar saúde mental em 100% dos episódios, com relatos pessoais de Amanda em 100% das vezes.

### **5.2.2 Análise fenomenológica do discurso da entrevista de Amanda Ramalho e dos *focus group* na perspectiva da educomunicação**

Uma vez que não conseguimos entrevistar Renata, é impossível fazer a comparação analítica dos discursos das apresentadoras. Na entrevista com Amanda, questionamos sobre as adaptações técnicas que ela fez para gravar o *podcast* durante a pandemia e se ela sabia o que era educomunicação (Perguntas 1 e 9, Apêndices 6 e 7). Aos participantes dos *focus group*, questionamos se tinham aprendido algo com os *podcasts* aos quais foram expostos e se os consideraram educativos (Perguntas 11, 12, 16 do Apêndice 8, 10 e 13 do Apêndice 10 e 12 e 14 do Apêndice 12). Com a análise fenomenológica, chegamos aos seguintes resultados.

#### **5.2.2.1 Pilar de Conhecimento**

Associamos a fala “nem sabia ligar uma câmera direito, demorou bastante tempo para eu entender como as pessoas conseguiam fazer com que a dinâmica de chamada por vídeo funcionasse” (Resposta 1, Apêndice 6) ao pilar de Conhecimento, principalmente aos processos

de produção e tecnologia. Isso porque a âncora demonstra que teve dificuldades pessoais para conseguir adaptar o *podcast* ao que o momento solicitava (distanciamento), embora conhecesse algumas ferramentas.

Não é, todavia, apenas nesse trecho que o Conhecimento se destaca, pois conseguimos associar formatos e meios de comunicação aos segmentos de indústria midiática, processos de produção e linguagem nas falas dos participantes: “Eu acredito que sim [são educativos], porque eles trazem algumas coisas que a gente não para pra pensar ou algumas informações que a gente não sabe (...) mesmo que cada um tenha o seu formato”. (Mateus, Apêndice 9) e “Eu acho que sim, são bem educativos. Acho que aborda temas que às vezes a gente não vê numa televisão, né? (...) Coisas que a gente se identifica e fica ‘poxa, não sou só eu que penso assim (...)’. Acho que além de ser educativo, acaba até trazendo um alívio pra gente” (Juliana, Apêndice 9).

Ao vincularmos essas percepções à reflexão de Amanda sobre o propósito do ‘Esquizofrenias’, também relacionamos o pilar de Conhecimento, além dos demais que regem a educomunicação (Aguaded & Delgado-Ponce, 2019). A apresentadora ressalta que o *podcast* e sua apresentação frente a ele refletem o intuito de ser educativo e informativo na mesma medida. Assim, de modo dinâmico, os ouvintes aprendem e desenvolvem consciência sobre o tema de forma profunda e significativa. Em um contexto de Processos de produção, tecnologia e linguagem, essa resposta encaixa perfeitamente à análise de educomunicação que estamos cumprindo nesse objetivo.

#### 5.2.2.2 Pilares de Compreensão e Comunicação

Ao questionarmos a apresentadora sobre o conceito de educomunicação e como ela o compreendia, ela diz “pela palavra eu já amo e apesar de não saber o conceito, eu suponho que o ‘Esquizofrenias’ é muito educativo.” (Resposta 9, Apêndice 7). Percebemos que ela reconhece a palavra de forma positiva atrelando a exemplos de como o ‘Esquizofrenias’ ajudou pessoas a compreenderem a saúde mental. Nesse trecho, pela nossa análise, identificamos todos os pilares da educomunicação, mas sobretudo o de Comunicação, por incluir Envolvimento do cidadão. Isso significa que ela desempenha seu papel como jornalista e tem a pretensão de fazer com que o ouvinte não apenas se informe por meio do *podcast*, mas também aprenda com ele.

Ela mesma diz isso ao complementar a resposta: “como comunicadora, eu acho que tenho que contar histórias para que as pessoas se identifiquem, criem empatia” (Resposta 9, Apêndice 7), e isso molda a forma como ela produz e edita os episódios, já que entende a importância do *storytelling*, de fontes fiáveis, de personagens cativantes e de informações seguras. Por isso, une todas essas questões a fim de criar um *podcast* educativo, informativo e que gere identificação.

É justamente o fator de reconhecimento e afinidade com o conteúdo, além do despertar do olhar social, que torna os *podcasts* educativos para alguns participantes dos grupos focais. “A partir do momento que a gente escuta eles, a gente (...) começa a parar pra pensar que ‘Isso é uma realidade para as pessoas’. A partir do momento que desperta isso em você, com certeza vai ser educativo”. (Bruno, Apêndice 9). Esse construtivismo social e o pensamento crítico alinham-se perfeitamente ao pilar Compreensão e Comunicação, que envolvem o cidadão em uma pauta social, junto à sua ideologia e valores.

Muitas respostas relacionaram o potencial educativo do conteúdo com a transmissão de uma vivência pessoal. Ou seja, para eles, foi educativo que os *podcasts* tenham abordado o que acontecia no Brasil na época da pandemia. Além disso, foi uma forma de absorção de conteúdo diferente do que se tem nas mídias tradicionais. Assim, apesar das diferenças, os *podcasts* são educativos já que levam a refletir sobre como a sociedade ou uma só pessoa são impactados por tudo o que acontece.

Paula (Apêndice 9) tem dúvida sobre a definição de conteúdo educativo, mas compreende que em ambos os *podcasts* tanto âncoras quanto entrevistados transmitiram bem como foi o sentimento de isolamento/distanciamento no início da pandemia. “Eu acho que foi mais na questão de passar o sentimento que a maioria das pessoas ali estava passando, sabe? Não sei se educativo, mas foi uma boa representação de tudo que a gente passou nesse período. Tanto um quanto o outro” (Paula, Apêndice 9).

A mesma dúvida é demonstrada no trecho “educativo é um pouquinho complicado, até pelo tipo de linguagem, como foi falado. O primeiro parecia tão *‘scriptado’*, como se as perguntas tivessem sido passadas e tal e o objetivo fosse quase que ser um jornal mesmo, para informar, e daí sim seria educativo. O segundo era mais como um relato do que aconteceu, (...) então é um pouco questionável se o objetivo era realmente educar as pessoas ou só contar como foi resolvida a situação” (Téo, Apêndice 13). Para ele, não pareceu que o objetivo dos episódios era ser educativo, mas informativo e relator.

Essas falas destacam-se na nossa análise porque os participantes não cravaram que o conteúdo é educativo. Para eles, houve mais representação da realidade do que a sensação de aprenderem algo com os conteúdos. Todavia, o pilar de Compreensão pode, sim, ser adequado a essas respostas já que houve acolhimento e compreensão sobre o que estava acontecendo no Brasil à época da pandemia, tanto que se identificaram com as sensações abordadas nos *podcasts*.

Relembramos que o padrão de assuntos do ‘O Assunto’ priorizava a Covid-19 e seus efeitos na saúde, com estatística de mortos, doentes e colapso, enquanto o ‘Esquizofrenias’ abordava como a pandemia e a cobertura jornalística sobre esse fato estava afetando a saúde mental das pessoas. Isso não inibe a relevância do conteúdo de Amanda, e ela reforça isso ao dizer que o ‘Esquizofrenias’ “não é um *podcast* para falar com amigos e jogar conversa fora” (Resposta 9, Apêndice 7). Nesse trecho, interpretamos que, para a apresentadora, o *podcast* tem uma função social, que é a difusão da informação sobre saúde e doenças mentais e o consequente apreendimento disso pelos ouvintes. Portanto, não ‘joga-se conversa fora’, mas é construído de maneira funcional e consciente de sua influência.

### **5.3 Processos de produção e decisão editorial do ‘Esquizofrenias’**

Apresentamos a análise fenomenológica do discurso dos trechos relacionados à construção dos episódios e as tomadas de decisão da âncora.

#### **5.3.1 O *spin-off* Sozinho Junto**

Dentro do ‘Esquizofrenias’, Amanda criou o *spin-off* Sozinho Junto, série que teve 20 episódios ao todo, mas, durante o período estudado, foram divulgados 11 (Spotify, n.d.). Como o próprio nome diz, os episódios relacionavam a necessidade de distanciamento trazida pelo isolamento social com o intuito de viver essa experiência em comunidade, compartilhando sentimentos de medo, solidão, tédio, preocupação, etc.

No que diz respeito à construção do ‘Esquizofrenias’, o Sozinho Junto foi um projeto totalmente voltado à pandemia, surgindo da necessidade da âncora de compartilhar momentos e exercer sua função como comunicadora. Uma vez que a mídia tradicional abordava o contexto pandêmico de forma abundante, Amanda deu outra perspectiva a essas notícias. “Tava uma

situação bem merda, bem ruim, e eu queria que as pessoas tivessem um mínimo de entretenimento (...) “tentava reunir tudo o que tinha acontecido e comentar, mas não queria falar só da parte ruim, queria falar de todo o cotidiano” (Resposta 2, Apêndice 7).

Com essa resposta, interpretamos que Amanda queria compartilhar com o público suas vivências pessoais e diárias relacionadas à pandemia, mesmo que não tivessem, necessariamente, a ver com saúde mental ou com pautas factuais que os jornais tradicionais noticiavam. Para ela, o mais importante era trazer certo tipo de entretenimento e conforto aos ouvintes por demonstrar que estava passando pela mesma situação que eles. Assim, estavam sozinhos, isolados, mas juntos, por compartilharem as mesmas angústias e sentimentos durante a pandemia.

Ao longo do tempo, o marido de Amanda, que antes dizia apenas uma frase ao final do episódio, começou a fazer participações mais longas no *spin-off*, o que foi uma decisão da apresentadora. “Como eu moro com o Vinicius, ele fazia uma participação muito pequena porque era mais pra eu contar minha história mesmo.” (Resposta 2, Apêndice 7) [...] “o Dicas do Vinicius (cantarola a abertura e ri) foi uma mudança bem brusca porque eu queria mostrar a realidade (...) estava todo mundo sozinho em casa e só dava para conversar pessoalmente com quem mora com você” (Resposta 2, Apêndice 7). A decisão foi uma representação sobre como era compartilhar a rotina diária com a família, conversando desde filmes e séries a legislações relacionadas à pandemia.

### **5.3.2 A Covid-19 como foco nos episódios do ‘Esquizofrenias’**

Embora Amanda não fizesse da pandemia o assunto principal, falar sobre ele era inevitável, pois os efeitos da Covid-19 em todos os setores eram devastadores. Para ter uma abordagem diferente da mídia tradicional, recheada de números e estatísticas, ela decidiu dar voz a personagens ou comentar algo que a impactasse diretamente, como as medidas restritivas e a obrigatoriedade do uso de máscaras.

Ela afirma que, no início, não queria criar episódios sobre a pandemia, mas mudou de opinião após o conselho do psicólogo. “Meu terapeuta me encorajou dizendo que as pessoas precisavam se sentir em comunidade naquele momento” (Resposta 3, Apêndice 9). A partir de seu sentido vivencial e experiência com questões mentais, ela percebeu que poderia ser uma fonte de informação segura e identitária para quem sofria com as mesmas dificuldades.

“Naquela época a gente falava muito menos de saúde mental, então, quando eu comecei a abordar a Covid-19 no *podcast* eu meio que me tornei uma companheira do dia a dia para que as pessoas se identificassem com aquele momento de insegurança, de mudança mental” (Resposta 3, Apêndice 7).

No trecho “Eu recebia uns áudios das pessoas contando como estava sendo a pandemia e tentava relacionar ao meu conteúdo” (Resposta 3, Apêndice 7), vemos que Amanda não se afastou de sua formação jornalística, pois fontes a procuravam para contarem suas histórias. A partir disso, ela avaliava a melhor maneira de encaixar o contexto pandêmico à sua linha editorial, como em: “na Itália a pandemia aconteceu primeiro (...) achei importante trazer isso porque no Brasil a gente ainda estava numa fase muito acreditando que seria mais básico (...) depois que o mundo começou a acabar e eu falei, beleza, preciso levar isso para o *podcast*”. (Resposta 3, Apêndice 7). Ou seja, para construir os episódios, Amanda se baseava no que acontecia no Brasil e no mundo, e contava com a ajuda de personagens.

#### 5.3.2.1 Os assuntos prioritários relacionados à pandemia e à saúde mental

Amanda decidiu falar sobre pandemia no ‘Esquizofrenias’, mas sob a perspectiva de saúde mental e, para isso, elencou certa prioridade. “Eu determinei intercalar informações e dicas sobre o que estava acontecendo no mundo com histórias da pandemia. (...) Fui percebendo ao longo das primeiras semanas que as coisas começaram a ficar pesadas. E aí eu me pegava pensando ‘será que a gente tá triste demais?’. Foi quando eu decidi dar um tempo de ‘notícia ruim’ e fazer com que as pessoas se entretessem mais e desviassem um pouco das notícias horríveis por meio de entretenimento. Entretenimento leve”. (Resposta 4, Apêndice 7).

Pela análise do trecho acima, percebemos que Amanda notava que o cotidiano estava pesado e tenso. A partir disso, refletiu se as pessoas estavam tão tristes quanto ela e esse pensamento foi determinante para decidir que entretenimento leve seria uma prioridade para o *podcast* e seus respectivos conteúdos. Essa tomada de decisão também tinha a ver com as mudanças de comportamento que a âncora notou. “A gente tava ansioso com as notícias, tinha um zilhão de grupos sendo criados no WhatsApp, aquela correria de *home office*, chamadas de vídeo, e aí veio o entretenimento leve pra gente se sentir tranquilo, no sentido de ‘vou ver alguma imbecilidade pra me distrair’. (...) Todo mundo começou a ficar num excesso de

produtividade absurdo (...) fazer mil coisas, e eu só: cara, meu Deus, vai todo mundo bugar com isso em algum momento, vem aí o Burnout” (Resposta 4, Apêndice 7).

Amanda demonstra que ela mesma ficava ansiosa com as inúmeras atividades e adaptações que estavam havendo na pandemia. Por isso, ainda não sabia como adaptar o seu conteúdo, apenas que não gostaria de fazer as pessoas ficarem ainda mais estressadas e afetadas com a quantidade de informações. Com isso, entendemos que a prioridade da jornalista era transmitir ao público aquilo que ela sentia com a pandemia ou o que os ouvintes sentiam e repassavam para ela. Nesse sentido, o conteúdo foi pautado em emoções e sentimentos.

### **5.3.3 A saúde mental como foco nos episódios do ‘Esquizofrenias’**

Ao colocar a saúde, as doenças e os sintomas mentais como base para a construção dos episódios do ‘Esquizofrenias’ durante a pandemia, entendemos que Amanda compreendeu seu papel como jornalista e como veículo de comunicação. Isso porque a apresentadora estudou a melhor maneira de produzir um episódio, focando em informações fiáveis e de interesse público, mas sobretudo que fizesse as pessoas entenderem sobre saúde mental e pandemia de maneira relacionada e não apenas explicativa. O trecho “Meu *podcast* é sobre saúde mental, então esse sempre vai ser o tópico base para que eu desenvolva um episódio. Mas (...) lógico, vejo jornal, então me baseio pelo que está sendo pautado na imprensa e na mídia”. (Resposta 5, Apêndice 7) exemplifica essa análise.

Essa mesma resposta demonstra que assuntos factuais e a constante abordagem midiática sobre a pandemia influenciavam a apresentadora a decidir suas pautas. Esse foi o caso de uma reportagem que ela viu na TV, julgou interessante e levou ao *podcast* sobre como as pessoas de uma comunidade de São Paulo não sabiam identificar o que era ansiedade e se a tinham desenvolvido durante a pandemia. Os pesquisadores, então, mudaram a abordagem e passaram a questionar se os moradores estavam com medo, nervosos, se sentindo angustiados.

Por ter o olhar sobre a pandemia voltado a questões sociais e psicológicas, Amanda disse que as pessoas começaram a procurá-la como um serviço público. “As pessoas chegaram até mim pedindo ajuda real, tipo ‘como é isso de terapia online? Você conhece algum lugar que faça terapia de graça?’. Ou seja, a comunidade começou a aumentar de uma maneira mais real. As pessoas ainda tinham meias palavras para perguntar sobre depressão e pela primeira vez se sentiram mais vulneráveis e conseguiram perceber que, talvez, era isso que estavam

desenvolvendo (...) Também recebi muito pedido de ‘faz um episódio sobre isso, sobre aquilo’ porque não estavam encontrando informação suficiente ou de forma esclarecida.” (Resposta 5, Apêndice 7). Os ouvintes se tornaram muito mais ativos e buscavam a informação, a pautando, não apenas aguardando a mensagem. Esse papel proativo ajudou a jornalista a desenvolver os próximos conteúdos.

#### **5.3.4 Os entrevistados e os cuidados éticos do ‘Esquizofrenias’**

Um episódio em questão teve a comedianta Bruna Braga como entrevistada. Ela falou sobre suicídio, assunto tabu na mídia, mas que Amanda considerou extremamente relevante abordar. “O episódio fala sobre o planejamento para cometer suicídio. Cara, esse episódio foi surreal de pesado porque é um assunto muito, muito difícil pra gente ouvir. Eu também convivo com questões de saúde mental e pensar naquilo tudo que ela falou me afeta muito, sabe? Eu sabia que isso podia acontecer com os ouvintes também, então cortei algumas partes e direcionei a conversa pra outros lugares em alguns momentos.” (Resposta 6, Apêndice 7).

Na confissão acima, vemos que a apresentadora se coloca no lugar do público, que ouviria o episódio, porque também sofre com doenças mentais e tentou suicídio. Portanto, ouvir alguém falar sobre um tema que a afeta é complexo, mas ainda assim, importante de ser abordado. Ao tomar essa decisão, é totalmente visível que Amanda entende seu papel como comunicadora e jornalista, os cuidados éticos que precisa ter para falar sobre assuntos como o suicídio, mas, ainda assim, encontra formas de abordar a temática de modo informativo, relevante e consciente.

A construção de roteiro para retratar um tema sensível e fazer com que a mensagem chegue de modo responsável ao receptor faz com que Amanda escolha seus entrevistados de modo mais meticuloso. “Todas as entrevistas que faço, eu vou avaliando, pensando se é uma história mais delicada, se dá para comunicar como está ou se precisa de edição, como é o caso de comunicar sobre suicídio. Quando eu percebo que o entrevistado tá indo muito pesado, eu trago ele pra coisas mais leves.” (Resposta 6, Apêndice 7). Não à toa, ela revela que nunca chamou um dos principais *youtubers* do Brasil, Whindersson Nunes, para o seu *podcast* por não gostar da maneira como ele comunica depressão.

Diante disso, Amanda demonstra que constrói o *podcast* de maneira informativa, sem ser apelativa ou excessiva na quantidade de carga emocional. Essa noção advém de sua

formação acadêmica: “Eu sou jornalista de formação, então há anos que eu ouço sobre efeito contágio, sobre ética no jornalismo, sobre os cuidados que um jornalista precisa ter ao abordar determinados assuntos.” (Resposta 6, Apêndice 7).

Sua tomada de decisão parte do fator agregador para a população no que diz respeito às doenças mentais. “[O episódio da Bruna Braga repercutiu muito] e eu recebi muitos e-mails depois disso, também enviaram muitas mensagens pra ela pra dizer que pensavam o mesmo e ainda bem que ouviram o *podcast*.” (Resposta 6, Apêndice 7). Essa relação ética com o jornalismo e a necessidade, na perspectiva da apresentadora, de falar sobre temáticas mentais e por vezes difíceis, vai desde a escolha de um entrevistado até a veiculação do episódio.

### 5.3.5 O público juvenil como ouvinte do ‘Esquizofrenias’

Amanda declara que seu público primário tem entre 25 e 34 anos, mas que em segundo lugar vem a faixa juvenil, entre 15 e 24. A faixa etária do público, todavia, não é determinante para a construção dos episódios, mas sim o discernimento que os ouvintes criam após escutarem o ‘Esquizofrenias’. “Eu tenho que pensar na pessoa que está ouvindo o *podcast* pela primeira vez, sabe? Ela vai ouvir, vai jogar a palavra no Google e vai chegar a outras informações sobre aquilo, mas é importante que também essa pessoa consiga extrair o máximo de conteúdo do *podcast* que está ouvindo porque é um assunto sério, e isso pode ajudá-la a entender onde ela está, o que ela sente”. (Resposta 7, Apêndice 7).

Essa preocupação com o momento pós episódio leva a âncora a ter cuidados técnicos com a construção do conteúdo, quando diz que “as pessoas precisam saber sobre o que eu estou falando, precisam entender, mas de uma maneira mais simples e direta, não informativa por si só. (...) Acho que os dados, o gráfico, precisa se tornar coisa da vida real porque daí a pessoa desenvolve empatia e consegue entender o que o outro está sentindo. Isso torna o *podcast* mais humano.” (Resposta 7, Apêndice 7). O cuidado ao planejar, criar, conduzir e editar o conteúdo está muito ligado à sua preocupação com o entendimento das pessoas. Por isso, preza por algo mais direto, simples e informal. Além disso, Amanda foca na humanização do conteúdo e no desenvolvimento da empatia, agregando conhecimento a uma grande comunidade de pessoas que têm as mesmas condições mentais ou convivem com pessoas que têm.

É também devido a isso que Amanda diz que tenta “fazer o *podcast* de maneira didática, mas sem ser professoral. (...) [Pois] uma falha de comunicação que acontece com muita

frequência (...) é que as pessoas não contextualizam sobre o que estão falando, então muita gente pega o bonde andando sem saber exatamente do que se trata o assunto.” (Resposta 7, Apêndice 7). Sua crítica é vinculada a outros veículos/fontes de informação que abordam os mais variados temas sem a contextualização necessária. Assim, o conteúdo fica incompleto, o que pode prejudicar a compreensão da mensagem pelo receptor.

Pela linguagem que Amanda utiliza em seu *podcast*, percebemos que não ela quer falhar com o receptor. Isso significa que ela quer se fazer entendida por qualquer pessoa que ouça o ‘Esquizofrenias’, sendo didática com o conteúdo. Se for apenas informativa, sente que pode haver uma comunicação conturbada, por isso, se aprofunda e fala sem termos técnicos ou difíceis - se faz isso, explica-os. Essa é uma maneira de se aproximar do público jovem e fidelizar seus ouvintes.

### **5.3.6 A influência de Amanda Ramalho na Amanda jornalista na condução do ‘Esquizofrenias’**

Os sentidos vivenciais são parte importante da análise fenomenológica do discurso, já que as experiências pessoais têm grande influência em como percebemos o mundo e então avaliamos valores, ideologias e opiniões. Por isso, entender como a pessoa Amanda, acometida por ansiedade, dentro do espectro autista e afetada por outras questões mentais, influenciou as tomadas de decisão e a construção dos episódios da Amanda jornalista, com mais de uma década de carreira.

Em suas respostas, percebemos que, pessoalmente e profissionalmente falando, Amanda mostra-se muito vulnerável sobre como foi afetada com a pandemia, assim como seus ouvintes. Embora continuasse a produzir e publicar os episódios, houve alterações em seu humor ao fazer isso: “Quando a pandemia começou, eu achava que tinha que produzir, produzir, produzir. Eu tentava ter controle da pandemia e até demorei pra ficar mal, mas quando eu fiquei... eu sei as entrevistas que eu to mal” (Resposta 8, Apêndice 7). Esse trecho também serve para identificarmos uma marca linguística, pois foi um dos momentos em que Amanda mais ficou em silêncio e respirou fundo para completar o que dizia. A pausa se refere à lembrança de uma fase ruim que a atingiu, mas por mais difícil que fosse, ela cumpria com o propósito de terminar o episódio.

Essa dificuldade se tornou justificativa para que a Covid-19 não fosse prioritária no ‘Esquizofrenias’. Para Amanda, era muito mais importante colocar a doença e seus impactos em um contexto, fosse ou não de saúde mental, do que evidenciá-la durante um episódio inteiro, o que trazia um respiro ao público. “Eu tentava falar sobre assuntos sem dar foco na pandemia (...) Eu já tava me sentindo mal, as pessoas já estavam se sentindo mal, já tava tudo meio ruim, sabe? Então eu puxava pra algo da infância, deixava o bloco da pandemia menor e ia construindo o episódio dessa forma. Lógico, não procurei ir para um lado de positividade tóxica (...), mas tentava transformar em algo mais informativo” (Resposta 8, Apêndice 7).

“Produtividade tóxica” é uma expressão que Amanda usou em alguns episódios e relatou em dois momentos da entrevista. No trecho anterior e quando diz “achava que tinha que produzir, produzir, produzir”. Interpreta-se que, durante a pandemia, ninguém estava bem, por isso, recorrer a muitas atividades ou ficar falando excessivamente sobre outros temas, que não o impacto da pandemia na vida das pessoas, podia soar como tóxico e até forjado.

#### **5.4 Análise fenomenológica do discurso dos *focus group* sobre os podcasts ‘O Assunto’ e ‘Esquizofrenias’**

A fim de concentrar apenas os enxertos mais relevantes serão apresentados os principais resultados da análise dos três *focus group* reunidos na mesma dimensão.

##### **5.4.1 Dimensão Covid-19**

Perguntamos sobre os primeiros pensamentos que os participantes tiveram quando souberam da Covid-19, o que sentiram quando a primeira brasileira foi vacinada e se tiveram algum conhecido infectado. As respondentes foram cinco mulheres entre 20 a 24 anos e uma entre 15 e 19 anos.

As impressões registradas foram: “Eu achei que não seria tão feio assim [no Brasil] (Luara, Apêndice 9), “eu achei que não ia chegar ao Brasil” (Paula, Apêndice 9) e “eu achei que ia ser uma coisa bobinha (...) que vai ficar só por lá e não vai vir pra cá” (Sabrina, Apêndice 13). Notamos que as pessoas não acreditavam que a doença causada pelo novo coronavírus se tornaria uma pandemia, muito menos que o Brasil seria afetado.

São nos sentidos vivenciais, ao relatarem o que houve com familiares “eu estou contaminada, meu pai está contaminado e aí entra aquela culpa também de falar, poxa, ele estava bem e eu passei para ele, né? Tipo, se ele morrer, uma culpa que eu vou carregar”. (Juliana, Apêndice 11) ou o que poderia acontecer de forma mais prática, como a perda do emprego (Geovana e Sabrina, Apêndice 13), que percebemos a real identificação e senso de calamidade que o vírus causaria.

Os sentimentos das jovens foram compartilhados, tanto ao serem surpreendidas com a doença no Brasil, quanto ao serem afetadas pela Covid-19 direta ou indiretamente.

#### **5.4.2 Dimensão Juventude e Sociedade**

Quisemos saber como os integrantes lidaram com o isolamento social, a solidão e a necessidade de ficar em casa e se, durante a pandemia, haviam descoberto algo pessoal, como um hobby, um hábito e até questões de sexualidade. Os respondentes foram três homens e quatro mulheres entre 20 a 24 anos, e dois homens e uma mulher entre 15 e 19 anos.

A partir dos recortes “eu senti que foi um ano roubado de mim” (Luara, Apêndice 9), “a ansiedade aumentou muito” (Juliana, Apêndice 11), “depois foi muito desgastante” (Mateus, Apêndice 11) e “não foi tão fácil, porque eu sempre costumava sair ao fim de semana, eu gostava disso, e daí tive que ficar em casa” (Olívia, Apêndice 13), notamos que a pandemia tirou momentos corriqueiros e felizes das pessoas, fazendo com que elas se sentissem “roubadas”. Porém, por meio das marcas linguísticas “por esse lado, foi bom para eu viver um pouco do que tinha perdido com eles [família]” (Luara, Apêndice 9) e “nos primeiros seis meses foi uma experiência um pouco boa” (Mateus, Apêndice 11), vemos que também houve momentos em que usufruíram do isolamento.

Há duas expressões de sentido figurado nos trechos “descobri que sou amante de plantas, mãe de planta mesmo” (Sabrina, Apêndice 13) e “descobri que eu sou uma senhora de uns 80 anos” (Fernanda, apêndice 13), que foram ditas e arrancaram sorrisos dos demais respondentes. Essas respostas leves revelam motivações e percepções sobre como a pandemia as afetou pessoalmente.

Com relação aos sentidos vivenciais, notamos que todos os participantes passaram por alguma alteração na sua percepção de mundo, seja na escola, no trabalho ou na vida pessoal. O

trecho “senti que foi um ciclo que não se fechou” (Luara, Apêndice 9) revela uma mágoa com relação à Covid-19 ter surgido no último ano da faculdade. No entanto, apesar das concessões e adaptações (Luara, Mateus, Otávio, Sabrina, Fernanda & Carlos, Apêndices 9, 11 e 13), lidaram bem com o isolamento social por meio dos hobbies que adquiriram, sendo um deles o hábito do estudo, que fez Otávio passar no vestibular.

Na fala “A gente passava muito tempo na internet e tudo era relacionado a isso. Então, acho que a ansiedade aumentou” (Juliana, Apêndice 11) interpretamos a ansiedade como um sentimento despertado com o isolamento social, não necessariamente a doença.

Por meio da compreensão hermenêutica, essa dimensão traz à tona diferentes lembranças relacionadas ao período pandêmico. Enquanto alguns participantes demonstram muitos pontos negativos que a pandemia acarretou, outros destacam lados positivos, como o desenvolvimento de hobbies e a aproximação com a família. São as mulheres ou as pessoas mais velhas que destacam o “lado ruim” da pandemia, enquanto os homens ou os mais jovens veem de maneira otimista.

### **5.4.3 Dimensão Saúde/Doença Mental**

Queríamos perceber o que os jovens entendem como saúde ou doença mental. Para isso, perguntamos o que, para eles, era saúde ou doenças mentais e se alguém tinha alguma doença mental diagnosticada. Os respondentes foram quatro mulheres entre 20 a 24 anos e duas mulheres entre 15 e 19 anos. Como na dimensão anterior, podemos deduzir que a saúde mental feminina foi mais atingida que a saúde mental masculina ou, ao menos, as mulheres são mais suscetíveis a falar sobre o assunto que os homens.

Fizemos os seguintes recortes: “Tem que manter e sempre cuidar pra não ficar doido da cabeça”. (Verônica, apêndice 9) [...] “Doenças mentais é algo que a gente não percebe, mas pode estar acontecendo com a gente” (Luara, apêndice 9) [...] “Depois da pandemia, é um assunto que ficou muito em alta porque com o isolamento as pessoas começaram a desenvolver muitas coisas que antes elas nem percebiam”. (Paula, apêndice 9). [...] “Para mim, saúde mental é como uma definição de paz” (Roberta, Apêndice 11).

Optamos por vários recortes nessa dimensão devido aos relatos pessoais que foram trazidos durante os *focus group* e que nos fazem entender a fenomenologia do discurso de modo mais tangível. A partir de sentidos vivenciais, experiências intrínsecas e uma clara percepção

mental, as participantes discorrem sobre o tema, abordando como elas se sentiram durante a pandemia, como as pessoas desenvolveram questões mentais nesse mesmo período, e porquê o assunto se tornou tão corriqueiro.

Há uma resposta em que os critérios da fenomenologia do discurso são ainda mais perceptíveis, que é quando uma participante relata ser acometida por um transtorno mental. “Eu já fui diagnosticada com depressão, ansiedade, bipolaridade, um monte de coisa (...) É um processo bem doloroso chegar num diagnóstico (...) até o final do ano [serei] diagnosticada com *borderline*. [...] Eu sempre falei que eu era meio bipolar, que eu era meio... todo mundo falava que eu era meio bipolar, só que na verdade não era. [...] A minha psiquiatra e psicólogos falaram: ‘o ruim é que não tem cura, tem tratamento’, mas é muito difícil ter um relacionamento com o Huck. [...] Você fica 24 horas pensando só coisa ruim, mesmo que seja um relacionamento tranquilo, porque a tua cabeça não para. Também não pode tomar remédio constante. Você toma, tranquiliza a crise, aí para, daí tem que esperar o próximo surto vir para começar a tomar remédio de novo porque senão acaba parando de fazer efeito [...]. Eu me relaciono com uma pessoa diagnosticada com TDAH, que é o meu marido, (...) um relacionamento bem difícil”. (Roberta, Apêndice 11).

No trecho em que a participante diz que “é muito difícil ter um relacionamento com o Huck”, entendemos que as pessoas evitam ou acham difícil se relacionarem com pessoas explosivas e impulsivas, no caso dela, acometida por *borderline*. Verificamos ainda marcas linguísticas de respiração profunda, pausas e gaguejos em toda a sua fala, demonstrando nervosismo, mas também uma busca sobre seus sentimentos com relação ao diagnóstico e a como se porta. Esse relato é muito importante para entendermos a ligação que a ouvinte faz com os *podcasts* mostrados posteriormente, mesmo que, até esse momento, ela não tenha tido contato com eles. A partir de outros relatos parecidos, pode haver identificação e vontade de compartilhar histórias, o que interpretamos como coletividade e envolvimento social, tornando o assunto de saúde mental algo relevante para uma grande gama de pessoas.

As mesmas características, de nervosismo, inquietação e respiros mais longos, apontadas anteriormente, nós notamos nos trechos “a primeira coisa que vem na cabeça é depressão, de estalo (...) acho que é um dos pontos mais fortes que está tendo hoje em dia no Brasil” (Geovana, Apêndice 13). [...] “Eu não cheguei a ir no médico porque nunca tenho tempo e nem dinheiro, nem nada (...) mas eu tive crise de ansiedade durante a pandemia, não conseguia respirar”. [...] “Meu tio se matou com depressão no meio da pandemia. O meu ex-marido descobriu que é esquizofrênico” (Fernanda, Apêndice 13). Por meio delas, interpretamos uma

linha tênue entre as marcas linguísticas e os sentidos vivenciais com relação ao conhecimento sobre doenças mentais. A pergunta foi se eles sabiam o que é saúde mental e doenças mentais, mas as respostas trouxeram imediatamente distúrbios e relatos sobre seus pontos de vista ou até mesmo a casos pessoais.

Nos trechos “é uma coisa que a gente deveria estar falando há anos, mas é um pouco triste que a gente está falando sobre isso agora, quando todo mundo colapsou” (Luara, apêndice 9) e “com o isolamento as pessoas começaram a desenvolver muitas coisas que antes elas nem percebiam, a gente começou a se conhecer mais” (Paula, apêndice 9) notamos que havia um desejo de saber mais sobre saúde e doença mental antes da pandemia, mas isso não ocorreu. O assunto só se tornou pauta quando houve um evento mundial que afetou a saúde mental de milhões de pessoas.

#### **5.4.4 Dimensão Comunicação, Mídia e Jornalismo**

Com o objetivo de perceber a relação dos jovens com a mídia e com as notícias no período pandêmico, bem como ter uma indicação de quantos ouvem *podcasts* e os principais gêneros, perguntamos se haviam acompanhado notícias durante a pandemia, o que acharam do volume de informações e se gostavam de *podcasts*. Pela primeira vez em todas as dimensões, todos os presentes de um grupo focal responderam. Ao todo, foram cinco mulheres e três homens entre 20 a 24 anos e três mulheres e três homens entre 15 e 19 anos.

Os recortes discursivos serão separados em duas partes - mídia e imprensa e consumo de *podcasts*. No que trata do primeiro, a maior parte dos intervenientes manifestou um certo excesso que se revelou de várias maneiras: “Não que não fosse uma coisa assustadora, mas era muita notícia desesperadora (...) Eu não assistia tanto jornal porque só falava de Covid (...) às vezes a gente queria dar um ar, assistir uma coisa mais tranquila e não tinha”. (Bruno, Apêndice 9) [...] “Era muito chato ficar assistindo” (José, Apêndice 9) [...] “Acho que foi um pouco sufocante porque ao mesmo tempo que eu queria saber o que estava acontecendo, percebi que aquilo me afetou muito negativamente (...) até hoje preciso me policiar e evito alguns assuntos que são tragédias” [...] “Você liga um jornal (...) aí começa “criança encontrada morta, cachorro torturado” às 7 horas da manhã, entendeu? É uma coisa que você traz para você. Então o dia inteiro vai ser pesado”. (Mateus, Apêndice 11) [...] “Eu assistia jornal porque a gente não tinha muito o que fazer (...) Eu gostava, mas realmente quando é em excesso, só faz mal”. (Olívia,

Apêndice 13) [...] “Eles sempre falavam que quem ia para o hospital ficava entubado, era uma sentença de morte” (Sabrina, Apêndice 13).

Percebemos a frustração dos respondentes com a programação jornalística durante a pandemia, pois ao mesmo tempo que entendiam a gravidade do assunto e a necessidade de noticiamento da Covid-19, foram imersos nesse contexto até quando não queriam. Para Mateus, a frequência de notícias de caráter “trágico” fez tão mal, que até “hoje precisa se policiar” para não ser afetado por essa carga noticiosa novamente.

Na nossa visão, as falas demonstram que os jovens foram afetados pela constante divulgação jornalística sobre a pandemia, considerando o volume excessivo a que eram expostos. Isso fez com que esse perfil de espectador consumisse menos notícias e até hoje precise limitar a quantidade e o viés de informações jornalísticas que recebe. Entendemos que a mídia pode ter influenciado no aumento da ansiedade e depressão desenvolvida por esse grupo durante o período pandêmico.

Quanto ao consumo de *podcasts*, registramos manifestações mais positivas.

Há quem prefira podcasts jornalísticos: “Café da Manhã”, da Folha, e Estadão Notícias (Luara, Apêndice 9), [...] “Escuto o Café da Manhã, da Folha” (Carlos, Apêndice 13) e [...] “Ouvi bastante o ‘Xadrez Verbal’ que tinha o Átila Iamarino e ele fazia participação especial toda semana (...) era meio que minha principal fonte de informação durante a pandemia. Só que teve um momento que deu, não aguentava mais. Era muita informação de Covid e também muita, muita *fake news*.” (Mateus, Apêndice 11).

Quem prefira os temáticos e segmentados: “mais voltado pra história ou até conteúdo jornalístico mais quando se trata de política de contexto jurídico” (Bruno, Apêndice 9), [...] “Assisto muito também, mas eu gosto daqueles que contam história do passado” (José, Apêndice 9), [...] “De cultura pop e também de política” (Mateus, Apêndice 11), “Eu gosto de ver fofoca, baixaria” (Roberta, Apêndice 11), [...] “Gosto de assistir em vários canais de diversidade, tipo as famosas falando sobre a vida delas” (Clara, Apêndice 11), [...] e “Eu gosto de *podcast* de fofoca” (Olívia, Apêndice 13).

Quem se interesse pelos de saúde mental: “Ultimamente tenho escutado uns de saúde mental (...) é uma mesa de bar na web” (Luara, Apêndice 9) [...] e “Até escutei alguns de saúde mental, mas não tenho muito costume. Também não tenho tempo” (Sabrina, Apêndice 13).

Quem não ouça ou não tenha preferência por tema: “Eu gosto de *podcast*, mas acabo não ouvindo muito por não saber exatamente aonde achar” (Paula, Apêndice 9), [...] “Eu gosto de *podcast* de modo geral, não tem muito um tema”. (Otávio, Apêndice 11), [...] “Eu não ouço. Tenho vontade. Às vezes eu vejo, fico querendo assistir, mas com que tempo que eu vou fazer isso?” (Geovana, Apêndice 13), [...] “Eu não escuto. Já escutei alguns sobre assuntos mais específicos (...) mas também não tenho tempo” (Fernanda, Apêndice 13), [...] e “Eu tenho bastante costume de escutar, geralmente, quando estou fazendo alguma coisa mais mecânica, que não precisa de tanta atenção” (Téo, Apêndice 13).

Todas essas falas de 13 diferentes participantes demonstram o alcance dos *podcasts* independentemente do tema que abordam. As pessoas que preferem *podcasts* jornalísticos têm entre 20 e 24 anos, os que preferem temas relacionados a entretenimento e cultura pop são de faixas etárias variadas, porém, percebemos que as mulheres tendem a consumir conteúdo mais de fofoca e *lifestyle*, há duas pessoas que falam sobre *podcasts* de saúde mental, mas não é prioridade de ambas, e quem ouça *podcasts* dos mais variados tipos ou não ouça, nesse último caso, alegando falta de tempo.

É interessante perceber que muitas pessoas alegam não necessariamente ouvirem *podcasts*, mas assisti-los. “Eu vejo *podcast* no TikTok, no Instagram e no YouTube” (Roberta, Apêndice 11), [...] “Eu ouço, eu gosto pelo YouTube. Na verdade, eu gosto de assistir mais em forma de vídeo” (Clara, Apêndice 11), [...] e “Eu já tive costume de assistir *podcast* no YouTube” (Sabrina, Apêndice 13). Isso mostra a versatilidade do formato, não ficando restrito a apenas uma mídia. Pelo contrário, com as redes sociais, o *podcast* pode conseguir mais abrangência e atingir diferentes públicos, uma vez que esses assumem que preferem vídeo ao invés de áudio.

Concluimos que as diferentes vivências levam cada pessoa a ter um tipo de relação com o *podcast*. Todos os respondentes (16) já tiveram contato com *podcasts*, mas três deles não escutam mais porque “não tem tempo”. Para a maioria, é mais fácil encaixar o *podcast* à rotina em momentos que não precisam ser dedicados apenas à escuta e, por isso, o fazem quando estão no trajeto para o trabalho, por exemplo. Um dos respondentes mencionou um *podcast* em que um dos participantes era um biólogo que ajudava a esclarecer pontos sobre a pandemia. O programa era sua “principal fonte de informação sobre a Covid-19”, mas chegou um momento em que saturou, principalmente devido à *fake news*.

Uma das participantes que não ouviu *podcast* relata que enxerga o tipo de mídia como uma boa fonte de informação e quer começar a ter mais contato com esse formato midiático: “Acho que é um método muito bacana de informação, algo que quero começar a praticar no dia a dia”. (Geovana, Apêndice 13). Isso nos faz compreender o contributo educacional que o *podcast*, de modo geral, tem. Ele entrega Acesso à informação, abordado pelo pilar de Conhecimento, Acolhimento e compreensão, do pilar Compreensão, e Envolvimento do Cidadão, em Comunicação.

#### **5.4.5 Dimensão Podcast**

Expusemos os participantes a trechos de episódios do ‘O Assunto’ e do ‘Esquizofrenias’. Por conta do tempo, os *focus group* 1 e 2 ouviram as temáticas de isolamento/distanciamento e Carnaval, o que fez com que apenas o terceiro grupo tenha ouvido os *podcasts* com temática de cidadania e dificuldades sociais.

Abaixo estão os Quadros com resultados de todos os *focus groups* analisados a partir da análise fenomenológica do discurso (Diniz & Pimentel, 2022). Há quadros individuais a partir do Apêndice 26.

**Quadro 10 - Análise fenomenológica do discurso dos *focus group* com base nos episódios do ‘O Assunto - Vidas separadas pela quarentena’ e do ‘Esquizofrenias - Sozinho junto #1 Ansiedade, grupos no zap e entretenimento leve’**

Recortes do texto	Marcas linguísticas	Sentidos <u>vivenciais</u>
<p>“A pauta parecia (...), mas a forma de abordagem do segundo... ela deu mais espaço pra pessoa contar a experiência dela. (...) Acredito que o segundo eu me senti mais identificada. [...] No primeiro, não sei se eu tenho já esse pré-julgamento de conhecer o <i>podcast</i>, né? Reconheci a voz da Renata Lo Prete, mas estava numa pegada jornalística mesmo. (Luara, Apêndice 6).</p> <p>“Me identifiquei com todos. (Juliana, Apêndice 8).</p> <p>“No começo da pandemia, eu tinha bastante frequência em responder o <u>WhatsApp</u>, ter aquela troca. Hoje em dia é uma coisa que eu não tenho energia, nossa, fica ali. (Juliana, Apêndice 8).</p>	<p>“A forma de abordagem do segundo...”: a pausa demonstra que por mais que houvesse semelhança entre os temas, ela relembra que a abordagem foi totalmente diferente.</p> <p>“Aí você fica puto porque o Instagram não está aqui. Aí o que eu <u>fazia</u>? Abria o Google”: o respondente <u>utiliza</u> a palavra “puto” para representar o quão irritado ficava ao desbloquear a tela do celular e não encontrar o app Instagram. Ele dá a entender que, já que a tela estava desbloqueada, então acessava o Google, mas aí se deparava com notícias que não queria consumir. Ao dizer “a gente tem aquele costume que é ridículo”, todos balançam a cabeça em sinal de concordância e riem, algo que interpretamos como uma vivência similar entre os participantes.</p>	<p>“Não sei se eu tenho já esse pré-julgamento de conhecer o <i>podcast</i>, né? Reconheci a voz da Renata Lo Prete”: a participante já conhecia a jornalista e o programa, o que remeteu a ela uma “pegada” jornalística, isso é, apenas de cunho informativo, que não gerou tanta identificação de maneira psicológica.</p> <p>“Eu me senti mais identificada”, “eu me identifiquei com a parte que ela falou ali, que ela tinha <u>paranoia</u>”, “me identifiquei bastante” e “me identifiquei com todos”: são trechos que parecem ser repetidos, mas não são, uma vez que foram ditos por três pessoas diferentes em quatro contextos. No entanto, percebemos que, por contar sua experiência pessoal com a pandemia, Amanda gerou mais empatia e identificação para com o público.</p>

<p>“A segunda questão ali, acho que era das informações, né? No começo da pandemia até os primeiros dias, eu consumia muito, aí depois disso, começou a gerar uma certa ansiedade. Comecei a desligar a TV”. (Juliana, Apêndice 8).</p> <p>“Estava utilizando muito Instagram, aí decidi que eu ia usar só durante o final de semana e desinstalei. E aí a gente tem aquele costume que é ridículo, mas acho que todo mundo aqui tem que <u>abre</u> o desbloqueio de tela do celular e vai procurar o Instagram (...) aí você fica puto porque o Instagram não está aqui. Aí o que eu <u>fazia</u>? Abria o Google e ficava vendo que tinha ali na época de notícia” (Juliana, Apêndice 8)</p>	<p>“Eu acho que a gente consegue entender mais um pouco do que uma pessoa com ansiedade passa, principalmente falando de pandemia, né?”. O jovem responde que o <u>‘Esquizofrenias’</u> foi o <i>podcast</i> mais educativo justificando que a experiência que a âncora conta o fez entender como uma pessoa ansiosa se sente. Ele foi o único que não trouxe um relato pessoal sobre como se sentiu na pandemia.</p> <p>“A mulher acha que estava no controle, então ela gostava, né?”. a pergunta retórica da respondente acompanha um gesto de dúvida, no sentido de que ela não compreende porque uma pessoa ansiosa gostava de acompanhar notícias trágicas e preocupantes.</p>	<p>“Nos primeiros dias, eu consumia muito, aí depois disso, começou a gerar uma certa ansiedade. Comecei a desligar a TV”: a partir da fala do entrevistado do ‘O Assunto’, a jovem retoma o que foi abordado em outra dimensão, isto é, o excesso de notícias sobre a pandemia e como isso afetou sua saúde mental.</p> <p>“Às vezes também chegava a ser uma paranoia”, “me identifiquei com a parte que ela falou ali, que ela tinha <u>paranoia</u>” e “sobre a paranoia, também me identifiquei” são três trechos de três respondentes diferentes, o que demonstra que o termo paranoia, dito por Amanda, representou exatamente o que elas sentiram durante a pandemia, mesmo que em diferentes situações.</p>
---	--	--

<p>“A questão do terceiro [trecho] ali eu me identifiquei também porque acho que durante a pandemia realmente esse era um medo, mas às vezes também chegava a ser uma paranoia. Eu lembro que bem ali no começo eu comecei a passar muito mal (...) o médico olhou só e falou: é Covid. Eu fiquei, ta, né?! Não vou discutir com o médico, mas os meus sintomas não tinham muito a ver” (Juliana, Apêndice 8)</p> <p>“Me identifiquei também com a parte de entretenimento leve porque durante o trabalho, eu costumo colocar alguma coisa de fundo. Música, podcast, show, alguma coisa. E aí eu comecei a ver só TLC, até quando ela falou de 90 dias para casar, eu me identifiquei muito”. (Juliana, Apêndice 8).</p>		<p>“Me identifiquei também com a parte de entretenimento leve (...) eu comecei a ver só TLC, até quando ela falou de 90 Dias Para Casar”: Amanda disse que o que a ajudava a não ficar tão ansiosa com a pandemia era entretenimento leve e citou o programa 90 Dias Para Casar. Essa ação e esse programa geraram uma forte identificação por parte de uma das participantes.</p>
---	--	--

“Eu me identifiquei com a parte que ela falou ali, que ela tinha paranoia. Ali, na época do Covid, que ela falou “será que eu vou morrer?”.

Eu também tinha essa mesma paranoia. Às vezes eu nem estava com nada, mas eu sempre tive essa questão. Para descer daqui até a praia, eu vou daqui até lá pensando que eu vou morrer”  
(Roberta, Apêndice 8).

“Sobre a paranoia, também me identifiquei, porque eu lembro que quando estava no começo da pandemia, a gente ia ao mercado comprar alguma coisa fora de casa, aí chegava em casa e passava álcool em tudo (...) Tudo era Covid. Aí você ligava a TV, abria a rede social e você tinha isso também, isso de ficar sensível, porque a gente se sentia um pouco sozinho” .  
(Clara, Apêndice 8).

“Eu acho que a gente consegue entender mais um pouco do que uma pessoa com ansiedade passa, principalmente falando de pandemia, né? Acredito que comparando os dois, o segundo, eu consegui aprender mais”. (Mateus, Apêndice 8).

“Eu achei que no primeiro podcast, quando era do Boris, ele queria evitar às vezes as situações que estavam ocorrendo, não ter tanta informação” (Geovana, Apêndice 10).

“Nessa segunda, eu tive a impressão de que ela buscou mais informações, mas de uma forma com que não afetasse tanto. E ela conseguiu identificar essa ansiedade. (Geovana, Apêndice 10).

“Eu senti que, no primeiro, ouvir notícias trazia uma sensação ruim, né? Uma ansiedade maior (...). Já o segundo, sobre as notícias, a mulher acha que estava no controle, então ela gostava, né? Talvez não era uma sensação tão ruim”. (Olívia, Apêndice 10).

As perguntas pretendiam perceber se os jovens notaram semelhanças ou diferenças na abordagem dos assuntos, se conseguiram aprender/entender os temas retratados e se diriam que o ‘O Assunto’ e o ‘Esquizofrenias’ são educativos. Esse último já foi abordado no objetivo 2. Os respondentes são seis mulheres com idade entre 20 a 24 anos, uma mulher e um homem entre 15 a 19 anos.

Compreendemos que os jovens notaram a semelhança temática, porém, perceberam diferenças na abordagem e em como as âncoras e os entrevistados disseram ter sido afetados pela pandemia. Não houve nenhum participante que se identificou mais com o ‘O Assunto’, enquanto quatro deles afirmam que isso aconteceu ao ouvirem o relato da âncora do ‘Esquizofrenias’, principalmente as suas “paranoias” (palavra citada por todas as mulheres). Interpretamos que os relatos pessoais de Amanda e sua coragem em falar sobre saúde mental e seus sintomas é uma maneira de se conectar com o público, que sentia o mesmo durante o período pandêmico. Ao que tudo indica, foi a maneira sem filtro, menos formal e até menos jornalística de Amanda que os levou à essa conclusão.

O ‘O Assunto’ e a âncora desse *podcast* não são citados nenhuma vez diretamente, porém, quando Juliana diz que começou “a desligar a TV” devido ao grande volume de informações sobre a pandemia, ela se refere a uma fala do entrevistado desse *podcast*. Portanto, compreendemos que os entrevistados do ‘O Assunto’ e sua abordagem sobre isolamento, mídia e relações interpessoais também contribuem para gerar identificação com o público. O Acolhimento e a compreensão, atributos do pilar Compreensão de educomunicação são notáveis.

**Quadro 11 - Análise fenomenológica do discurso dos *focus group* com base nos episódios do ‘O Assunto - A reinvenção dos sem-Carnaval’ e do ‘Esquizofrenias - Sozinho Junto #10: Carnaval, Clubhouse, respiração consciente e vizinhos’**

Recortes do texto	Marcas linguísticas	Sentidos <u>vivenciais</u>
<p>“A abordagem do primeiro trouxe mais a questão da preparação (...) da expectativa. [...] O segundo foi mais tipo, as pessoas meio que estão violando as regras (...) [...] senti agora nessa leva, que eles têm abordagens bem diferentes uma da outra apesar de ser o mesmo assunto” (Luara, Apêndice 6).</p> <p>“É parecido na questão de não poder estar comemorando o Carnaval (...) Eu acho que foi complicado para todo mundo porque no Brasil o Carnaval é tudo, né? (...) É algo que não é ruim só pra quem teve que ficar em casa, a gente perdeu esse ano de comemoração, mas pra quem precisava <u>disto</u>, espera isso o ano todo pra se manter, né? [...] enquanto eu <u>ouvi ali</u> os trechos do <i>podcast</i>, eu lembro exatamente de ver no Instagram as pessoas postando que <u>tavam</u> em festas clandestinas e tal, aglomerações. Eu <u>ficava</u> muito revoltada, sabe, porque eu estava em casa” (Paula, Apêndice 6).</p>	<p>“No Brasil o Carnaval é tudo, né?”: a jovem, ao dizer como cada <i>podcast</i> abordou a temática, faz um questionamento que ao mesmo tempo é uma afirmação. Na percepção dela, o Carnaval é de extrema importância para os brasileiros em questões culturais e financeiras.</p> <p>“Depende assim, do meu <i>mood</i> [...] às vezes a gente gosta de entrar no universo da pessoa, a gente quer entrar no contexto dela” e “acho que ouviria os dois, mas depende do momento”: o depende do <u><i>mood</i></u> e depende do momento, trazido por dois respondentes, sintetizam o balanceamento que os jovens fizeram durante as respostas. Isso significa que todos consideraram os <i>podcasts</i> bons, mas a principal diferença que os faria optar por um deles é o momento que estão vivendo, se mais relaxado ou mais sério, por exemplo.</p>	<p>“Eu lembro exatamente de ver no Instagram as pessoas postando que <u>tavam</u> em festas clandestinas e tal, aglomerações. Eu <u>ficava</u> muito revoltada, sabe, porque eu estava em casa”: a experiência relatada pela jovem remete a uma indignação da época. Após ela ouvir um trecho sobre a violação de regras de isolamento no Carnaval, no ‘<u>Esquizofrenóias</u>’, ela se lembrou que o mesmo aconteceu com ela, isto é, ela ficou em casa, mas acabou acompanhando via redes sociais pessoas que não fizeram o mesmo, e isso a irritou. A sensação de empatia pode ser percebida nesse trecho. Em outros grupos focais, também houve relatos de que houve desrespeito às medidas restritivas durante o Carnaval.</p>

<p>“Eu gostei dos dois <i>podcasts</i> também. (...) O primeiro lá que falava dos filmes, eu gostei bastante. Falando do Carnaval, você via muita gente sem máscara andando nas ruas, no shopping. Então, eu acho que foi um pouco desrespeitado” (Mateus, Apêndice 8)</p> <p>“Os dois falam sobre eventos, né? Clandestinos também, mas um estava muito mais preocupado com a questão cultural do Carnaval, de como seria passar por esse momento sem o Carnaval (...) E o outro estava mais preocupado com as festas clandestinas que estavam acontecendo” (Sabrina, Apêndice 10).</p>	<p>“‘O Assunto’, a abordagem deles é mais tipo: ‘isso existe e isso e a gente tem que falar sobre isso, está acontecendo’ (...) no segundo eu acho que deu mais abertura para pessoa falar, pra gente realmente entender, tipo ‘nossa, ela vive nesse contexto (...) você sente mais’: essa resposta se assemelha ao que interpretamos da anterior. Porém, de acordo com o respondente, o primeiro é mais informativo e objetivo, enquanto o segundo leva o ouvinte a “sentir mais”, gerando reflexão e empatia.</p> <p>“Fica mais gostoso de ouvir”: a respondente diz essa frase ao falar sobre a linguagem informal que Amanda utiliza no ‘<u>Esquizofrenóias</u>’, sem tantos dados e fontes, o que gera identificação com o público e, conseqüentemente, vontade maior de escutar esse <i>podcast</i>.</p>	<p>“Eu vou dizer que eu gostei mais do segundo <i>podcast</i>, porque por mais que eu goste muito da Renata lo <u>Prete</u>” “acho que eu ouviria os dois, mas depende do momento. Me interessei por ouvir ele [<u>Esquizofrenóias</u>]”, “os entrevistados que vão ao programa dela são bem elucidados do que eles vão falar. Então, ‘O Assunto’ 100%”: esses trechos, que foram retirados de diferentes respostas, apresentam as preferências de cada entrevistado a partir de como eles foram instigados pelos <i>podcasts</i>. Há quem opte totalmente por um, há quem prefira o segundo e há quem ouviria os dois a depender da situação.</p>
--	---	--

“Vou dizer que eu gostei mais do segundo *podcast*, porque por mais que eu goste muito da Renata lo Prete (...) acho que a segunda ela faz a gente querer continuar escutando mais. O jeito que ela leva, acho que até a entonação que ela usa, eu gosto. Eu acho que o ‘O Assunto’ é mais informativo, a própria forma que a Renata se comporta vai ser diferente da forma como a outra vai se comportar, né? A outra eu senti que é mais uma conversa” [...] “Depende assim, do meu mood. (...) Eu acredito que o ‘Esquizofrenias’, hoje, a forma como ela aborda, como ela pergunta para as pessoas, como ela fala, a gente se sente muito próximo dela, mas também não tira o fato de que o ‘O Assunto’ é um *podcast* muito bom, né? E se a gente também quer escutar uma coisa mais rápida ali, o ‘O Assunto’ é ótimo” [...] às vezes a gente gosta de entrar no universo da pessoa, a gente quer entrar no contexto dela e escutar mais a experiência” (Luara, Apêndice 6).

“Acabei me identificando com todos os trechos ali” e “me identifiquei mais com o daquela mulher lá que falou que tinha medo de morrer”: o primeiro trecho se refere a ambos os *podcasts*, enquanto o segundo fala sobre o ‘Esquizofrenias’. As vivências dessas pessoas interfere diretamente em como elas percebem e se identificam com os programas, os conteúdos e as âncoras.

“Eu gostei dos dois, aprendi bastante com o que elas falaram”, “eu gostei dos dois *podcasts* também. O que você passou no começo, o primeiro lá que falava dos filmes, eu gostei bastante”, “eu gostei bastante da forma como eles abordaram os assuntos, eu achei bem objetivo, bem interessante” e “não é o tipo de *podcast* que eu costume ouvir, mas eu gostei bastante”: todos esses trechos têm uma palavra em comum, que é “gostei”. Ou seja, ambos os *podcasts* têm potencial para atrair os jovens, seja por sua objetividade, abordagem ou característica.

“Eu acho que os dois são bem legais e eu não conhecia nenhum. (...) O ‘O Assunto’ é um pouco mais tradicional, né? Mais engessado. Não que seja ruim, mas é mais objetivo, e o outro parece uma coisa mais intimista. Que você se sente um pouco mais acolhido, não sei uma coisa mais humana. Acho que eu ouviria os dois, mas depende do momento. Me interessei por ouvir ele

[Esquizofrenias]  
que eu não conhecia” (José, Apêndice 6)

“Eu penso que, no ‘O Assunto’, a abordagem deles é mais tipo: ‘isso existe e isso e a gente tem que falar sobre isso, está acontecendo’, e ali no segundo eu acho que deu mais abertura para pessoa falar, pra gente realmente entender, tipo ‘nossa, ela vive nesse contexto, ela está passando por isso e isso’ [...] Você sente mais”.

(Verônica, Apêndice 6).

“Eu escuto ‘O Assunto’, né? Com a Renata Lo Prete [...]. Eu acho que ela tem uma forma de comunicação bem clara e objetiva, e geralmente, os entrevistados que vão ao programa dela são bem elucidados do que eles vão falar. Então, ‘O Assunto’ 100%”. (Bruno, Apêndice 6)

“Acabei me identificando com todos os trechos ali, então não consigo ter um entrevistado favorito, mas acho que em relação ao *podcast*, até mesmo pelo estilo que eu costumo ouvir, até deixei salvo aqui para ouvir depois conhecer um pouco mais o ‘Esquizofrenias’” (Juliana, Apêndice 8).

“Me identifiquei mais com o daquela mulher lá que falou que tinha medo de morrer, eu me identifiquei mais porque ela parecia meio doida e tal” (Roberta, Apêndice 8).

“Eu gostei dos dois, aprendi bastante com o que elas falaram e o que querem passar através desses *podcasts*” (Clara, Apêndice 8).

“Eu gostei bastante da forma como eles abordaram os assuntos, eu achei bem objetivo, bem interessante. Eu tinha aberto uma aba um pouco antes, quando você tinha comentado sobre o *podcast* do começo, estava vendo a escrita e achei bastante interessante”.  
(Otávio, Apêndice 8).

“Acho que são educativos porque eles relatam assuntos que a gente viveu, né? E isso representa a gente. Na verdade, não é o tipo de *podcast* que eu costumo ouvir, mas eu gostei bastante”.  
(Clara, Apêndice 8).

“Eu acho que o segundo (...) traz mais para a realidade. Aproxima tanto quem se identifica com isso e também aproxima as pessoas que não entendem essa realidade”  
(Fernanda, Apêndice 10).

<p>“A linguagem dele [Esquizofrenias] é mais fácil de entender, não tem tantos termos técnicos, né? Ela não leva mais para uma questão de números (...) É de uma forma meio informal e aproxima mais, traz mais para realidade também, não se prendendo a uma forma formal de se falar. Fica mais gostoso de ouvir” (Sabrina, Apêndice 10)</p>		
--	--	--

As perguntas pretendiam aferir se os jovens sentiram empatia em algum momento dos episódios, se gostaram mais de alguma âncora, se ouviriam completos e se gostaram da maneira como o Carnaval foi abordado. Também perguntamos se conseguiram aprender os temas retratados e diriam que o ‘O Assunto’ e o ‘Esquizofrenias’ são educativos. Ambas as respostas encontram-se nos subcapítulos 5.2.2.1 e 5.2.2.2. Os respondentes são cinco mulheres e um homem com idade entre 20 a 24 anos, e três mulheres e 3 homens entre 15 a 19 anos.

Percebemos que os participantes têm opiniões muito semelhantes com relação ao que acham do ‘O Assunto’ e do ‘Esquizofrenias’. O primeiro é mais claro, informativo e objetivo, e o segundo mais reflexivo, intimista e próximo. De acordo com eles, por mais que os assuntos sejam parecidos, a abordagem é totalmente diferente, tanto na questão da linguagem utilizada pelas âncoras, quanto nos contextos aos quais o Carnaval é inserido.

Um dos jovens afirma que prefere o ‘O Assunto’ e a Renata “100%” porque o *podcast* faz parte da sua rotina e é bastante informativo. Os demais participantes não falam o nome da Amanda em nenhum momento, o que demonstra que Renata, em nome, é mais conhecida, mas ressaltam que se interessaram em ouvir o ‘Esquizofrenias’ porque o consideraram mais curioso e intrigante.

Sobre a Amanda também disseram que gostam do “jeito que ela leva, até a entonação

que ela usa”, “a forma como ela aborda, como ela pergunta para as pessoas, como ela fala, a gente se sente muito próximo dela”. Portanto, a apresentadora é vista como uma pessoa próxima, não criando distância entre a emissão de sua mensagem e o receptor.

Sobre a Renata dizem que “ela se comporta de um jeito mais sério e formal, como uma jornalista tradicional” e que “tem uma forma de comunicação bem clara e objetiva, e geralmente, os entrevistados que vão ao programa dela são bem elucidados”. Entendemos que a jornalista, que é uma das principais do país, é vista exatamente dessa forma. A condução do *podcast* é objetiva e ela, por ser mais formal, lida com os entrevistados da mesma maneira.

Nas palavras dos jovens, o ‘Esquizofrenias’ “faz a gente querer continuar escutando mais”, “parece uma coisa mais intimista, né? Que você se sente um pouco mais acolhido, não sei uma coisa mais humana”. Essa última palavra é interessante de ser interpretada, pois entendemos que a linguagem mais pessoal do ‘Esquizofrenias’ torna o programa humanizado e faz as pessoas se sentirem identificadas e acolhidas. A linguagem de fácil acesso, sem termos técnicos, também foi citada como um fator determinante.

Já o ‘O Assunto’ “é mais informativo”, “se a gente também quer escutar uma coisa mais rápida ali”, “um pouco mais tradicional, né? Mais engessado. Não que seja ruim, mas é mais objetivo”. Ou seja, para os respondentes, o programa é, sobretudo, pragmático e direto ao ponto. Quase como um resumo jornalístico de algum tema importante que está sendo pautado na mídia e tem o único intuito de deixar os ouvintes inteirados.

Roberta disse ter se identificado mais com o *podcast* da “mulher que tinha medo de morrer”, que “parecia meio doida”, muito possivelmente por suas experiências relacionadas a doenças mentais (borderline) serem parecidas com as de Amanda. Dessa forma, o ‘Esquizofrenias’ contribui para que ela compreenda a saúde mental de forma intrínseca e fiável, devido a ser conduzido por uma pessoa que sofre com doenças mentais e entrevista psicólogos e psiquiatras, profissionais que fazem parte da rotina da jovem. Vemos, nessa situação, todos os pilares da educomunicação, mas principalmente o de Compreensão, inserido ao Acolhimento e compreensão, ideologia e valores.

A grande maioria confirmou que, se precisassem escolher, optariam por ouvir o ‘Esquizofrenias’ até o final.

Quadro 12 - Referente à análise fenomenológica do discurso do *focus group* 3 com base nos episódios do ‘O Assunto - Lições de Paraisópolis na guerra à Covid-19’ e do episódio do ‘Esquizofrenias - De olho na quebrada: A saúde mental dos moradores de Heliópolis, periferia de São Paulo, durante a pandemia’

Recortes do texto	Marcas linguísticas	Sentidos <u>vivenciais</u>
<p>“Ambos na verdade trataram sobre as medidas protetivas, né? Só que de diferentes lugares” (Sabrina, Apêndice 10)</p> <p>“Acho que a primeira foi muito seca (...) Procurou saber mais ali do que estava acontecendo, do que dar uma opinião, talvez um tipo de conforto, entrar mesmo no assunto. Eu acho que a segunda se entreteu mais, procurou ver todos os lados, questionou bastante e fala um pouco mais da realidade também”. (Geovana, Apêndice 10)</p>	<p>“A primeira foi muito seca” e “até um pouco seco mesmo”: as respostas de dois participantes utilizam a palavra seco para se referirem à como Renata Lo Prete abordou o tema. Isso demonstra que eles compreenderam que não há tanto envolvimento e interação da apresentadora com os entrevistados ou as temáticas.</p>	<p>“No decorrer dessa chamada tem vários tipos de sentimento, né? Sentimento de ódio, da questão de a gente ter conseguido sair meio que dessa, arrependimento de algumas coisas... E ansiedade, no geral, medo de acontecer de novo”: a respondente reflete sobre como ela está se sentindo no decorrer do <i>focus group</i> ao ser perguntada se sentiu empatia em algum momento. Com a fala, ela demonstra que sim, que várias emoções e lembranças foram despertadas ao falarmos sobre a pandemia.</p>

<p>“Eu acho que a abordagem dos dois é bem diferente, até a linguagem que cada uma usa para se expressar. O primeiro parece ser bem mais formal, bem mais direto, até um pouco seco mesmo, não se afastando do dia a dia. O segundo é bem mais informal, falando palavrão. (...) O primeiro estava mais preocupado com a gestão pública (...) mais como um <i>podcast</i> mesmo, de notícia gerencial para talvez um público específico. O segundo já estava pensando ali no dia a dia, falando de saúde mental, falando como eles se viraram para se organizar na comunidade (...). Ele até fala de que eles tiveram sorte em algumas situações, que foi uma palavra que não foi usada no primeiro <i>podcast</i>. (...) Acho que a escolha de palavras foi uma coisa diferente” (Carlos, Apêndice 10)</p>		<p>“Eu me identifiquei mais, talvez, quando a mulher lá falou sair na rua, já gerava ansiedade nela, né? (...) A gente é assim de natureza, né? Por ser mulher”: além de dizer que se identificou mais com Amanda, a participante traz uma vivência muito relevante, que é a do “medo” de ser mulher. Isto é, precisar sempre se preocupar com possíveis violências ou situações de insegurança e coação.</p>
---	--	---

<p>“No decorrer <u>dessa</u> chamada tem vários tipos de sentimento, né? Sentimento de ódio, da questão de a gente ter conseguido sair meio que dessa, arrependimento de algumas coisas... E ansiedade, no geral, medo de acontecer de novo” (Geovana, Apêndice 10)</p> <p>“Eu me identifiquei mais, talvez, quando a mulher lá falou sair na rua, já gerava ansiedade nela, né? Foi bem assim, tipo, eu estava tão presa em casa aqui que quando eu saía na rua, eu ficava tipo, <u>paranoica</u>, olhando assim se não tinha ninguém, querendo andar rápido pra ir embora logo. A gente é assim de natureza, né? Por ser mulher” (Fernanda, Apêndice 10)</p> <p>“O <u>‘Esquizofrenias’</u> atrai muito mais, justamente pelos tipos de <i>podcast</i> que eu já ouço que são bem informais (...). Acaba sendo uma linguagem muito mais fácil, né? De você se prender. (Olívia, Apêndice 10)</p>		<p>“O <u>‘Esquizofrenias’</u> atrai muito mais, justamente pelos tipos de <i>podcast</i> que eu já ouço que são bem informais (...). Acaba sendo uma linguagem muito mais fácil, né? De você se prender”: a assiduidade da respondente com relação a outros <i>podcasts</i> fez com ela se atraísse mais pelo <u>‘Esquizofrenias’</u>. Em outro momento do grupo focal ela diz que nunca ouviu <i>podcasts</i> de notícias e gosta mais de assuntos leves e de entretenimento. Embora o produto de Amanda não seja dessas editorias, a maneira com a qual ela se posiciona, deixa os entrevistados descontraídos e conduz o <i>podcast</i> passa a impressão à respondente que ela se identificaria e teria mais interesse em ouvir esse.</p>
---	--	---

Quisemos perceber se os jovens notaram semelhanças e diferenças entre as abordagens dos assuntos, entre os entrevistados, se sentiram empatia em algum momento dos episódios e diriam que o ‘O Assunto’ e o ‘Esquizofrenias’ são educativos. Todos os participantes do grupo focal responderam, sendo três mulheres e dois homens com idade entre 20 a 24 anos, e uma mulher entre 15 a 19 anos.

Notamos que as pessoas não deram muita importância à temática dos episódios, tanto é que apenas duas falaram qual era. Para eles, as principais percepções estão na postura das âncoras e como os *podcasts* são conduzidos. É ressaltado que a âncora do ‘O Assunto’ é mais seca, formal e jornalística no sentido de querer saber sobre o acontecimento em si, e não exatamente em como as pessoas são afetadas. A do ‘Esquizofrenias’, por sua vez, é tida como a pessoa que mais aproxima a visão dos outros à dos ouvintes, fazendo com que eles percebam a realidade de forma mais viva. Um dos respondentes até relembra que Amanda fala palavrão e não inibe que o convidado fale, o que deixa o programa mais fluido e real. A escolha de palavras é outro fator que distancia os dois produtos midiáticos.

Também percebemos um fenômeno interessante nesse grupo focal. Embora tenha havido jovens que afirmam terem se identificado com um dos *podcasts*, nenhum deles definiu que houve relação entre comunicação e educação fosse no ‘O Assunto’ ou no ‘Esquizofrenias’. Por mais que não enxerguem o contributo educacional, ainda assim percebemos o aspecto de Linguagem, do pilar Conhecimento, bem presente. Dizer que se identificam com algumas falas dos episódios também remete à Acolhimento e Compreensão.

A ansiedade falada nos *podcasts* até é citada por um dos participantes, mas vemos que a percepção de doenças e saúde mental não é tão presente nesses episódios quanto foram nos outros.

## **6. Discussão de resultados**

Para simplificar a análise reflexiva que se espera dos resultados, organizamos a discussão em tópicos que derivam das técnicas de coleta e análise de dados, relacionando-os ao embasamento teórico dessa dissertação.

### **6.1 A saúde mental representada pelo ‘O Assunto’ e pelo ‘Esquizofrenias’ e a percepção do público juvenil**

Os resultados dessa dissertação mostram que saúde mental é um tema atual e relevante, que pode ser transmitido de maneira prioritária ou contextualizada e que há público que se interessa por esta pauta. No entanto, a abordagem faz toda a diferença para que as pessoas se identifiquem com o conteúdo e queiram consumi-lo, o que vai ao encontro com as ideias de Schwaa e Tavares (2009) ao afirmarem que a revista, enquanto meio de comunicação, faz mais do que abordar um tema, mas o valoriza e o explora a fim de ser relevante não apenas para a segmentação de seu público, mas de modo social. Por isso, trata assuntos a partir de diferentes perspectivas e linguagens, criando identificação e simbologia com quem a lê (Schwaa & Tavares, 2009).

O ‘O Assunto’ é um *podcast* vinculado ao Grupo Globo, maior conglomerado de mídia do Brasil. Sua relevância é notada pelos participantes dos grupos focais (Luara e Bruno, Apêndice 9), que dizem ouvir o programa com frequência para se informarem sobre notícias cotidianas. Assim, associamos que o ‘O Assunto’ tem enfoque em *hardnews* e suas pautas são relacionadas aos mais variados contextos (G1, n.d.), algo comprovado pela análise de conteúdo ao percebermos que esse *podcast* tem muito mais amplitude de assuntos.

O *Framing* é uma das muitas diferenças notadas entre os dois programas jornalísticos. Entman (1993) define que enquadramento é a seleção de diferentes aspectos de uma mesma realidade, o que influencia não só na abordagem do assunto, mas em como o receptor irá interpretar o tema. Malinverni et al. (2012) perceberam esse fato ao analisarem a abordagem sobre a febre amarela do jornal Folha de S.Paulo entre dezembro de 2007 e fevereiro de 2008. As autoras chegaram à conclusão de que o veículo enquadrava a doença, prioritariamente, como perigosa e letal, o que criou o sentido de realidade epidêmica para seus leitores. Diante disso, questionam o discurso midiático do jornalismo de saúde, que de modo generalista, não considera a complexidade de um tema dessa área e, conseqüentemente, limita seu papel a apenas informativo.

Quando analisamos apenas o *framing* dos assuntos relacionados à saúde mental dos *podcasts*, entendemos que um é mais reflexivo, enquanto o outro é mais informativo, sendo a âncora, sua linguagem e como se porta um dos principais diferenciais, já que envolve desde a intenção do programa com o público e linha editorial até percepções pessoais. Tanto é que 16 episódios do ‘Esquizofrenias’ são enquadrados a ‘Julgamentos e interpretações morais’, demonstrando que Amanda avalia e opina sobre os agentes, as causas e os efeitos de um

problema, a partir de seus valores e moral, enquanto 42% do ‘O Assunto’ se enquadra ao Diagnóstico de causa, explicando o que causa o problema e como isso se relaciona aos efeitos.

Ainda sobre a construção dos conteúdos, avaliamos os critérios de noticiabilidade (Silva, 2005) somado aos critérios emergentes dos *podcasts* e percebemos que todos se adequam ao ‘O Assunto’, o que não acontece com o ‘Esquizofrenias’. Pelo contrário, a âncora deste último afirma que sequer queria falar sobre a pandemia, mas foi encorajada a fim de que os ouvintes se identificassem e compartilhassem das mesmas sensações que ela. Dessa forma, os valores-notícia proeminentes nesse programa são Emoções/Situações Pessoais (que envolve saúde mental, relatos pessoais e interesse humano), Entretenimento/Cultura (maneiras de se entreter e assuntos leves) e Impacto (número de pessoas envolvidas e afetadas pela pandemia). Pressupõe-se que a linha editorial desse programa e sua audiência ativa influenciaram na produção de conteúdo, pois a Covid-19 estava sendo abordada constantemente na mídia, mas por outro viés. Com base nos valores-notícia de Silva (2005), Verner e Xavier (2021) concluem que um veículo pode direcionar o que publica muito mais devido ao interesse do público do que pelo interesse público.

Os valores-notícia destacados e o fato de não falar sobre a Covid-19 em primeiro plano é uma decisão editorial de Amanda que podemos associar ao *Gatekeeping* (Shoemaker & Vos, 2011). Para ela, obviamente, o novo coronavírus tinha importância jornalística, mas sendo seu *podcast* sobre saúde mental, fazia mais sentido contextualizar a doença como um causador de efeito, já que a apresentadora também era afetada por ela. Essa alegação pode ser associada às diferenças emocionais nas falas de Renata e Amanda. A primeira não demonstra nenhuma emoção em mais da metade dos episódios, mas quando o faz, transparece raiva/indignação em sua maioria. A segunda, por sua vez, demonstra emoções nos 22 casos estudados, sendo empatia a principal. Este resultado reflete a ideia de Hoydis (2020) de que os *podcasts* oferecem uma estranha experiência de "vivência", combinando distanciamento social e intimidade partilhada com uma facilidade confortável.

É pelo fato de deduzirmos que a saúde mental, por ser algo psicológico, poderia influenciar na construção dos episódios e na maneira com a qual as âncoras e os entrevistados comunicam o conteúdo, que optamos pela análise fenomenológica do discurso (Diniz & Pimentel, 2022). Como resultado, notamos que experiências, valores e percepções internas induzem e até interferem não só na fala, mas na postura do locutor, e em como ele significa o que diz e ouve, bem como sua consciência sobre algo. No primeiro episódio apresentado aos

*focus group* sobre solidão e distanciamento, Amanda utiliza a palavra “paranoia”, sendo essa uma marca linguística e um sentido vivencial. A mesma palavra foi citada por quatro participantes mulheres, que diziam estar se sentindo exatamente igual à âncora, o que nos leva a interpretar que houve identificação e conexão com o público. Esse potencial de ambiente participativo e dialogador criado pela âncora, mesmo que não intencionalmente, se relaciona à cultura da conexão (Jenkins et al., 2015), que entende a importância de o emissor considerar a relação com sua audiência para então construir a narrativa midiática e assim gerar mais engajamento.

De fato, os estudos de recepção mostram que as audiências têm mais probabilidades de se envolverem emocionalmente, recordarem informações e agirem quando as histórias de notícias são relacionáveis com o seu cotidiano (Wahl-Jorgensen, 2020). Também Lindgren (2023) sublinha que os *podcasts* apresentam informação personalizada que é proporcionada pela intimidade da forma áudio. Segundo a autora, o jornalismo em *podcast* utiliza elementos narrativos forjados em torno de emoções e reportagens na primeira pessoa para construir relações íntimas entre o jornalista e o ouvinte.

Nesse sentido, chegamos ao modelo da Codificação e Decodificação e as três posições que se interpreta uma mensagem: a) a dominante, exatamente como foi passada pelo emissor; b) a negociada, relacionada às condições particulares de cada receptor; e c) a de oposição, em que o receptor capta a mensagem enviada, mas a interpreta a partir de outra referência (Hall, 2003). Entendemos que os episódios de ‘O Assunto’ estão mais relacionados à dominante, pois a maioria dos ouvintes classifica o *podcast* como claro, informativo e objetivo, o que não os faz avaliar a mensagem, apenas absorvê-la. O ‘Esquizofrenias’ é visto totalmente diferente pelos participantes, pois para eles, esse *podcast* é mais reflexivo, intimista e humanizado, se alinhando às posições b e c.

Um exemplo sobre a posição negociada vem de Roberta e seu relato sobre o acometimento por *borderline*. Ela relembra um episódio que Amanda disse ter “medo de morrer” durante a pandemia e isso a levou a se identificar com a âncora e a mensagem transmitida, pois ambas sofrem de ansiedade. Essas experiências em comum contribuem para o aprendizado de um assunto, no caso saúde/doença mental, de forma mais intrínseca e real. Ao trazermos o conceito de Educomunicação a esse contexto, lembramos que Acolhimento e compreensão compõem o pilar de Compreensão (Aguaded & Delgado-Ponce, 2019), o que rotula o ‘Esquizofrenias’ como educutivo.

Para Ferreira e Reis (2020), o entendimento do público sobre as doenças e a saúde mental depende de como a mídia explora e expõe esses temas. Se for de maneira adequada, os receptores são capazes de desenvolver discernimento e aprenderem socialmente. É dessa forma que compreendemos a Teoria Social Cognitiva e o efeito modelador dos meios de comunicação (Bandura, 2002). A aprendizagem sobre saúde mental não é absorvida da mesma forma por quem escuta o ‘O Assunto’ e o ‘Esquizofrenias’, pois as condições pessoais, o meio social, a ideologia e os valores influenciam o entendimento dos receptores. Porém, esses, ao serem expostos a conteúdos diversos, observarem que se identificam com eles e encontrarem um ponto em comum, podem ter os padrões de comportamento mudados e moldados, uma vez que a representação de determinado assunto e sua comunicação simbolizaram aprendizado. A realidade percebida a partir disso pode se enquadrar tanto à educomunicação e à educação dialógica de Paulo Freire (Kaplún, 1996; & Soares, 2000), quanto ao construtivismo social (Amineh & Asl, 2015), uma vez que o receptor tem a oportunidade não só de adquirir conhecimento, mas refletir, ponderar e ter uma visão crítica sobre ele. Nesse papel, o jornalista também se torna educador, e por meio do conteúdo comunicativo, contribui para a educação.

De todo modo, os participantes dos grupos focais consideram o ‘O Assunto’ e o ‘Esquizofrenias’ educativos, mas, se tivessem de escolher um para ouvir até o fim, seria o ‘Esquizofrenias’. Com isso, percebemos duas situações: que o conteúdo generalista e informativo do ‘O Assunto’ não gera tanta conexão com o público juvenil, no entanto, esse é o perfil de apenas 16% dos ouvintes (G1, n.d.); e que os integrantes dos *focus group* dessa dissertação podem ter gostado mais de ouvir o ‘Esquizofrenias’ por terem sido afetados pela pandemia, por sofrerem com distúrbios mentais, por serem a maioria mulheres e por se identificarem pessoalmente com a apresentadora ou os entrevistados desse *podcast*.

## **6.2 Podcast como ferramenta educacional**

A grande gama de segmentos de *podcasts* se deve à alta repercussão que esse tipo de mídia tem alcançado, sendo que nos últimos anos ficava restrito aos veículos independentes e hoje compõe o sistema midiático de grandes conglomerados (Amorim & Araújo, 2021; Valiati et al., 2020). A estratégia de utilizar esse formato surge para capturar o público jovem e universitário, uma vez que esse tem menos interação com portais informativos e podem encontrar nos *podcasts* um modelo mais dinâmico e atraente (e.g. Lopes Quintino et al., 2021; McNamara & Drew, 2019).

Com os resultados, percebemos que o *podcast* é uma escolha midiática de muitos adolescentes e jovens entre 15 e 24 anos, já que 13 dos 16 afirmaram ouvir ou assistir esse formato, e todos já tiveram contato com ele. As escolhas temáticas variam e vão desde resumos jornalísticos a opções de entretenimento, mas houve quem dissesse que quer começar a escutar *podcasts* de saúde mental, colocando o ‘Esquizofrenias’ como opção.

Comprovamos o que outros estudos da revisão de literatura já haviam destacado: o *podcast* é uma ferramenta educacional valiosa e versátil (e.g. Bottentuit Junior & Coutinho, 2008; Celaya et al. 2020; Lopes Quintino et al. 2021; McNamara & Drew, 2019), mesmo que o público e os transmissores de informação não saibam o que essa palavra significa. Nossa conclusão vem das respostas dos grupos focais, que consideraram os episódios do ‘O Assunto’ e do ‘Esquizofrenias’ educativos, e da relação que os participantes fizeram entre suas vivências pessoais com o que era transmitido, dando a entender que o conteúdo era educativo por todos estarem no mesmo contexto e se informarem sobre ele.

Mas não só. A observação e o raciocínio gerados após a escuta dos *podcasts* também foi muito significativa para atrelá-los à educação. Consideramos essa conexão alinhada ao construtivismo social, pois gera reflexão e amplia a percepção de mundo dos ouvintes, estimulando atitudes críticas, responsáveis e participativas (e.g. Aguaded & Delgado-Ponce, 2019; Celaya et al. 2020). Ao serem expostos aos episódios, os participantes se tornaram uma pequena mostra da sociedade que pode criar e desenvolver seus próprios pensamentos em relação à saúde mental dos brasileiros durante a pandemia. Esse pensamento crítico, o aprendizado conjunto, o compartilhamento de conhecimento de forma horizontal e a participação ativa e cidadã de cada indivíduo relacionam a teoria socioconstrutivista à educação (Amineh & Asl, 2015; Kaplún, 1996; Soares, 2000).

Por mais que Amanda não soubesse o que é o termo educação, seu alinhamento ao conceito é bastante evidente. De acordo com a própria, ela cumpre sua função social de jornalista por levar a informação ao público de maneira clara e confiável e abordar assuntos que têm sido considerados cada vez mais importantes para a sociedade. Além disso, ela ressalta que tenta ser didática sem ser professoral. Isto é, constrói o ‘Esquizofrenias’ de maneira lúdica e explicativa, mas não pedagógica.

No que diz respeito aos pilares estabelecidos por Aguaded e Delgado-Ponce (2019), entendemos que o ‘Esquizofrenias’ abrange os três: Conhecimento, Compreensão e Comunicação. Nas falas de Amanda, há alegações sobre adaptações tecnológicas, sobre o objetivo de criar e divulgar conteúdos informativos e educativos, e sobre o reconhecimento com

o público, o que integra os três pilares. Também relacionamos o ‘O Assunto’ a essas bases da educomunicação, porém, com mais ênfase no Conhecimento e na Comunicação, já que há bastante acessibilidade à informação fornecida por diversos especialistas e estímulo do envolvimento do cidadão nos mais diferentes setores.

Essas diferenças foram notadas pelos integrantes dos *focus group* que, por mais que encontrassem semelhanças entre os assuntos, percebiam diferenças de abordagem do ‘O Assunto’ e do ‘Esquizofrenias’, principalmente ao nível da linguagem. Esse fato foi notado na análise de conteúdo, já que Renata privilegia a linguagem formal em 98 episódios, enquanto Amanda o faz em apenas dois. A diferença expõe também o público-alvo de cada *podcast*. O ‘Esquizofrenias’ tem mais ouvintes jovens que, conforme percebemos nos grupos focais, se identificam com a informalidade. Não à toa, o *podcast* tem se tornado, cada vez mais, uma opção comunicacional interessante para produtores de conteúdo e para veículos (Amorim & Araújo, 2021) conversarem com o público mais novo, sendo a Geração Z a que mais ouve *podcasts* sobre saúde mental no mundo (Capricho, 2022).

### **6.3 A saúde mental como tema educomunicativo**

Assuntos relacionados à saúde têm se tornado frequentes em âmbito jornalístico, integrando a agenda midiática e despertando interesse público (Manrique-Grisales, 2020). Durante a pandemia da Covid-19, a saúde mental ganhou mais visibilidade, uma vez que o mundo foi impactado pelos efeitos de isolamento social, *home office* e *home schooling*, saúde física, entre outros. Os jovens foram um dos grupos mais atingidos pelos efeitos da pandemia, o que aumentou a prevalência de ansiedade e depressão (OMS, 2022; Rains et al., 2020).

Felix et al. (2021) afirmam que os meios de comunicação podem ter influenciado na potencialização de doenças mentais por noticiarem a pandemia em larga escala. Essa percepção é confirmada com os resultados dos grupos focais. Os respondentes pareceram irritados com a programação midiática durante o período estudado, tendo relatos de pessoas que precisam se policiar até hoje para não serem afetados pela carga noticiosa. Ao mesmo tempo que entendiam a gravidade do assunto e a necessidade da cobertura jornalística, eles não encontravam opções para consumirem notícias de modo menos intenso; conseqüentemente, ficavam ansiosos e assustados.

Além da quantidade de informação sobre a pandemia, ainda havia a preocupação de não cair em *fake news*, algo que ganhou muita força nesse período (Pain & Lanius, 2020). Para esses autores, era um desafio encontrar informações confiáveis e verdadeiras em meio à abundância de notícias, vídeos e *posts* que circulavam nas redes sociais e em outras mídias.

Um dos pilares da Educomunicação - o Conhecimento - coloca 'Acesso à informação' como um fundamento (Aguaded & Delgado-Ponce, 2019). Diante disso, entendemos que as fontes precisam ser fiáveis e passarem pelo processo jornalístico de produção e apuração, algo demonstrado no 'Esquizofrenias' e no 'O Assunto', inclusive destacado por Amanda. A partir desse padrão, selecionar fatos que podem virar notícias ficava a critério de cada veículo e/ou editor, sistema associado ao *Gatekeeping* (Shoemaker & Vos, 2011), bem como a maneira de enquadrá-los e representá-los, o que relacionamos ao *Framing* (Entman, 1993) e ao *Encoding and Decoding* (Hall, 2003).

Partindo desse ponto, enquanto o 'Esquizofrenias' fala sobre saúde mental em todos os episódios, o 'O Assunto' o faz em 16, sendo a ansiedade a doença/sintoma mental mais citada (cinco vezes). No 'Esquizofrenias' também é a ansiedade que predomina, aparecendo em 86% das vezes. Para Sacramento e Borges (2020), é de suma importância a reflexão sobre como a saúde é representada na mídia, pois isso interfere no campo da construção social e gera sentidos relacionados a valores, ideias e identidades. Lacerda e Santos (2020) complementam esse pensamento por alertarem que uma preocupação relacionada à abordagem da saúde mental na mídia é a criação de estigmas e estereótipos, que aumentam o imaginário coletivo e podem até ser discriminatórios com pessoas que se encontram nessas condições.

Alguns participantes dos grupos focais, ao ouvirem trechos do 'Esquizofrenias', se identificaram com a maneira que a apresentadora e os entrevistados falavam sobre o cotidiano e como estavam mentalmente. Roberta, inclusive, diz que o relato de Amanda sobre sua ansiedade era exatamente igual a como ela se sentia, chamando Amanda de "meio doida". Enxergamos essa frase não de modo pejorativo, mas representativo. Em geral, as mulheres, se mostraram mais abertas a falar sobre emoções relacionadas à saúde mental, o que demonstra, via fenomenologia do discurso (Diniz & Pimentel, 2022), que o sexo feminino pode ser mais sensível a essa pauta.

Amanda confirma que a prioridade para abordar a pandemia no 'Esquizofrenias' era intercalar informações e dicas sobre o que estava acontecendo no mundo com histórias desse período, pois se perguntava se as pessoas estavam tão tristes quanto ela e precisavam de entretenimento leve. Nesse sentido, chegamos ao pilar de Compreensão, uma vez que há os

fundamentos de Acolhimento e compreensão, Ideologia e Valores (Aguaded & Delgado-Ponce, 2019) na fala e propósito da apresentadora.

Para além dessa prioridade, Amanda revela que as notícias divulgadas na grande imprensa também pautavam seu *podcast*. Esse direcionamento associa-se ao *Agenda-setting* (McCombs, Shaw & Weaver, 2014), tanto pelo fato da apresentadora continuar o fluxo de noticiar algo que já está sendo abordado na mídia, quanto por compreender que o assunto é importante e molda o meio social. Contudo, por mais que a presença da temática tenha ganhado espaço nos meios de comunicação, os participantes dos *focus group* reclamam que essa “é uma coisa que a gente deveria estar falando há anos” (Luara), o que demonstra que havia desejo em saber mais sobre saúde e doenças mentais, mas essa não era uma prioridade jornalística.

Relacionado à Comunicação, vemos que o Envolvimento do cidadão apresenta-se em alguns pontos. Pela análise de conteúdo, notamos que os exercícios físicos em casa são as soluções mais abordadas para melhorar os sintomas mentais (4,8%) no ‘O Assunto’, enquanto a terapia é a principal solução para o ‘Esquizofrenias’. Esse pode ser um dos motivos para que os ouvintes desse *podcast* começassem a pedir ajuda à apresentadora, para que ela indicasse lugares para fazer terapia *online* e gratuitamente, e fizesse mais episódios sobre doenças mentais relacionadas à pandemia. Para ela, o programa se tornou um complemento do que as pessoas procuravam no Google, pois muitas vezes não achavam informação suficiente sobre o assunto.

O ato proativo de adquirir competência cognitivas e sociais para procurar e compreender informações sobre a saúde é alinhado ao conceito da OMS de literacia em saúde (SNS-PT). Se o jornalismo for educador e contribuir para a literacia em saúde, para uma cidadania ativa e para a maior participação social, ele se encaixa ao que outros autores consideram educ comunicativo. (e.g. Felix et al., 2021; Mendes et al., 2021; Lopes et al., 2021).

## **7. Conclusão**

A presente dissertação pretende contribuir com os estudos interpretativos relacionados à jornalismo e saúde mental, educ comunicação, público juvenil e *podcasts*.

Por isso, teve como objetivo geral compreender a utilização da abordagem educ comunicativa para o público juvenil dos *podcasts* ‘O Assunto’ e ‘Esquizofrenias’ ao representarem saúde mental no primeiro ano da Covid-19, no Brasil. Outros quatro objetivos

específicos nortearam o estudo a partir da pergunta de partida: como os *podcasts* ‘O Assunto’ e ‘Esquizofrenias’ utilizaram a abordagem educacional para o público juvenil (15-24 anos) ao representarem a saúde mental durante o primeiro ano da Covid-19 no Brasil?

Com a análise de conteúdo, concluímos que os *podcasts* têm uma ampla gama de contextos para encaixar a saúde mental, o que pode atrair tanto jovens como público-alvo, quanto pessoas mais velhas, que é o caso do ‘O Assunto’. Esse *podcast* se mostrou muito mais formal e objetivo, até mesmo pelo seu tempo de duração e *framing* principal, enquanto o ‘Esquizofrenias’ contribui para o construtivismo social por meio de maior participação cidadã e reflexões provocadas pela âncora, entrevistados e que atingem o receptor.

De toda forma, ambos foram educacionais à sua maneira; de acordo com a linha editorial específica, com seus assuntos primários e secundários, com entrevistados especialistas ou não, e com a participação das âncoras, que fizeram toda a diferença para gerar identificação e representatividade por parte do público. Reiteramos que utilizamos o guia de Aguaded e Delgado-Ponce (2019) para a análise educacional, mas há vários outros autores elucidados no embasamento teórico, como Kaplún (1996) e Soares (2000), que também definem padrões educacionais de modo que conseguimos relacionar com o ‘O Assunto’ e o ‘Esquizofrenias’.

Por ressaltar que o ‘Esquizofrenias’ é construído de maneira didática, mas não professoral, percebemos que Amanda se preocupa com o fator de aprendizagem em seu *podcast*, o que a faz avaliar a melhor maneira de comunicar saúde mental para o público. Esse e outros trechos da entrevista semi-estruturada nos faz alegar o papel de educadora da jornalista que, pelo perfil compreensivo, exemplificador e individual, se aproxima do público e torna o aprendizado mais fácil. Sua abordagem educacional, portanto, é nítida. Um limitador que tivemos foi o declínio de contato por parte da âncora Renata Lo Prete, o que nos leva a analisar fenomenologicamente apenas uma entrevista em profundidade.

Os *focus group* com jovens nos fizeram concluir o que já tínhamos como expectativa: que uma linguagem mais informal, utilizada em um meio de comunicação não tradicional, com formato e lógica temporal diferenciadas (Bonix, 2021) e tratando de assuntos que não estão constantemente pautados na mídia podem contribuir mais para o aprendizado do que as notícias veiculadas em meios de comunicação de massa convencionais. Isso porque o público jovem conhece *podcasts*, têm contato com eles e consome diferentes tipos de conteúdo pelo mesmo canal. Portanto, a abordagem educacional pode ser muito valiosa e estratégica para atingir

essas pessoas, desde que, quem o faça, planeje algo humanizado, simbólico e genuinamente representativo.

É por isso que o ‘Esquizofrenias’ soou mais educativo para os participantes ao representar saúde mental. No entanto, essa dissertação sugere que, em estudos futuros, o público estudado seja outro para se perceber se com pessoas mais velhas o ‘O Assunto’ detém a primazia. Há também a possibilidade de investigar esse *podcast* como estudo de caso, dada a sua relevância nacional. O mesmo pode acontecer ao ‘Esquizofrenias’, estudado como um único produto, ou sendo comparado a *podcasts* de saúde mental produzidos por profissionais que não jornalistas. Outras técnicas e abordagens metodológicas podem enriquecer a compreensão do tema, como análise narrativa, que permite a interpretação dos fatos narrados por um ou mais informantes, e o inquérito por questionário, que amplia geograficamente a quantidade de pessoas que podem participar do estudo.

Terminamos este trabalho interdisciplinar com a convicção de termos contribuído para o conhecimento, quer no âmbito das ciências da comunicação, área nuclear desta dissertação, como da saúde mental.

## Referências bibliográficas

Aguaded, I., & Delgado-Ponce, A. (2019). Educommunication. *The International Encyclopedia of Media Literacy*, 1-6. <https://doi.org/10.1002/9781118978238.ieml0061>.

Amineh, R. J., & Asl, H. D. (2015). *Review of Constructivism and Social Constructivism*. *Journal of Social Sciences, Literature and Languages*, 1(1), 9-16. [https://www.academia.edu/31113252/Review\\_of\\_Constructivism\\_and\\_Social\\_Constructivism](https://www.academia.edu/31113252/Review_of_Constructivism_and_Social_Constructivism)

Amorim, A. L. T., & Araújo, M. J. C. G. (2021). Como o isolamento social causado pela pandemia de Covid-19 impactou o consumo de podcasts no brasil: uma análise de matérias jornalísticas nacionais. *Brazilian Journal of Development*, 7(3), 25802-25815. <https://doi.org/10.34117/bjdv7n3-335>.

Bandura, A. (2002). Social Cognitive Theory of Mass Communication. In J. Bryant & D. Zillman (Orgs.), *Media Effects: advances in Theory and Research* (2 nd ed.) (pp. 121-153). Routledge.

Barbosa, L. (2021). Introduzindo o campo da literacia em saúde: conceito, usos e reflexões para a saúde pública. *Reciis – Revista Eletrônica de Comunicação, Informação & Inovação em Saúde*, 15(3), 790-796. <https://doi.org/10.29397/reciis.v15i3.2445>.

Barros, G. C., & Menta, E. (2007). Podcast: produções de áudio para educação de forma crítica, criativa e cidadã. *Revista de Economía Política de las Tecnologías de la Información y Comunicación*, 9(1), 1-14. <https://seer.ufs.br/index.php/epitic/article/view/217>.

Bonixe, L. (2021). Potencialidades do Podcasting no Jornalismo de Saúde —Uma Análise a Três Podcasts Sobre a Covid-19 em Portugal. *Comunicação e Sociedade*, (40), 91-108. [https://doi.org/10.17231/comsoc.40\(2021\).3249](https://doi.org/10.17231/comsoc.40(2021).3249).

Bottentuit Junior, J. B., & Coutinho, C. P. (2008). Recomendações para Produção de Podcasts e Vantagens na Utilização em Ambientes Virtuais de Aprendizagem. *Revista Prisma.com*, 6, 158-179. <http://hdl.handle.net/1822/8001>.

Bryman, A. (2012). *Social Research Methods* (2nd ed.). Oxford University Press.

Cajazeira, P. E. S. L., Souza, J. J. G., Antoniutti, C. L., Vasconcelos, W. G. I., Sales, L. S. G., & Silva, T. S. S. (2022). Análise comparativa entre os meses iniciais de 2020 e 2021 no processo de monotematização da cobertura jornalística durante a pandemia da COVID-19 no Jornal Nacional. *Intercom, Rev. Bras. Ciênc. Comun.*, 45. <https://doi.org/10.1590/1809-58442022105pt>.

Celaya, I., Ramiréz-Motoya, M. S., Naval, C., & Arbués, E. (2020). Usos del podcast para fines educativos. Mapeo sistemático de la literatura em WoS y Scopus (2014-2019). *RLCS, Revista Latina de Comunicación Social*, 77, 179-2021. <https://www.doi.org/10.4185/RLCS-2020-1454>.

Cordeiro, P., & Damásio, A. (2021). Podcastmente: podcasts de saúde mental criados na pandemia de COVID-19 em Portugal. *Comunicação Pública*, 16(31), 1-22. <https://doi.org/10.34629/cpublica.54>.

Creswell, J. W. (2014). *Research Design: Qualitative, Quantitative, and Mixed Methods* (4th ed.). SAGE.

Croucher, S. M., & Cronn-Mills, D. (2015). *Understanding Communication Research Methods: A Theoretical and Practical Approach*. Routledge.

Diniz, C. P. S., & Pimentel, A. S. G. (2022). Uma proposta metodológica para Análise do Discurso baseada na hermenêutica de Paul Ricoeur. *Psicologia em Pesquisa [online]*, 16(1), 1-16. <http://dx.doi.org/10.34019/1982-1247.2022.v16.29928>.

Entman, R. M. (1993). Framing: Toward Clarification of Fractured Paradigm. *Journal of Communication*, 43(4), 51-58. <http://dx.doi.org/10.1111/j.1460-2466.1993.tb01304>.

Felix, C. B., Rocha, V. N., Castro, P. F. V. F., Mendes, L. de M. R., & Fontes, H. P. de B. (2021). Juventude e trauma geracional: como os jovens brasileiros respondem à pandemia e à infodemia da Covid-19. *Liinc Em Revista*, 17(1), 1-14. <https://doi.org/10.18617/liinc.v17i1.5708>.

Ferreira, R. C., & Reis, K. A. S. (2022) Evidências entre mídia e suicídio: efeito contágio das produções jornalísticas e ficcionais. *Revista Eletrônica de Comunicação, Informação e Inovação em Saúde*, 14(3), 633-643. <https://doi.org/10.29397/reciis.v14i3.1932>.

Gama, C. A. P., Campos, R.T. O., & Ferrer, A. L. (2014). Saúde mental e vulnerabilidade social: a direção do tratamento. *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, 17(1), 69-84. <https://doi.org/10.1590/S1415-47142014000100006>.

Hall, S. (2003). *Da diáspora: identidades e mediações culturais*. (A. L. G. Resende, A. C. Escosteguy, C. Alvares, F. Rudiger, & S. Amaral, Trad.). UNESCO no Brasil.

Hoydis, J. (2020). Introduction: New Waves—Feminism, Gender, and Podcast Studies. In *Gender Forum* (No. 77, pp. 1-1). Prof. Dr. Beate Neumeier.

Jenkins, H., Ford, S., & Green, J. (2015). *Cultura da conexão: criando valor e significado por meio da mídia propagável*. Editora Aleph.

Kaplún, M. (1996). *El comunicador popular*. (3rd ed.). Lumen-humanitas.

Kischinhevsky, M., Lopez, D. C., & Benzecry, L. (2020). Podcasting tensiona categorizações e ganha, enfim, destaque como objeto de estudos. *Radiofonias — Revista de Estudos em Mídia Sonora*, 11(1), 6-12. <https://periodicos.ufop.br/radiofonias/article/view/4333>.

Lacerda, B., & Santos, E. (2020). Representações mediáticas da doença mental: um protocolo de revisão scoping. *Millenium*, 2(7), 71-76. DOI: 10.29352/mill0207e.08.00364.

Larochelle, M., Bednarz, N., & Garrison, J. (1998). *Constructivism and education*. Cambridge University Press.

Lindgren, M. (2023). Intimacy and emotions in podcast journalism: A study of award-winning Australian and British podcasts. *Journalism Practice*, 17(4), 704-719.

Lopes, F., Santos, C. A., Magalhães, O., Burnay, C. D., Araújo, R., & Sá, A. (2021). A cobertura noticiosa da pandemia: um retrato dos dilemas e práticas profissionais na era Covid-19. *Mediapolis*, 13, 109-124. [https://doi.org/10.14195/2183-6019\\_13\\_6](https://doi.org/10.14195/2183-6019_13_6).

Lopes Quintino, C., R. Del Bianco, N., & Oliveira Moura, D. (2021). Consumo de podcasts jornalísticos no cotidiano de jovens universitários brasileiros. *Comunicação Pública*, 16(31). <https://doi.org/10.34629/cpublica.56>.

Malinverni, C., Cuenca, A. M. B., & Brigagão, J. I. M. (2012). Epidemia midiática: produção de sentidos e configuração social da febre amarela na cobertura jornalística, 2007-2008. *Physis*, 22(3), 853-872. <https://doi.org/10.1590/S0103-73312012000300002>.

Manrique-Grisales, J. (2020). La prensa en modo pandemia: una aproximación a las agendas informativas de Expreso y El País sobre COVID-19. *Revista Española de Comunicación en Salud*, 142-157. <https://doi.org/10.20318/recs.2020.5450>.

McCombs, M. E., Shaw, D. L. & Weaver, D. H. (2014). New Directions in Agenda-Setting Theory and Research. *Mass Communication and Society*, 17(6), 781–802. <https://doi.org/10.1080/15205436.2014.964871>.

McNamara, S., & Drew, C. (2019) Concept analysis of the theories used to develop educational podcasts. *Educational Media International*, 56(4), 300-312. DOI: 10.1080/09523987.2019.1681107.

Mendes, L. de M. R., Felix, C. B., Procópio, C. R., de Souza, L. G., & Fontes, H. H. P. de B. (2021). Juventude, jornalismo e credibilidade em tempos de pandemia. *Rizoma*, 9(1), 69-85. <https://doi.org/10.17058/rzm.v9i1.16555>.

Ministério da Saúde do Brasil. (2005). *Marco legal: Saúde, um direito de adolescentes*. Editora MS.

Ministério da Saúde do Brasil. (2015). *Caderno HumanizaSUS Volume V Saúde Mental*. Editora MS.

Oldfather, P., West, J., White, J., & Wilmarth, J. (1999). *Learning Through Children's Eyes: Social Constructivism and the Desire to Learn (Psychology in the Classroom, 12)*. (1st ed.). Amer Psychological Assn.

Pain, C., & Lanius, R. (2020). Disasters, pandemics and mental health. *CMAJ*, 192(28), 803. DOI: 10.1503/cmaj.200736.

Pritchard, A. & Woollard, J. (2010). *Psychology for the Classroom: Constructivism and Social Learning*. Routledge.

Rains, L., Johnson, S., Barnett, P., Steare, T., Needle, J. J., Carr, S. Taylor, B. L., Bentivegna, F., Edbrooke-Childs, J., Scott, H. R., Rees, J., Shah, P., Lomani, J., Chipp, B., Barber, N., Dedat, Z., Oram, S., Morant, N., & Simpson, A. (2021) Early impacts of the COVID-19 pandemic on mental health care and on people with mental health conditions: framework synthesis of international experiences and responses. *Soc Psychiatry Psychiatr Epidemiol* 56, 13-24. <https://doi.org/10.1007/s00127-020-01924-7>.

Sa'diyah, H., & Fahmi, M. (2021). Gatekeeping Process of Content Production of Audio Podcast in Yogyakarta, Indonesia. *KnE Social Sciences*, 89-95. <https://doi.org/10.18502/kss.v5i3.8530>.

Sacramento, I., & Borges, W. C. (2020). *Representações Midiáticas da Saúde*. Editora Fiocruz.

Saptorini, E., Zhao, X., & Jackson, D. (2021). Place, Power and the Pandemic: The Disrupted Material Settings of Television News Making During Covid-19 in an Indonesian Broadcaster. *Journalism Studies*, 23(5-6), 611-628. <https://doi.org/10.1080/1461670X.2021.1942149>.

Schwaa, R. T., & Tavares, F. M. B. (2009). O tema como operador de sentidos no jornalismo de revista. *Galáxia*, 18, (180-193). <https://revistas.pucsp.br/index.php/galaxia/article/view/2650>.

Serrano, E. (2021). Jornalismo em tempo de pandemia: os novos formatos e os novos protagonistas da informação televisiva. In F. R. Cádima & I. Ferreira (Coords.), *Perspectivas multidisciplinares da Comunicação em contexto de Pandemia, vol. I*, 50-71. Coleção ICNOVA. <https://doi.org/10.34619/dnd9-8k60>.

Shoemaker, P. J., & Vos, T. P. (2011). *Teoria do Gatekeeping: seleção e construção da notícia*. (V. Nickel, Trad.). Penso.

Silva, G. (2005). Para pensar critérios de noticiabilidade. *Estudos em Jornalismo e Mídia*, 2(1), 95-107. <https://doi.org/10.5007/%25x>.

Soares, I. O. (2000). Educomunicação: um campo de mediações. *Comunicação & Educação*, 19, 12-24. <http://dx.doi.org/10.11606/issn.2316-9125.v0i19p12-24>.

Valiati, V. A. D., Cardoso, g. B., & Breda, L. P. (2020). "Jornalismo de peito aberto": o consumo de conteúdo jornalístico no podcast Mamilos. *Revista Prisma.com*, 42, 90-104. <https://doi.org/10.21747/16463153/42a6>.

Verner, A. F., & Xavier, C. (2021). Entre o interesse público e o interesse da audiência: um estudo do portal aRede. *Pauta Geral*, 8(2), 1-33. <https://doi.org/10.5212/19573>.

Wahl-Jorgensen, K. (2020). An emotional turn in journalism studies?. *Digital journalism*, 8(2), 175-194.

Wimmer, R. D., & Dominick, J. R. (2006). *Mass Media Research*. (9th ed). Thomson Wadsworth.

Yin, R. K. (2015). *Estudo de caso: planejamento e métodos*. (5th ed). Bookman.

## Webgrafia

ABPod. (2020). POD Pesquisa 2020-2021. [https://abpod.org/wp-content/uploads/2020/12/Podpesquisa-Produtor-2020-2021\\_Abpod-Resultados.pdf](https://abpod.org/wp-content/uploads/2020/12/Podpesquisa-Produtor-2020-2021_Abpod-Resultados.pdf)

Capricho. (13 de setembro de 2022). Consumo de podcasts sobre saúde mental cresce 111% na geração Z. //<https://capricho.abril.com.br/entretenimento/consumo-de-podcasts-sobre-saude-mental-cresce-111-na-geracao-z/>.

Ferraz, L. (n.d). *Autismo é só uma palavra*. UOL. <https://www.uol.com.br/vivabem/reportagens-especiais/amanda-ramalho-autismo/#cover>.

G1. (n.d.). Podcast O Assunto. <https://g1.globo.com/podcast/o-assunto/>.

Grupo Globo. (2020). *Patrocínio podcasts: O Assunto + Resumão*. [https://negocios8.redeglobo.com.br/PDF/Programas/2020/Plano%20Comercial\\_PodcastsHard\\_news.pdf](https://negocios8.redeglobo.com.br/PDF/Programas/2020/Plano%20Comercial_PodcastsHard_news.pdf).

Grupo Globo. (n.d.). Quem Somos. <https://grupoglobo.globo.com/>.

Lei nº 13.709 de 14 de agosto de 2018. (2018). Institui a Lei Geral de Proteção de Dados. Presidência da República. [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2015-2018/2018/lei/113709.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2018/lei/113709.htm).

Madeiro, C. (17 de janeiro de 2022). *Dia mais letal da pandemia no país em 2021 teve mais mortes que dezembro*. UOL. <https://noticias.uol.com.br/saude/ultimas-noticias/redacao/2022/01/17/dia-mais-letal-da-pandemia-no-pais-teve-mais-mortes-que-dezembro-de-2021.htm>.

Organização das Nações Unidas. (2022, Maio). 14.9 million excess deaths associated with the COVID-19 pandemic in 2020 and 2021. <https://www.who.int/news/item/05-05-2022-14.9-million-excess-deaths-were-associated-with-the-covid-19-pandemic-in-2020-and-2021>

Organização Pan-Americana de Saúde. (2022, Março). Pandemia de COVID-19 desencadeia aumento de 25% na prevalência de ansiedade e depressão em todo o mundo. <https://www.paho.org/pt/noticias/2-3-2022-pandemia-covid-19-desencadeia-aumento-25-na-prevalencia-ansiedade-e-depressao-em>.

Piauí. (11 de maio de 2019). Quatro em cada dez internautas já ouviram podcast no Brasil. Piauí. <https://piaui.folha.uol.com.br/quatro-em-cada-dez-internautas-ja-ouviram-podcast-no-brasil/>.

Ramalho, A. (Produtora executiva). (2019-). *Esquizofrenias* [podcast de áudio]. <https://open.spotify.com/show/2g1dO4bAiWtx5Bdip8gQLk>.

Resolução nº 510 de 07 de abril de 2016. (2016). Dispõe sobre as normas aplicáveis a pesquisas em Ciências Humanas e Sociais. Conselho Nacional de Saúde. <http://conselho.saude.gov.br/resolucoes/2016/Reso510.pdf>.

Serviço Nacional de Saúde de Portugal. (n.d). Literacia em saúde. <http://www2.insa.pt/sites/INSA/Portugues/AreasCientificas/PSDC/AreasTrabalho/LiteraciaSaude/Paginas/inicial.aspx>

SP1. (17 de março de 2021). *Primeiro anúncio de uma morte por Covid-19 no Brasil completa um ano*. G1. <https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2021/03/17/anuncio-da-primeira-morte-por-covid-19-no-brasil-completa-um-ano.ghtml>.

Spotify. (n.d). *Esquizofrenias*. <https://open.spotify.com/show/2g1dO4bAiWtx5Bdip8gQLk>.

Spotify. (2022). *Culture Next: 2022*. <https://culturenext2022.byspotify.com/>.

UOL. (n.d). *Tudo sobre Renata Lo Prete*. <https://natelinha.uol.com.br/famosos/tudo-sobre/renata-lo-prete>.

## **Anexos**

### **Anexo 1 – Protocolo de consentimento assinado: Amanda Ramalho**



### Protocolo de consentimento informado - Entrevista Semi-estruturada

Eu, Amanda Ramalho da Silva \_\_\_\_\_, aceito participar de livre vontade do estudo da autoria de Giulie Hellen Oliveira de Carvalho (aluna do Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas, da Universidade de Lisboa), orientada pela Professora Doutora Carla Isabel Simões dos Santos Cruz (Professora Auxiliar do Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas, da Universidade de Lisboa), no âmbito da dissertação de Mestrado em Ciências da Comunicação, na vertente de Jornalismo.

Para que eu assinasse esse protocolo de consentimento informado me foi explicado o objetivo geral deste estudo que é compreender a utilização da abordagem educomunicativa para o público juvenil dos podcasts 'O Assunto' e 'Esquizofrenóias' ao representarem saúde mental no primeiro ano da Covid-19 no Brasil. Compreendi e aceito responder a uma entrevista que explora questões sobre Covid-19, jovens, saúde mental, comunicação, mídia e jornalismo.

Entendo que a minha participação neste estudo é voluntária, podendo desistir a qualquer momento, sem que essa decisão se reflita em qualquer prejuízo para mim. Ao participar desse trabalho, colaboro para o desenvolvimento da investigação na área de jornalismo, não sendo, contudo, acordado qualquer benefício direto ou indireto pela minha colaboração.

Compreendo, por fim, que pelo fato de eu ser uma informadora qualificada, essa entrevista seguirá princípios éticos, sendo que todas as informações recolhidas e tratadas nesse estudo não serão usadas para além do fim a que se destinam.

Nome Amanda Ramalho da Silva \_\_\_\_\_

Assinatura

Data 15 \_\_\_ / 06 / \_\_\_ 2023

## Anexo 2 – Protocolo de consentimento assinado: Haydê



### Protocolo de consentimento informado - Focus Group

Eu, Haydi Bustina de Souza, aceito participar de livre vontade do estudo da autoria de Giulie Hellen Oliveira de Carvalho (aluna do Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas, da Universidade de Lisboa), orientada pela Professora Doutora Carla Isabel Simões dos Santos Cruz (Professora Auxiliar do Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas, da Universidade de Lisboa), no âmbito da dissertação de Mestrado em Ciências da Comunicação, na vertente de Jornalismo.

Para que eu assinasse esse protocolo de consentimento informado, me foi explicado o objetivo geral deste estudo que é compreender a utilização da abordagem educomunicativa para o público juvenil dos podcasts 'O Assunto' e 'Esquizofrenóias' ao representarem saúde mental no primeiro ano da Covid-19 no Brasil. Compreendi e aceito participar do *focus group* que explora questões sobre Covid-19, jovens, saúde mental, comunicação, mídia e jornalismo.

Entendo que a minha participação neste estudo é voluntária, podendo desistir a qualquer momento, sem que essa decisão se reflita em qualquer prejuízo para mim. Ao participar desse trabalho, contribuo para o desenvolvimento da investigação na área de jornalismo, não sendo, contudo, acordado qualquer benefício direto ou indireto pela minha colaboração.

Compreendo, por fim, que todas as informações recolhidas e tratadas nesse estudo não serão usadas para além do fim a que se destinam, que será mantido o anonimato e todas as considerações legais e éticas serão aplicadas conforme apontadas no estudo.

Assinatura Haydi Bustina de Souza  
Data 26/09/2023

### Anexo 3 – Protocolo de consentimento assinado: Francisco



#### Protocolo de consentimento informado - Focus Group

Eu, FRANCISCO FIORESE DE SOUZA, aceito participar de livre vontade do estudo da autoria de Giulie Hellen Oliveira de Carvalho (aluna do Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas, da Universidade de Lisboa), orientada pela Professora Doutora Carla Isabel Simões dos Santos Cruz (Professora Auxiliar do Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas, da Universidade de Lisboa), no âmbito da dissertação de Mestrado em Ciências da Comunicação, na vertente de Jornalismo.

Para que eu assinasse esse protocolo de consentimento informado, me foi explicado o objetivo geral deste estudo que é compreender a utilização da abordagem educomunicativa para o público juvenil dos podcasts ‘O Assunto’ e ‘Esquizofrenóias’ ao representarem saúde mental no primeiro ano da Covid-19 no Brasil. Compreendi e aceito participar do *focus group* que explora questões sobre Covid-19, jovens, saúde mental, comunicação, mídia e jornalismo.

Entendo que a minha participação neste estudo é voluntária, podendo desistir a qualquer momento, sem que essa decisão se reflita em qualquer prejuízo para mim. Ao participar desse trabalho, contribuo para o desenvolvimento da investigação na área de jornalismo, não sendo, contudo, acordado qualquer benefício direto ou indireto pela minha colaboração.

Compreendo, por fim, que todas as informações recolhidas e tratadas nesse estudo não serão usadas para além do fim a que se destinam, que será mantido o anonimato e todas as considerações legais e éticas serão aplicadas conforme apontadas no estudo.

Assinatura:

Cuidador de \_\_\_\_\_

Data \_\_\_/\_\_\_/\_\_\_

## Anexo 4 – Protocolo de consentimento assinado: Felipe



### Protocolo de consentimento informado - Focus Group

Eu, Felipe Sonda Dittrich, aceito participar de livre vontade do estudo da autoria de Giulie Hellen Oliveira de Carvalho (aluna do Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas, da Universidade de Lisboa), orientada pela Professora Doutora Carla Isabel Simões dos Santos Cruz (Professora Auxiliar do Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas, da Universidade de Lisboa), no âmbito da dissertação de Mestrado em Ciências da Comunicação, na vertente de Jornalismo.

Para que eu assinasse esse protocolo de consentimento informado, me foi explicado o objetivo geral deste estudo que é compreender a utilização da abordagem educacional para o público juvenil dos podcasts ‘O Assunto’ e ‘Esquizofrenias’ ao representarem saúde mental no primeiro ano da Covid-19 no Brasil. Compreendi e aceito participar do *focus group* que explora questões sobre Covid-19, jovens, saúde mental, comunicação, mídia e jornalismo.

Entendo que a minha participação neste estudo é voluntária, podendo desistir a qualquer momento, sem que essa decisão se reflita em qualquer prejuízo para mim. Ao participar desse trabalho, contribuo para o desenvolvimento da investigação na área de jornalismo, não sendo, contudo, acordado qualquer benefício direto ou indireto pela minha colaboração.

Compreendo, por fim, que todas as informações recolhidas e tratadas nesse estudo não serão usadas para além do fim a que se destinam, que será mantido o anonimato e todas as considerações legais e éticas serão aplicadas conforme apontadas no estudo.

Assinatura \_\_\_\_\_

Cuidador de \_\_\_\_\_

Data 10/07/2023

## Anexo 5 – Protocolo de consentimento assinado: Yasmin



### Protocolo de consentimento informado - Focus Group

Eu, Yasmin Bunik Slompo, aceito participar de livre vontade do estudo da autoria de Giulie Hellen Oliveira de Carvalho (aluna do Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas, da Universidade de Lisboa), orientada pela Professora Doutora Carla Isabel Simões dos Santos Cruz (Professora Auxiliar do Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas, da Universidade de Lisboa), no âmbito da dissertação de Mestrado em Ciências da Comunicação, na vertente de Jornalismo.

Para que eu assinasse esse protocolo de consentimento informado, me foi explicado o objetivo geral deste estudo que é compreender a utilização da abordagem educacional para o público juvenil dos podcasts 'O Assunto' e 'Esquizofrenias' ao representarem saúde mental no primeiro ano da Covid-19 no Brasil. Compreendi e aceito participar do *focus group* que explora questões sobre Covid-19, jovens, saúde mental, comunicação, mídia e jornalismo.

Entendo que a minha participação neste estudo é voluntária, podendo desistir a qualquer momento, sem que essa decisão se reflita em qualquer prejuízo para mim. Ao participar desse trabalho, contribuo para o desenvolvimento da investigação na área de jornalismo, não sendo, contudo, acordado qualquer benefício direto ou indireto pela minha colaboração.

Compreendo, por fim, que todas as informações recolhidas e tratadas nesse estudo não serão usadas para além do fim a que se destinam, que será mantido o anonimato e todas as considerações legais e éticas serão aplicadas conforme apontadas no estudo.

Assinatura: Yasmin Bunik Slompo

Cuidador de \_\_\_\_\_

Data 10/07/2023

## Anexo 6 – Protocolo de consentimento assinado: Ketelyn



### Protocolo de consentimento informado - Focus Group

Eu, Ketelyn Garcia Evangelista, aceito participar de livre vontade do estudo da autoria de Giulie Hellen Oliveira de Carvalho (aluna do Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas, da Universidade de Lisboa), orientada pela Professora Doutora Carla Isabel Simões dos Santos Cruz (Professora Auxiliar do Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas, da Universidade de Lisboa), no âmbito da dissertação de Mestrado em Ciências da Comunicação, na vertente de Jornalismo.

Para que eu assinasse esse protocolo de consentimento informado, me foi explicado o objetivo geral deste estudo que é compreender a utilização da abordagem educomunicativa para o público juvenil dos podcasts ‘O Assunto’ e ‘Esquizofrenias’ ao representarem saúde mental no primeiro ano da Covid-19 no Brasil. Compreendi e aceito participar do *focus group* que explora questões sobre Covid-19, jovens, saúde mental, comunicação, mídia e jornalismo.

Entendo que a minha participação neste estudo é voluntária, podendo desistir a qualquer momento, sem que essa decisão se reflita em qualquer prejuízo para mim. Ao participar desse trabalho, contribuo para o desenvolvimento da investigação na área de jornalismo, não sendo, contudo, acordado qualquer benefício direto ou indireto pela minha colaboração.

Compreendo, por fim, que todas as informações recolhidas e tratadas nesse estudo não serão usadas para além do fim a que se destinam, que será mantido o anonimato e todas as considerações legais e éticas serão aplicadas conforme apontadas no estudo.

Assinatura Ketelyn Garcia Evangelista

Data 10/07/2023

## Anexo 7 – Protocolo de consentimento assinado: Gilmar



### Protocolo de consentimento informado - Focus Group

Eu, GILMAR JOSÉ CEREGATO FILHO, aceito participar de livre vontade do estudo da autoria de Giulie Hellen Oliveira de Carvalho (aluna do Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas, da Universidade de Lisboa), orientada pela Professora Doutora Carla Isabel Simões dos Santos Cruz (Professora Auxiliar do Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas, da Universidade de Lisboa), no âmbito da dissertação de Mestrado em Ciências da Comunicação, na vertente de Jornalismo.

Para que eu assinasse esse protocolo de consentimento informado, me foi explicado o objetivo geral deste estudo que é compreender a utilização da abordagem educomunicativa para o público juvenil dos podcasts ‘O Assunto’ e ‘Esquizofrenias’ ao representarem saúde mental no primeiro ano da Covid-19 no Brasil. Compreendi e aceito participar do *focus group* que explora questões sobre Covid-19, jovens, saúde mental, comunicação, mídia e jornalismo.

Entendo que a minha participação neste estudo é voluntária, podendo desistir a qualquer momento, sem que essa decisão se reflita em qualquer prejuízo para mim. Ao participar desse trabalho, contribuo para o desenvolvimento da investigação na área de jornalismo, não sendo, contudo, acordado qualquer benefício direto ou indireto pela minha colaboração.

Compreendo, por fim, que todas as informações recolhidas e tratadas nesse estudo não serão usadas para além do fim a que se destinam, que será mantido o anonimato e todas as considerações legais e éticas serão aplicadas conforme apontadas no estudo.

Digitally signed by GILMAR JOSE CEREGATO FILHO:09374238900  
DN: C=BR, O=ICP-Brasil, OU=AC DIGITAL MULTIPLA G1, OU=27489125000183, OU=videoconferencia, OU=Certificado PF A1, CN=GILMAR JOSE CEREGATO FILHO:09374238900  
Location: Ponta Grossa/ PR  
Date: 2023.07.18 18:48:22-03'00'

Assinatura \_\_\_\_\_

Data 18 / 07 / 2023

## Anexo 8 – Protocolo de consentimento assinado: Lysa



### Protocolo de consentimento informado - Focus Group

Eu, Lysa Camile Straßmann, aceito participar de livre vontade do estudo da autoria de Giulie Hellen Oliveira de Carvalho (aluna do Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas, da Universidade de Lisboa), orientada pela Professora Doutora Carla Isabel Simões dos Santos Cruz (Professora Auxiliar do Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas, da Universidade de Lisboa), no âmbito da dissertação de Mestrado em Ciências da Comunicação, na vertente de Jornalismo.

Para que eu assinasse esse protocolo de consentimento informado, me foi explicado o objetivo geral deste estudo que é compreender a utilização da abordagem educomunicativa para o público juvenil dos podcasts ‘O Assunto’ e ‘Esquizofrenóias’ ao representarem saúde mental no primeiro ano da Covid-19 no Brasil. Compreendi e aceito participar do *focus group* que explora questões sobre Covid-19, jovens, saúde mental, comunicação, mídia e jornalismo.

Entendo que a minha participação neste estudo é voluntária, podendo desistir a qualquer momento, sem que essa decisão se reflita em qualquer prejuízo para mim. Ao participar desse trabalho, contribuo para o desenvolvimento da investigação na área de jornalismo, não sendo, contudo, acordado qualquer benefício direto ou indireto pela minha colaboração.

Compreendo, por fim, que todas as informações recolhidas e tratadas nesse estudo não serão usadas para além do fim a que se destinam, que será mantido o anonimato e todas as considerações legais e éticas serão aplicadas conforme apontadas no estudo.

Assinatura Lysa Camile Straßmann

Data 26/09/2023

## Anexo 9 – Protocolo de consentimento assinado: Jeniffer



### Protocolo de consentimento informado - Focus Group

Eu, jeniffer Medeiros cordeiro, aceito participar de livre vontade do estudo da autoria de Giulie Hellen Oliveira de Carvalho (aluna do Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas, da Universidade de Lisboa), orientada pela Professora Doutora Carla Isabel Simões dos Santos Cruz (Professora Auxiliar do Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas, da Universidade de Lisboa), no âmbito da dissertação de Mestrado em Ciências da Comunicação, na vertente de Jornalismo.

Para que eu assinasse esse protocolo de consentimento informado, me foi explicado o objetivo geral deste estudo que é compreender a utilização da abordagem educomunicativa para o público juvenil dos podcasts 'O Assunto' e 'Esquizofrenias' ao representarem saúde mental no primeiro ano da Covid-19 no Brasil. Compreendi e aceito participar do *focus group* que explora questões sobre Covid-19, jovens, saúde mental, comunicação, mídia e jornalismo.

Entendo que a minha participação neste estudo é voluntária, podendo desistir a qualquer momento, sem que essa decisão se reflita em qualquer prejuízo para mim. Ao participar desse trabalho, contribuo para o desenvolvimento da investigação na área de jornalismo, não sendo, contudo, acordado qualquer benefício direto ou indireto pela minha colaboração.

Compreendo, por fim, que todas as informações recolhidas e tratadas nesse estudo não serão usadas para além do fim a que se destinam, que será mantido o anonimato e todas as considerações legais e éticas serão aplicadas conforme apontadas no estudo.

Assinatura: jeniffer Medeiros cordeiro

Data 25 / 07 / 2023

## Anexo 10 – Protocolo de consentimento assinado: Davi



### Protocolo de consentimento informado - Autorização Focus Group

Eu, Tatiana Henriques da Luz \_\_\_\_\_, na qualidade de representante legal do menor Davi Henriques da Luz Silveira \_\_\_\_\_, autorizo que o /a menor à minha guarda participe de livre vontade do estudo da autoria de Giulie Hellen Oliveira de Carvalho (aluna do Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas, da Universidade de Lisboa), orientada pela Professora Doutora Carla Isabel Simões dos Santos Cruz (Professora Auxiliar do Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas, da Universidade de Lisboa), no âmbito da dissertação de Mestrado em Ciências da Comunicação, na vertente de Jornalismo.

Para que eu assinasse esse protocolo de consentimento informado, me foi explicado o objetivo geral deste estudo que é compreender a utilização da abordagem educomunicativa para o público juvenil dos podcasts ‘O Assunto’ e ‘Esquizofrenias’ ao representarem saúde mental no primeiro ano da Covid-19 no Brasil. Compreendi e aceito que o/a menor à minha guarda participe do *focus group* que explora questões sobre Covid-19, jovens, saúde mental, comunicação, mídia e jornalismo.

Entendo que a participação neste estudo é voluntária, podendo desistir a qualquer momento, sem que essa decisão se reflita em qualquer prejuízo para mim ou para o/a menor sob minha guarda. Ao participar desse trabalho, contribuimos para o desenvolvimento da investigação na área de jornalismo, não sendo, contudo, acordado qualquer benefício direto ou indireto pela colaboração.

Compreendo, por fim, que todas as informações recolhidas e tratadas nesse estudo não serão usadas para além do fim a que se destinam, que será mantido o anonimato e todas as considerações legais e éticas serão aplicadas conforme apontadas no estudo.

Assinatura TATIANA H LUZ \_\_\_\_\_

Responsável por Davi Henriques da Luz Silveira \_\_\_\_\_

Data 06 / 07 /23

## Anexo 11 – Protocolo de consentimento assinado: Lynd



### Protocolo de consentimento informado - Focus Group

Eu, \_\_\_Lynd Stratmann, aceito participar de livre vontade do estudo da autoria de Giulie Hellen Oliveira de Carvalho (aluna do Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas, da Universidade de Lisboa), orientada pela Professora Doutora Carla Isabel Simões dos Santos Cruz (Professora Auxiliar do Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas, da Universidade de Lisboa), no âmbito da dissertação de Mestrado em Ciências da Comunicação, na vertente de Jornalismo.

Para que eu assinasse esse protocolo de consentimento informado, me foi explicado o objetivo geral deste estudo que é compreender a utilização da abordagem educacional para o público juvenil dos podcasts ‘O Assunto’ e ‘Esquizofrenias’ ao representarem saúde mental no primeiro ano da Covid-19 no Brasil. Compreendi e aceito participar do *focus group* que explora questões sobre Covid-19, jovens, saúde mental, comunicação, mídia e jornalismo.

Entendo que a minha participação neste estudo é voluntária, podendo desistir a qualquer momento, sem que essa decisão se reflita em qualquer prejuízo para mim. Ao participar desse trabalho, contribuo para o desenvolvimento da investigação na área de jornalismo, não sendo, contudo, acordado qualquer benefício direto ou indireto pela minha colaboração.

Compreendo, por fim, que todas as informações recolhidas e tratadas nesse estudo não serão usadas para além do fim a que se destinam, que será mantido o anonimato e todas as considerações legais e éticas serão aplicadas conforme apontadas no estudo.

Assinatura LYND STRATMANN

Data 10/07/2023

## Anexo 12 – Protocolo de consentimento assinado: Ana



### Protocolo de consentimento informado - Focus Group

Eu, Ana Clara Vieira, aceito participar de livre vontade do estudo da autoria de Giulie Hellen Oliveira de Carvalho (aluna do Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas, da Universidade de Lisboa), orientada pela Professora Doutora Carla Isabel Simões dos Santos Cruz (Professora Auxiliar do Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas, da Universidade de Lisboa), no âmbito da dissertação de Mestrado em Ciências da Comunicação, na vertente de Jornalismo.

Para que eu assinasse esse protocolo de consentimento informado, me foi explicado o objetivo geral deste estudo que é compreender a utilização da abordagem educacional para o público juvenil dos podcasts ‘O Assunto’ e ‘Esquizofrenias’ ao representarem saúde mental no primeiro ano da Covid-19 no Brasil. Compreendi e aceito participar do *focus group* que explora questões sobre Covid-19, jovens, saúde mental, comunicação, mídia e jornalismo.

Entendo que a minha participação neste estudo é voluntária, podendo desistir a qualquer momento, sem que essa decisão se reflita em qualquer prejuízo para mim. Ao participar desse trabalho, contribuo para o desenvolvimento da investigação na área de jornalismo, não sendo, contudo, acordado qualquer benefício direto ou indireto pela minha colaboração.

Compreendo, por fim, que todas as informações recolhidas e tratadas nesse estudo não serão usadas para além do fim a que se destinam, que será mantido o anonimato e todas as considerações legais e éticas serão aplicadas conforme apontadas no estudo.

Assinatura ANA C. VIEIRA

Data 05/07/2023

## Anexo 13 – Protocolo de consentimento assinado: Allana



### Protocolo de consentimento informado - Autorização Focus Group

Eu, Tatiana Henriques da Luz \_\_\_\_\_, na qualidade de representante legal do menor Allana Henriques da Luz Silveira \_\_\_\_\_, autorizo que o /a menor à minha guarda participe de livre vontade do estudo da autoria de Giulie Hellen Oliveira de Carvalho (aluna do Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas, da Universidade de Lisboa), orientada pela Professora Doutora Carla Isabel Simões dos Santos Cruz (Professora Auxiliar do Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas, da Universidade de Lisboa), no âmbito da dissertação de Mestrado em Ciências da Comunicação, na vertente de Jornalismo.

Para que eu assinasse esse protocolo de consentimento informado, me foi explicado o objetivo geral deste estudo que é compreender a utilização da abordagem educomunicativa para o público juvenil dos podcasts ‘O Assunto’ e ‘Esquizofrenias’ ao representarem saúde mental no primeiro ano da Covid-19 no Brasil. Compreendi e aceito que o/a menor à minha guarda participe do *focus group* que explora questões sobre Covid-19, jovens, saúde mental, comunicação, mídia e jornalismo.

Entendo que a participação neste estudo é voluntária, podendo desistir a qualquer momento, sem que essa decisão se reflita em qualquer prejuízo para mim ou para o/a menor sob minha guarda. Ao participar desse trabalho, contribuimos para o desenvolvimento da investigação na área de jornalismo, não sendo, contudo, acordado qualquer benefício direto ou indireto pela colaboração.

Compreendo, por fim, que todas as informações recolhidas e tratadas nesse estudo não serão usadas para além do fim a que se destinam, que será mantido o anonimato e todas as considerações legais e éticas serão aplicadas conforme apontadas no estudo.

Assinatura TATIANA H LUZ \_\_\_\_\_

Responsável por Allana Henriques da Luz Silveira \_\_\_\_\_

Data 06 / 07 /23

Anexo 14 – Protocolo de consentimento assinado: Amanda



**Protocolo de consentimento informado - Focus Group**

Eu, Amanda, aceito participar de livre vontade do estudo da autoria de Giulie Hellen Oliveira de Carvalho (aluna do Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas, da Universidade de Lisboa), orientada pela Professora Doutora Carla Isabel Simões dos Santos Cruz (Professora Auxiliar do Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas, da Universidade de Lisboa), no âmbito da dissertação de Mestrado em Ciências da Comunicação, na vertente de Jornalismo.

Para que eu assinasse esse protocolo de consentimento informado, me foi explicado o objetivo geral deste estudo que é compreender a utilização da abordagem educacional para o público juvenil dos podcasts 'O Assunto' e 'Esquizofrenias' ao representarem saúde mental no primeiro ano da Covid-19 no Brasil. Compreendi e aceito participar do *focus group* que explora questões sobre Covid-19, jovens, saúde mental, comunicação, mídia e jornalismo.

Entendo que a minha participação neste estudo é voluntária, podendo desistir a qualquer momento, sem que essa decisão se reflita em qualquer prejuízo para mim. Ao participar desse trabalho, contribuo para o desenvolvimento da investigação na área de jornalismo, não sendo, contudo, acordado qualquer benefício direto ou indireto pela minha colaboração.

Compreendo, por fim, que todas as informações recolhidas e tratadas nesse estudo não serão usadas para além do fim a que se destinam, que será mantido o anonimato e todas as considerações legais e éticas serão aplicadas conforme apontadas no estudo.

Assinatura Amanda L. F. de Araújo  
Data 18/07/2023

## Anexo 15 – Protocolo de consentimento assinado: Victor



### Protocolo de consentimento informado - Focus Group

Eu, Victor Eduardo Akiyama de Oliveira, aceito participar de livre vontade do estudo da autoria de Giulie Hellen Oliveira de Carvalho (aluna do Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas, da Universidade de Lisboa), orientada pela Professora Doutora Carla Isabel Simões dos Santos Cruz (Professora Auxiliar do Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas, da Universidade de Lisboa), no âmbito da dissertação de Mestrado em Ciências da Comunicação, na vertente de Jornalismo.

Para que eu assinasse esse protocolo de consentimento informado, me foi explicado o objetivo geral deste estudo que é compreender a utilização da abordagem educacional para o público juvenil dos podcasts ‘O Assunto’ e ‘Esquizofrenias’ ao representarem saúde mental no primeiro ano da Covid-19 no Brasil. Compreendi e aceito participar do *focus group* que explora questões sobre Covid-19, jovens, saúde mental, comunicação, mídia e jornalismo.

Entendo que a minha participação neste estudo é voluntária, podendo desistir a qualquer momento, sem que essa decisão se reflita em qualquer prejuízo para mim. Ao participar desse trabalho, contribuo para o desenvolvimento da investigação na área de jornalismo, não sendo, contudo, acordado qualquer benefício direto ou indireto pela minha colaboração.

Compreendo, por fim, que todas as informações recolhidas e tratadas nesse estudo não serão usadas para além do fim a que se destinam, que será mantido o anonimato e todas as considerações legais e éticas serão aplicadas conforme apontadas no estudo.

Assinatura Assinado eletronicamente

Data 11 de julho de 2023

## Anexo 16 – Protocolo de consentimento assinado: Mariana



### Protocolo de consentimento informado - Focus Group

Eu, Mariana Fineze Teixeira, aceito participar de livre vontade do estudo da autoria de Giulie Hellen Oliveira de Carvalho (aluna do Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas, da Universidade de Lisboa), orientada pela Professora Doutora Carla Isabel Simões dos Santos Cruz (Professora Auxiliar do Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas, da Universidade de Lisboa), no âmbito da dissertação de Mestrado em Ciências da Comunicação, na vertente de Jornalismo.

Para que eu assinasse esse protocolo de consentimento informado, me foi explicado o objetivo geral deste estudo que é compreender a utilização da abordagem educacional para o público juvenil dos podcasts ‘O Assunto’ e ‘Esquizofrenias’ ao representarem saúde mental no primeiro ano da Covid-19 no Brasil. Compreendi e aceito participar do *focus group* que explora questões sobre Covid-19, jovens, saúde mental, comunicação, mídia e jornalismo.

Entendo que a minha participação neste estudo é voluntária, podendo desistir a qualquer momento, sem que essa decisão se reflita em qualquer prejuízo para mim. Ao participar desse trabalho, contribuo para o desenvolvimento da investigação na área de jornalismo, não sendo, contudo, acordado qualquer benefício direto ou indireto pela minha colaboração.

Compreendo, por fim, que todas as informações recolhidas e tratadas nesse estudo não serão usadas para além do fim a que se destinam, que será mantido o anonimato e todas as considerações legais e éticas serão aplicadas conforme apontadas no estudo.

Assinatura Mariana T

Data 04 / 07 / 2023

## Anexo 17 – Protocolo de consentimento assinado: João



### Protocolo de consentimento informado - Focus Group

Eu, João Ari Simões Ceregado, aceito participar de livre vontade do estudo da autoria de Giulie Hellen Oliveira de Carvalho (aluna do Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas, da Universidade de Lisboa), orientada pela Professora Doutora Carla Isabel Simões dos Santos Cruz (Professora Auxiliar do Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas, da Universidade de Lisboa), no âmbito da dissertação de Mestrado em Ciências da Comunicação, na vertente de Jornalismo.

Para que eu assinasse esse protocolo de consentimento informado, me foi explicado o objetivo geral deste estudo que é compreender a utilização da abordagem educomunicativa para o público juvenil dos podcasts ‘O Assunto’ e ‘Esquizofrenias’ ao representarem saúde mental no primeiro ano da Covid-19 no Brasil. Compreendi e aceito participar do *focus group* que explora questões sobre Covid-19, jovens, saúde mental, comunicação, mídia e jornalismo.

Entendo que a minha participação neste estudo é voluntária, podendo desistir a qualquer momento, sem que essa decisão se reflita em qualquer prejuízo para mim. Ao participar desse trabalho, contribuo para o desenvolvimento da investigação na área de jornalismo, não sendo, contudo, acordado qualquer benefício direto ou indireto pela minha colaboração.

Compreendo, por fim, que todas as informações recolhidas e tratadas nesse estudo não serão usadas para além do fim a que se destinam, que será mantido o anonimato e todas as considerações legais e éticas serão aplicadas conforme apontadas no estudo.

Assinatura João Ceregado  
Data 18/07/2023

## **Apêndices**

### **Apêndice 1 – Análise de conteúdo relacionada à distribuição temporal dos *podcasts***

Os episódios dos *podcasts* do ‘O Assunto’ têm duração padrão, com a grande maioria a durar entre 20’ e 29’:59”. Já os episódios do ‘Esquizofrenias’ são um pouco mais longos, oscilando entre o intervalo de 30’ a 49’:59”, sendo essa a duração de 16 dos 22 episódios. Em termos de tempo de discussão das entrevistadoras, Amanda Ramalho (Esquizofrenias) passou mais tempo a debater os assuntos com os entrevistados que Renata Lo Prete (O Assunto). Isto porque ‘O Assunto’ tem dois entrevistados em 69% das vezes, enquanto o ‘Esquizofrenias’ só tem um em 68%, libertando mais tempo para a entrevistadora.

### **Apêndice 2 – Análise de conteúdo relacionada à utilização de fontes terciárias no ‘O Assunto’ e ‘Esquizofrenias’**

Consideramos ‘fontes terciárias’ apenas áudios, entrevistas e outras mídias que não são inerentes ao *podcast*. O ‘O Assunto’ fez utilização destas fontes em 100 dos 104 *podcasts*, enquanto o Esquizofrenias não recorreu a nenhuma delas. Em sua maioria, o ‘O Assunto’ traz falas de autoridades e recortes de telejornais ou reportagens, contextualizando os ouvintes sobre o tema/assunto do episódio e demonstrando de onde surgiu a pauta.

### **Apêndice 3 – E-mail enviado para Renata Lo Prete em 02 de junho de 2023**



Giulie Carvalho <giulieoliveiracarvalho@gmail.com>

02/06/2023 10:34

Para: renata.loprete@g.globo



Declaração Giulie Carvalho.pdf  
121,9 KB

Olá, Renata, espero que esteja bem.

Meu nome é Giulie Carvalho e sou mestranda em Ciências da Comunicação - Jornalismo pela Universidade de Lisboa. Sou jornalista formada, natural de São José dos Pinhais/PR e me mudei para a capital portuguesa para estudar.

Bem, o tema da minha dissertação é o viés educacional de podcasts brasileiros ao abordarem saúde mental para o público juvenil durante o primeiro ano da Covid-19 no Brasil. Eu tenho dois objetos de estudo, sendo 'O Assunto' um deles.

Uma das técnicas que utilizarei na dissertação é a entrevista semi-estruturada e em profundidade com a âncora do podcast, que será submetida à análise de discurso posteriormente, e cruzada com análise de conteúdo dos episódios estudados.

Diante disso, é de suma relevância para o meu trabalho, bem como do meu interesse profissional, lhe fazer perguntas específicas sobre os episódios, a produção e a condução do 'O Assunto' entre março de 2020 e março de 2021.

Você poderia conceder essa entrevista e tem disponibilidade para que seja via Google Meet? Não levaria mais que 2h, no máximo. Sugiro entre os dias 14 e 20 de junho, no horário que for melhor para você. Se não for viável a entrevista por vídeo e você preferir, pode ser por e-mail.

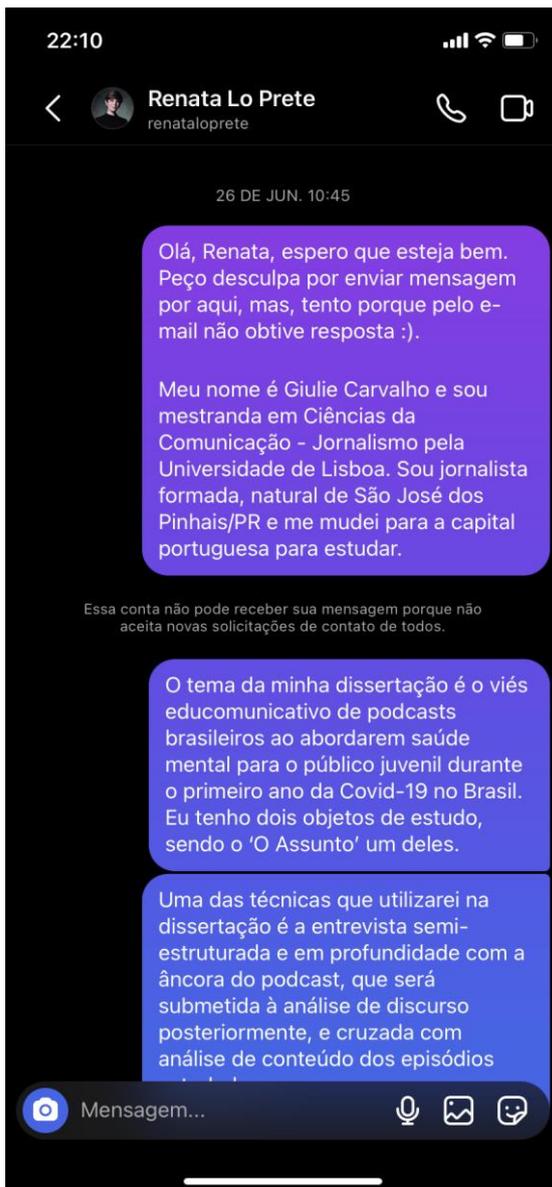
Reitero que, pelo fato de você ser uma informadora qualificada, a entrevista semi-estruturada seguirá princípios éticos, como a utilização de formulário de consentimento assinado e declaração de que as respostas são destinadas apenas a fins acadêmicos. Como complemento, envio em anexo a solicitação da minha orientadora para que a entrevista seja realizada.

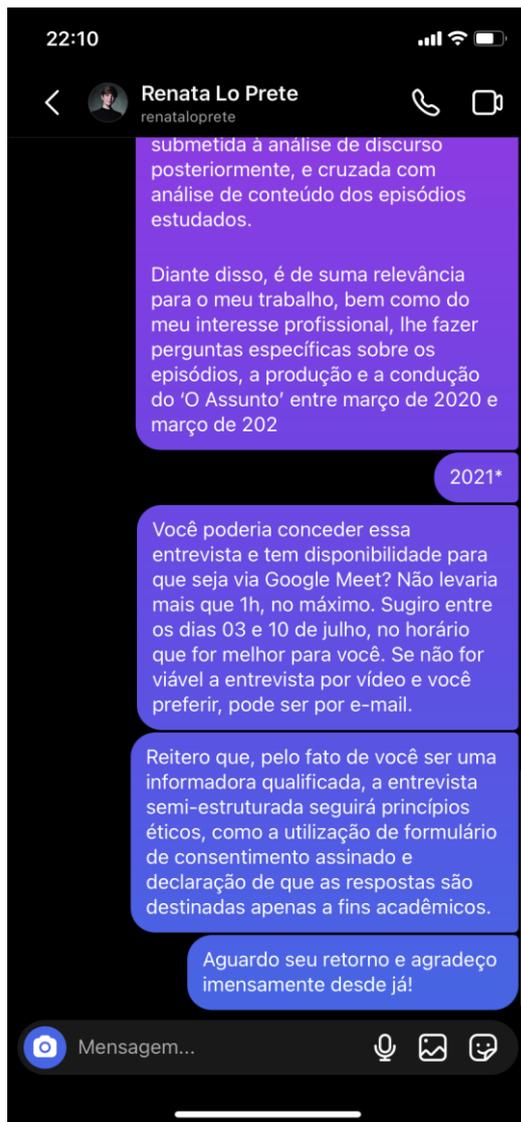
Aguardo seu retorno e agradeço imensamente desde já.

Atenciosamente,

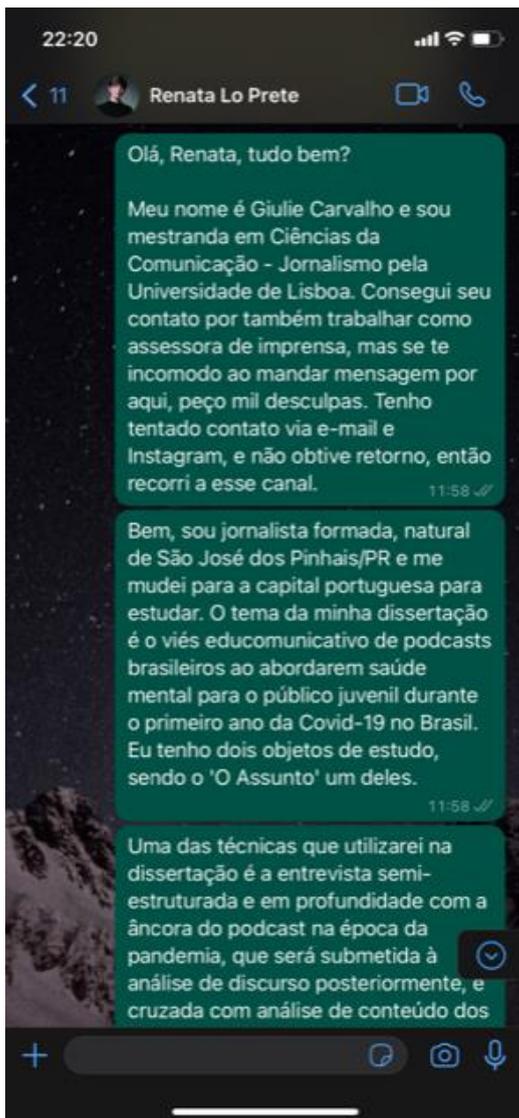
Giulie Carvalho

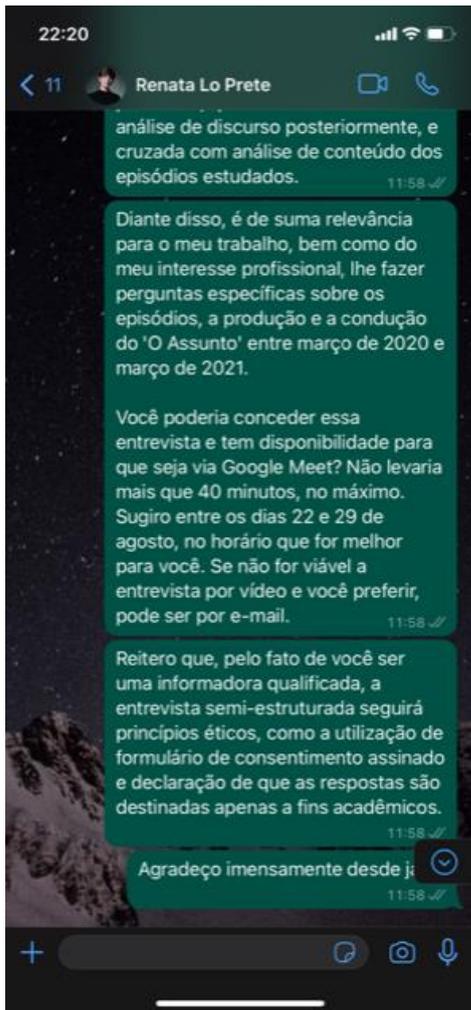
## Apêndice 4 – Mensagem enviada para Renata Lo Prete em 26 de junho de 2023

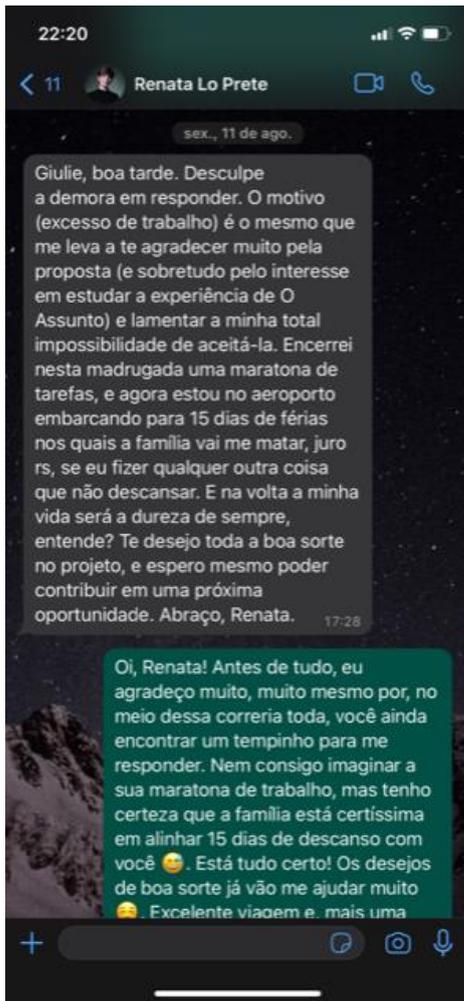




## Apêndice 5 – Conversa com Renata Lo Prete entre 04 e 11 de agosto de 2023







## Apêndice 6 – Guião de Entrevistas a Amanda Ramalho, âncora do Esquizofrenias

Meu nome é Giulie Carvalho, sou formada em jornalismo, no Brasil, e hoje faço o Mestrado em Ciências da Comunicação, na vertente de Jornalismo, do Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas da Universidade de Lisboa. O tema da minha dissertação é o viés comunicativo de podcasts brasileiros ao abordarem saúde mental durante a pandemia para o público juvenil.

O objetivo geral é compreender a utilização da abordagem comunicativa para o público juvenil dos podcasts O Assunto e Esquizofrenias ao representarem saúde mental no primeiro ano da Covid-19 no Brasil.

E a intenção da minha conversa com você é entender como foi a produção e o andamento do Esquizofrenias durante o primeiro ano da Covid-19 no Brasil. Eu já ouvi todos os episódios entre março de 2020 e março de 2021, e achei super interessante a maneira como você abordou saúde mental nesse período, mesmo que o Esquizofrenias sempre tenha a saúde mental como tema principal.

Como eu adiantei quando falei o tema da minha dissertação, as minhas perguntas giram em torno de quatro tópicos principais: Covid-19, jovens, mídia e comunicação, e saúde mental.

Obrigada pelo envio do protocolo de consentimento assinado. Preciso reforçar que você, por ser uma entrevistadora qualificada, terá seu nome citado na minha dissertação, mas todos os cuidados éticos serão aplicados, assim como a garantia de que essa entrevista não será utilizada além do que para esse fim acadêmico.

1 – Quais mudanças foram necessárias para que o podcast continuasse sendo gravado durante a Covid-19?

2 - Já que você citou o Sozinho Junto, era uma pergunta que eu ia fazer mais pra frente, mas vou aproveitar que você deu a deixa. Eu ouvi todos os episódios de Sozinho Junto no período que te falei e percebi que mudou bastante coisa desde o primeiro episódio até o último que ouvi, sendo que ainda não seria o último. Você mencionou algumas vezes que faria 10 episódios, mas a pandemia não tinha acabado, então continuou com o quadro. Como foi a evolução desse spin-off do Esquizofrenias?

3 – Como a pandemia da COVID-19 repercutiu no seu Podcast?

4 – Quando a Covid-19 chegou ao Brasil, você determinou algum tipo de prioridade para abordar no podcast?

5 - Até falando sobre isso, sobre esse cansaço, momentos de angústia e essa percepção de que as pessoas em algum momento teriam algum sintoma mental, como foi a sua tomada de decisão para que integrar a temática de saúde mental em meio ao contexto da Covid-19?

6 - E quanto aos entrevistados, se o assunto começava a ficar mais pesado ou havia temas mais sensíveis, você tinha algum cuidado ético na abordagem?

7 - Quais cuidados foram levados em conta na produção do seu podcast para que os jovens percebessem a gravidade da Covid-19 e seus desdobramentos? O seu público é jovem?

8 - A pandemia marcou alguma diferença entre a Amanda pessoa da Amanda jornalista?  
Se sim, de que forma?

9 – Pra terminar, qual sua ideia sobre o conceito de educomunicação?

**Apêndice 7 – Transcrição da entrevista realizada com Amanda Ramalho, âncora do podcast ‘Esquizofrenias’, no dia 15 de junho de 2023, via Google Meet. A duração foi 35 minutos.**

1 – Cara, eu precisei mudar bastante coisa. Pra começar, eu nem sabia ligar uma câmera direito, demorou bastante tempo para eu entender como as pessoas conseguiam fazer com que a dinâmica de chamada por vídeo funcionasse. Mas, eu precisava me adaptar. Então, eu comecei com as entrevistas por Zoom e naquele momento era a melhor plataforma porque, como todo mundo estava em casa, eles liberaram vários recursos que facilitavam as chamadas e aí eu só enviava o link para a pessoa. Aí depois de algum tempo eu comecei a usar o Zencast, que é uma ferramenta que eu já sabia que existia, mas não sabia como utilizar. Essa é mais interessante porque é mais voltada à gravação de podcasts mesmo, então cada pessoa grava a sua parte e depois junta tudo. Eu também usei Skype, pedia para que as pessoas me enviassem áudio por WhatsApp, e assim fui me adaptando. Inclusive, eu usei bastante esse recurso no Sozinho Junto.

2 - Nossa, sim, o Sozinho Junto mudou realmente muito ao longo do tempo. No início, o Sozinho Junto era pra ser sozinho, como se fosse um diário da pandemia. Como eu moro com o Vinicius, meu marido, ele fazia uma participação muito pequena porque era mais pra eu contar minha história mesmo.

Sim, o Dicas do Vinicius (cantarola a abertura e ri). Então, essa foi uma mudança bem brusca porque eu queria mostrar a realidade. Estava todo mundo sozinho em casa e só dava para conversar pessoalmente com quem mora com você. Então, tava uma situação bem merda, bem ruim, e eu queria que as pessoas tivessem um mínimo de entretenimento. Como era só uma vez por mês que eu veiculava esse quadro do podcast, tentava reunir tudo o que tinha acontecido e comentar, mas não queria falar só da parte ruim, queria falar de todo o cotidiano e outras coisas que estavam ao nosso redor.

3 – Eu recebia uns áudios das pessoas contando como estava sendo a pandemia e tentava relacionar ao meu conteúdo. Tipo, na Itália a pandemia aconteceu primeiro, foi o primeiro áudio que eu ouvi. Então, eu achei importante trazer isso para o que o público também ouvisse porque no Brasil a gente ainda estava numa fase muito acreditando que seria mais básico, seriam só 14 dias. Depois que o mundo começou a acabar e eu falei, beleza, preciso levar isso para o podcast.

No começo eu nem queria fazer sobre a pandemia, e aí meu terapeuta me encorajou dizendo que as pessoas precisavam se sentir em comunidade naquele momento, tipo, a dificuldade do entrevistado também pode ser a sua, sabe?! E outra, naquela época a gente falava muito menos de saúde mental, então, quando eu comecei a abordar pa Covid-19 no podcast eu meio que me tornei uma companheira do dia a dia para que as pessoas se identificassem com aquele momento de insegurança, de mudança mental mesmo, e também soubessem o que estava acontecendo.

4 – Ai que pergunta difícil. Eu tô até olhando aqui a sequência de podcasts para ver se tem algum padrão. Acho que a prioridade que eu determinei era intercalar informações e dicas sobre o que estava acontecendo no mundo com histórias da pandemia.

Eu fui percebendo ao longo das primeiras semanas que as coisas começaram a ficar pesadas. E aí eu me pegava pensando “será que a gente tá triste demais?”. Foi quando eu decidi dar um tempo de “notícia ruim” e fazer com que as pessoas se entretessem mais e desviassem um pouco das notícias horríveis por meio de entretenimento. Entretenimento leve, né? Tanto que esse é o nome do primeiro episódio de Sozinho Junto. Na verdade é ansiedade, grupos no zap e entretenimento leve, tipo... era uma mistura real de tudo. A gente tava ansioso com as notícias, tinha um zilhão de grupos sendo criados no WhatsApp, aquela correria de home office, chamadas de vídeo, e aí veio o entretenimento leve pra gente se sentir tranquilo, no sentido de “vou ver alguma imbecilidade pra me distrair”.

Teve um tempo que as pessoas faziam cursos e mais cursos e eu antecipei: isso vai dar merda. Todo mundo começou a ficar num excesso de produtividade absurdo, querendo aprender, e utilizando o tempo em casa para ser produtivo, fazer mil coisas, e eu só: cara, meu Deus, vai todo mundo bugar com isso em algum momento, vem aí o Burnout.

5 - Todo podcast do Esquizofrenias eu trago um entrevistado, né, seja um profissional de saúde mental, como os psicólogos que participaram dos episódios, ou um entrevistado

mesmo pra contar a sua história. Inclusive, alguns podcasts, como o “maternidade real”, foi gravado antes da pandemia, mas eu não sabia bem como colocá-lo naquele contexto. Mas aí a gente vai adaptando, às vezes pegando um outro tipo de gancho, e daí abordando pandemia só como um tópico mesmo. Como o Esquizofrenias é totalmente focado em saúde mental, não foi exatamente difícil inseri-lo na temática da pandemia, até porque esse foi um assunto que começou a ser muito abordado na mídia de modo geral e até entre amigos, né, tipo, a importância de fazer terapia porque o contexto é muito ruim e pode desencadear vários problemas e questões de saúde mental.

Meu podcast é sobre saúde mental, então esse sempre vai ser o tópico base para que eu desenvolva um episódio. Mas por exemplo, eu, lógico, vejo jornal, então me baseio pelo que está sendo pautado na imprensa e na mídia. Teve um dia que eu tava vendo SPTV e passou uma pesquisa sobre a saúde mental na periferia de São Paulo durante a pandemia. A reportagem contava que as pessoas da comunidade não sabiam identificar o que era ansiedade quando foram perguntados se estavam ansiosos ou se tinham desenvolvido ansiedade durante a Covid. Aí o que eles fizeram foi mudar o questionário para tipo: “você tá com medo de tal coisa? Você tá se sentindo angustiado? Você tá nervoso?” E outras perguntas assim que são sintomas relacionados a doenças mentais.

Eu achei isso extremamente interessante, vi de onde era a pesquisa, quem tinha feito e tal, e trouxe o tema para o meu podcast, de dizer como as pessoas de Heliópolis estão vivendo. Com isso, as pessoas chegaram até mim pedindo ajuda real, tipo “como é isso de terapia online? Você conhece algum lugar que faça terapia de graça?”. Ou seja, a comunidade começou a aumentar de uma maneira mais real. As pessoas ainda tinham meias palavras para perguntar sobre depressão e pela primeira vez se sentiram mais vulneráveis e conseguiram perceber que, talvez, era isso que estavam desenvolvendo. Também recebi muito pedido de “faz um episódio sobre isso, sobre aquilo” e tudo porque não estavam encontrando informação suficiente ou de forma esclarecida.

Então é isso, acabei sendo pautada e essa tomada de decisão também é baseada em assuntos factuais e que são de interesse público, não é algo só explicativo sobre cada doença.

6 - Claro, com certeza. Eu sou jornalista de formação, então há anos que eu ouço sobre efeito contágio, sobre ética no jornalismo, sobre os cuidados que um jornalista precisa ter ao abordar determinados assuntos. Mas assim, não é só isso que faz com que eu tente amenizar

uma conversa ou que eu corte trechos das entrevistas quando o assunto tá muito pesado. Eu também penso no que vai agregar, sabe? Porque assim, é preciso falar sobre doenças mentais e como elas afetam o dia a dia e de uma maneira real, não adianta ficar dando mil voltas até chegar no assunto. Então eu entendo que é preciso ser falado, a gente precisa conversar sobre temas difíceis, mas também é preciso ter cuidado sobre a maneira como falamos disso.

Por exemplo, o episódio com a Bruna Braga, que ela fala sobre o planejamento para cometer suicídio. Cara, esse episódio foi surreal de pesado porque é um assunto muito, muito difícil pra gente ouvir. Eu também convivo com questões de saúde mental e pensar naquilo tudo que ela falou me afeta muito, sabe? Eu sabia que isso podia acontecer com os ouvintes também, então cortei algumas partes e direcionei a conversa pra outros lugares em alguns momentos.

E aí é engraçado porque absolutamente toda vez que eu encontro a Bruna, eu já encontrei ela umas três vezes depois da gravação, ela me diz: “você não tem noção do que fez pelas pessoas na pandemia”. E ela diz isso porque o episódio dela repercutiu muito e eu recebi muitos e-mails depois disso, também enviaram muitas mensagens pra ela pra dizer que pensavam o mesmo e ainda bem que ouviram o podcast. Então é aquilo de que as pessoas foram consumindo o conteúdo para entender mesmo sobre questões de saúde mental.

Todas as entrevistas que faço, eu vou avaliando, pensando se é uma história mais delicada, se dá para comunicar como está ou se precisa de edição, como é o caso de comunicar sobre suicídio e etc. Também quando eu percebo que o entrevistado tá indo muito pesado, eu trago ele pra coisas mais leves, digamos assim, porque muitas vezes esse lugar pesado não acrescenta em nada, e eu entendo isso como comunicadora e jornalista.

É o caso do Whindersson, por exemplo. Muita gente sempre pergunta: porque você não leva o Whindersson no seu podcast? Cara, é porque ele comunica depressão de um jeito que eu não quero comunicar, não acho interessante compartilhar momentos pesados, então eu também tenho esse cuidado com quem vou chamar para ser entrevistado.

7 – Sim, o público é adulto, mas também tem jovens. O principal é entre 24 e 35 anos. Quanto ao que eu levei em consideração para que as pessoas entendessem sobre a Covid é o que eu já levo em consideração normalmente. Eu sempre tento fazer o podcast de maneira didática, mas sem ser professoral. Tipo, um jeito de chegar a uma entrevista profunda e densa, mas que as pessoas também entendam os termos. Uma falha de comunicação que acontece com muita frequência e eu percebo, de modo geral, é que as pessoas não contextualizam sobre o que

estão falando, então muita gente pega o bonde andando, sem saber exatamente do que se trata o assunto.

E eu tenho que pensar na pessoa que está ouvindo o podcast pela primeira vez, sabe? Ela vai ouvir, vai jogar a palavra no Google e vai chegar a outras informações sobre aquilo, mas é importante que também essa pessoa consiga extrair o máximo de conteúdo do podcast que está ouvindo porque é um assunto sério, e isso pode ajudá-la a entender onde ela está, o que ela sente, etc.

Uma preocupação técnica que eu tenho de fato é que eu acho que as pessoas precisam saber sobre o que eu estou falando, precisam entender, mas de uma maneira mais simples e direta, não informativa por si só. Tipo, se eu falar que 85% do Brasil tem ansiedade, isso não diz muito. Falar sobre gráficos, etc. Eu acho que os dados, o gráfico, precisa se tornar coisa da vida real porque daí a pessoa desenvolve empatia e consegue entender o que o outro está sentindo. Isso torna o podcast mais humano.

8 - Ah, com certeza. Quando a pandemia começou, eu achava que tinha que produzir, produzir, produzir. Eu tentava ter controle da pandemia e até demorei pra ficar mal, mas quando eu fiquei... eu sei as entrevistas que eu to mal, entende? Teve uma que foi logo depois do período que você analisou, sobre acumuladores compulsivos, e naquele dia eu estava muito mal. Então é isso, eu tentava falar sobre assuntos sem dar foco na pandemia, mas acabava que eu também estava sendo afetada por ela, e isso fazia com que eu tivesse que segurar mais em alguns episódios, outros que tava mais falante e assim por diante. Acho que não teve como não se afetar com tudo o que rolou.

E às vezes eu também tentava só contextualizar a Covid-19 no podcast, mas sem colocar esse como assunto principal porque eu já tava me sentindo mal, as pessoas já estavam se sentindo mal, já tava tudo meio ruim, sabe? Então eu puxava pra algo da infância, deixava o bloco da pandemia menor e ia construindo o episódio dessa forma. Lógico, não procurei ir para um lado de positividade tóxica, de sumir com o assunto pandemia porque tava me sentindo mal, mas tentava transformar em algo mais informativo e que trouxesse senso de comunidade.

9 – Pela palavra eu já amo e apesar de não saber o conceito, eu suponho que o

Esquizofrenias é muito educativo.

Antes eu falava que era algo, tipo um produto de informação. Não é um podcast para falar com amigos e jogar conversa fora, mas sim para fazer com que pessoas que não tivessem noção do que procurar na internet no que diz respeito à saúde mental chegassem ao podcast e assim acabassem aprendendo. Teve uma prova do Enem que foi de saúde mental e isso foi super legal porque percebi que antes mesmo da pandemia eu já tava ajudando de uma maneira educativa, instigando as pessoas a procurar informação sobre isso e também aprender.

Mas a ideia nunca foi ser educativo e só, como uma obrigação. Muito pelo contrário, o Sozinho Junto, inclusive, surge para sair dessa obrigação de informação e educação, mas também era pra falar bobagens e descontrair em meio àquele momento tão difícil que tava todo mundo passando.

Eu vejo, por exemplo, os podcasts de psicólogo são muito pra quem tem que fazer terapia, entender como é a vida das pessoas acometidas por tal doença mental. Isso faz todo sentido porque nesse nicho porque o psicólogo pode passar um conselho genérico e é isso, é a profissão dele. Mas, como comunicadora, eu acho que tenho que contar histórias para que as pessoas se identifiquem, criem empatia. E aí é claro, eu trago psicólogos e psiquiatras para o meu podcast porque é fundamental ter um especialista sobre o assunto para validar profissionalmente aquele assunto. Acho que isso é uma evolução comunicativa.

### **Apêndice 8 – Guião de Entrevistas do *focus group* 1**

Meu nome é Giulie Hellen Oliveira de Carvalho, sou mestranda em Ciências da Comunicação pela Universidade de Lisboa e estou realizando uma investigação jornalística sobre o viés educacional de podcasts brasileiros ao abordarem a saúde mental durante a pandemia da Covid-19.

De modo mais simples, meu projeto consiste em ouvir todos os podcasts do ‘O Assunto’ e do ‘Esquizofrenias’ relacionados à Covid-19 durante um ano e compreender se, ao abordarem saúde mental, doenças mentais, bem e mal-estar, entre outras nuances de efeitos psicológicos, esses programas o fazem de uma maneira educacional, ou seja, comunicam de maneira educadora.

Para responder a um dos meus objetivos, que faz parte de toda a dissertação, preciso gerenciar essa dinâmica junto com vocês numa técnica de investigação acadêmica que se chama

grupo focal ou *focus group*. Isto significa que nesta conversa sobre a abordagem de saúde mental em podcasts durante a pandemia, eu farei perguntas e vocês as responderão, para que, posteriormente, eu analise tudo o que conversamos aqui.

Vale dizer, por fim, que todas as respostas serão confidenciais e anônimas destinadas apenas a fins acadêmicos, inclusive, de acordo com a Lei Geral de Proteção de Dados (Lei 13.709, 2018), que estabelece diretrizes importantes referentes à coleta, tratamento e armazenamento de dados individuais. Além disso, pelo fato de alguns de vocês serem menores de idade, a dissertação irá se apoiar na Resolução CNS No 510/2016 (2016), do Governo Federal do Brasil, em que será solicitada uma autorização aos responsáveis para que pessoas com menos de 18 anos participem da pesquisa. E, acresce-se, que todos os sujeitos não serão identificados pelo seu nome de registro, ou seja, eu não citarei o nome de vocês no decorrer da análise.

1 – Quando vocês ficaram sabendo sobre a Covid-19, quais foram os primeiros pensamentos?

2 - Quando vocês viram que a primeira pessoa foi vacinada contra a Covid, como foram esses sentimentos todos?

3 – Vocês tiveram algum parente ou amigo próximo infectado pela Covid-19?

4 – Como vocês lidaram com o isolamento social e a necessidade de ter que ficar em casa?

5 - Você descobriu algo sobre você mesmo durante a pandemia enquanto ficou mais isolado? E como foi lidar com a sensação de solidão?

6 - Para vocês, o que é saúde mental e doenças mentais?

7 - Vocês têm alguma doença mental diagnosticada? Foi descoberta durante a pandemia?

8 - Vocês acompanharam muitas notícias durante a pandemia? E o que vocês acharam do volume de informações?

9 – Vocês gostam de podcasts?

10 - Vocês notaram alguma semelhança ou diferença entre a abordagem dos assuntos e os assuntos em si?

11- Qual deles vocês conseguiram entender melhor e aprender sobre o tema? Vocês diriam que o ‘O Assunto’ e o ‘Esquizofrenias’ são educativos? Por quê?

12 - Qual deles vocês conseguiram entender melhor e aprender sobre o tema? Vocês diriam que o ‘O Assunto’ e o ‘Esquizofrenias’ são educativos? Por quê?

13 - Vocês sentiram empatia em algum momento dos podcasts? Qual e por quê?

14 - Vocês gostaram mais de alguma âncora? Se sim, por qual motivo?

15 - Vocês gostaram da maneira como foi abordado isolamento, saúde mental e questões sociais, como Carnaval? Por quê?

16 - Vocês diriam que o ‘O Assunto’ e o ‘Esquizofrenias’ são educativos? Por quê?

**Apêndice 9 – Transcrição do *focus group* 1 realizado com adolescentes e jovens com idade entre 15 a 24 anos, no dia 5 de julho de 2023, via Google Meet. A duração foi de 1 hora e 8 minutos.**

1 - LUARA: Olha, o dia que eu fiquei sabendo, assim, bem no início, eu achei que não seria tão feio assim. Eu estava mais tranquila no dia, até que anunciaram no Brasil que teve o primeiro caso, eu estava numa festa de formatura, né? E eu achava isso, né? A gente só vai ficar duas semanas em casa. Minha faculdade já tinha encerrado as aulas e tal, mas eu achei não, a gente vai ficar duas semanas em casa igual foi na H1N1 e é isso, não vai acontecer mais nada, vai dar tudo certo.

No início, fui pra casa da minha família na intenção de ficar duas semanas. Eu levei roupa para ficar duas semanas. Via na televisão, na internet, a situação dos outros países, mas eu pensava que no Brasil, não, não seria assim não. Não chegaria nesse ponto. Quando você está na China é longe, né? Quando a gente via isso aí na Itália... Eu fiquei, não vai acontecer nada, vai ficar tudo bem. Foi no decorrer do tempo que foi começando a ter mais preocupação quando a gente viu a coisa realmente séria, e aí que todo mundo realmente mudou o rumo.

PAULA: Então, é de início eu não entendi muito bem, as primeiras informações. Eu achei que não ia chegar aqui ao Brasil, né? Começou lá na China, então eu achei que ia ser uma coisa que ia continuar lá, que não ia tomar as proporções, né, que acabou tomando. Então, de início eu não fiquei muito preocupada. Aí quando teve o primeiro aviso da escola, falando que a gente ia ficar um tempo, 15 dias, né? Sem aula, eu comecei a entender que era um pouco mais sério. Mas ainda assim, não achava que ia tomar as proporções que acabou tomando.

2 - LUARA: Nossa, eu lembro que, tipo, até a gente chegar nesse ponto, né? De ter o primeiro vacinado assim no Brasil, eu estava muito preocupada em casa. A gente fazia de tudo pra se cuidar, né? Não teve nenhum caso na minha casa, não teve ninguém que pegou e eu morava com uma pessoa idosa, que era fumante, e com o irmão, que tinha problemas respiratórios, então a gente se preocupava muito, né? E acho que quando a primeira pessoa foi vacinada, eu senti aquele sentimento de alívio, de meu Deus, isso vai ter fim, né? A gente está vendo aquela luz no fim do túnel, parece que saiu um peso assim das minhas costas. Eu comecei a pensar: finalmente, minha tia vai ser vacinada, gente! Vai conseguir sair de casa sem ter tanto medo. Eu ficava acompanhando bastante a questão das pesquisas, desenvolvimento das vacinas, que eu já estava um pouco obcecada com isso, né?! Também a gente, desocupada (ri).

3 - PAULA: Na minha casa, o meu padrasto pegou. Foi em 2021 e ele já estava com uma dose da vacina, mas ainda assim ele ficou muito mal. Foi muito desesperador, porque é uma doença que não vai melhorando, né? Ele estava bem e aí, do nada, piorou e parecia que nos dias seguintes, em vez de melhorar, foi piorando cada dia mais. Então assim, você não vê uma expectativa de melhora, né? E ainda assim, eu acho que portar uma dose foi menos grave, mas com a vacina eu acho que deu uma grande ajuda. Mas foi bem difícil.

4 - LUARA: É, foi um pouco chato assim essa parte, porque eu estava indo pro meu último ano da faculdade e eu lembro que no começo do ano eu já estava fazendo mil planos. Pensava: esse é o último ano, tem que aproveitar, né? Tem que focar no TCC, mas tem que aproveitar porque vai ser o último ano da faculdade. E aí, de repente, tinha que ficar em casa.

Tipo, do nada eu estava ali com eles [colegas de classe] e depois eu perdi o contato próximo com eles, conversava por WhatsApp. A gente fazia a chamada de vídeo e eu acabei que nunca mais vi eles presencial. Todas as pessoas que eu vi na formatura, que foi o último evento antes da pandemia que eu fui, eu não vi mais.

Eu senti que foi um pouco roubado de mim, sabe, tudo o que eu iria viver aquele ano, daí foi tudo diferente do que a gente imaginou no ano anterior, né? A gente terminou 2019 de um jeito totalmente diferente. Fiquei desde o começo do ano mais ou menos julho sem aula. Minha universidade só voltou no final de agosto a ter aula e aí a gente acabou atrasando

também, né? Era pra eu terminar a faculdade em dezembro de 2020, para terminar no outro ano, só no meio do ano.

E aí foi tipo, eu senti que foi tudo embora e era um encerramento de ciclo, né? Eu estava terminando a faculdade e aí não ter a formatura presidencial também foi um pouco triste pra mim. Eu senti que foi um ciclo que não se fechou porque parece que eu não consegui me despedir das pessoas porque eu não voltei lá, não vi mais ninguém, enfim. Foi uma coisa que pegou bastante. Fazer o quê, né?

BRUNO: Eu estava trabalhando e estudando, então eu comecei a fazer minhas atividades e as aulas começaram a ser feitas pelo aplicativo Tingo. Para ser sincero, eu adorei cada segundo que eu pude passar em casa durante a pandemia, eu não sei, tipo. É mal por estar isolado, mas acho que mais por perfil mesmo, né? Eu já não era uma pessoa muito de sair. E senti que eu chegava muito tarde em casa, trabalhando, estudando. Então o fato de eu conseguir ficar em casa, fazer as minhas atividades, poder dormir cedo e acordar tarde foi algo que... Se a gente conseguiu alguma coisa positiva, talvez tenha sido isso da pandemia, né?

5 - LUARA: Eu já morava fora há 3 anos, então acho que foi um momento de tipo, a gente se reaproximar bastante novamente. Só que de um outro lado, também penso que criou novamente um pouco de dependência que eu tinha perdido, aí eu voltei um pouco para trás, né? A gente fazia muitas coisas diferentes. Eu lembro que eu e minha mãe, a gente sempre tentava inventar alguma coisa diferente, alguma receita ou a gente saía para fazer caminhada, enfim, a gente tentava, né? De todas as formas fazer algumas coisas para a gente não ficar tão entediada assim. Eu fiquei dois anos assim direto com eles, então, por esse lado, foi bom para eu viver um pouco do que tinha perdido com eles.

Eu também acredito que foi até bom esse tempo que a gente ficou sem aula porque eu tive muito mais tempo para fazer meu TCC, né? Então eu pude focar mais na pesquisa em si e tive mais tempo para desenvolver, né? Por esse lado, acho que eu consegui aproveitar apesar de ter uma situação horrível. A gente tinha que focar em alguma coisa, né?

Com relação a hobby, eu acho que eu não. Não cheguei nesse ponto de conseguir descobrir alguma coisa nova. Eu me apeguei muito assim, em fazer caminhada. Eu gostava muito de fazer caminhada lá na cidade da minha mãe porque tinha um pôr-do-sol lindo. Eu gostava de caminhar todo dia para ver o pôr do sol e aí foi uma rotina que eu acabei criando.

Eu fiquei um pouco desesperada com a possibilidade de acontecer alguma coisa com alguém da minha casa. Depois, os maiores medos que despertaram e também eu acho que foi a questão de eu estava terminando a universidade, então era uma etapa, aquela virada de chave de sair e começar a trabalhar. Eu fiquei muito preocupada, tipo, tá todo mundo em casa, como é que vai ser? Como que eu vou entrar no mercado de trabalho agora, nessa situação? Era uma coisa que me deixava muito preocupada assim, mas acho que foi mais assim pro final. Isso pegou bastante.

6 - VERÔNICA: Essa semana teve uma semana da saúde onde eu trabalho e teve uma palestra sobre saúde mental. Eu prestei bastante atenção assim, porque a gente trabalha com adolescentes, então eles deram uma definição boa do que é saúde mental. Eles falaram que é uma você ter uma resiliência. Cuidar, né? Dessa saúde mental todos os dias. Então existe uma pessoa que tem saúde mental e ela vai viver o resto da vida com essa saúde. Ela tem que manter e sempre cuidar pra não ficar doido da cabeça.

LUARA: Acho que doenças mentais é algo que a gente não percebe, mas pode estar acontecendo com a gente, porque a gente não tem controle, né? Não dá pra “parar de ter isso”, é algo que vai além do nosso controle, então precisa de uma ajuda de fora pra contar isso, sabe? Se você perceber, isso afeta o corpo, afeta a tua rotina, afeta as coisas que você gosta, as coisas que você quer fazer com motivação e, enfim.

Sobre saúde mental, eu imagino que é uma coisa que a gente deveria estar falando há anos, mas é um pouco triste que a gente está falando sobre isso agora, que é meio que durante a pandemia e quando todo mundo colapsou. A gente se encontrou sem apoio, né?

PAULA: Depois da pandemia, é um assunto que ficou muito, muito em alta, né? Porque com o isolamento as pessoas começaram a desenvolver muitas coisas que antes elas nem percebiam, a gente começou a se conhecer mais. Acho que o isolamento mesmo gerou muita reação nas pessoas e trouxe muito esse assunto.

7 - Não houve resposta.

8 - BRUNO: Eu fiquei meio assustado. Não que não fosse uma coisa assustadora, mas

era muita notícia desesperadora assim, então a gente ficava meio chocado. Na época que estava na pandemia, eu não assistia tanto jornal porque só falava de Covid. Claro, tinha que falar porque era uma coisa que estava acontecendo, que era uma coisa que nunca a gente não tinha vivido, né? Mas às vezes a gente queria dar um ar, assistir uma coisa mais tranquila e não tinha.

JOSÉ: Pra mim foi um pouco difícil no começo, né? De estudar essas coisas, mas pra mim foi normal, mesmo assim, só ficava um pouco nervoso. Era muito chato, né, ficar assistindo. Mas foi normal mesmo, só no comecinho que foi um pouco difícil, aí no resto foi fácil.

9 - LUARA: Gosto, eu escuto todos os dias, geralmente de manhã. Eu sempre coloco o ‘Café da Manhã’, da Folha e o ‘Estadão Notícias’ pra começar o dia. Eu gosto de ouvir o ‘Não Inviabilize de manhã também’. Ultimamente, tenho escutado alguns de saúde mental, inclusive tem um que eu gosto muito, que é ‘Psicologia na Prática’ e aquele ‘Para Dar Nome Às Coisas’. Todo o episódio, eu acabo de escutar o da Folha de S. Paulo, aí o Spotify já vai sozinho nesse ‘Para Dar Nome Às Coisas’. Já está na lista de reprodução, é uma mesa de bar na web.

BRUNO: Eu consumo bastante conteúdo de podcast, geralmente um conteúdo mais voltado pra história ou até conteúdo jornalístico. Mas quando se trata de política de contexto jurídico, né? Porque eu tô nessa reta final do curso de Direito, e eu gosto bastante. Como eu geralmente pego ônibus muitas vezes de manhã, eu coloco pra ouvir no trajeto pro trabalho ou no trajeto pra aula, eu vou escutando. É uma forma de eu me manter informado e conseguir estudar alguns tópicos que são interessantes para mim também.

JOSÉ: Eu gosto muito, assisto muito também, mas eu gosto daqueles lá que contam mais da história do passado, sabe? Do passado da vida deles, uma coisa mais de contação de história mesmo.

PAULA: Eu gosto de podcast, mas acabo não ouvindo muito por não saber exatamente aonde achar. As pessoas ouvem no Spotify, né? Mas eu não tenho Spotify, uso outro outro aplicativo de música que é o Apple Music, mas lá eu não acho muito, então a é algo que eu acho legal, mas que eu acabo não tendo muito acesso.

10 - LUARA: Eu sinto que a pauta parecia mesmo, era bem parecida, mas a forma de abordagem do segundo... ela deu mais espaço pra pra pessoa contar a experiência dela, né? De

como foi esse tempo da pandemia.

Eu acredito que o segundo eu me senti mais identificada. Assim, eu me vi em alguns pontos do que ela falou mais do que no primeiro, né? No primeiro, não sei se eu tenho já esse pré-julgamento de conhecer o podcast, né? Reconheci a voz da Renata Lo Prete, mas estava numa pegada jornalística mesmo. E o segundo já tem essa coisa mais de abertura pra pessoa falar também e não com tanta pergunta assim.

11 - PAULA: Eu acho que foi mais na questão de passar o sentimento que a maioria das pessoas ali estava passando, sabe? Não sei se educativo, mas foi uma boa representação de tudo que a gente passou nesse período. Tanto um quanto o outro.

12 - LUARA: Eu acho que eles estão meio diferentes para mim. A abordagem do primeiro trouxe mais a questão da preparação, né? É pro Carnaval de uma escola, eu imagino que foi depois da pandemia, não é? Deve ter sido em 2021. Ainda estava naquela que tinha vacina, mas ainda não estava liberada. Então eu acho que foi mais a questão da expectativa, né? Como eles estavam se preparando? Acho que o segundo foi mais uma questão de tipo, as pessoas meio que estão violando as regras porque teve balada ali, a galera estava sem máscara aqui. Então eles ainda estão preocupados de que a coisa pode não estar bem, e que pode piorar, a gente pode voltar, né? Eu acho que foi o que eu senti agora nessa leva, que eles têm abordagens bem diferentes uma da outra apesar de ser o mesmo assunto Carnaval, né?

13 - PAULA: É parecido na questão de não poder estar comemorando o Carnaval. Ambos falam isso, né? Então, eu acho que foi complicado para todo mundo porque no Brasil o Carnaval é tudo, né? Eu acho que foi difícil, só que ainda assim, eu acho que a gente tinha que entender que o momento realmente não dava, né?! Tinham coisas que estavam acima disso, acima da comemoração. Eu acho que também tem o ponto de ser muito ruim para as pessoas que trabalham com isso e que seu sustento vem dali, né? Então é algo que não é ruim só pra quem teve que ficar em casa, a gente perdeu esse ano de comemoração, mas pra quem precisava disto, espera isso o ano todo pra se manter, né?

E também saindo um pouquinho dessa questão do Carnaval, mas da questão da galera não respeitar as regras que tinha na pandemia, eu acho que é algo muito complicado, porque

enquanto eu ouvi ali os trechos do podcast, eu lembro exatamente de ver no Instagram as pessoas postando que tavam em festas clandestinas e tal, mm aglomerações. Eu ficava muito revoltada, sabe, porque eu estava em casa, a gente tentando fazer o máximo e às vezes não é só pela gente, né? É por todo mundo que é mais vulnerável e que está ao nosso redor. Então eu lembro que foi assim, uma revolta bem grande pra mim ver como as pessoas diminuíram isso.

14 - LUARA: Eu vou dizer que eu gostei mais do segundo podcast, porque por mais que eu goste muito da Renata lo Prete, acredito que é porque a gente é jornalista, então é tiete, né? Mas assim, sei lá como eu posso dizer, acho que a segunda ela faz a gente querer continuar escutando mais. O jeito que ela leva, acho que até a entonação que ela usa, eu gosto. Eu acho que o ‘O Assunto’ é mais informativo, a própria forma que a Renata se comporta vai ser diferente da forma como a outra vai se comportar, né? A outra eu senti que é mais uma conversa. Parece que ela chega, pergunta, a pessoa vai falando e ali, no primeiro, é uma coisa que é mais roteirizada.

A gente que é jornalista sabe da produção também, como funciona, até por o objetivo dele ser mais informativo. Eu imagino que o ‘Esquizofrenias’ também deve ter um tamanho maior do que o ‘O Assunto’, deve ter mais tempo, então as pessoas conseguem dar mais contexto e falar mais. Eu imagino que esse podcast deve ter quase uma hora de duração e o ‘O Assunto’ eu lembro que não tinha tudo isso. escutava ali 30 minutos, no máximo. Mas eu gosto, né? Depende assim, do meu mood.

Se eu quero escutar um podcast assim, maior, ele tem que ser muito bem feito para escutar até o final e eu acredito que o ‘Esquizofrenias’, hoje, a forma como ela aborda, como ela pergunta para as pessoas, como ela fala, a gente se sente muito próximo dela, mas também não tira o fato de que o ‘O Assunto’ é um podcast muito bom, né? E se a gente também quer escutar uma coisa mais rápida ali, o ‘O Assunto’ é ótimo, porque se você quer tipo assim, a informação mais direto ao ponto, mas de forma objetiva, você quer realmente se informar, eu acho que ele cumpre muito bem, né?

Até se a gente parar para pensar nesses assuntos que você mostrou hoje, eu acredito que a gente puxa sim pelo lado mais informativo, mas às vezes a gente gosta de entrar no universo da pessoa, a gente quer entrar no contexto dela e escutar mais a experiência.

JOSÉ: Eu acho que os dois são bem legais e eu não conhecia nenhum. Me pareceu, pelos trechos, que eles são bem diferentes. O ‘O Assunto’ é um pouco mais tradicional, né? Mais engessado. Não que seja ruim, mas é mais objetivo, e o outro parece uma coisa mais intimista,

né? Que você se sente um pouco mais acolhido, não sei uma coisa mais humana. Acho que eu ouviria os dois, mas depende do momento. Às vezes, quando você quer uma coisa mais rápida só para se informar rápido, o ‘O Assunto’ é melhor, mas quando você quer uma coisa um pouco mais devagar assim, que vai refletindo, acho que o ‘Esquizofrenias’ deve ser legal. Me interessei por ouvir ele que eu não conhecia.

15 - VERÔNICA: Eu penso que, no ‘O Assunto’, a abordagem deles é mais tipo: “isso existe e isso e a gente tem que falar sobre isso, está acontecendo”, e ali no segundo eu acho que deu mais abertura para pessoa falar, pra gente realmente entender, tipo “nossa, ela vive nesse contexto, ela está passando por isso e isso”, tipo e mais pessoas que vivem no mesmo contexto que ela também estão passando por isso. Você sente mais.

BRUNO: Na verdade, eu escuto ‘O Assunto’, né? Com a Renata Lo Prete, então, pra mim, já é comum escutar ele quando estou indo para os lugares. Eu acho que ela tem uma forma de comunicação bem clara e objetiva, e geralmente, os entrevistados que vão ao programa dela são bem elucidados do que eles vão falar. Eloquentes uma boa palavra aqui que a Mariana falou, então ‘O Assunto’ 100%.

16 - BRUNO: Com certeza. Eu imagino que a partir do momento que a gente escuta eles, a gente começa a questionar, né? Começa a parar pra pensar que “nossa aquilo ali tá acontecendo, né? Isso é uma realidade para as pessoas”. A partir do momento que desperta isso em você, com certeza vai ser educativo, então diria que sim.

## **Apêndice 10 – Guião de Entrevistas do *focus group* 2**

Meu nome é Giulie Hellen Oliveira de Carvalho, sou mestranda em Ciências da Comunicação pela Universidade de Lisboa e estou realizando uma investigação jornalística sobre o viés educacional de podcasts brasileiros ao abordarem a saúde mental durante a pandemia da Covid-19.

De modo mais simples, meu projeto consiste em ouvir todos os podcasts do ‘O Assunto’ e do ‘Esquizofrenias’ relacionados à Covid-19 durante um ano e compreender se, ao abordarem saúde mental, doenças mentais, bem e mal-estar, entre outras nuances de efeitos

psicológicos, esses programas o fazem de uma maneira educomunicativa, ou seja, comunicam de maneira educadora.

Para responder a um dos meus objetivos, que faz parte de toda a dissertação, preciso gerenciar essa dinâmica junto com vocês numa técnica de investigação acadêmica que se chama grupo focal ou *focus group*. Isto significa que nesta conversa sobre a abordagem de saúde mental em podcasts durante a pandemia, eu farei perguntas e vocês as responderão, para que, posteriormente, eu analise tudo o que conversamos aqui.

Vale dizer, por fim, que todas as respostas serão confidenciais e anônimas destinadas apenas a fins acadêmicos, inclusive, de acordo com a Lei Geral de Proteção de Dados (Lei 13.709, 2018), que estabelece diretrizes importantes referentes à coleta, tratamento e armazenamento de dados individuais. Além disso, pelo fato de alguns de vocês serem menores de idade, a dissertação irá se apoiar na Resolução CNS No 510/2016 (2016), do Governo Federal do Brasil, em que será solicitada uma autorização aos responsáveis para que pessoas com menos de 18 anos participem da pesquisa. E, acresce-se, que todos os sujeitos não serão identificados pelo seu nome de registro, ou seja, eu não citarei o nome de vocês no decorrer da análise.

1 – Quando vocês ficaram sabendo sobre a Covid-19, quais foram os primeiros pensamentos?

2 - Vocês tiveram algum parente ou amigo próximo infectado pela Covid-19?

3 - Como vocês lidaram com o isolamento social e a necessidade de ter que ficar em casa?

4 - Você descobriu algo sobre você mesmo durante a pandemia enquanto ficou mais isolado? E como foi lidar com a sensação de solidão?

5 - Para vocês, o que é saúde mental e doenças mentais?

6 - Vocês têm alguma doença mental diagnosticada? Foi descoberta durante a pandemia?

7 - Vocês acompanharam muitas notícias durante a pandemia? E o que vocês acharam do volume de informações?

8 – Vocês gostam de podcasts?

9 - Vocês notaram alguma semelhança ou diferença entre a abordagem dos assuntos e os assuntos em si?

10 - Qual deles vocês conseguiram entender melhor e aprender sobre o tema? Vocês diriam que o 'O Assunto' e o 'Esquizofrenias' são educativos? Por quê?

11 - Vocês gostaram da maneira como foi abordado isolamento, saúde mental e questões sociais, como Carnaval? E vocês ouviriam os episódios dos dois podcasts completos? Por quê?

12 - Vocês gostaram mais de alguma âncora? Se sim, por qual motivo?

13 - Vocês diriam que o 'O Assunto' e o 'Esquizofrenias' são educativos? Por quê?

**Apêndice 11 – Transcrição do *focus group* 2 realizado com adolescentes e jovens com idade entre 15 a 24 anos, no dia 6 de julho de 2023, via Google Meet. A duração foi de 1 hora e 11 minutos.**

1 - CLARA: Foi um desespero, né? De usar a máscara, porque a gente senta e pensa em como vamos sair daquilo. Então realmente bate desespero, porque o pensamento era nossa, nunca mais a gente vai voltar a viver que nem antes, né? O ruim, então, foi uns pensamentos assim também.

2 - JULIANA: Aqui em casa foi meio complicado, eu acabei contraindo no escritório que eu trabalhava. Foi geral, aí acabei passando pra minha mãe e passei pro meu pai. Na época, morava só com meu pai. O rolê ficou bem ruim, assim, a gente achou em alguns momentos que ia acabar perdendo ele. Foi bem, bem complicado. Era questão de aplicar, injeção, fazer exercício para respiração e ele se sentindo cansado, cansado, cansado... e nada melhorava assim, sabe? Foram duas semanas bem, bem intensas.

E uma coisa que afetou bastante, assim, foi porque no começo da pandemia eu trabalhava ali de maneira presencial. E o meu chefe na época não tinha essa visão, né? Sobre a COVID-19. Ele partilhava que, sim, era uma gripezinha, que estava tudo certo. Teve até dias que eu estava cuidando do meu pai. Era só eu e ele em casa. Não tinha como receber outras pessoas, e ele ligava tipo, olha, eu preciso que você venha pro escritório, porque o funcionário contraiu Covid e está passando mal. E eu, tipo, cara, não tem como fazer isso, né? Eu estou contaminada, meu pai está contaminado e aí entra aquela culpa também de falar, poxa, ele estava bem e eu passei para ele, né? Tipo, se ele morrer, uma culpa que eu vou carregar. Foi

bem no começo, não tinha vacina, não tinha muito o que fazer. Então foi bem complicado assim, mas graças a Deus deu.

CLARA: Meu pai pegou e aí ele teve que ficar isolado num quarto para não passar pra gente. E daí a gente não não pegou, mas também na época, foi bem no começo, também não tinha vacina e aí foi uma correria atrás de remédio pra, né, pra ver se melhorava e também o medo de perder, porque a gente acha que não vai acontecer com a gente, né? A gente vê acontecendo com os outros e a gente acha nossa, não vai acontecer que a gente aí acontece, né? E é um choque muito grande.

3 - JULIANA: Eu tinha acabado de sair do ensino médio e aí estava trabalhando também, então a gente estava começando a sair, conhecer mais pessoas, socializar um pouco mais. De repente veio esse boom, né? Todo mundo fica em casa, fecha o comércio, fecha tudo. Primeiro foi bem assustador assim, acho que nunca tinha visto algo parecido. Também teve essa questão de se adaptar, estudar online. Para mim é uma coisa que até hoje não funciona., não sei, em casa parece que tudo me distrai. Parece que numa sala de aula com professor funciona muito melhor. Porém, o home office, pra mim, na questão do trabalho funciona muito melhor. Hoje em dia eu me sinto mais confortável e mais produtiva trabalhando em casa.

Essa questão do poder de escolha, para mim, pegou bastante, porque não existe um meio termo, né? Não, não tem essa de hoje eu vou ficar em casa, na próxima não. Ou você ficava em casa ou você ficava em casa, não tinha outra opção, aí foi quando começou eu e meus amigos começamos a fazer chamadas online, happy hour. Mas tem muita diferença, né? E acho que quando a gente viu que não eram só 15 dias que foi virando um ano, um ano e meio, dois anos, a gente sabe que até hoje tem, né? Mas por conta da vacina, tá melhor. Mas foi bem difícil assim. Acho que uma coisa que pegou muito pra mim também foi a questão do uso da internet, porque intensificou, né? A gente passava muito tempo na internet e tudo era relacionado a isso, então acho que a ansiedade aumentou muito dentro disso também e foi bem assustador.

4 - MATEUS: Pra mim a pandemia teve várias artes assim, né? Mas eu digo, acho que nos primeiros seis meses foi uma experiência um pouco boa de ficar em casa. Eu estava tendo aula online, eu estava no segundo ano do ensino médio e demorou um tempão para começar as minhas aulas, então eu estava só meio que em casa assim, e daí eu estava me forçando a acordar

cedo todos os dias. Daí estava lendo bastante, sabe? Livrinhos assim de boinha, só pra se divertir. Estava jogando em casa, a gente estava assistindo um pouco de filme e série juntos. Isso no começo, né? Daí a gente conseguia fazer as coisas que a gente gostava, mas depois foi muito desgastante. Depois de um ano, já ninguém aguentava mais. Também toda a situação das vacinas, que era desesperador, né? Todo o dia notícia nova que não dava e isso e aquilo.

OTÁVIO: É, eu compartilho um pouco do que o Felipe falou, porque na pandemia é um período que eu tava quase terminando o ensino médio. Eu fiz curso técnico, então eu tive um ano a mais no ensino médio e aí a pandemia veio. Eu me isolei em casa, não tinha contato com mais ninguém. E aí um hobby que eu achei que me ajudou muito foi ficar estudando. Eu estudava muito, porque de certa forma eu não tinha muito mais o que fazer, aí eu acabei passando basicamente a pandemia inteira, estudando, e aí quando chegou o vestibular eu fui bem e tal. De certa forma, o isolamento foi ruim, mas tipo, ele me fez entrar ali um hobby que até hoje eu uso tal e enfim, foi algo que, de certa forma, foi muito bom que a pandemia me deu.

5 - ROBERTA: Para mim, saúde mental é como uma definição de paz, porque às vezes a gente acha que alguma coisa é saudável, que faz bem pra gente e às vezes a gente se desgasta tanto que quando a gente percebe, já não tem saúde mental nenhuma. Às vezes ter saúde mental é ter o que a gente quer, mas para mim é uma definição de paz mesmo.

6 - ROBERTA: Tipo, eu tenho na verdade, ainda estou em processo de fechamento, porque é um diagnóstico bem difícil, né? De ser fechado. Eu já fui diagnosticada com depressão, ansiedade, bipolaridade, um monte de coisa e ninguém sabia o que era. Daí é um processo bem doloroso chegar num diagnóstico porque você toma tanto tipo de remédio que nem é para o que você tem até eles chegarem a uma conclusão do que você realmente tenha. É um processo que o humor oscila. Eu estou em um processo de fechamento, né? Quase fechado. Acho que até o final do ano já está fechado. Diagnosticada com borderline, né?

Um que eu até nem, tipo, imaginava. Eu sempre falei que eu era meio bipolar, que eu era meio... todo mundo falava que eu era meio bipolar, só que na verdade não era, né, é uma coisa totalmente diferente, conforme a gente não vai tratando, foi uma coisa que me afetou muito na minha área. No Natal, no trabalho, eu tenho bastante dificuldade em trabalhar com o público. Eu não consigo conversar, me irrita muito fácil. Geralmente para as pessoas

desconhecidas, que não me conhecem bem, eu consigo ser uma pessoa calma. As pessoas olham pra mim e falam assim, nossa, como você é calma, como você é tranquila.

Mas para as pessoas que convivem comigo... eu falo que para ter uma convivência comigo é bem difícil porque eu esqueço muitas coisas, tipo, não é nem de esquecer, tipo esquecer de coisas simples. Que nem aqui, eu disse que eu tinha que fazer um negócio com meu marido e entrei atrasada. Uma pessoa bem difícil de lidar, é muito cabeça dura, então, tipo assim, é um diagnóstico que você leva pra vida inteira. A minha psiquiatra, nos psicólogos que eu já passei por vários falaram.: “o ruim é que não tem cura, tem tratamento, mas é difícil para relacionamento, é muito difícil ter um relacionamento com o Huck”.

Você tem que ficar 24 horas segurando os teus impulsos para tipo, você não perder a pessoa que você gosta, porque você fica 24 horas pensando só coisa ruim, mesmo que seja um relacionamento tranquilo, porque tipo a tua cabeça, ela não para, entendeu? Então também não pode tomar remédio constante, você toma, tranquiliza a crise, aí você para de tomar o remédio, daí você tem que esperar o próximo surto vir para você começar a tomar remédio de novo, porque se não o remédio acaba parando de fazer efeito.

E é isso, essa é minha experiência aí também, eu me relaciono com uma pessoa diagnosticada com TDAH, que é o meu marido, então um relacionamento bem difícil. Eu que sou borderline preciso de atenção, tipo, toda hora, e ele é TDAH, aí às vezes ele esquece do celular dele, ele perde o celular, é esses tempo atrás até perder um celular no shopping. Ele não sabe onde ele deixa? Ele não me responde. Daí é complicado...

7 - MATEUS: Eu acho que foi um pouco sufocante porque ao mesmo tempo que eu queria estar sabendo o que estava acontecendo, eu percebi, depois na verdade, que aquilo me afetou muito negativamente, sabe? Ter ficado com muito contato com tudo, com aquele mundo de informações.

Eu acho que na época deveria ter feito um filtro e não ter tido tanto contato assim. Não é questão de se desligar e tipo, fechar os olhos para o que está acontecendo, mas você ter aquele limite porque até hoje eu preciso me policiar. Eu evito alguns assuntos que são de tragédias, eu não curto uma coisa que eu percebo que faz mal para mim, me pesa assim, sabe? Às vezes você liga um jornal de manhã e eu gosto até do barulho, então deixo ligado, mas aí começa a vir “ai, criança encontrada morta, ai, cachorro torturado” 7 horas da manhã, entendeu? Daí é uma coisa que às vezes você traz para você, então o dia inteiro vai ser pesado.

Acho que isso durante a pandemia foi uma coisa que pegou bastante para mim e eu não percebi na época. Depois veio o nossa! Eu acho que eu fiquei extremamente preocupado, até demais, porque eu via coisas demais. Deveria ter parado um pouco... E eu uso muito o Twitter, né? Então era o dia inteiro, o dia inteiro, o dia inteiro. Acho que foi um pouco prejudicial pra mim, sim.

8 - OTÁVIO: Eu gosto de podcast de modo geral, não tem muito um tema. Eu tento achar os que mais interessam em geral, mas até que eu escuto bastante.

MATEUS: É, eu também gosto bastante de ouvir podcast de mais na área assim, de cultura pop e também de política, né? Daí, na pandemia eu não ouvi esses que você tinha comentado no começo, que você usa como referência, mas eu ouvi bastante o ‘Xadrez Verbal’ que tinha o Átila Iamarino e ele fazia participação especial toda semana, comentando sobre a Covid, fazia atualizações sobre a Covid no mundo e no Brasil também. Daí era meio que minha principal fonte de informação, assim, durante a pandemia, né? Só que teve um momento que deu, não aguentava mais. Era muita informação de Covid e também muita, muita fake news. Daí falava uma coisa que não era nada, que surgia da cabeça, e eu não aguentava mais tanta coisa.

ROBERTA: Eu vejo, eu vejo. Podcast no TikTok, no Instagram e no YouTube, né? Eu gosto de ver fofoca, baixaria. Eu sou sincera. Gosto de ver alguns falando mais da vida do outro.

CLARA: Eu ouço, eu gosto pelo YouTube, né? Na verdade, eu gosto de assistir mais em formas de vídeo. E aí eu gosto de assistir em vários canais de diversidades assim, tipo as famosas falando sobre a vida delas e tal. É legal porque a gente conhece mais um pouco sobre diversas coisas e diversas vidas das pessoas, também né?

9 - JULIANA: Me identifiquei com todos. O primeiro ali, eu não sei agora se era o Sérgio Malandro ou outro Sérgio que estava falando, mas não posso julgar. Ali no começo da pandemia, eu tinha bastante frequência em responder o WhatsApp, ter aquela troca. Hoje em dia é uma coisa que eu não tenho energia, nossa, fica ali. Tipo, semana passada, uma amiga minha mandou no Instagram “cara, você mora tipo do lado de casa a gente não se vê e você não me responde”. Eu falei, não é por mal, é porque às vezes a gente só não tem essa energia, né? Por estar em uma fase da vida que trabalho o dia inteiro, eu até brinco, né? Às vezes, mensagens

costumam mais ser e-mails do que o WhatsApp, Facebook, Instagram. Para mim, é uma coisa que Messenger nem lembrava mais que existia. Então perdeu muito esse contato.

A segunda questão ali, acho que era das informações, né? No começo da pandemia até os primeiros dias, eu consumia muito, aí depois disso, começou a gerar uma certa ansiedade. Comecei a desligar a TV. Eu tinha o costume da jovem idosa, né? De acordar cedo, ver jornal, Ana Maria Braga, e aí comecei a parar com isso porque tava fazendo realmente muito mal. Hoje em dia, assim, o pouco que eu vejo é nas questões ali no trabalho que você precisa abrir. O Google, Microsoft Edge, aí começa a aparecer aquelas informações bizarras, né? Tipo eu, particularmente, considero até um pouco desnecessário. “Quem é o ex ator global que está vendendo marmitta em Copacabana?”. Bom, não sei não, né? Não me interessa isso.

Eu comecei a dar uma olhada porque estava utilizando muito Instagram, aí decidi que eu ia usar só durante o final de semana e aí a gente tem aquele costume que é ridículo, mas acho que todo mundo aqui tem que abre o desbloqueio de tela do celular e vai procurar o Instagram, você vai procurar uma rede social e aí você fica puto porque o Instagram não está aqui. Aí o que eu fazia? Abria o Google e ficava vendo que tinha ali na época de notícia, e daí de novo, né? “Ai, quem foi o ator que viajou na segunda classe”, e cara, não dá né? Eu não sei.

E a questão do terceiro ali eu me identifiquei também porque acho que durante a pandemia realmente esse era um medo, mas às vezes também chegava a ser uma paranoia. Eu lembro que bem ali no começo eu comecei a passar muito mal, muito mal, muito mal. Daí fui ao hospital, o médico olhou só e falou: é Covid. Eu fiquei, ta, né?! Não vou discutir com o médico, mas os meus sintomas não tinham muito a ver com o que estava sendo noticiado. Aí dois dias depois descobri que era uma pinta que poderia ser um tumor.

Aí foi pro hospital aquele medo de, né? Fazer cirurgia, ser internada, mas o maior de todos era de contrair Covid no meio disso porque estava tudo uma loucura e toda aquela mistura começou essa paranoia muito louca assim. Eu lembro que fui melhorar, até mesmo conseguir dormir e me alimentar melhor, quando eu voltei para casa.

Eu me identifiquei também com a parte de entretenimento leve porque durante o trabalho, eu costumo colocar alguma coisa de fundo. Música, podcast, show, alguma coisa. E aí eu comecei a ver só TLC, até quando ela falou de 90 dias para casar, eu me identifiquei muito porque acho que hoje em dia é o que eu consigo consumir, são coisas da vida real, tipo Discovery Home & Health. E Globo.

ROBERTA: Ai eu me identifiquei com a parte que ela falou ali, que ela tinha paranoia. Ali, na época do Covid, que ela falou “será que eu vou morrer?”. Eu também tinha essa mesma paranoia. Às vezes eu nem estava com nada, mas eu sempre tive essa questão. Para descer daqui até a praia, eu vou daqui até lá pensando que eu vou morrer, em qualquer lugar e estrada. Tudo eu tenho paranoia com tudo. Qualquer coisinha, aparece uma pinta de mim eu já vou pro médico, então eu me identifiquei muito com ela, porque eu sou bem sistemática com isso.

CLARA: Ela falou sobre a gente ficar sensível nessa parte da pandemia e tal. E sobre a paranoia, também me identifiquei, porque eu lembro que quando estava no começo da pandemia, a gente ia ao mercado comprar alguma coisa fora de casa, aí chegava em casa e passava álcool em tudo, lavava tudo, né? E eu lembro até que eles orientavam que quando a gente saísse, chegasse em casa a gente tirasse a roupa que a gente saiu, porque a roupa poderia estar contaminada. Então, tipo, era essa paranoia, né? Tudo era Covid. Aí você ligava a TV, abria a rede social e você tinha isso também, isso de ficar sensível, porque a gente se sentia um pouco sozinho e aí qualquer coisa “ai não sei o quê e tudo o que acontecer é culpa da pandemia”, né? Então é bem isso mesmo, a gente ficar sensível, de paranoia.

10 - OTÁVIO: Eu acredito que o segundo é a experiência que ela está contando. Eu acho que a gente consegue entender mais um pouco do que uma pessoa com ansiedade passa, principalmente falando de pandemia, né? Ela falou que queria ter um controle de tudo e tal. Eu acredito que comparando os dois, o segundo, eu consegui aprender mais, acredito que pela forma que ela estava contando toda a experiência dela.

11 - JULIANA: Eu acabei me identificando com todos os trechos ali, então não consigo ter um entrevistado favorito, mas acho que em relação ao podcast, até mesmo pelo estilo que eu costumo ouvir, até deixei salvo aqui para ouvir depois conhecer um pouco mais o ‘Esquizofrenias’.

ROBERTA: Em geral, eu me identifiquei mais com o daquela mulher lá que falou que tinha medo de morrer, eu me identifiquei mais porque ela parecia meio doida e tal, que é uma coisa que me prende mais, é porque eu gosto de ver coisa mais de ação assim, sabe?!

12 - CLARA: Eu gostei dos dois, aprendi bastante com o que elas falaram e o que querem passar através desses podcasts. Acho que voltando pro assunto do Carnaval, eu acho que foi bem respeitada essa essa questão, né? Eu não vi pessoas desrespeitando, né? Fazendo é Carnaval nessa época da pandemia, então acho que foi bem respeitado nessa parte.

MATEUS: Eu gostei dos dois podcasts também. O que você passou no começo, o primeiro lá que falava dos filmes, eu gostei bastante. Qual filme assistiria e série. E também falando do Carnaval, de respeito, eu não moro aqui, né? Moro em São Paulo e lá foi bem desrespeitado. Você via muita gente sem máscara andando nas ruas, no shopping, muita coisa assim entendeu. Então, eu acho que foi um pouco desrespeitado em algumas cidades, sim.

OTÁVIO: Eu gostei bastante da forma como eles abordaram os assuntos, eu achei bem objetivo, bem interessante. Eu tinha aberto uma aba um pouco antes, quando você tinha comentado sobre o *podcast* do começo, estava vendo a escrita e achei bastante interessante. Eu gostei bastante do primeiro também que falava sobre a cidade e também sobre aquele negócio de entretenimento mais leve, mas acho que em geral, assim eu gostei de todos.

13 - MATEUS: Olha, eu acredito que sim, porque eles trazem algumas coisas que a gente não para pra pensar ou algumas informações que a gente não sabe. Então, de qualquer forma, eles trazem um conteúdo educativo, né? A gente acaba aprendendo alguma coisa com eles, mesmo que cada um tenha o seu formato.

JULIANA: Eu acho que sim, são bem educativos. Acho que aborda temas que às vezes a gente não vê numa televisão, né? E às vezes, coisas que a gente até se identifica e fica “poxa, não sou só eu que penso assim, não sou só eu que estou agindo dessa forma”. Acho que além de ser educativo, acaba até trazendo um alívio pra gente, né? O que é bem interessante.

CLARA: Eu acho também que representou bastante. Acho que são educativos porque eles relatam assuntos que a gente viveu, né? E isso representa a gente. Na verdade, não é o tipo de podcast que eu costumo ouvir, mas eu gostei bastante. Eu vou até pensar em assistir porque eu gostei.

### **Apêndice 12 – Guião de Entrevistas do *focus group* 3**

Meu nome é Giulie Hellen Oliveira de Carvalho, sou mestranda em Ciências da Comunicação pela Universidade de Lisboa e estou realizando uma investigação jornalística sobre o viés educacional de podcasts brasileiros ao abordarem a saúde mental durante a pandemia da Covid-19.

De modo mais simples, meu projeto consiste em ouvir todos os podcasts do ‘O Assunto’ e do ‘Esquizofrenias’ relacionados à Covid-19 durante um ano e compreender se, ao abordarem saúde mental, doenças mentais, bem e mal-estar, entre outras nuances de efeitos psicológicos, esses programas o fazem de uma maneira educacional, ou seja, comunicam de maneira educadora.

Para responder a um dos meus objetivos, que faz parte de toda a dissertação, preciso gerenciar essa dinâmica junto com vocês numa técnica de investigação acadêmica que se chama grupo focal ou *focus group*. Isto significa que nesta conversa sobre a abordagem de saúde mental em podcasts durante a pandemia, eu farei perguntas e vocês as responderão, para que, posteriormente, eu analise tudo o que conversamos aqui.

Vale dizer, por fim, que todas as respostas serão confidenciais e anônimas destinadas apenas a fins acadêmicos, inclusive, de acordo com a Lei Geral de Proteção de Dados (Lei 13.709, 2018), que estabelece diretrizes importantes referentes à coleta, tratamento e armazenamento de dados individuais. Além disso, pelo fato de alguns de vocês serem menores de idade, a dissertação irá se apoiar na Resolução CNS No 510/2016 (2016), do Governo Federal do Brasil, em que será solicitada uma autorização aos responsáveis para que pessoas com menos de 18 anos participem da pesquisa. E, acresce-se, que todos os sujeitos não serão identificados pelo seu nome de registro, ou seja, eu não citarei o nome de vocês no decorrer da análise.

1 – Quando vocês ficaram sabendo sobre a Covid-19, quais foram os primeiros pensamentos?

2 - Como vocês lidaram com o isolamento social e a necessidade de ter que ficar em casa?

3 - Você descobriu algo sobre você mesmo durante a pandemia enquanto ficou mais isolado? E como foi lidar com a sensação de solidão?

4 - Para vocês, o que é saúde mental e doenças mentais?

5 - Vocês têm alguma doença mental diagnosticada? Foi descoberta durante a pandemia?

6 - Vocês acompanharam muitas notícias durante a pandemia? E o que vocês acharam do volume de informações?

7 - Vocês gostam de podcasts?

8 - Vocês notaram alguma semelhança ou diferença entre a abordagem dos assuntos e os assuntos em si?

9 - Vocês notaram alguma semelhança ou diferença entre a abordagem dos assuntos e os assuntos em si?

10 - E com relação aos entrevistados, vocês notaram alguma diferença?

11 - Vocês sentiram empatia em algum momento dos podcasts ou teve alguma representação que fizesse com que vocês quisessem ouvir o podcast até o final?

12 - Vocês diriam que o 'O Assunto' e o 'Esquizofrenias' são educativos? Por quê?

13 - Vocês notaram alguma semelhança ou diferença entre a abordagem dos assuntos e os assuntos em si?

14 - Vocês diriam que o 'O Assunto' e o 'Esquizofrenias' são educativos? Por quê?

15 - Qual dos podcasts vocês ouviriam até o final? Por quê?

**Apêndice 13 – Transcrição do *focus group* 3 realizado com adolescentes e jovens com idade entre 15 a 24 anos, no dia 9 de julho de 2023, via Google Meet. A duração foi de 57 minutos.**

1 - GEOVANA: Eu acho que foi um misto de ansiedade de meu Deus, eu vou morrer, de não saber o dia de amanhã, de não saber se vai ter um trabalho ou não, de como conseguir colocar as coisas nos lugares. Eu acho que foi um pouco de tudo, com diversas emoções, na verdade. Acho que não tem um único sentimento para estar expressando tudo isso, foi uma coisa muito sem imaginação, né? A gente nunca pensou que poderia vir a acontecer nos tempos de hoje, então acho que foi uma surpresa muito grande pra todo mundo.

SABRINA: Eu achei que ia ser uma coisa bobinha assim, porque igual você falou, né? Tem muita coisa da China que a gente escuta falar sobre doenças que acontecem lá e outras regiões também. E a gente acha que vai ficar só por lá e não acha que vai vim pra cá, né? Que

a gente não vai participar disso, é sempre mais a dor do outro, né? Aí na hora que eu vi a propensão, a proporção que estava tomando, aí já deu aquele medo de não saber se vai conseguir emprego, se não vai... saber nada na verdade, né? Em qual proporção que vai chegar? A gente começou a ver os números crescendo de pessoas sendo atingidas por isso aí ficou cada vez pior e só foi aumentando. Chegou num grau que a gente não sabia se um dia a gente ia conseguir passar por isso, se ia acabar.

2 - TÉO: Felizmente, eu não fiquei tão sozinho, né? O \*\*\* tava em casa graças a Deus, mas por parte foi meio ruim, principalmente no começo que eu estava na universidade. Eles paralisaram tudo e tal. Foi um pouco difícil, até de se acostumar que eu tava numa das partes mais corridas, costumava sair tipo 7 horas de casa e chegar de noite, basicamente passava o dia inteiro. Então foi meio ruim para se adaptar, meio estranho e tal, mas acostumou um pouco um vídeo chamada acho que foi mais tranquilo pra você acostumar.

OLÍVIA: Então, para mim, na verdade, no início eu pensei que ia ser igual a gripe suína, né? Porque lembro que na época da gripe suína eu fiquei desesperada e foi muito rápido, né? Foi tipo um mês. Então eu pensei “ah, vai ser igual, né? Tranquilo”. E não foi. Com o tempo, o passar das semanas, fui vendo que o negócio era sério mesmo. E ficar isolada... Eu continuei trabalhando, mas muito menos. Então tive que me adaptar, porque do jeito que eu trabalho, não existia o modo home office e passou a ter. Hoje existe real uma opção.

Mas não foi tão fácil, porque eu sempre costumava sair fim de semana, eu gostava disso, e daí tive que ficar em casa. Hoje em dia pra mim é mais comum ficar em casa, não é mais tão ruim, eu me acostumei a sair menos, foi isso.

3 - SABRINA: Eu descobri que sou amante de plantas, mãe de planta mesmo, porque antes eu achava que essa fase só ia chegar lá por uns 40, né? Que é a fase que chega para todo mundo 40, 50 e chegou quando eu tinha 22. Então assim, chegou muito cedo. Mas gostei, né?

FERNANDA: Olha, comecei a costurar, fazer alguns desenhos de pirografia, e fui descobrindo talentos. Também descobri que eu sou uma senhora de uns 80 anos que só sai se tiver comida, uma cadeira para sentar.

CARLOS: Bom, no começo foi difícil mudar a rotina porque saía toda manhã pro trabalho e voltava no final do dia. Mas o trabalho em si não mudou muito, a gente já fazia muita

vídeo-chamada, já trabalhava muito com gente de outras cidades, então a rotina dentro durante o trabalho não mudou tanto assim. Mas foi um pouco difícil me adaptar realmente, porque eu perdi algumas coisas que fazia durante o dia e ganhei um pouquinho de tempo também nos deslocamentos no geral. Eu estava o tempo indo pro trabalho, voltando, então eu meio que tinha um tempo a mais por dia para usar para alguma coisa.

Não lembro de ter feito nada novo. A única coisa que gostava bastante era de jogar jogos de tabuleiro e aí não dava mais para encontrar o pessoal e jogar presencial. Então às vezes a gente conseguia jogar online, junta uma galera, mas não dava tão certo assim.

4 - GEOVANA: Pra mim, a primeira coisa que vem na cabeça é depressão, de estalo. Acho que seria mais ou menos isso porque é um ponto forte pelo menos hoje em dia, é uma questão que está pegando muito. Não que seja somente né? Claro que não. Mas acho que é um dos pontos mais fortes que está tendo hoje em dia no Brasil é isso.

5 - FERNANDA: Eu não cheguei a ir no médico porque nunca tenho tempo e nem dinheiro, nem nada. Mas eu tive crise de ansiedade durante a pandemia, não conseguia respirar. Fiquei uma semana sem conseguir respirar direito. E o meu tio se matou com depressão no meio da pandemia. O meu ex-marido descobriu que é esquizofrênico, então, várias coisas aconteceram tudo nesse período, durante e pós pandemia.

6 - OLÍVIA: Eu assistia jornal porque a gente não tinha muito o que fazer, né? Comecei a ter mais tempo livre. Eu nunca fui de assistir jornal, mas daí eu comecei a assistir um pouquinho. Eu gostava, mas realmente quando é em excesso, só faz mal. Assistir demais, é muita notícia ruim, então acho que afeta a gente, não faz muito bem. É bom estar informado, mas talvez não tanto.

SABRINA: Eu acho também que os comentários dos outros... eles sempre falavam que quem ia para o hospital ficava entubado, era uma sentença de morte, né? Aí o povo comentava, “não, se pegar Covid, eu não vou, não vou ser entubado” e aí já tinha aquela aquela questão que todo mundo que ia ser internado não voltava pra casa, né? Eu acho que certamente foi uma questão que pegou bastante.

TÉO: A parte de jornal não pegou muito. Na época que a gente tinha o costume de assistir, era um pouco de informação, os cuidados... até que a gente teve uma boa condição pra ficar em casa, então era mais difícil e tal. Eu acho que o que mais pegou durante a pandemia foi quando um dos nossos primos pegou e foi entubado, que daí a gente meio que viu tipo, putz, chegou na gente. Agora é realmente perigoso porque ele é um primo mais ou menos da idade do Gil e sempre teve hábitos bons, e acabou quase morrendo também. Isso acabou pesando mais do que o jornal.

7 - CARLOS: Eu escuto todo dia de manhã escuto o mesmo podcast, o Café da Manhã, da Folha. Ele é um resumo de notícias do dia e do dia anterior. Eu acho legal porque dá uma visão geral das notícias em si e se tiver algum assunto que chame mais atenção, aí eu vou procurar em outros jornais, enfim.

GEOVANA: Eu não ouço. Tenho vontade. Às vezes eu vejo, fico querendo assistir, mas com que tempo que eu vou fazer isso? Eu e a Lysa, a gente trabalha junto, então a gente sabe que, pelo menos no dia a dia que a gente tem, não dá. Aí chega em casa, só quer dormir, quer descansar, tem como não. Mas no fim de semana, às vezes é bom, acho que é uma rotina legal, tem diversos assuntos que dá pra adquirir bastante conhecimento, né? Então acho que é um método muito bacana de informação. Acho que é algo que eu quero começar a praticar no dia a dia, assim, pelo menos um tempinho tirar para poder haver alguma informação mais bacana, acho que é bem válido. Assim, para quem gosta, está no caminho certo de acompanhar.

FERNANDA: Eu não escuto. Já escutei alguns assim, sobre uns assuntos mais específicos, tipo financeiramente e, coisas mais do ser humano assim, né, mais gerais. Mas também não tenho tempo pra nada.

OLÍVIA: Então, eu ouço podcast, eu gosto muito. Mas eu nunca ouvi nenhum de notícia. Eu gosto de podcast de fofoca, eu ouço o 'Diário de Bordo', eu não sei se você conhece direito, mas eu acho isso ia gostar porque é muito legal. Inclusive, eles começaram na pandemia, estavam em casa sem fazer nada e começaram. O podcast 'Donos da Razão', que é com a Foquinha YouTuber, também são podcasts diferentes no tempo. O primeiro 'Diário de Bordo', é curtinho e todo dia. E o 'Donos da Razão' é uma vez na semana que é mais longo, mas eu ouço mesmo os mais longos. Às vezes não toda semana, mas depende do assunto, né? Eu gosto em época de Big Brother também. Eu ouço vários podcasts que eu acho perdidos por aí e que comentam Big Brother. E é isso. Eu gosto.

SABRINA: Eu até escutei alguns de saúde mental, aquele é de mantra, né? Mas não tenho muito costume. Também não tenho tempo, né? Essa vida, na verdade, da gente é muito corrida e a gente fica querendo fazer 1001 coisas e não dá tempo de fazer nada. Eu já tive costume de assistir podcast no YouTube. Sempre tem alguma criadora de conteúdo que eu goste, que vai falar sobre um assunto específico, não é? Eu gosto bastante de estudar educação parental, aí sempre quando tem alguém específico dessa área, daí eu assisto bastante coisa.

TÉO: Bom, eu tenho bastante costume de escutar, geralmente, quando eu estou fazendo alguma coisa mais mecânica, que não precisa de tanta atenção. Não tem exatamente um podcast que eu seja fã ou ouça sempre, geralmente vou pesquisando alguma coisa do meu interesse, alguma coisa de finanças, um pouco a ver com saúde ou academia, ou cinema.

8 - GEOVANA: Eu achei que no primeiro podcast, quando era do Boris, ele queria evitar às vezes as situações que estavam ocorrendo, não ter tanta informação sobre o que estava fazendo muito mal e evitar seria o ideal. Nessa segunda, eu tive a impressão de que ela buscou mais informações, mas de uma forma com que não afetasse tanto. E ela conseguiu identificar essa ansiedade. Mas se assegurou de que informação também era válida para o momento e que seria uma forma de ela ficar no equilíbrio ali.

OLÍVIA: Eu senti que, no primeiro, ouvir notícias trazia uma sensação ruim, né? Uma ansiedade maior, um sentimento ruim para ele. Já o segundo, sobre as notícias, a mulher acha que estava no controle, então ela gostava, né? Talvez não era uma sensação tão ruim. Ela conseguia se desligar disso a noite, vendo outros tipos de conteúdo. Essa foi a principal diferença.

9 - GEOVANA: Acho que falou bastante sobre a fome, né? Também acho que eu li pegou bastante em assuntos principais, tipo sanidade básica.

SABRINA: E ambos na verdade trataram sobre as medidas protetivas, né? Só que de diferentes lugares.

10 - GEOVANA: Acho que a primeira foi muito seca. Eu acho que queria mais saber do que se inverteu no assunto, sabe? Acho que ela procurou saber mais ali do que estava acontecendo, do que dar uma opinião, talvez um tipo de conforto, entrar mesmo no assunto. Eu

acho que a segunda se entreteu mais, procurou ver todos os lados, questionou bastante e fala um pouco mais da realidade também.

CARLOS: Eu acho que a abordagem dos dois é bem diferente, até a linguagem que cada uma usa para se expressar. O primeiro parece ser bem mais formal, bem mais direto, até um pouco seco mesmo, não se afastando do dia a dia. O segundo é bem mais informal, falando palavrão. Eles conversam sobre o dia a dia. E assim, o primeiro estava mais preocupado com a gestão pública mesmo e talvez trazer uma visão de organização, de administração, e tava mais como um podcast mesmo, de notícia gerencial para talvez um público específico. O segundo já estava pensando ali no dia a dia mesmo falando de saúde mental, falando com eles se viraram para se organizar na comunidade. Como eles estavam lidando com isso, das pessoas que não tinham realmente como fazer isolamento. Ele até fala de que eles tiveram sorte em algumas situações, que foi uma palavra que não foi usada no primeiro podcast. Esse que estava pelo menos passando a impressão de uma formalidade, de uma organização, então acho que a escolha de palavras foi uma coisa diferente.

11 - GEOVANA: Em vários momentos no decorrer dessa chamada que a gente tá fazendo tem vários tipos de sentimento, né? Sentimento de ódio, da questão de a gente ter conseguido sair meio que dessa, arrependimento de algumas coisas... E ansiedade, no geral, medo de acontecer de novo.

FERNANDA: Os dois segundos me prendeu mais, nos primeiros eu tava boiando. Eu me identifiquei mais, talvez, quando a mulher lá falou sair na rua, já gerava ansiedade nela, né? Foi bem assim, tipo, eu estava tão presa em casa aqui que quando eu saía na rua, eu ficava tipo, paranóica, olhando assim se não tinha ninguém, querendo andar rápido pra ir embora logo. A gente é assim de natureza, né? Por ser mulher. Mas eu acho que aumentou um pouquinho o grau.

OLÍVIA: Para mim, o ‘Esquizofrenias’ atrai muito mais, justamente pelos tipos de podcast que eu já ouço que são bem informais, que falam palhaçada também, falam bobagem. Não que eu só goste assim, mas acaba sendo uma linguagem muito mais fácil, né? De você se prender, mais fácil de prender a atenção e ouvir até o final.

12 - TÉO: Educativo é um pouquinho complicado, até pelo tipo de linguagem, como foi falado. O primeiro parecia tão “scriptado”, como se as perguntas tivessem sido passadas e tal e

o objetivo fosse quase que ser um jornal mesmo, para informar, e daí sim seria educativo. O segundo era mais como um relato do que aconteceu, contando a história mesmo, então é um pouco questionável se o objetivo era realmente educar as pessoas ou só contar como foi resolvida a situação ali do cara. A parte que pegou mais, mesmo aí até o Gil, destacou, foi quando o cara falou que ele teve sorte em algumas situações, que é um pouco inesperado, falar tipo, “tive sorte de conseguir resolver e tal”.

13 - SABRINA: Os dois falam sobre eventos, né? Clandestinos também, mas um estava muito mais preocupado com a questão cultural do Carnaval, de como seria passar por esse momento sem o Carnaval, né? Ao mesmo tempo, preocupado com aglomeração. E o outro estava mais preocupado com as festas clandestinas que estavam acontecendo, o povo não estava se preocupando muito com isso.

14 - FERNANDA: Eu acho que o segundo por conta que o segundo traz mais para a realidade. Igual quando ele fala que as casas não tinham lugar pro isolamento, para uma pessoa só. Aproxima tanto quem se identifica com isso e também aproxima as pessoas que não entendem essa realidade, porque daí acabam entendendo por outro ângulo também.

15 - Todos respondem Esquizofrenias.

SABRINA: A linguagem dele é mais fácil de entender, não tem tantos termos técnicos, né? Ela não leva mais para uma questão de números, igual quando falaram sobre as medidas que eles tomaram. É de uma forma meio informal e aproxima mais, traz mais para realidade também, não se prendendo a uma forma formal de se falar. Fica mais gostoso de ouvir.

#### **Apêndice 14 – Dimensão Covid-19 no *focus group* 1**

Para esse grupo focal, perguntamos sobre os primeiros pensamentos que os participantes tiveram quando souberam da Covid-19, o que sentiram quando a primeira brasileira foi vacinada e se tiveram algum conhecido infectado. As respondentes foram mulheres entre 20 a 24 anos.

Recortes do texto: “Eu achei que não seria tão feio assim”. [...] “A gente só vai ficar duas semanas em casa igual foi na H1N1”. [...] “Via na televisão, na internet, a situação dos outros países, mas eu pensava que no Brasil, não, não seria assim não”. (Luara). [...] “De início eu não entendi muito bem as primeiras informações. Eu achei que não ia chegar aqui ao Brasil, né?”. (Paula) [...] “Acho que quando a primeira pessoa foi vacinada, eu senti aquele sentimento de alívio, de meu Deus, isso vai ter fim, né? A gente está vendo aquela luz no fim do túnel, parece que saiu um peso assim das minhas costas. Eu comecei a pensar: finalmente, minha tia vai ser vacinada, gente!”. (Luara) [...] “Na minha casa, o meu padrasto pegou. Foi em 2021 e ele já estava com uma dose da vacina, mas ainda assim ele ficou muito mal”. [...] “Com a vacina eu acho que deu uma grande ajuda. Mas foi bem difícil”. (Paula).

Marcas linguísticas: “Não seria tão feio assim”, “só vai ficar duas semanas” e “achei que não ia chegar aqui ao Brasil”: nota-se que o pensamento dos respondentes sobre a chegada da Covid-19 ao Brasil foi o mesmo, isto é, eles não consideravam que a doença era tão séria até enfrentarem, de fato, as consequências causadas por ela, como o isolamento social. Para um deles, inclusive, seria como a H1N1, epidemia que chegou ao Brasil em 2009. A entonação de suas falas demonstram o mesmo, uma lembrança de como a disseminação do novo coronavírus foi surpreendente no início.

Sentidos vivenciais: “quando a primeira pessoa foi vacinada, eu senti aquele sentimento de alívio, de meu Deus, isso vai ter fim, né? A gente está vendo aquela luz no fim do túnel, parece que saiu um peso assim das minhas costas (...) finalmente, minha tia vai ser vacinada, gente!”, “na minha casa, o meu padrasto pegou” e “com a vacina eu acho que deu uma grande ajuda. Mas foi bem difícil”: nesses trechos, percebemos, sobretudo, a confiança que os respondentes tinham na vacina. Para eles, a vacinação foi um alívio, já que os familiares ficariam mais seguros. No caso da pessoa 2, ela afirma que foi uma grande ajuda o padrasto já ter tomado uma dose da vacina, enquanto a primeira celebra a possibilidade da tia se imunizar.

Compreensão hermenêutica: interpretamos que os sentimentos das jovens foram compartilhados, fosse com relação à surpresa da entrada da doença no Brasil, com a esperança na vacina e com a proteção aos familiares que essa proporcionou.

## **Apêndice 15 - Dimensão Covid-19 no *focus group* 2**

Para esse grupo focal, perguntamos sobre os primeiros pensamentos que os participantes tiveram quando souberam da Covid-19 e se tiveram algum conhecido infectado. As respondentes foram mulheres, uma entre 15 a 19 anos e outra entre 20 a 24 anos.

Recortes do texto: “bate desespero, porque o pensamento era ‘nossa, nunca mais a gente vai voltar a viver que nem antes, né?’”. (Clara). [...] “Na época, morava só com meu pai. O rolê ficou bem ruim, assim, a gente achou em alguns momentos que ia acabar perdendo ele. Foi bem, bem complicado (...) Meu chefe partilhava que, sim, era uma gripezinha, que estava tudo certo. Teve até dias que eu estava cuidando do meu pai. (...) ele ligava tipo, olha, eu preciso que você venha pro escritório, porque o funcionário contraiu Covid e está passando mal. E eu, tipo, cara, não tem como fazer isso, né? Eu estou contaminada, meu pai está contaminado e aí entra aquela culpa também de falar, poxa, ele estava bem e eu passei para ele, né? Tipo, se ele morrer, uma culpa que eu vou carregar”. (Juliana) [...] “Meu pai pegou e aí ele teve que ficar isolado num quarto para não passar pra gente (...) A gente vê acontecendo com os outros e a gente acha que não vai acontecer que a gente, aí acontece, e é um choque muito grande.”. (Clara).

Marcas linguísticas: “nunca mais a gente vai voltar a viver que nem antes”, “o rolê ficou bem ruim” e “era uma gripezinha”, “: esses trechos demonstram o medo que as interlocutoras tinham com relação à Covid-19. Rolê é uma gíria jovem que, aqui, representa algo como momento. A gripezinha citada é relacionada à uma fala do ex-presidente Jair Bolsonaro, que chamava a Covid-19 dessa forma e minimizava a doença, tal como o chefe citado.

Sentidos vivenciais: “cara, não tem como fazer isso, né? Eu estou contaminada, meu pai está contaminado e aí entra aquela culpa também de falar, poxa, ele estava bem e eu passei para ele, né? Tipo, se ele morrer, uma culpa que eu vou carregar”, “meu pai pegou e ficou isolado num quarto para não passar pra gente” e “a gente acha que não vai acontecer que a gente”: percebemos nas falas das jovens o medo que tinham de contrair a Covid ou de que seus pais sofressem com ela, visto que os dois foram infectados. No primeiro caso, a culpa que ela carregava por ter contraído a doença e ter transmitido para o pai se potencializaria se ele tivesse falecido. Na sua entonação, percebemos o quanto a situação a afetou.

Compreensão hermenêutica: vemos que ambas as jovens ficaram bastante afetadas com a Covid-19 no Brasil, até porque seus parentes sofreram com a doença. A maneira como elas relatam o fato demonstra medo, angústia, dor e desespero no início, mas alívio ao dizerem que os pais ficaram bem. A culpa citada por Juliana demonstra que não só ela ficou preocupada com o pai, mas também em como se sentiria caso ele viesse a falecer, o que a deixou bastante mal.

### **Apêndice 16 - Dimensão Covid-19 no *focus group* 3**

Para esse grupo focal, perguntamos sobre os primeiros pensamentos que os participantes tiveram quando souberam da Covid-19. As respondentes foram mulheres entre 20 a 24 anos.

Recortes do texto: “foi um misto de ansiedade, de meu Deus, eu vou morrer, de não saber o dia de amanhã, de não saber se vai ter um trabalho ou não, de como conseguir colocar as coisas nos lugares”. [...] “não tem um único sentimento para estar expressando tudo (...) gente nunca pensou que poderia vir a acontecer nos tempos de hoje”. (Geovana). [...] “Eu achei que ia ser uma coisa bobinha (...) a gente acha que vai ficar só por lá e não acha que vai vim pra cá, né? Que a gente não vai participar disso, é sempre mais a dor do outro. [...] “medo de não saber se vai conseguir emprego”. [...] “Chegou num grau que a gente não sabia se um dia a gente ia conseguir passar por isso, se ia acabar.” (Sabrina).

Marcas linguísticas: “foi um misto de ansiedade, de meu Deus, eu vou morrer”, “achei que ia ser uma coisa bobinha” e “a gente acha que vai ficar só por lá (...) é sempre mais a dor do outro”: as demonstrações desse trecho elucidam bastante como foi a Covid-19 ao chegar no Brasil, ou seja, ambas as interlocutoras afirmam que minimizavam a potência do novo coronavírus e, quando se deram conta, até acharam que iam morrer. Outro ponto interessante é a fala sobre a dor do outro. A menção é relacionada à China, local em que a Covid-19 começou e não afetava o Brasil, ou pelo menos as entrevistadas.

Sentidos vivenciais: “de não saber se vai ter um trabalho ou não” e “medo de não saber se vai conseguir emprego”: as duas interlocutoras mencionam o medo de ficarem desempregadas durante a pandemia da Covid-19, demonstrando que o mercado de trabalho, para elas, é uma vivência essencial.

Compreensão hermenêutica: compreendemos que a dimensão Covid-19, nesse *focus group*, foi bastante relacionada ao medo da doença e ao que ela poderia causar no sentido mais prático, como emprego.

## Apêndice 17 - Dimensão Juventude e Sociedade no *focus group* 1

Aos participantes desse grupo focal, perguntamos como eles lidaram com o isolamento social, a solidão e a necessidade de ficar em casa e se, durante a pandemia, eles haviam descoberto algo sobre eles. Os respondentes foram um homem e uma mulher entre 20 a 24 anos.

Recortes do texto: “foi um pouco chata essa parte porque eu estava indo pro meu último ano da faculdade (...) e aí, de repente, tinha que ficar em casa. Tipo, do nada eu estava ali com eles [colegas de classe] e depois eu perdi o contato próximo”. [...] “Eu senti que foi um pouco roubado de mim, sabe, tudo o que eu iria viver aquele ano”. [...] “Eu senti que foi tudo embora (...) Eu estava terminando a faculdade e aí não ter a formatura presencial também foi um pouco triste pra mim. Eu senti que foi um ciclo que não se fechou porque parece que eu não consegui me despedir das pessoas porque eu não voltei lá, não vi mais ninguém, enfim. Foi uma coisa que pegou bastante”. (Luara). [...] “Para ser sincero, eu adorei cada segundo que eu pude passar em casa durante a pandemia, eu não sei, tipo, é mal por estar isolado, mas acho que mais por perfil mesmo, né? Eu já não era uma pessoa muito de sair. (...) “Senti que chegava muito tarde em casa, trabalhando, estudando. Então o fato de eu conseguir ficar em casa, fazer as minhas atividades, poder dormir cedo”. [...] (Bruno). “Eu e minha mãe, a gente sempre tentava inventar alguma coisa diferente, alguma receita ou a gente saía para fazer caminhada, enfim, a gente tentava, né? De todas as formas fazer algumas coisas para a gente não ficar tão entediada assim.”. [...] “Então, por esse lado, foi bom para eu viver um pouco do que tinha perdido com eles [família]. Também acredito que foi até bom esse tempo que a gente ficou sem aula porque eu tive muito mais tempo para fazer meu TCC”. [...] “Eu estava terminando a universidade, então era uma etapa, aquela virada de chave de sair e começar a trabalhar. Eu fiquei muito preocupada, tipo, tá todo mundo em casa, como é que vai ser? Como que eu vou entrar no mercado de trabalho agora”. (Luara).

Marcas linguísticas: “e aí, de repente, tinha que ficar em casa. Tipo, do nada”: as expressões “de repente” e “do nada” denotam o quanto as pessoas foram pegadas de surpresa pela pandemia. Já nos trechos “pra ser bem sincero, eu adorei cada segundo que eu pude passar em casa durante a pandemia” e “por esse lado, foi bom para eu viver um pouco do que tinha perdido com eles”, percebemos que os interlocutores extraíram algo de bom desse período, como o fato de poder ficar mais tempo com familiares ou então terem mais tempo para realizarem as tarefas do dia a dia. Mas eles fazem questão de dizer que foi somente nesse sentido ao destacarem o “para ser sincero” e “por esse lado”.

Sentidos vivenciais: “Eu senti que foi um pouco roubado de mim, sabe, tudo o que eu iria viver aquele ano”, “senti que foi um ciclo que não se fechou” e “eu fiquei muito preocupada, tipo, tá todo mundo em casa, como é que vai ser”: em todos esses trechos, a pessoa A reitera quão difícil foi aceitar que a pandemia estava acontecendo e isso a tiraria seu último ano de faculdade. A palavra “roubada” demonstra tristeza, raiva e mágoa com todas as formas pelas quais o período pandêmico a afetou. Não bastasse, ela ainda ficou preocupada com o medo de ficar sem emprego.

Compreensão hermenêutica: nessa dimensão, vemos que os respondentes carregam lembranças diferentes sobre o período pandêmico. Enquanto a pessoa A demonstra quase que em todo o relato que a pandemia, para ela, foi um caos, embora a tenha aproximado da família, o respondente C destaca basicamente o lado positivo que o período proporcionou. Pelo que pudemos perceber, ele lidou com o isolamento social e a solidão bem melhor do que o outro respondente.

## **Apêndice 18 - Dimensão Juventude e Sociedade no *focus group* 2**

Aos participantes desse grupo focal, perguntamos como eles lidaram com o isolamento social, a solidão e a necessidade de ficar em casa e se, durante a pandemia, eles haviam descoberto algo sobre eles. Os respondentes foram dois homens entre 15 a 19 anos e uma mulher entre 20 e 24 anos.

Recortes do texto: “Eu tinha acabado de sair do ensino médio e aí estava trabalhando também, então a gente estava começando a sair, conhecer mais pessoas, socializar um pouco mais. De repente veio esse boom, né?”. [...] “O *home office*, pra mim, na questão do trabalho funciona muito melhor”. [...] “Não tem essa de hoje eu vou ficar em casa, na próxima não. Ou você ficava em casa ou você ficava em casa, não tinha outra opção, aí foi quando começou eu e meus amigos começamos a fazer chamadas online, happy hour”. [...] “A gente passava muito tempo na internet e tudo era relacionado a isso, então acho que a ansiedade aumentou muito dentro disso também e foi bem assustador.” (Juliana). [...] “Pra mim a pandemia teve várias partes assim, né? Mas acho que nos primeiros seis meses foi uma experiência um pouco boa de ficar em casa. (...) “Estava lendo bastante, sabe? Livrinhos assim de boinha, só pra se divertir. Estava jogando em casa, a gente estava assistindo um pouco de filme e série juntos. Isso no

começo, né? Daí a gente conseguia fazer as coisas que a gente gostava, mas depois foi muito desgastante”. [...] (Mateus). “Eu me isolei em casa, não tinha contato com mais ninguém. E aí um hobby que eu achei que me ajudou muito foi ficar estudando”. [...] “Quando chegou o vestibular eu fui bem e tal. De certa forma, o isolamento foi ruim, mas tipo, ele me fez entrar ali um hobby que até hoje eu uso”. (Otávio).

Marcas linguísticas: “ou você ficava em casa ou você ficava em casa, não tinha outra opção” e “eu me isolei em casa, não tinha contato com mais ninguém”: percebemos nesses e em outros trechos acima recortados que a pandemia apareceu de modo muito surpreendente e justamente quando os jovens começaram suas vidas sociais. É demonstrado no trecho “nos primeiros seis meses foi uma experiência um pouco boa” que a “parte boa” da pandemia foi datada, isto é, teve seu fim assim que as pessoas começaram a se sentir desgastadas.

Sentidos vivenciais: “A gente passava muito tempo na internet e tudo era relacionado a isso, então acho que a ansiedade aumentou”: o respondente generaliza que o consumo de internet fez a ansiedade aumentar, uma vez que essa foi uma válvula de escape para muitas pessoas durante a pandemia. Já os trechos “estava lendo bastante, sabe? Livrinhos assim de boinha, só pra se divertir. Estava jogando em casa, a gente estava assistindo um pouco de filme e série juntos” e “um hobby que eu achei que me ajudou muito foi ficar estudando (...) quando chegou o vestibular eu fui bem e tal” apresenta outros *hobbies* e maneiras que os participantes lidaram com o isolamento social e a solidão, podendo, inclusive, extrair coisas boas disso.

Compreensão hermenêutica: todos os participantes mencionaram que estavam estudando na época e essa foi uma grande mudança para eles. No entanto, enquanto o respondente mais velho teve problemas com estudar em casa, os demais aproveitaram essa oportunidade para realizar outras tarefas, sentindo que a pandemia trouxe algo de bom.

### **Apêndice 19 - Dimensão Juventude e Sociedade no *focus group* 3**

Aos participantes desse grupo focal, perguntamos como eles lidaram com o isolamento social, a solidão e a necessidade de ficar em casa e se, durante a pandemia, eles haviam descoberto algo sobre eles. Os respondentes foram dois homens e duas mulheres entre 20 a 24 anos e uma mulher entre 15 e 19 anos.

Recortes do texto: “Felizmente, eu não fiquei tão sozinho, né? O \*\*\* tava em casa graças a Deus, mas por parte foi meio ruim, principalmente no começo que eu estava na universidade.” (Téo) [...] “Eu continuei trabalhando, mas muito menos. Então tive que me adaptar” (...) “Mas não foi tão fácil, porque eu sempre costumava sair fim de semana, eu gostava disso, e daí tive que ficar em casa”. (Olívia) [...] “Eu descobri que sou amante de plantas, mãe de planta mesmo” (Sabrina). [...] “Comecei a costurar, fazer alguns desenhos de pirografia, e fui descobrindo talentos. Também descobri que eu sou uma senhora de uns 80 anos. (Fernanda). “Não lembro de ter feito nada novo. A única coisa que gostava bastante era de jogar jogos de tabuleiro e aí não dava mais para encontrar o pessoal e jogar presencial. Então às vezes a gente conseguia jogar online”. (Carlos).

Marcas linguísticas: “descobri que sou amante de plantas, mãe de planta mesmo” e “descobri que eu sou uma senhora de uns 80 anos”: as descobertas ditas pelas respondentes são duas expressões bem coloquiais e que remetem ao sentido figurado. Elas riram ao dizerem que eram “mãe de plantas” e “uma senhora de 80 anos”, o que também arrancou sorrisos dos demais participantes. Foram respostas leves que revelam motivações e percepções pessoais sobre o que a pandemia trouxe. Já o trecho “felizmente, eu não fiquei tão sozinho, né? O \*\*\* tava em casa graças a Deus” demonstra que o respondente se considera sortudo por ter com quem compartilhar aquele momento.

Sentidos vivenciais: “eu sempre costumava sair fim de semana, eu gostava disso, e daí tive que ficar em casa” e “gostava bastante era de jogar jogos de tabuleiro e aí não dava mais para encontrar o pessoal e jogar presencial. Então às vezes a gente conseguia jogar online”: os trechos mostram dois períodos, o antes da pandemia, em que o respondente afirma que precisou se adaptar ao isolamento e restringir algo que gostava, e o durante a pandemia, quando o respondente encontrou a alternativa de jogar online para continuar com um *hobby* que gostava e que diminuía o sentimento de solidão.

Compreensão hermenêutica: os participantes afirmam as várias adaptações nos estudos e no trabalho que tiveram de fazer para conseguirem enfrentar o isolamento social durante o período pandêmico. De *hobbies* pessoais e atividades em grupo online, todos encontraram formas de se sentirem menos solitários.

Perguntamos aos participantes desse grupo focal o que, para eles, era saúde ou doenças mentais. Também questionamos se algum deles tinha alguma doença mental diagnosticada, sendo que, para essa pergunta, não houve resposta. A anterior foi respondida por três mulheres, sendo duas entre 20 a 24 anos e uma entre 15 a 19.

Recortes do texto: “Eu prestei bastante atenção porque a gente trabalha com adolescentes (...) Eles falaram que é uma você ter uma resiliência. Cuidar, né? Dessa saúde mental todos os dias (...) tem que manter e sempre cuidar pra não ficar doido da cabeça”. (Verônica). [...] “Acho que doenças mentais é algo que a gente não percebe, mas pode estar acontecendo com a gente, porque a gente não tem controle, né? Não dá pra ‘parar de ter isso’ (...) isso afeta o corpo, afeta a tua rotina, afeta as coisas que você gosta, as coisas que você quer fazer com motivação. Sobre saúde mental, eu imagino que é uma coisa que a gente deveria estar falando há anos, mas é um pouco triste que a gente está falando sobre isso agora, que é meio que durante a pandemia e quando todo mundo colapsou.(Luara) [...] “Depois da pandemia, é um assunto que ficou muito, muito em alta, né? Porque com o isolamento as pessoas começaram a desenvolver muitas coisas que antes elas nem percebiam, a gente começou a se conhecer mais.”. (Paula).

Marcas linguísticas: “manter e sempre cuidar pra não ficar doido da cabeça” e “a gente não tem controle, né? Não dá pra ‘parar de ter isso’” são trechos de visões muito próximas que duas interlocutoras tiveram. De maneira simplista, uma delas fala sobre ficar doido da cabeça que, aqui, não demonstra um preconceito velado, mas sim um sentimento, uma sensação que pode ser desenvolvida caso não haja cuidado com a saúde mental. O outro respondente reitera que não dá para parar de ter isso, no caso, a doença, sendo o ato de cuidar a escolha que resta.

Sentidos vivenciais: “Eu prestei bastante atenção porque a gente trabalha com adolescentes”, “ é uma coisa que a gente deveria estar falando há anos, mas é um pouco triste que a gente está falando sobre isso agora, que é meio que durante a pandemia e quando todo mundo colapsou” e “com o isolamento as pessoas começaram a desenvolver muitas coisas que antes elas nem percebiam, a gente começou a se conhecer mais” : o primeiro trecho leva a algo intrínseco da respondente, isto é, ela trabalha com pessoas que desenvolvem doenças mentais e precisar lidar com elas e, portanto, precisou prestar mais atenção. Nas outras falas, percebemos que havia um desejo de saber mais sobre saúde e doença mental antes da pandemia, mas isso não ocorreu. O assunto só se tornou pauta quando houve um evento mundial que poderia mexer com a saúde mental de milhões de pessoas.

Compreensão hermenêutica: percebemos que por mais que os respondentes não saibam dizer o que é saúde ou doença mental de modo formal, elas têm percepções semelhantes ao que esses termos representam, sendo a saúde algo que nos acompanha a vida toda e as doenças algo que pode ser desencadeado, mas tratado. As participantes concordam que o tema ganhou mais relevância e visibilidade durante a pandemia.

### **Apêndice 21 - Saúde/doença mental no *focus group* 2**

Perguntamos aos participantes desse grupo focal o que, para eles, era saúde ou doenças mentais e se algum deles tinha alguma doença mental diagnosticada. Houve apenas uma respondente com idade entre 20 e 24 anos.

Recortes do texto: “Para mim, saúde mental é como uma definição de paz, porque às vezes a gente acha que alguma coisa é saudável, que faz bem pra gente e às vezes a gente se desgasta tanto que quando a gente percebe, já não tem saúde mental nenhuma”. (Roberta). [...] “Eu já fui diagnosticada com depressão, ansiedade, bipolaridade, um monte de coisa e ninguém sabia o que era. Daí é um processo bem doloroso chegar num diagnóstico porque você toma tanto tipo de remédio que nem é para o que você tem (...) Acho que até o final do ano já estará fechado. Diagnosticada com borderline”. [...] “Eu sempre falei que eu era meio bipolar, que eu era meio... todo mundo falava que eu era meio bipolar, só que na verdade não era, né, é uma coisa totalmente diferente” [...] “no trabalho, eu tenho bastante dificuldade em trabalhar com o público. Eu não consigo conversar, me irrita muito fácil” [...] “A minha psiquiatra, nos psicólogos que eu já passei por vários falaram.: “o ruim é que não tem cura, tem tratamento, mas é difícil para relacionamento, é muito difícil ter um relacionamento com o Huck”. [...] “Você fica 24 horas pensando só coisa ruim, mesmo que seja um relacionamento tranquilo, porque tipo a tua cabeça, ela não para, entendeu? Então também não pode tomar remédio constante, você toma, tranquiliza a crise, aí você para de tomar o remédio, daí você tem que esperar o próximo surto vir para você começar a tomar remédio de novo, porque se não o remédio acaba parando de fazer efeito.” [...] “eu me relaciono com uma pessoa diagnosticada com TDAH, que é o meu marido, então um relacionamento bem difícil. Eu que sou borderline preciso de atenção, tipo, toda hora, e ele é TDAH”. (Roberta).

Marcas linguísticas: “é muito difícil ter um relacionamento com o Hulk”, “você fica 24 horas pensando só coisa ruim (...) daí você tem que esperar o próximo surto vir para você começar a tomar remédio de novo”: ao mencionar o super-herói Hulk, entendemos que o que a participante quer dizer é que as pessoas evitam ou acham difícil se relacionarem com pessoas explosivas, impulsivas e até mesmo violentas. No trecho “esperar o próximo surto vir”, ela continua essa explicação em sentido figurado, trazendo mais contexto à descrição da doença mental com a qual é acometida, no caso, borderline. Há marcas linguísticas de respiração profunda, pausas e gaguejos em toda a sua fala, demonstrando nervoso, mas também uma busca sobre seus sentimentos com relação ao diagnóstico e a como se porta.

Sentidos vivenciais: “Para mim, saúde mental é como uma definição de paz” (...) “eu já fui diagnosticada com depressão, ansiedade, bipolaridade”. Aqui interpretamos que essa é uma fala muito pessoal, ainda mais vinda de uma pessoa que é acometida por doença mental. Assim, para ela, ter saúde é quando ela está em paz com seu psicológico. Nos trechos “no trabalho, eu tenho bastante dificuldade em trabalhar com o público. Eu não consigo conversar, me irrita muito fácil” e “eu me relaciono com uma pessoa diagnosticada com TDAH, que é o meu marido, então um relacionamento bem difícil” ela fala sobre suas relações mais próximas e relações externas, como no trabalho. Em ambos os casos, é difícil para ela conseguir lidar, mas no caso do marido, que tem TDAH, é ainda mais desafiador.

Compreensão hermenêutica: como somente uma participante falou, interpretamos quase como um desabafo. A primeira pergunta ela respondeu rapidamente, enquanto a segunda demorou mais a tomar coragem para contar sobre a doença mental que a acomete. Entre pausas e respirações, a respondente conseguiu transmitir como é ter borderline e conviver com outras pessoas que não são acometidas pelo transtorno. Portanto, saúde mental para ela, embora não saiba o sentido formal da palavra, é um sentimento de paz, enquanto a doença está presente com ela e só pode ser tratada com remédios. Sua experiência foi totalmente validada pelo grupo, que concordava com o que ela dizia ao balançarem a cabeça verticalmente.

### **Apêndice 22 - Saúde/doença mental no *focus group* 3**

Perguntamos aos participantes desse grupo focal o que, para eles, era saúde ou doenças mentais e se algum deles tinha alguma doença mental diagnosticada. A primeira foi respondida por uma mulher com idade entre 20 a 24 anos e a segunda por uma mulher entre 15 a 19 anos.

Recortes do texto: “A primeira coisa que vem na cabeça é depressão, de estalo”. [...] “Acho que é um dos pontos mais fortes que está tendo hoje em dia no Brasil é isso”. (Geovana). [...] “Eu não cheguei a ir no médico porque nunca tenho tempo e nem dinheiro, nem nada (...) mas eu tive crise de ansiedade durante a pandemia, não conseguia respirar”. [...] “Meu tio se matou com depressão no meio da pandemia. O meu ex-marido descobriu que é esquizofrênico”. (Fernanda).

Marcas linguísticas: “é depressão, de estalo”: a participante estala os dedos ao dizer essa frase, o que demonstra que é a primeira coisa que vem à sua cabeça quando se fala sobre saúde ou doença mental.

Sentidos vivenciais: Em “não cheguei a ir no médico porque nunca tenho tempo e nem dinheiro (...) mas eu tive crise de ansiedade durante a pandemia, não conseguia respirar” e “meu tio se matou com depressão no meio da pandemia. O meu ex-marido descobriu que é esquizofrênico”. Percebemos as diversas experiências com doenças ou sintomas mentais que a participante tem ou teve durante a pandemia. Ela nunca foi diagnosticada de fato, por falta de tempo e dinheiro para se consultar com um profissional, mas reconhece a crise de ansiedade que teve. Ao falar sobre as vivências de terceiros, notamos uma entonação mais emotiva.

Compreensão hermenêutica: as duas participantes falam sobre depressão, mesmo que em contextos diferentes. Para uma delas, a doença resume o termo saúde mental, enquanto para a outra é um caso real que ela teve de passar por conta do tio que cometeu suicídio e tinha depressão. Podemos analisar que é, de certa forma, o que a saúde mental é na teoria e na prática. As experiências da segunda respondente demonstram que ela conhece algumas doenças mentais.

### **Apêndice 23 - Comunicação, mídia e jornalismo no *focus group* 1**

Perguntamos aos participantes se eles acompanharam muitas notícias durante a pandemia, o que eles acharam do volume de informações e se eles gostam de *podcasts*. Foram quatro respondentes, sendo um homem e uma mulher com idade entre 20 a 24 anos e um homem e uma mulher entre 15 a 19 anos.

Recortes do texto: “Eu fiquei meio assustado. Não que não fosse uma coisa assustadora, mas era muita notícia desesperadora (...) Na época que estava na pandemia, eu não assistia tanto jornal porque só falava de Covid. Claro, tinha que falar porque era uma coisa que estava acontecendo (...) mas às vezes a gente queria dar um ar, assistir uma coisa mais tranquila e não tinha”. (Bruno) [...] “Era muito chato, né, ficar assistindo. Mas foi normal mesmo, só no comecinho que foi um pouco difícil”. (José) [...] “Gosto, eu escuto todos os dias, geralmente de manhã. Eu sempre coloco o ‘Café da Manhã’, da Folha e o ‘Estadão Notícias’ pra começar o dia. (...) ultimamente tenho escutado uns de saúde mental (...) eu acabo de escutar o da Folha de S. Paulo, aí o Spotify já vai sozinho nesse ‘Para Dar Nome Às Coisas’. Já está na lista de reprodução, é uma mesa de bar na web” (Luara) [...] “Eu consumo bastante conteúdo de podcast, geralmente um conteúdo mais voltado pra história ou até conteúdo jornalístico mais quando se trata de política de contexto jurídico, né? Porque eu tô nessa reta final do curso de Direito (...) É uma forma de eu me manter informado e conseguir estudar alguns tópicos que são interessantes para mim também”. (Bruno) [...] “Eu gosto muito, assisto muito também, mas eu gosto daqueles lá que contam mais da história do passado” (José) [...] “Eu gosto de podcast, mas acabo não ouvindo muito por não saber exatamente aonde achar” (Paula).

Marcas linguísticas: Os trechos “Eu fiquei meio assustado. Não que não fosse uma coisa assustadora, mas era muita notícia desesperadora (...) às vezes a gente queria dar um ar, assistir uma coisa mais tranquila e não tinha”, “era muito chato, né, ficar assistindo” demonstram a frustração dos respondentes com a programação jornalística durante a pandemia. Ao mesmo tempo em que eles entendiam a gravidade do assunto e a necessidade de falar sobre a Covid-19, eles se sentiram imersos nesse contexto até quando não queriam, já que não encontravam outras opções.

Sentidos vivenciais: “Eu escuto todos os dias, geralmente de manhã”, “eu consumo bastante conteúdo de *podcast*, geralmente um conteúdo mais voltado pra história ou até conteúdo jornalístico mais quando se trata de política de contexto jurídico”, “eu gosto muito, assisto muito também, mas eu gosto daqueles lá que contam mais da história do passado” e “eu gosto de *podcast*, mas acabo não ouvindo muito” comprovam que, dos cinco jovens desse *focus group*, quatro gostam de ouvir ou assistir *podcasts*, no último caso, dando preferência aos que são transmitidos pelas redes sociais.

Compreensão hermenêutica: percebemos que os jovens foram afetados pela constante divulgação jornalística sobre a pandemia, considerando o volume excessivo e sem alternativa. No que tange à escuta de *podcasts*, a grande maioria é consumidora, mas preferem ouvir os

temas que se aproximam do que eles gostam, como jornalismo, saúde mental, contextos jurídicos e história. Os respondentes com 20 anos ou mais dizem ouvir *podcasts* jornalísticos com frequência, principalmente de manhã, quando estão em algum trajeto, com o intuito de se inteirar sobre as notícias. Por serem mais velhos e entendermos que eles têm mais responsabilidades, atribuímos essa justificativa à escolha por *podcasts* de notícias.

## **Apêndice 24 - Comunicação, mídia e jornalismo no *focus group* 2**

Perguntamos aos participantes se eles acompanharam muitas notícias durante a pandemia, o que eles acharam do volume de informações e se eles gostam de *podcasts*. Foram quatro respondentes, sendo uma mulher com idade entre 20 a 24 anos e dois homens e uma mulher entre 15 a 19 anos.

Recortes do texto: “Eu acho que foi um pouco sufocante porque ao mesmo tempo que eu queria estar sabendo o que estava acontecendo, eu percebi que aquilo me afetou muito negativamente, sabe? (...) Eu acho que na época deveria ter feito um filtro e não ter tido tanto contato assim. Não é questão de se desligar e tipo, fechar os olhos para o que está acontecendo, mas você ter aquele limite porque até hoje eu preciso me policiar. Eu evito alguns assuntos que são de tragédias, eu não curto uma coisa que eu percebo que faz mal para mim, me pesa assim” [...] “Às vezes você liga um jornal de manhã e eu gosto até do barulho, então deixo ligado, mas aí começa a vir “ai, criança encontrada morta, ai, cachorro torturado” 7 horas da manhã, entendeu? Daí é uma coisa que às vezes você traz para você, então o dia inteiro vai ser pesado”. (Mateus) [...] “Eu gosto de podcast de modo geral, não tem muito um tema”. (Otávio) [...] “Eu também gosto bastante de ouvir podcast de mais na área assim, de cultura pop e também de política (...) eu ouvi bastante o ‘Xadrez Verbal’ que tinha o Átila Iamarino e ele fazia participação especial toda semana, comentando sobre a Covid, fazia atualizações sobre a Covid no mundo e no Brasil também. Daí era meio que minha principal fonte de informação, assim, durante a pandemia, né? Só que teve um momento que deu, não aguentava mais. Era muita informação de Covid e também muita, muita fake news.” (Mateus) [...] “Eu vejo *podcast* no TikTok, no Instagram e no YouTube, né? Eu gosto de ver fofoca, baixaria.”. (Roberta) [...] “Eu ouço, eu gosto pelo YouTube, né? Na verdade, eu gosto de assistir mais em formas de vídeo. E aí eu gosto de assistir em vários canais de diversidades assim, tipo as famosas falando sobre a vida delas e tal.” (Clara).

Marcas linguísticas: Na mesma resposta, a Pessoa H afirma que “foi um pouco sufocante”, “aquilo me afetou muito negativamente” e “percebo que faz mal para mim, me pesa” se referindo às notícias sobre a pandemia e a quantidade de vezes em que era afetada por ela. Tanto fez mal ao respondente, que ele afirma que até “hoje precisa se policiar” para não ser afetado por essa carga noticiosa novamente. O exemplo vem quando afirma que “liga um jornal de manhã (...), mas aí começa a vir ‘ai, criança encontrada morta, ai, cachorro torturado’ 7 horas da manhã, entendeu?” e isso deixa o dia todo pesado. Ela ri quando diz “entendeu”, mas com um ar de indignação.

Sentidos vivenciais: Todos os respondentes afirmam gostarem de *podcasts*, mas não do mesmo gênero, o que se prova nos trechos “eu gosto de podcast de modo geral, não tem muito um tema”, “também gosto bastante de ouvir *podcast* mais na área assim, de cultura pop e também de política”, “eu vejo *podcast* no TikTok, no Instagram e no YouTube, né? Eu gosto de ver fofoca, baixaria.” e “eu ouço, eu gosto pelo YouTube, né? Na verdade, eu gosto de assistir mais em formas de vídeo. E aí eu gosto de assistir em vários canais de diversidades”.

Compreensão hermenêutica: apenas um dos jovens mencionou o *podcast* vinculado à Covid-19, que foi quando falou sobre o Átila Iamarino, uma das principais fontes de informação sobre o novo coronavírus no Brasil. Todos os outros trouxeram exemplos do que gostam de ouvir em *podcasts* de modo não sazonal, preferencialmente se forem temas mais de estilo de vida e entretenimento. A maneira como ouvem *podcast* também é interessante de ser percebida, já que dois jovens afirmaram que preferem assistir o conteúdo em formato de vídeo e via redes sociais. Também notamos que o volume de informação sobre a pandemia foi extremamente prejudicial para os jovens, exemplificado por um dos participantes, que alertou várias vezes como se sentiu.

### **Apêndice 25 - Comunicação, mídia e jornalismo no *focus group* 3**

Perguntamos aos participantes se eles acompanharam muitas notícias durante a pandemia, o que eles acharam do volume de informações e se eles gostam de *podcasts*. É a primeira dimensão em que todos os participantes respondem, por isso, foram três mulheres e dois homens com idade entre 20 a 24 anos e uma mulher entre 15 a 19 anos.

Recortes do texto: “Eu assistia jornal porque a gente não tinha muito o que fazer, né? (...) Eu gostava, mas realmente quando é em excesso, só faz mal. Assistir demais, é muita notícia

ruim, então acho que afeta a gente, não faz muito bem. É bom estar informado, mas talvez não tanto”. (Olívia) [...] “Eu acho também que os comentários dos outros... eles sempre falavam que quem ia para o hospital ficava entubado, era uma sentença de morte, né? Aí o povo comentava, ‘não, se pegar Covid, eu não vou, não vou ser entubado’”. (Sabrina) [...] “A parte de jornal não pegou muito (...) Eu acho que o que mais pegou durante a pandemia foi quando um dos nossos primos pegou e foi entubado, que daí a gente meio que viu tipo, putz, chegou na gente (...) Isso acabou pesando mais do que o jornal”. (Téo) [...] “Todo dia de manhã escuto o mesmo *podcast*, o Café da Manhã, da Folha. Ele é um resumo de notícias do dia e do dia anterior. Eu acho legal porque dá uma visão geral das notícias em si e se tiver algum assunto que chame mais atenção, aí eu vou procurar em outros jornais, enfim”. (Carlos) [...] “Eu não ouço. Tenho vontade. Às vezes eu vejo, fico querendo assistir, mas com que tempo que eu vou fazer isso? (...) Chega em casa, só quer dormir, quer descansar, tem como não. (...) Acho que é um método muito bacana de informação. Acho que é algo que eu quero começar a praticar no dia a dia, assim, pelo menos um tempinho”. (Geovana) [...] “Eu não escuto. Já escutei alguns sobre assuntos mais específicos (...) mas também não tenho tempo pra nada.” (Pessoa O, apêndice X) [...] “Eu ouço *podcast*, eu gosto muito. Mas eu nunca ouvi nenhum de notícia. Eu gosto de *podcast* de fofoca, eu ouço o ‘Diário de Bordo’ (...) e o ‘Donos da Razão’ (...) são *podcasts* diferentes no tempo. O primeiro é curtinho e todo dia. E o outro é uma vez na semana que é mais longo, mas eu ouço mesmo os mais longos (...) Eu gosto em época de Big Brother também”. (Olívia) [...] “Eu até escutei alguns de saúde mental, aquele é de mantra, né? Mas não tenho muito costume. Também não tenho tempo, né? (...) Eu já tive costume de assistir *podcast* no YouTube (...) Eu gosto bastante de estudar educação parental, aí sempre quando tem alguém específico dessa área, daí eu assisto bastante coisa”. (Sabrina) [...] “Eu tenho bastante costume de escutar, geralmente, quando eu estou fazendo alguma coisa mais mecânica, que não precisa de tanta atenção. Não tem exatamente um *podcast* que eu seja fã ou ouça sempre, geralmente vou pesquisando alguma coisa do meu interesse” (Téo).

Marcas linguísticas: “Eu assistia jornal porque a gente não tinha muito o que fazer, né? (...) é bom estar informado, mas não tanto”, “os comentários dos outros... eles sempre falavam que quem ia para o hospital ficava entubado, era uma sentença de morte” e “a parte de jornal não pegou muito (...) Eu acho que o que mais pegou durante a pandemia foi quando um dos nossos primos pegou e foi entubado”. Esses trechos são ditos por pessoas diferentes, mas, de certa forma, se complementam. Enquanto a primeira pessoa diz que era bom estar informado, mas não tanto porque notícia em excesso faz mal, a última pessoa diz que não foi isso que

causou a ela o principal impacto. Isso ocorreu quando o primo pegou e foi entubado. As intubações também geraram medo na população, como descreve um jovem desse grupo focal. De acordo com ele, os comentários das pessoas dizendo que a intubação era uma “sentença de morte” foi a que mais gerou um medo coletivo.

Sentidos vivenciais: “todo dia de manhã escuto o mesmo *podcast*”, “eu não ouço. Tenho vontade. Às vezes eu vejo, fico querendo assistir, mas com que tempo que eu vou fazer isso? (...) Chega em casa, só quer dormir”, “eu não escuto. Já escutei alguns sobre assuntos mais específicos (...) mas também não tenho tempo pra nada.”, “eu ouço *podcast*, eu gosto muito. Mas eu nunca ouvi nenhum de notícia. Eu gosto de *podcast* de fofoca”, “eu até escutei alguns de saúde mental, aquele é de mantra, né? Mas não tenho muito costume” e “eu tenho bastante costume de escutar (...) geralmente vou pesquisando alguma coisa do meu interesse”. Os trechos mostram diferentes vivências relacionadas ao consumo de *podcasts*. Enquanto as pessoas que não ouvem afirmam que é por não terem tempo, os que ouvem dizem escutar com frequência sendo um, inclusive, todos os dias, que é o *podcast* da Folha de S. Paulo. Uma das participantes relata que, por mais que não ouça, enxerga o *podcast* como uma boa fonte de informação e que é algo que quer começar a praticar no dia a dia.

Compreensão hermenêutica: nesse grupo focal, há várias divergências com relação às notícias durante a pandemia e a escuta de *podcasts*. Enquanto alguns ficaram mais amedrontados pela cobertura midiática sobre o novo coronavírus e seus efeitos, outros foram mais impactados por experiências pessoais, como conversas e parentes infectados. Ao falarem sobre *podcasts*, três pessoas dizem não ter o costume de ouvir, embora já tenham tido contato, e três ouvem com bastante frequência. Essas pessoas têm entre 20 e 24 anos. De modo geral, percebemos que os estilos de vida e gosto dos participantes são bastante diferentes, mas algumas vivências são semelhantes, ainda mais no que diz respeito à rotina ou como a pandemia os atingiu.

**Apêndice 26 - Referente à análise fenomenológica do discurso do *focus group* 1 com base nos episódios do ‘O Assunto - Vidas separadas pela quarentena’ e do ‘Esquizofrenias - Sozinho junto #1 Ansiedade, grupos no zap e entretenimento leve’**

As perguntas pretendiam perceber se os jovens notaram semelhanças ou diferenças entre a abordagem dos assuntos, se eles conseguiram aprender/entender os temas retratados e se eles diriam que o ‘O Assunto’ e o ‘Esquizofrenóias’ são educativos. As respondentes foram duas participantes mulheres com idade entre 20 a 24 anos.

Recortes do texto	Marcas linguísticas	Sentidos vivenciais	Compreensão hermenêutica
<p>“A pauta parecia (...), mas a forma de abordagem do segundo... ela deu mais espaço pra pessoa contar a experiência dela, né? De como foi esse tempo da pandemia.</p> <p>Eu acredito que o segundo eu me senti mais identificada. [...] No primeiro, não sei se eu tenho já esse pré-julgamento de conhecer o podcast, né? Reconheci a voz da Renata Lo Prete, mas estava numa pegada jornalística mesmo. (Luara).</p>	<p>“A forma de abordagem do segundo...”: a pausa feita pela jovem demonstra a reflexão a qual ela chegou posteriormente, de que o Esquizofrenóias a lembrou de como ela se sentiu durante a pandemia.</p> <p>“Na questão de passar o sentimento que a maioria das pessoas ali estava passando, sabe? Não sei se educativo, mas foi uma boa representação de tudo que a gente passou nesse</p>	<p>“Não sei se eu tenho já esse pré-julgamento de conhecer o podcast, né? Reconheci a voz da Renata Lo Prete”: a participante já conhecia a jornalista e o programa, o que remeteu a ela uma “pegada” jornalística, isso é, apenas de cunho informativo.</p> <p>“Eu me senti mais identificada”: percebemos que, por contar sua experiência pessoal com a pandemia, Amanda gerou mais empatia e identificação para</p>	<p>Com a divulgação dos trechos desses <i>podcasts</i>, compreendemos que as jovens notaram a semelhança temática, mas perceberam diferenças na abordagem. Uma delas, inclusive, afirmou que se identificou mais com o segundo <i>podcast</i> (Esquizofrenóias) porque houve mais espaço para que a pessoa falasse sobre sua experiência, enquanto o primeiro teve linguagem e cunho mais jornalístico.</p>

<p>“Eu acho que foi mais na questão de passar o sentimento que a maioria das pessoas ali estava passando, sabe? Não sei se educativo, mas foi uma boa representação de tudo que a gente passou nesse período. Tanto um quanto o outro”. (Paula).</p>	<p>período.”: a interlocutora parece estar em dúvida sobre a definição de conteúdo educativo, mas compreende que ambos, tanto âncoras quanto entrevistados, transmitiram bem como foi o sentimento de isolamento/distanciamento durante o início da pandemia.</p>	<p>com o público.</p>	<p>Para a outra entrevistada, ambos foram competentes em representar o isolamento/distanciamento, mesmo que não tenham sido, necessariamente, educativos.</p>
--	---	-----------------------	---

**Apêndice 27 - Quadro referente à análise fenomenológica do discurso do *focus group* 2 com base nos episódios do ‘O Assunto - Vidas separadas pela quarentena’ e do ‘Esquizofrenias - Sozinho junto #1 Ansiedade, grupos no zap e entretenimento leve’**

As perguntas pretendiam perceber se os jovens notaram semelhanças ou diferenças entre a abordagem dos assuntos, se eles conseguiram aprender/entender os temas retratados e se eles diriam que o ‘O Assunto’ e o ‘Esquizofrenias’ são educativos. As respondentes foram duas mulheres de 20 a 24 anos, uma mulher e um homem de 15 a 19 anos

Recortes do texto	Marcas linguísticas	Sentidos vivenciais	Compreensão hermenêutica
-------------------	---------------------	---------------------	--------------------------

<p>“Me identifiquei com todos. (Juliana).</p> <p>“Ali no começo da pandemia, eu tinha bastante frequência em responder o WhatsApp, ter aquela troca. Hoje em dia é uma coisa que eu não tenho energia, nossa, fica ali. (Juliana).</p> <p>“A segunda questão ali, acho que era das informações, né? No começo da pandemia até os primeiros dias, eu consumia muito, aí depois disso, começou a gerar uma certa ansiedade. Comecei a desligar a TV”. (Juliana).</p> <p>“Estava utilizando muito Instagram, aí decidi</p>	<p>“Hoje em dia é uma coisa que eu não tenho energia, nossa, fica ali”: um dos assuntos que Amanda abordou foi a cobrança para responder o WhatsApp durante a pandemia, mesmo quando ninguém tinha energia para isso. Juliana, nesse trecho, comprova a mesma experiência que a apresentadora teve.</p> <p>“Aí você fica puto porque o Instagram não está aqui. Aí o que eu fazia? Abria o Google”: o respondente utiliza a palavra “puto” para representar o quão irritado ficava ao desbloquear a tela do celular e não encontrar o app Instagram. Ele dá a</p>	<p>“Nos primeiros dias, eu consumia muito, aí depois disso, começou a gerar uma certa ansiedade. Comecei a desligar a TV”: a partir da fala do entrevistado do ‘O Assunto’, a jovem retoma o que foi abordado em outra dimensão, isto é, o excesso de notícias sobre a pandemia e como isso afetou sua saúde mental.</p> <p>“Às vezes também chegava a ser uma paranoia”, “me identifiquei com a parte que ela falou ali, que ela tinha paranoia” e “sobre a paranoia, também me identifiquei” são três trechos de três respondentes diferentes, o que demonstra que o termo paranoia, dito</p>	<p>Juliana traz diversos exemplos de como se sentiu identificada com o que ouviu nos <i>podcasts</i>, desde o consumo de notícias e redes sociais até programas em comum que têm com a âncora do Esquizofrenias.</p> <p>Amanda utiliza a palavra ‘paranoia’ em um dos trechos, palavra que foi repetida por todas as respondentes mulheres ao dizerem que também se identificaram com esse sentimento em diferentes contextos. Foi bem interessante notar a entonação com a qual elas disseram que as percepções de Amanda foram parecidas com as quais elas tiveram.</p>
---	---	---	---

<p>que eu ia usar só durante o final de semana e desinstalei. E aí a gente tem aquele costume que é ridículo, mas acho que todo mundo aqui tem que abre o desbloqueio de tela do celular e vai procurar o Instagram (...) aí você fica puto porque o Instagram não está aqui. Aí o que eu fazia? Abria o Google e ficava vendo que tinha ali na época de notícia” (Juliana)</p> <p>“A questão do terceiro [trecho] ali eu me identifiquei também porque acho que durante a pandemia realmente esse era um medo, mas às vezes também chegava a ser uma paranoia. Eu lembro que bem ali no começo eu comecei a</p>	<p>entender que, já que a tela estava desbloqueada, então acessava o Google, mas aí se deparava com notícias que não queria consumir. Ao dizer “a gente tem aquele costume que é ridículo”, todos balançam a cabeça em sinal de concordância e riem, algo que interpretamos como uma vivência similar entre os participantes.</p> <p>“Eu acho que a gente consegue entender mais um pouco do que uma pessoa com ansiedade passa, principalmente falando de pandemia, né?”: O jovem responde que o ‘Esquizofrenias’ foi o <i>podcast</i> mais educativo</p>	<p>por Amanda, representou exatamente o que elas sentiram durante a pandemia, mesmo que em diferentes situações.</p> <p>“Me identifiquei também com a parte de entretenimento leve (...) eu comecei a ver só TLC, até quando ela falou de 90 Dias Para Casar”: Amanda disse que o que a ajudava a não ficar tão ansiosa com a pandemia era entretenimento leve e citou o programa 90 Dias Para Casar. Essa ação e esse programa geraram uma forte identificação por parte de uma das participantes.</p>	<p>O ‘O Assunto’ não é citado nenhuma vez diretamente, bem como a âncora desse <i>podcast</i>. Porém, quando Juliana fala sobre o volume de informações e que começou “a desligar a TV”, é a uma fala do entrevistado desse <i>podcast</i> que ela se refere.</p> <p>O único respondente homem dessa pergunta afirmou que é possível entender como uma pessoa ansiosa se sentiu durante a pandemia a partir do relato de Amanda, o que foi suficiente para que ele julgasse esse <i>podcast</i> mais educativo.</p>
--	--	---	---

<p>passar muito mal, muito mal, muito mal. Daí fui ao hospital, o médico olhou só e falou: é Covid. Eu fiquei, tá, né?! Não vou discutir com o médico, mas os meus sintomas não tinham muito a ver com o que estava sendo noticiado.” (Juliana)</p> <p>“Me identifiquei também com a parte de entretenimento leve porque durante o trabalho, eu costumo colocar alguma coisa de fundo. Música, podcast, show, alguma coisa. E aí eu comecei a ver só TLC, até quando ela falou de 90 dias para casar, eu me identifiquei muito”. (Pessoa G, apêndice X).</p>	<p>justificando que a experiência que a âncora conta o fez entender como uma pessoa ansiosa se sente.</p> <p>Ele foi o único que não trouxe um relato pessoal sobre como se sentiu na pandemia.</p>		
--	---	--	--

<p>“Eu me identifiquei com a parte que ela falou ali, que ela tinha paranoia. Ali, na época do Covid, que ela falou “será que eu vou morrer?”. Eu também tinha essa mesma paranoia. Às vezes eu nem estava com nada, mas eu sempre tive essa questão. Para descer daqui até a praia, eu vou daqui até lá pensando que eu vou morrer” (Roberta).</p> <p>“Sobre a paranoia, também me identifiquei, porque eu lembro que quando estava no começo da pandemia, a gente ia ao mercado comprar alguma coisa fora de casa, aí chegava em casa e passava álcool em tudo (...) Tudo era Covid. Aí você</p>			
--	--	--	--

<p>ligava a TV, abria a rede social e você tinha isso também, isso de ficar sensível, porque a gente se sentia um pouco sozinho” . (Clara).</p> <p>“Eu acho que a gente consegue entender mais um pouco do que uma pessoa com ansiedade passa, principalmente falando de pandemia, né? Acredito que comparando os dois, o segundo, eu consegui aprender mais (...) pela forma que ela estava contando toda a experiência”.</p> <p>(Otávio).</p>			
---	--	--	--

**Apêndice 28 - Quadro referente à análise fenomenológica do discurso do *focus group* 3 com base nos episódios do ‘O Assunto - Vidas separadas pela quarentena’ e do ‘Esquizofrenias - Sozinho junto #1 Ansiedade, grupos no zap e entretenimento leve’**

As perguntas pretendia perceber se os jovens notaram semelhanças ou diferenças entre a abordagem dos assuntos. As respondentes foram duas mulheres entre 20 a 24 anos.

Recortes do texto	Marcas linguísticas	Sentidos vivenciais	Compreensão hermenêutica
<p>“Eu achei que no primeiro podcast, quando era do Boris, ele queria evitar às vezes as situações que estavam ocorrendo, não ter tanta informação” (Geovana).</p> <p>“Nessa segunda, eu tive a impressão de que ela buscou mais informações, mas de uma forma com que não afetasse tanto. E ela conseguiu identificar essa ansiedade. (Pessoa K, apêndice X).</p> <p>“Eu senti que, no primeiro, ouvir notícias trazia uma</p>	<p>“Achei que no primeiro podcast, quando era do Boris, ele queria evitar às vezes as situações”: a participante cita o nome do entrevistado, demonstrando que ela prestou atenção à vivência do outro.</p> <p>“A mulher acha que estava no controle, então ela gostava, né?”: a pergunta retórica da respondente acompanha um gesto de dúvida, no sentido de que ela não compreende porque uma pessoa ansiosa gostava de acompanhar notícias trágicas e</p>	<p>Não foram identificados.</p>	<p>As participantes encontraram mais semelhanças e diferenças nas falas dos interlocutores do que no tema do <i>podcast</i>. Tanto é que o único tópico citado por ambas é a quantidade de informações que, para o entrevistado do ‘O Assunto’ fazia mal, enquanto para a âncora do ‘Esquizofrenias’, trazia a sensação de controle.</p> <p>As duas citam ansiedade, porém, a Pessoa K diz que Amanda conseguiu identificar como frear a ansiedade a</p>

<p>sensação ruim, né? Uma ansiedade maior (...). Já o segundo, sobre as notícias, a mulher acha que estava no controle, então ela gostava, né? Talvez não era uma sensação tão ruim”. (Olívia).</p>	<p>preocupantes.</p>		<p>partir do consumo de notícias, enquanto a Olívia diz que quem se sentia mais ansioso era Boris.</p>
---	----------------------	--	--

*Nota.* Tabela criada pela autora (2023).

**Apêndice 29 - Referente à análise fenomenológica do discurso do *focus group* 1 com base nos episódios do ‘O Assunto - A reinvenção dos sem-Carnaval’ e do ‘Esquizofrenias - Sozinho Junto #10: Carnaval, Clubhouse, respiração consciente e vizinhos’**

As perguntas pretendiam perceber se os jovens conseguiram aprender/entender os temas retratados, se eles diriam que o ‘O Assunto’ e o ‘Esquizofrenias’ são educativos, se eles sentiram empatia em algum momento dos episódios, se eles gostaram mais de alguma âncora e se eles gostaram da maneira como Carnaval foi abordado.

Os respondentes foram duas mulheres e um homem com idade entre 20 a 24 anos e uma mulher e um homem entre 15 a 19 anos.

Recortes do texto	Marcas linguísticas	Sentidos vivenciais	Compreensão hermenêutica
<p>“A abordagem do primeiro trouxe mais</p>	<p>“Senti agora nessa leva, que eles têm abordagens bem</p>	<p>“Eu lembro exatamente de ver no Instagram as pessoas</p>	<p>Nesse <i>podcast</i>, percebemos que os participantes</p>

<p>a questão da preparação, né? (...) Estava naquela que tinha vacina, mas ainda não estava liberada. Então eu acho que foi mais a questão da expectativa. [...] O segundo foi mais uma questão de tipo, as pessoas meio que estão violando as regras porque teve balada ali, a galera estava sem máscara aqui [...] senti agora nessa leva, que eles têm abordagens bem diferentes uma da outra apesar de ser o mesmo assunto”</p> <p>(Luara).</p> <p>“É parecido na questão de não poder estar comemorando o Carnaval (...) Eu acho que foi complicado para todo mundo porque no</p>	<p>diferentes uma da outra apesar de ser o mesmo assunto”: a frase conclui um raciocínio em que a interlocutora demonstrou refletir bastante sobre as representações de Carnaval trazidas nos <i>podcasts</i>. Para ela, por mais que seja o mesmo assunto, são abordagens diferentes.</p> <p>“No Brasil o Carnaval é tudo, né?”: a jovem, ao dizer como cada <i>podcast</i> abordou a temática, faz um questionamento que ao mesmo tempo é uma afirmação. Na percepção dela, o Carnaval é de extrema importância para os brasileiros em questões culturais e financeiras.</p>	<p>postando que tavam em festas clandestinas e tal, aglomerações. Eu ficava muito revoltada, sabe, porque eu estava em casa”: a experiência relatada pela jovem remete a uma indignação da época. Após ela ouvir um trecho sobre a violação de regras de isolamento no Carnaval, no ‘Esquizofrenoides’, ela se lembrou que o mesmo aconteceu com ela, isto é, ela ficou em casa, mas acabou acompanhando via redes sociais pessoas que não fizeram o mesmo, e isso a irritou. A sensação de empatia pode ser percebida nesse trecho.</p> <p>“Eu vou dizer</p>	<p>têm opiniões muito semelhantes com relação ao que acham do ‘O Assunto’ e do ‘Esquizofrenoides’, sendo o primeiro, na percepção dos jovens, mais claro, informativo e objetivo, e o segundo mais reflexivo, intimista e próximo.</p> <p>De acordo com eles, por mais que os assuntos sejam parecidos, a abordagem é totalmente diferente, tanto na questão da linguagem utilizada pelas âncoras, quanto nos contextos aos quais o Carnaval é inserido.</p> <p>Um dos jovens afirma que prefere o ‘O Assunto’ e a Renata Lo Prete “100%” porque o <i>podcast</i> faz parte da</p>
--	--	---	--

<p>Brasil o Carnaval é tudo, né? (...) É algo que não é ruim só pra quem teve que ficar em casa, a gente perdeu esse ano de comemoração, mas pra quem precisava disso, espera isso o ano todo pra se manter, né? [...] enquanto eu ouvi ali os trechos do <i>podcast</i>, eu lembro exatamente de ver no Instagram as pessoas postando que tavam em festas clandestinas e tal, aglomerações. Eu ficava muito revoltada, sabe, porque eu estava em casa” (Paula).</p> <p>“Eu vou dizer que eu gostei mais do segundo <i>podcast</i>, porque por mais que eu goste muito da Renata lo Prete (...) acho que a segunda</p>	<p>“Depende assim, do meu <i>mood</i> [...] às vezes a gente gosta de entrar no universo da pessoa, a gente quer entrar no contexto dela” e “acho que ouviria os dois, mas depende do momento”: o depende do <i>mood</i> e depende do momento, trazido por dois respondentes, sintetizam o balanceamento que a maioria dos jovens fizeram durante as respostas. Isso significa que todos consideraram os <i>podcasts</i> bons, mas a principal diferença que os faria optar por um deles é o momento que estão vivendo, se mais relaxado ou mais sério, por exemplo.</p> <p>“A partir do momento que a gente</p>	<p>que eu gostei mais do segundo <i>podcast</i>, porque por mais que eu goste muito da Renata lo Prete”, “cho que eu ouviria os dois, mas depende do momento. Me interessei por ouvir ele [Esquizofrenias]”, “os entrevistados que vão ao programa dela são bem elucidados do que eles vão falar. Então, ‘O Assunto’ 100%”: esses trechos, que foram retirados de diferentes respostas, apresentam as preferências de cada entrevistado a partir de como eles foram instigados pelos <i>podcasts</i>. Há quem opte totalmente por um, há quem prefira o segundo e há quem ouviria os dois a depender da situação.</p>	<p>sua rotina e é bastante informativo. Os demais participantes não falam o nome da Amanda em nenhum momento, mas ressaltam que se interessaram em ouvir o ‘Esquizofrenias’ porque o consideraram mais curioso e intrigante.</p> <p>Nas palavras deles, o ‘Esquizofrenias’ “faz a gente querer continuar escutando mais”, “parece uma coisa mais intimista, né? Que você se sente um pouco mais acolhido, não sei uma coisa mais humana”. Essa última palavra é muito interessante de ser interpretada, uma vez que entendemos que linguagem mais pessoal do</p>
--	--	---	--

<p>ela faz a gente querer continuar escutando mais. O jeito que ela leva, acho que até a entonação que ela usa, eu gosto. Eu acho que o ‘O Assunto’ é mais informativo, a própria forma que a Renata se comporta vai ser diferente da forma como a outra vai se comportar, né? A outra eu senti que é mais uma conversa” [...]. “Depende assim, do meu <i>mood</i>. Se eu quero escutar um podcast maior, ele tem que ser muito bem feito para escutar até o final e eu acredito que o ‘Esquizofrenias’, hoje, a forma como ela aborda, como ela pergunta para as pessoas, como ela fala, a gente se sente muito próximo dela, mas também não tira o fato de que o ‘O</p>	<p>escuta eles, a gente (...) começa a parar pra pensar que ‘Isso é uma realidade para as pessoas’. A partir do momento que desperta isso em você, com certeza vai ser educativo”: o respondente exemplifica que o que pode tornar um conteúdo educativo é a consciência que ele traz sobre o tema. Essa marca linguística é bastante interessante porque aproxima o conceito de educomunicação.</p> <p>“‘O Assunto’, a abordagem deles é mais tipo: ‘isso existe e isso e a gente tem que falar sobre isso, está acontecendo’ (...) no segundo eu acho que deu mais abertura para pessoa falar, pra gente realmente entender,</p>		<p>‘Esquizofrenias’ torna o programa mais humanizado e faz as pessoas se sentirem identificadas e acolhidas.</p> <p>Já o ‘O Assunto’ “é mais informativo”, “se a gente também quer escutar uma coisa mais rápida ali”, “um pouco mais tradicional, né? Mais engessado. Não que seja ruim, mas é mais objetivo”. Ou seja, interpretamos que para os respondentes, o programa é, sobretudo, pragmático e direto ao ponto. Quase como um resumo jornalístico de algum tema importante e que está sendo pautado na mídia, que tem o intuito exclusivo de deixar</p>
---	--	--	---

<p>Assunto’ é um podcast muito bom, né? E se a gente também quer escutar uma coisa mais rápida ali, o ‘O Assunto’ é ótimo” [...]. Às vezes a gente gosta de entrar no universo da pessoa, a gente quer entrar no contexto dela e escutar mais a experiência” (Luara).</p> <p>“Eu acho que os dois são bem legais e eu não conhecia nenhum. (...) O ‘O Assunto’ é um pouco mais tradicional, né? Mais engessado. Não que seja ruim, mas é mais objetivo, e o outro parece uma coisa mais intimista, né? Que você se sente um pouco mais acolhido, não sei uma coisa mais humana. Acho que eu ouviria os</p>	<p>tipo ‘nossa, ela vive nesse contexto (...) você sente mais”: essa resposta se assemelha ao que interpretamos da anterior. Porém, de acordo com o respondente, o primeiro é mais informativo e objetivo, enquanto o segundo leva o ouvinte a “sentir mais”, gerando reflexão e empatia.</p>		<p>os ouvintes inteirados.</p> <p>Quanto às âncoras, da Amanda disseram que “jeito que ela leva, acho que até a entonação que ela usa, eu gosto”, “a forma como ela aborda, como ela pergunta para as pessoas, como ela fala, a gente se sente muito próximo dela”. Portanto, a apresentadora é vista como uma pessoa próxima, não há muita distância entre o emissor e o receptor, e isso vai desde a maneira com a qual ela se porta até a linguagem que usa.</p> <p>Sobre a Renata dizem que” ela se comporta de um jeito mais sério e formal, como uma</p>
--	---	--	--

<p>dois, mas depende do momento. Me interessei por ouvir ele [Esquizofrenias] que eu não conhecia” (José)</p> <p>“Eu penso que, no ‘O Assunto’, a abordagem deles é mais tipo: ‘isso existe e isso e a gente tem que falar sobre isso, está acontecendo’, e ali no segundo eu acho que deu mais abertura para pessoa falar, pra gente realmente entender, tipo ‘nossa, ela vive nesse contexto, ela está passando por isso e isso’ [...] Você sente mais”.</p> <p>(Verônica).</p> <p>“Eu escuto ‘O Assunto’, né? Com a Renata Lo Prete [...]. Eu acho que ela tem uma forma de comunicação bem</p>			<p>jornalista tradicional” e que “tem uma forma de comunicação bem clara e objetiva, e geralmente, os entrevistados que vão ao programa dela são bem elucidados”. A jornalista, que é uma das principais do país, é vista exatamente dessa forma. A condução do <i>podcast</i> é objetiva e ela, por ser mais formal, lida com os entrevistados da mesma maneira. Esses que, na visão dos jovens, são especialistas e trazem a mesma carga informativa que a âncora.</p> <p>Para um dos participantes, apesar de todas as diferenças, os <i>podcasts</i> são educativos já que</p>
--	--	--	--

<p>clara e objetiva, e geralmente, os entrevistados que vão ao programa dela são bem elucidados do que eles vão falar. Então, ‘O Assunto’ 100%”. (Bruno)</p> <p>“A partir do momento que a gente escuta eles, a gente (...) começa a parar pra pensar que ‘Isso é uma realidade para as pessoas’”. A partir do momento que desperta isso em você, com certeza vai ser educativo”. (Bruno)</p>			<p>levam a refletir sobre como a sociedade ou uma só pessoa são impactados por tudo o que acontece. Isso se aproxima bastante aos pilares Compreensão e Comunicação da definição de educomunicação, melhor explicados na Tabela XX e na discussão de resultados.</p>
---	--	--	--

**Apêndice 30 - Referente à análise fenomenológica do discurso do *focus group* 2 com base nos episódios do ‘O Assunto - A reinvenção dos sem-Carnaval’ e do ‘Esquizofrenias - Sozinho Junto #10: Carnaval, Clubhouse, respiração consciente e vizinhos’**

As perguntas pretendiam perceber se os jovens gostaram de como os temas foram abordados, se eles ouviriam os episódios completos, se diriam que o ‘O Assunto’ e o ‘Esquizofrenias’ são educativos e se gostaram mais de alguma âncora.

Os respondentes foram duas mulheres entre 20 a 24 anos e uma mulher, dois homens e uma mulher entre 15 a 19 anos.

Recortes do texto	Marcas linguísticas	Sentidos vivenciais	Compreensão hermenêutica
<p>“Acabei me identificando com todos os trechos ali, então não consigo ter um entrevistado favorito, mas acho que em relação ao <i>podcast</i>, até mesmo pelo estilo que eu costumo ouvir, até deixei salvo aqui para ouvir depois conhecer um pouco mais o ‘Esquizofrenias’”</p> <p>(Juliana).</p> <p>“Me identifiquei mais com o daquela mulher lá que falou que tinha medo de morrer, eu me identifiquei mais porque ela parecia</p>	<p>“Eu acho que sim, são bem educativos. Acho que aborda temas que às vezes a gente não vê numa televisão, né? E às vezes, coisas que a gente até se identifica e fica ‘poxa, não sou só eu que penso assim (...)’. Acho que além de ser educativo, acaba até trazendo um alívio pra gente”: essa marca linguística é bastante interessante porque demonstra o reconhecimento e afinidade gerados a partir da escuta dos <i>podcasts</i>. Isto é, para o respondente, foi satisfatório perceber que existe um tipo de</p>	<p>“Acabei me identificando com todos os trechos ali” e “me identifiquei mais com o daquela mulher lá que falou que tinha medo de morrer”: o primeiro trecho se refere a ambos os <i>podcasts</i>, enquanto o segundo fala sobre o ‘Esquizofrenias’.</p> <p>As vivências dessas pessoas interfere diretamente em como elas percebem e se identificam com os programas, os conteúdos e as âncoras.</p> <p>“Eu gostei dos dois, aprendi bastante com o que elas falaram”, “eu</p>	<p>Com a análise desses episódios, percebemos que os entrevistados gostaram de ambos os <i>podcasts</i>, mas também se identificaram mais com o ‘Esquizofrenias’.</p> <p>Roberta, que está em processo de receber o diagnóstico de borderline, disse ter se identificado mais com o da “mulher que tinha medo de morrer”, que “parecia meio doida”, muito possivelmente por suas experiências relacionadas a doenças mentais</p>

<p>meio doida e tal” (Roberta).</p> <p>“Eu gostei dos dois, aprendi bastante com o que elas falaram e o que querem passar através desses <i>podcasts</i>” (Clara).</p> <p>“Eu gostei dos dois <i>podcasts</i> também. O que você passou no começo, o primeiro lá que falava dos filmes, eu gostei bastante. Falando do Carnaval, você via muita gente sem máscara andando nas ruas, no shopping, muita coisa assim entendeu. Então, eu acho que foi um pouco desrespeitado” (Mateus)</p> <p>“Eu gostei bastante da forma</p>	<p>mídia que tem uma linguagem e uma linha de raciocínio parecidos com o dele. Essa percepção é bastante clara no trecho “temas que a gente não vê numa televisão”. Ou seja, são assuntos, abordagens e linguagens fora da mídia tradicional, e isso gera muito mais identificação.</p>	<p>gostei dos dois <i>podcasts</i> também. O que você passou no começo, o primeiro lá que falava dos filmes, eu gostei bastante”, “eu gostei bastante da forma como eles abordaram os assuntos, eu achei bem objetivo, bem interessante” e “não é o tipo de <i>podcast</i> que eu costumo ouvir, mas eu gostei bastante”: todos esses trechos têm uma palavra em comum, que é gostei. Ou seja, ambos os <i>podcasts</i> têm potencial para atraírem os jovens, seja por sua objetividade, abordagem ou característica. O que é comum é que os respondentes consideraram ambos educativos.</p>	<p>serem parecidas.</p> <p>Não houve resposta sobre qual âncora eles gostaram mais, mas disseram que buscariam conhecer mais o ‘Esquizofrenóias’. Também houve apenas duas menções ao tema dos episódios, que era Carnaval, o que demonstra que isso não foi o que mais chamou atenção dos jovens.</p> <p>É interessante notar que três respostas relacionaram o conteúdo ser educativo a transmissão de uma vivência. Ou seja, para eles, foi educativo que as apresentadoras e os entrevistados tenham falado sobre o que</p>
--	---	---	---

<p>como eles abordaram os assuntos, eu achei bem objetivo, bem interessante. Eu tinha aberto uma aba um pouco antes, quando você tinha comentado sobre o podcast do começo, estava vendo a escrita e achei bastante interessante”.</p> <p>(Otávio)</p> <p>“Eu acredito que sim, porque eles trazem algumas coisas que a gente não para pra pensar ou algumas informações que a gente não sabe. Então, de qualquer forma, eles trazem um conteúdo educativo, né? A gente acaba aprendendo alguma coisa com eles, mesmo que cada um tenha o seu formato”.</p> <p>(Mateus)</p>			<p>acontecia no Brasil na época da pandemia. Foi uma forma de aprendizado “diferente do que a gente vê na TV”.</p> <p>Além disso, eles disseram que não só aprenderam, mas também se identificaram em diversos trechos, o que trouxe “até um alívio” das experiências serem compartilhadas.</p> <p>Todos esses sentidos estão indicados no conceito de educomunicação.</p>
---	--	--	--

“Eu acho que sim, são bem educativos. Acho que aborda temas que às vezes a gente não vê numa televisão, né? E às vezes, coisas que a gente até se identifica e fica ‘poxa, não sou só eu que penso assim (...)’. Acho que além de ser educativo, acaba até trazendo um alívio pra gente”. (Juliana).

“Acho que são educativos porque eles relatam assuntos que a gente viveu, né? E isso representa a gente. Na verdade, não é o tipo de podcast que eu costumo ouvir, mas eu gostei bastante”. (Clara)

**Apêndice 31 - Referente à análise fenomenológica do discurso do *focus group* 3 com base nos episódios do ‘O Assunto - A reinvenção dos sem-Carnaval’ e do ‘Esquizofrenias - Sozinho Junto #10: Carnaval, Clubhouse, respiração consciente e vizinhos’**

As perguntas pretendiam perceber se os jovens notaram semelhanças e diferenças entre os temas abordados, se eles ouviriam os episódios completos e se diriam que o ‘O Assunto’ e o ‘Esquizofrenias’ são educativos.

Os respondentes foram uma mulher entre 20 a 24 anos e uma mulher entre 15 a 19 anos.

Recortes do texto	Marcas linguísticas	Sentidos vivenciais	Compreensão hermenêutica
-------------------	---------------------	---------------------	--------------------------

<p>“Os dois falam sobre eventos, né? Clandestinos também, mas um estava muito mais preocupado com a questão cultural do Carnaval, de como seria passar por esse momento sem o Carnaval, né? (...) E o outro estava mais preocupado com as festas clandestinas que estavam acontecendo”</p> <p>(Sabrina).</p> <p>“Eu acho que o segundo por conta que o segundo traz mais para a realidade. Aproxima tanto quem se identifica com isso e também aproxima as pessoas que não entendem essa realidade”</p> <p>(Fernanda)</p> <p>“A linguagem</p>	<p>“Fica mais gostoso de ouvir”: a respondente diz essa frase ao falar sobre a linguagem informal que Amanda utiliza no ‘Esquizofrenias’, sem tantos dados e fontes, o que gera identificação com o público e, conseqüentemente, vontade maior de escutar esse <i>podcast</i>.</p>	<p>Não foram identificados.</p>	<p>Apenas duas pessoas deram respostas mais longas às perguntas, mas todos concordaram com a cabeça que ouviriam o ‘Esquizofrenias’ até o final, escolhendo esse <i>podcast</i> frente ao ‘O Assunto’.</p> <p>Percebemos nesse <i>focus group</i> que houve assimilação sobre o tema tratado, que era Carnaval, mas eles repararam as diferentes abordagens e vieses.</p> <p>As respondentes indicam que o ‘Esquizofrenias’ é o <i>podcast</i> mais educativo porque, para elas, gerou maior identificação e representou de forma mais íntima, próxima</p>
---	--	---------------------------------	--

<p>dele é mais fácil de entender, não tem tantos termos técnicos, né? Ela não leva mais para uma questão de números (...) É de uma forma meio informal e aproxima mais, traz mais para realidade também, não se prendendo a uma forma formal de se falar. Fica mais gostoso de ouvir” (Sabrina).</p>			<p>e até fiel àquilo que elas sentiram durante a pandemia. A linguagem de fácil acesso, sem termos técnicos, também foi citada como um fator determinante.</p>
--	--	--	--